



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA**  
**ESCOLA DE ENFERMAGEM**

**ADRIANA DINIZ RODRIGUES**

**QUOTIDIANO DE MULHERES QUE VIVENCIAM A VIOLÊNCIA DOMÉSTICA:  
CONTRIBUIÇÕES PARA UM CUIDAR SENSÍVEL NA ENFERMAGEM E SAÚDE**

**SALVADOR**

**2015**

**ADRIANA DINIZ RODRIGUES**

**QUOTIDIANO DE MULHERES QUE VIVENCIAM A VIOLÊNCIA DOMÉSTICA:  
CONTRIBUIÇÕES PARA UM CUIDAR SENSÍVEL NA ENFERMAGEM E SAÚDE**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Enfermagem da Escola de Enfermagem da Universidade Federal da Bahia, em nível de Doutorado, como requisito para obtenção do grau de Doutora, área de concentração “Gênero, Cuidado e Administração em Saúde”, Linha de Pesquisa: Mulher, Gênero e Saúde.

**Orientadora:** Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Normélia Maria Freire Diniz

**SALVADOR**

**2015**

Ficha catalográfica elaborada por Dario C. Assis, Bibliotecário CRB -5.

Rodrigues, Adriana Diniz.

R696q      Quotidiano de mulheres que vivenciam a violência doméstica: contribuições para um cuidar sensível na enfermagem e saúde. / Adriana Diniz Rodrigues. – Salvador, 2015.

321 f. il.

Orientadora: Profa. Dra. Normélia Maria Freire Diniz.

Tese (doutorado) – Universidade Federal da Bahia, Programa de Pós-Graduação em Enfermagem, 2015.

1. Enfermagem. 2. Violência doméstica. 3. Violência doméstica – Enfermagem. 4. Saúde da Mulher. 5. Violência doméstica – Enfermagem I. Diniz, Normélia Maria Freire. II. Universidade Federal da Bahia. Programa de Pós-Graduação em Enfermagem. IV. Título.

CDU 616-083:343.6

**ADRIANA DINIZ RODRIGUES**

**QUOTIDIANO DE MULHERES QUE VIVENCIAM A VIOLÊNCIA DOMÉSTICA:  
CONTRIBUIÇÕES PARA UM CUIDAR SENSÍVEL NA ENFERMAGEM E SAÚDE**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Enfermagem da Escola de Enfermagem da Universidade Federal da Bahia, em nível de Doutorado, como requisito para a obtenção do título de Doutora. Área de Concentração: Gênero, Cuidado e Administração em Saúde. Linha de Pesquisa: Mulher, Gênero e Saúde.

Aprovada em 30 de março de 2015.

**BANCA EXAMINADORA**

**Normélia Maria Freire Diniz** *Normélia Maria Freire Diniz*  
Doutora em Enfermagem. Docente da Universidade Federal da Bahia.

**Rosane Gonçalves Nitschke** *Rosane Gonçalves Nitschke*  
Doutora em Filosofia. Docente da Universidade Federal de Santa Catarina.

**Telmara Menezes Couto** *Telmara Menezes Couto*  
Doutora em Enfermagem. Docente da Universidade Federal da Bahia.

**Álvaro Pereira** *Álvaro Pereira*  
Doutor em Enfermagem. Docente da Universidade Federal da Bahia.

**Climene Laura de Camargo** *Climene Laura de Camargo*  
Doutora em Saúde Pública. Docente da Universidade Federal da Bahia.

**Regina Lúcia Mendonça Lopes** *Regina Lúcia Mendonça Lopes*  
Doutora em Enfermagem. Docente da Universidade Federal da Bahia.

**Lilian Conceição Guimarães de Almeida** *Lilian Conceição Guimarães de Almeida*  
Doutora em Saúde Coletiva. Docente da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia.

## AGRADECIMENTOS

Primeiramente agradeço a Deus, pela presença constante abençoando e iluminando os meus passos e caminho, pela dádiva da vida.

Aos meus pais (*in memoriam*), pelo amor e dedicação, por todos os momentos presentes em minha vida, e por terem ensinado a importância da educação e da saúde que contribuíram para o meu desenvolvimento pessoal e formação profissional. Amo eternamente vocês.

Aos meus irmãos pelo amor, união, amizade e incentivo em todos os momentos, possibilitando esta conquista. Amo muito vocês.

À todos os meus familiares que, mesmo à distância estiveram me apoiando e incentivando, em especial a minha tia Normélia, pelo carinho, compreensão, apoio, incentivo, confiança, contribuindo decisivamente no meu caminhar pessoal e profissional.

À Romero pelas contribuições para a minha evolução pessoal, refletindo nas minhas escolhas e caminhar profissional. Você ilumina mais ainda a minha vida.

À minha orientadora professora Dr<sup>a</sup>. Normélia Maria Freire Diniz, agradeço pelos momentos ricos durante o curso de doutorado, com importantes aprendizados que levarei para o meu caminhar profissional e pessoal, o apoio, a compreensão, a amizade e a confiança que possibilitou o alcance de mais uma conquista. Professora, enfermeira, que ensina e realiza o cuidar sensível.

As colegas do doutorado e mestrado, pelos momentos ricos de aprendizagem, colaboração, disponibilidade, atenção, em especial à Vanda Palmarella, Margaret Olinda, Silvia Passos e Chalana Duarte. Obrigada pela amizade.

À Priscila Fernandes, pelo apoio e colaboração no trabalho, principalmente na coleta de dados.

À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior- CAPES, pela ajuda financeira durante o curso.

Ao corpo docente do Programa de Pós-Graduação em Enfermagem da Universidade Federal da Bahia, pela aprendizagem, disponibilidade e apoio durante o período do doutorado.

Ao corpo técnico administrativo do Programa de Pós-Graduação em Enfermagem da Universidade Federal da Bahia, representado por Samuel, Márcia e Dorilene, pela atenção e presteza em todoo período do curso.

À Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Edméia Cardoso de Almeida Coelho, pela compreensão, compromisso, competência, responsabilidade e disponibilidade na coordenação do programa.

Ao Prof. Dr. Michel Maffesoli pela oportunidade em crescer pessoalmente e profissionalmente com o mergulho no viver aqui e agora, e o permitir ser, pela compreensão do trágico vivido, do cotidiano para o desenvolvimento da pesquisa sobre a questão da violência, pela disponibilidade e atenção.

À Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Rosane Gonçalves Nitschke, pela competência, carinho, atenção somados à aprendizagem da Sociologia Compreensiva, pela pessoa humana e que contribui para o olhar ao cuidar sensível. Agradeço a disponibilidade e a semana riquíssima que tivemos em Florianópolis cursando a disciplina oferecida. Bem como o viver aqui e agora, com nossos encontros após as aulas. Foi um dos momentos mais importantes do doutorado.

À Professora Dr<sup>ª</sup>. Telmara Menezes Couto pelo grande apoio, aprendizagem, acolhimento, seriedade e comprometimento com o cuidar sensível. Agradeço as contribuições e esforços para poder estar disponível às minhas solicitações, e disponibilidade em discutir a pesquisa desde a sua concepção, como também, pelo material bibliográfico cedido.

À Professora Dr<sup>ª</sup>. Climene Laura de Camargo pelos esclarecimentos e dúvidas, aprendizagem e disponibilidade em discutir a pesquisa e pelo material bibliográfico cedido.

Ao Professor Dr. Álvaro Pereira pelo apoio e disponibilidade dedicados que muito contribuiu para a construção desta pesquisa. Agradeço pelos momentos ricos, nas aulas sobre o Quotidiano ministradas na Universidade Federal de Santa Catarina e na Escola de Enfermagem da Universidade Federal da Bahia.

À Diretora da Maternidade Tsylla Balbino, Rita Gramacho, pelo apoio e autorização para a realização da coleta de dados.

À Maternidade Tsylla Balbino, pela autorização para a coleta das informações e profissionais pelas contribuições no desenvolver da pesquisa.

À Professora Dr<sup>a</sup> Lilian Almeida pelas contribuições na qualificação e pela disponibilidade em compor a minha banca de defesa.

À Professora Dr<sup>a</sup>. Regina Lopes pelo apoio e contribuições na qualificação e pela disponibilidade em compor a minha banca de defesa.

À minha amiga Sandra Freitas, amizade conquistada no decorrer dos momentos acadêmicos, pela presença constante em minha vida, carinho, apoio, atenção e presteza.

À Paula Berigson pela disponibilidade em realizar a correção ortográfica.

Ao Prof. Antonio Codina pela disponibilidade em realizar as traduções dos resumos para os idiomas inglês e espanhol.

As mulheres em situação de violência, pela confiança e permissão em conhecer e compreender a o vivido de cada uma no cotidiano.

## RESUMO

RODRIGUES, Adriana Diniz. **Quotidiano de mulheres que vivenciam a violência doméstica: contribuições para um cuidar sensível na enfermagem e saúde**. 2015. 321 f. Tese (Doutorado em Enfermagem) - Escola de Enfermagem, Universidade Federal da Bahia, Salvador-BA.

A violência de gênero ocorre no âmbito da família ou em qualquer relação de afeto, levando a implicação no processo de viver com adoecimento e morte. Na gestação apresenta risco para a saúde da mulher, contribuindo para elevar a morbimortalidade materno e fetal. A compreensão do cotidiano de mulheres possibilita uma reflexão mais aprofundada da violência doméstica, pois possuem elementos da subjetividade, que delinea o processo de viver. Assim, o presente estudo teve como objetivo geral: compreender o cotidiano de mulheres que vivenciam a violência doméstica. Estudo descritivo com abordagem qualitativa, apoiado na proposta teórico, epistemológica e metodológica do sociólogo francês Michel Maffesoli. O espaço do estudo foi uma Maternidade Pública, na cidade de Salvador-Ba; que pertence à Secretaria de Saúde do Estado da Bahia (BA). Participaram da pesquisa 15 puérperas que sofreram violência doméstica internadas no Alojamento Conjunto. Foi utilizado à entrevista com formulário semi-estruturado e uso do gravador, observando as questões éticas, conforme Resolução 466/12. As entrevistas foram classificadas e organizadas para a análise seguindo o cruzamento de ideias, significados das falas emanadas, sendo construídas as cinco grandes conjunções que emergiram do encontro com as mulheres, **Quotidiano de mulheres que vivenciaram a violência na infância; Quotidiano de adolescentes que vivenciaram a violência doméstica; Quotidiano de mulheres que vivenciam a violência conjugal; Quotidiano de mulheres que vivenciam a violência doméstica na gestação; Enfrentamento e possibilidades de mudanças no cotidiano de mulheres que vivenciam a violência doméstica**. Os dados foram analisados à luz do referencial teórico, epistemológico e metodológico de Michel Maffesoli da Sociologia Compreensiva e do Quotidiano e gênero. Os resultados mostraram que a violência foi vivida em um cotidiano com intensidade significativa e preocupante em todo ciclo de vida das mulheres, da infância a fase adulta. As relações entre homens e mulheres são construídas com base nos papéis de gênero. Assim, observamos o papel da cultura na educação e na vida das pessoas com base nas relações de poder. O vivido trágico das mulheres em situação de violência doméstica foi apresentado em uma construção social da supremacia masculina no contexto familiar e nas relações conjugais, com as dificuldades e limites para o enfrentamento, as consequências para a saúde com riscos de morte, ressaltando a necessidade de um cuidar sensível pelos profissionais que realizam o atendimento. Esta pesquisa mostra a situação de violência vivenciada pelas mulheres em todo o ciclo da vida, contribuindo para reflexão sobre o cuidar dos profissionais da enfermagem e diversas áreas que atendem as mulheres, no sentido de possibilitar a efetivação das políticas públicas para o atendimento.

**Palavras-chave:** Violência doméstica. Atividades Cotidianas. Gestação. Enfermagem. Saúde da mulher.



## ABSTRACT

RODRIGUES, Adriana Diniz. **Daily Life of Women Experiencing Domestic Violence: contributions to a sensitive nursing and health caretaking**. 2015. 321 f. Thesis (PhD in Nursing) – Nursing School, Federal University of Bahia, Salvador – Bahia.

Gender violence occurs within the family or in any relationship of affection, leading to affect the process of living with illness and death. In pregnancy, it poses risk to women's health, contributing to increased maternal and fetal mortality. Understanding the daily life of women provides a further reflection of domestic violence because they have elements of subjectivity, which outlines the process of living. Thus, this study aimed to understand the daily life of women experiencing domestic violence. It is a descriptive qualitative study, based on the theoretical, epistemological and methodological proposal of the French sociologist Michel Maffesoli. The setting of the study was a Public Maternity in the city of Salvador, Bahia; belonging to the Health Secretariat of the State of Bahia (BA). The participants were 15 new mothers who had suffered domestic violence and were admitted to the Communitarian Lodging. We used interview with semi-structured questionnaire and recorder, respecting the ethical issues, according to decree 466/12. The interviews were classified and organized for analysis following the interchange of ideas and emanated speech meanings, building the five great conjunctions that emerged from the meeting with the women, **Daily life of women who experienced violence in childhood; Daily life of adolescents who experienced domestic violence; Daily life of women experiencing domestic violence; Daily life of women who experience domestic violence during pregnancy; Confrontation and possibilities of changes in the daily life of women experiencing domestic violence**. The data were analyzed based on the theoretical, epistemological and methodological framework of Michel Maffesoli from the Comprehensive Sociology and of Daily life and gender. The results showed that violence was experienced in daily life with significant and disturbing intensity throughout the life cycle of the women, from childhood to adulthood. Thus, we see the role of culture in education and lives of people based on power relations. The tragic lived by women in situations of domestic violence was presented in a social construction of male supremacy within the family and in marital relations, with the difficulties and limitations to face it, the consequences for health, with death risk, underscoring the need for a sensitive care giving by the professionals involved. We aim in this research to bring reflection to the violence experienced by women throughout their life cycle, in the sense that the professionals should understand the context of violence experienced in every woman's daily life and perform a sensitive care, contributing to the performance of care services for these women and thus for the confrontation.

**Keywords:** Domestic violence. Daily Life Activities. Pregnancy. Nursing. Women's Health.

## RESUMEN

RODRIGUES, Adriana Diniz. **Cotidiano de Mujeres que Viven Violencia Doméstica: contribuciones para una mirada sensible en enfermería y salud.** 2015. 321f. Tesis (Doctorado en Enfermería) - Escuela de Enfermería, *Universidade Federal da Bahia*, Salvador-BA.

Violencia de género ocurre en el ámbito de la familia o en cualquier relación de afecto, llevando la implicación en el proceso de vivir con enfermedad y muerte. En la gestación presenta riesgos para la salud de la mujer, contribuyendo para elevar la morbimortalidad materna y fetal. La comprensión del cotidiano de mujeres posibilita una reflexión más profundada de la violencia doméstica, pues poseen elementos de la subjetividad, que delinea el proceso de vivir. Así, este estudio tuvo como objetivo general: comprender el cotidiano de mujeres que viven violencia doméstica. Estudio descriptivo con abordaje cualitativo, apoyado en la propuesta teórica, epistemológica y metodológica del sociólogo francés Michel Maffesoli. El espacio del estudio fue una Maternidad Pública, en la ciudad de Salvador – Bahia; que pertenece a la Secretaria de Salud del Estado de Bahia (BA). Participaron de la investigación, 15 púérperas que sufrieron violencia doméstica internadas en el Alojamiento Conjunto. Fue utilizado entrevista con formulario semiestructurado y uso de grabador, observando las cuestiones éticas, siguiendo la resolución 466/12. Las entrevistas fueron clasificadas y organizadas para análisis siguiendo el cruzamiento de ideas, significados de los discursos emanados, siendo construidas las cinco grandes conjunciones que emergieron del encuentro con las mujeres, **Cotidiano de mujeres que viven violencia en la infancia; Cotidiano de adolescentes que vivieron violencia doméstica; Cotidiano de mujeres que viven violencia conyugal; Cotidiano de mujeres que viven violencia doméstica en la gestación; Enfrentamiento y posibilidades de mudanzas en el cotidiano de mujeres que viven violencia doméstica.** Los datos fueron analizados a la luz del referencial teórico, epistemológico y metodológico de Michel Maffesoli de la Sociología Comprensiva y del Cotidiano y género. Los resultados mostraron que la violencia fue vivida en un cotidiano con intensidad significativa y preocupante en todo ciclo de vida de las mujeres, de la infancia a la fase adulta. Las relaciones entre hombres y mujeres son construidas con base en los papeles de género. Así, observamos el papel de la cultura en la educación y en la vida de las personas con base en las relaciones de poder. Lo trágico vivido por las mujeres en situación de violencia doméstica fue presentado en una construcción social de supremacía masculina en el contexto familiar y en las relaciones conyugales, con las dificultades y límites para el enfrentamiento, las consecuencias para la salud con riesgos mortales, resaltando la necesidad de un cuidar sensible por los profesionales que realizan el atendimento. Pretendemos con esta investigación traer la reflexión para la situación de violencia vivida por las mujeres en todo el ciclo de vida, en el sentido de que los profesionales comprendan el contexto de violencia vivido en el cotidiano de cada mujer y puedan realizar un cuidar sensible, contribuyendo para la efectucción de los servicios de atendimento a estas mujeres y, así, para el enfrentamiento.

**Palabras clave:** Violencia doméstica. Actividades Cotidianas. Gestación. Enfermería. Salud de la mujer.

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – Diagrama ilustrativo da construção dos artigos.....	59
--	----

## LISTA DE TABELAS

TABELA 1 - Características sociodemográficas das 15 puérperas que vivenciam a violência doméstica, Salvador, 2014.....	55
TABELA 2 – Características Gineco-obstétricas das 15 puérperas que vivenciam a violência doméstica, Salvador, 2014.....	56
TABELA 3 – Vivência de violência doméstica, Salvador, 2014.....	57

## **LISTA DE SIGLAS**

CEP: Comitê de Ética em Pesquisa

CEPAL: Comissão Econômica para a América Latina e Caribe

CIPD: Conferência Internacional sobre População e Desenvolvimento

CNPQ: Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico

CNS: Conselho Nacional de Saúde

DEAM: Delegacia de Polícia de Defesa da Mulher

ECA: Estatuto da Criança e do Adolescente

GEM: Grupo de Estudos sobre Saúde da Mulher

HIV: Vírus da Imunodeficiência Adquirida

MS: Ministério da Saúde

OMS: Organização Mundial de Saúde

ONU: Organização das Nações Unidas

PIBIC: Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica

PAISM: Programa de Assistência Integral à Saúde da Mulher

PNAISM: Política Nacional de Assistência Integral à Saúde da Mulher

SUS: Sistema Único de Saúde

SINAN: Sistema de Informações de Agravos de Notificação

TCLE: Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

UNIAD: Unidade de Pesquisa em Álcool e Drogas

UNICAMP: Universidade Estadual de Campinas

UNIFESP: Universidade Federal de São Paulo

# SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO</b> .....	15
<b>2 REVISANDO A LITERATURA</b> .....	23
2.1 ASPECTOS HISTÓRICOS DA ORGANIZAÇÃO FAMILIAR.....	23
2.2 GÊNERO E O MOVIMENTO FEMINISTA.....	29
2.3 VIOLÊNCIA DOMÉSTICA, GESTAÇÃO E ADOECIMENTO.....	36
<b>3 CAMINHO METODOLÓGICO</b> .....	43
3.1 ENCONTRO COM O REFERENCIAL TEÓRICO-METODOLÓGICO.....	43
3.2 O ENCONTRO COM A METODOLOGIA.....	47
3.2.1 Tipo de Estudo.....	47
3.2.2 Cenário da Pesquisa.....	48
3.2.3 Descrição das Atrizes.....	49
3.2.4 Aproximação com o cenário e as atrizes da pesquisa.....	50
3.2.5 Aspectos Éticos da Pesquisa.....	51
3.2.6 Estratégias de coleta de dados.....	52
3.2.7 Análise dos dados.....	54
<b>4 APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS RESULTADOS</b> .....	55
4.1 CARACTERÍSTICAS SOCIODEMOGRÁFICAS, GINECO-OBSTÉTRICAS E VIVÊNCIA DE VIOLÊNCIA DOMÉSTICA.....	55
4.2 APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DAS CONJUNÇÕES.....	57
4.2.1 Artigo 1: Quotidiano de mulheres que vivenciaram a violência na infância.....	60
4.2.2 Artigo 2: Quotidiano de adolescentes que vivenciaram a violência doméstica.....	77
4.2.3 Artigo 3: Quotidiano de mulheres que vivenciam a violência conjugal.....	91
4.2.4 Artigo 4: Quotidiano de mulheres que vivenciam a violência doméstica na gestação.....	107
4.2.5 Artigo 5: Enfrentamento e possibilidades de mudanças no cotidiano de mulheres que	

vivenciam a violência doméstica.....	122
<b>5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>135</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>141</b>
<b>APÊNDICES.....</b>	<b>150</b>
<b>APÊNDICE A - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.....</b>	<b>151</b>
<b>APÊNDICE B – Formulário de Pesquisa.....</b>	<b>153</b>
<b>APÊNDICE C – Roteiro para a Entrevista Semi-Estruturada.....</b>	<b>155</b>
<b>APÊNDICE D – Entrevistas.....</b>	<b>156</b>
<b>ANEXOS.....</b>	<b>318</b>
<b>ANEXO A - Parecer consubstanciado do Comitê de Ética em Pesquisa da UFBA/ Plataforma Brasil .....</b>	<b>319</b>

## 1 INTRODUÇÃO

A violência é considerada, na contemporaneidade, como sendo um dos grandes problemas mundiais. Tem preocupado a sociedade e os órgãos governamentais, pelos altos índices de morbimortalidade que provoca na população, o que a torna uma questão de intervenção da saúde pública, que acarreta um ônus socioeconômico inestimável para os países.

Segundo a Organização Mundial de Saúde – OMS (2005) -, a violência é definida como sendo o uso da força física ou do poder ou de real ameaça contra si próprio, contra outra pessoa ou contra um grupo/comunidade, que cause danos psicológicos ou tenha possibilidades de resultar em tal, que acarrete privações ou problemas para o desenvolvimento da vítima, lesão ou morte.

Para Maffesoli (2004a, p.106), “por mais insuportável que seja a violência, do ponto de vista moral, ela permanece indissociável do vínculo social [...]. Em que o poder é a dominação, e, ao desejar o que não lhe pertence, o indivíduo acaba por odiar ou até destruir o possuidor daquilo que lhe escapa”.

A lógica do poder nas sociedades, da dominação masculina e submissão feminina reflete a desordem e a perda do equilíbrio nas relações familiares. As relações de poder estão nos espaços públicos e privados, obscurecendo o cotidiano na família pelos elementos que levam à ocorrência da violência, as relações de desigualdade entre o homem e a mulher, tendo sido construídas socialmente, foram naturalizadas pela cultura, sendo compreendidas pela questão de gênero.

Falando a esse respeito, Bandeira (2014) afirma que a violência ocorre pelas expressões de desigualdade acarretadas pela condição de sexo, que se inicia no universo familiar, onde as relações de gênero se constituem com base nas relações hierárquicas. O controle mantido pela ordem patriarcal sobre as relações íntimas mostra, além das desigualdades de poder, a ameaça à integridade física, moral e psicológica das mulheres.

De acordo com o Informe Mundial sobre a Violência e Saúde (OMS, 2005), violência intrafamiliar é aquela que ocorre entre os membros da própria família, entre pessoas que têm grau de parentesco ou entre pessoas que possuem vínculos afetivos, a mulher sendo a principal vítima. Esse tipo de violência tem apresentado um aumento significativo, com consequências graves para as pessoas agredidas, por ocorrer no espaço relacional e/ou por se tratar de pessoas que convivem no mesmo âmbito domiciliar, o que



sinaliza a situação de vulnerabilidade.

Segundo a Entidade das Nações Unidas para a Igualdade de Gênero e o Empoderamento das Mulheres (ONU Mulheres), em alguns países até 70% das mulheres enfrentam violência física e/ou sexual em sua vida. Países como Austrália, Canadá, Israel, África do Sul e Estados Unidos mostraram como principal agressor o parceiro íntimo, representando entre 40% e 70% das vítimas de assassinato do sexo feminino (ONUBR, 2013).

No Brasil, a violência foi considerada a sexta maior causa de internações hospitalares, o que assinala uma alta prevalência da violência doméstica. No que diz respeito à mortalidade, a violência ficou em terceiro lugar, resultando em um importante problema de saúde pública (REICHENHEIM et al., 2011).

Esse tipo de violência é difícil de ser coibido, tendo em conta que os envolvidos não falam sobre o assunto, porque o fato ocorre com pessoas que possuem um vínculo emocional e que em muitos casos convivem com estas pessoas no mesmo ambiente, o que dificulta as ações necessárias ao rompimento da situação vivenciada através do enfrentamento e denúncia do agressor às instituições.

Para as mulheres, o enfrentamento à violência se torna complexo, porque elas vivem em uma cultura que ainda configura as ideias de família sob a égide do patriarcalismo, em que os papéis sociais para homens e mulheres são definidos de forma desigual, predominando a relação de poder do homem sobre a mulher. Ou seja, a violência de gênero está atrelada à tradição cultural, estando às mulheres em uma posição de submissão e com atribuições de papéis voltados para as funções reprodutivas. Já o homem é considerado o provedor da casa, e isso lhe dá grande prestígio social e poder.

Historicamente, o patriarcado foi marcado pela obrigatoriedade de a mulher passar a pertencer à comunidade do marido, regime em que a supremacia do homem perpassava todas as classes sociais, mostrando a subordinação feminina naturalizada pela sociedade. Na sociedade brasileira, as mulheres pobres e negras eram as mais inferiorizadas (SAFFIOT, 1987).

Dito de outro modo, os aspectos culturais e sociais contribuem para o fenômeno da violência. Fernandes, Nitschke e Araruna (2006) sustentam que o homem está amarrado a teias de significado por ele próprio tecidas, com elementos que estão tão envolvidos no viver humano que são naturalizados, a ponto de não serem criticamente percebidos. Cada vez mais a violência se mostrando espaço doméstico, nas relações familiares, nas atividades cotidianas dos indivíduos, parecendo querer continuar a dominar, integrar e fazer parte do

dia-a-dia dasações e relações familiares.

As mulheres sofrem com as desigualdades sociais que se apresentam nas relações de poder e levam à desordem familiar, que, segundo as autoras, podem ser percebidas quando voltamos o olhar para as pequenas ações e relações que compõem a família nas sombras de algumas características, tais como ausência da “alteridade”, isto é, o respeito à diferença (FERNANDES, NITSCHKE, ARARUNA, 2006).

Nesta dinâmica da violência, as gestantes estão mais vulneráveis por conta das mudanças físicas, psicológicas e sociais. São mudanças no corpo, no papel de ser mãe. Estudo realizado por Moraes et al. (2010) apontou um índice de violência durante a gestação de 20%, o que indica a importância do tema, que deve ser incorporado à rotina dos serviços de saúde que atendem à mulher.

Estudo realizado em uma maternidade pública de Salvador com 147 mulheres em processo de abortamento, no período compreendido entre os meses de fevereiro e abril de 2006, mostrou que 88% das entrevistadas afirmaram sofrer violência doméstica, 47% delas na gestação atual. Das mulheres que sofreram violência na gestação atual, 67% disseram ter realizado aborto em decorrência da violência sofrida. Com relação ao agressor, 70% sofreram violência conjugal, tendo como principais perpetradores os maridos/companheiros, namorados ou ex-maridos. Observou-se que cerca de 90% das entrevistadas eram negras (DINIZ et al., 2011).

O estudo de Sena (2014), observacional, do tipo corte transversal, de natureza quantitativa, realizado em uma maternidade pública de Salvador, teve como objetivo geral identificar os fatores associados à violência doméstica em gestantes de uma maternidade pública de Salvador (Bahia). A pesquisa mostrou que das 498 mulheres entrevistadas, 206 (41,4%), sofreram violência doméstica. Para 24,3% delas, a agressão ocorreu na gravidez atual e teve como principal agressor o companheiro ou marido, o que caracteriza a violência conjugal.

O estudo de Moraes et al. (2010), transversal, constituído por amostragem aleatória simples entre as puérperas que deram à luz a fetos vivos, fez uma relação entre mulheres que sofreram abuso físico ou não, juntamente com a realização do acompanhamento adequado ao pré-natal. A pesquisa mostrou que as mulheres que disseram sofrer de abuso físico durante a gestação tinham 2,2 vezes mais chances de ter uma assistência pré-natal inadequada do que aquelas sem história de violência.

A pesquisa de Campos (2010) teve como objetivo analisar a vivência de violência conjugal na gravidez de mulheres que tiveram parto prematuro, realizada em um hospital de

referência para gestação de risco na cidade de Salvador (BA), com 100 mulheres que apresentaram trabalho de parto prematuro. 27% das entrevistadas informaram sofrer violência na gestação atual, sendo que em 65% dos casos a violência começou na gravidez, o principal agressor sendo o companheiro.

A ocorrência da violência pode ser mais comum para a gestante que a pré-eclâmpsia, o diabetes gestacional e a placenta prévia. Além disso, os danos físicos influenciam negativamente os resultados perinatais, havendo um maior risco de um feto de baixo peso ou prematuro; podemos afirmar, portanto, que o ciclo-gravídico puerperal não fornece proteção para a mulher (BRASIL, 2006b).

Com base nos dados já levantados e em vista da complexidade que é o fenômeno da violência doméstica e a fragilidade do estado das gestantes, o nosso estudo pretende fazer uma reflexão a respeito do assunto, e da sua importância.

A compreensão do cotidiano é importante para apreender as pequenas coisas do dia-a-dia, o que chamamos de sociabilidade, em que reside um misto de sentimentos, paixões, imagens, diferenças que incitam a relativizar as certezas estabelecidas e a uma multiplicidade de experiências coletivas (NITSCHKE, 1999). Portanto, “a atenção dedicada ao cotidiano acentua os gestos anódinos que constituem a vida de nossas ruas e nossos mercados”, e que estruturam essa vida sem qualidade, muitas vezes tida como “significativa”, com gestos que decorrem do estar junto na sociabilidade (MAFFESOLI, 2004a, p.40).

Daí a importância do vivido, isto é, aquilo que pode parecer sem importância, os pequenos detalhes do dia-a-dia, mas que são momentos que constituem o viver, a experiência de cada um; segundo Nitschke (1999, p.89), “desconsiderá-lo é não valorizar a própria vida”. Portanto, compreender o cotidiano das mulheres é dar importância a suas experiências, apreendendo os mínimos detalhes de suas vidas diárias.

É no cotidiano que se ritualizam, problematizam, produzem e legitimam as formas de viver. Este é, portanto, um ponto de referência para o direcionamento das práticas de investigação, consideradas como prática social que busca contribuir para a melhoria da qualidade de vida dos indivíduos (FERNANDES, NITSCHKE, ARARUNA, 2006).

A motivação para trabalhar com este objeto de estudo surgiu inicialmente quando eu estava na faculdade e era bolsista do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC) e continuou na pós-graduação, como mestranda; além disso, minha vivência profissional era em rede básica de saúde e em uma maternidade pública de Salvador, exercendo a função de enfermeira assistencial no Centro Obstétrico, no Centro

Cirúrgico e no Pré-Parto.

Na graduação, a aproximação com a temática da violência contra a mulher se deu com minha inserção no Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica – PIBIC -, por ocasião do estudo “Assistência à mulher: reconhecendo lesões corporais como indício de Violência Doméstica”<sup>1</sup> e com a participação no Grupo de Estudos sobre Saúde da Mulher (GEM), o que favoreceu a minha compreensão acerca da complexidade que envolve o tema mulheres em situação de violência doméstica, decorrente do fato de que não se trata apenas de uma lesão física, mas também de um sofrimento psíquico.

Ingressar no mestrado possibilitou analisar a vivência pós-traumática em mulheres que sofreram queimaduras por violência conjugal. Esta pesquisa foi realizada no Centro de Referência para Tratamento de Queimados do Estado da Bahia, e revelou que a violência contra a mulher é perpetrada no espaço doméstico, o agressor sendo seu companheiro. O estudo também mostrou casos de tentativas de suicídio das mulheres logo após a intensificação das agressões cometidas pelos companheiros, o que nos levou a pensar na violência conjugal como fator de adoecimento, levando às alterações no comportamento das mulheres pelo aniquilamento delas, tudo isso culminando na tentativa de suicídio. Pode-se perceber que a violência, além de atingir a mulher fisicamente, afeta sua dimensão psicológica (RODRIGUES, 2006).

Graduada, tendo a oportunidade de trabalhar em Programas de Saúde da Família, com atendimento às mulheres no pré-natal, preventivo e no planejamento familiar, foi possível perceber que as mulheres podem ser vulneráveis, principalmente no período do ciclo gravídico-puerperal, quando seus maridos as forçam a não se proteger e não se cuidar, o que pode ser constatado pela sua ausência durante o pré-natal e na continuidade das consultas. Há mulheres que chegavam para o atendimento com níveis de pressão elevados, por vivenciarem brigas com os maridos/companheiros e com a família.

Em 2007, iniciou-se uma nova caminhada na profissão como enfermeira assistencial do centro cirúrgico e do centro obstétrico de uma maternidade pública em Salvador (BA), referência para a gestação de alto risco, onde foi possível a convivência com mulheres gestantes, mulheres em processo de parturição, denominadas parturientes e puerperas (pós-parto), com suas pluralidades, seus imaginários e suas realidades

---

<sup>1</sup> Financiada pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico - CNPq. A pesquisa vinculada ao Grupo de Estudos sobre Saúde da Mulher - GEM, orientado pela Profª. Drª. Normélia Maria Freire Diniz, foi desenvolvida em um hospital público de referência para atendimentos de emergência às vítimas de traumas do Estado da Bahia e mostrou, dentre a amostra das 150 mulheres que procuraram o serviço de pronto-atendimento apresentando lesões corporais, 66,7% referiram já ter vivenciado a violência física, sendo este o motivo de lesões corporais 45% das mulheres atendidas. Em se tratando das formas de expressão da violência física, 20% apresentaram lesão corporal por queimadura. A violência conjugal foi relatada em 70,8% das mulheres que referiram a violência física (DINIZ et al, 2002).

vivenciadas. Estas mulheres, no ciclo gravídico-puerperal, podem continuar internadas por um período, às vezes curto ou prolongado, passando por mudanças e novas situações no decurso desses diferentes momentos que permeiam as suas vidas no processo gravídico.

A vivência do dia-a-dia em uma maternidade pública, onde se admite um grande número de gestantes, parturientes e puérperas, possibilita a aproximação com histórias de vida inerentes a cada uma dessas mulheres, histórias desconhecidas por todos aqueles que as assistem; e muitas vezes, contudo, todos estes elementos que fazem parte do mundo vivido se encontram atrelados à sua internação, ao seu sofrimento, à sua dor.

Nos atendimentos às parturientes, foi possível identificar situações de violência vivenciadas por estas mulheres, já frágeis pela vivência da gestação. Entretanto, por já haver trabalhado com a violência em mulheres no processo reprodutivo e com traumas por queimaduras, foi possível identificar alguns casos de agressões em gestantes que deram entrada no pronto-atendimento. Mulheres que chegaram grávidas com paraplegia, em consequência de agressão do companheiro por ciúme e por não aceitar a separação; mulheres com histórias de queimadura, queda, chegando em estado de coma na Unidade de Terapia Intensiva, sem uma explicação clara do ocorrido, e que, através das lesões e dos relatos dos familiares, se soube que se devia à violência sofrida. Também há casos de mulheres que rejeitam seus filhos por conta da violência e uma gravidez decorrente de um abuso sexual, entre outros casos.

Durante a vivência assistencial, portanto, foi possível observar que não há efetividade das políticas existentes com relação ao atendimento de mulheres vítimas da violência. Pois desde 2003 a Lei 10.778 para a notificação compulsória dos casos identificados de violência contra a mulher foi implementada nas instituições de saúde e, mesmo em vigor há 10 anos, não há a sua implantação efetiva (BRASIL, 2003).

A experiência resultante da participação em pesquisas e a vivência assistencial, bem como as leituras realizadas em teses de doutorado e publicações de estudiosos que contemplam a problemática da violência contra a mulher e a gravidez facilitaram o desenvolvimento do estudo.

Com leituras realizadas em teses de doutorado sobre a violência e as suas consequências para a saúde das mulheres, apresentando a abordagem do cotidiano, foi possível compreender e refletir o quanto é relevante essa questão para os estudos e a necessidade de aprofundar mais o tema, no sentido de trazer novas possibilidades e reforçar a mudança no conceito de assistência realizada pelos profissionais de saúde.

Realizamos, além disso, uma busca em bancos de dados sobre a violência contra a

mulher na gravidez, em publicações nos últimos dez anos (2003-2013), selecionados por meio de leituras dos títulos e resumos. A busca foi realizada em bases de dados LILACS (Literatura Latino-Americana e do Caribe), SCIELO (Scientific Electronic Library Online), MEDLINE, IBECs, DOAJ (Directory of Open Access Journals). Utilizou-se os descritores violência contra a mulher, gravidez e saúde da mulher.

Dos 155 artigos apresentados nas bases de dados, após filtrá-los e avaliá-los todos os títulos, bem como a realização de leituras dos resumos de cada artigo, resultaram em 16 publicações. Das dezesseis publicações coletadas (14 artigos, uma tese de doutorado e uma dissertação de mestrado) quatorze eram nacionais e duas internacionais, tendo a maior parte das publicações sido realizadas entre 2010 e 2013.

Os trabalhos mostraram a violência contra gestantes, apontando para índice significativo das agressões praticadas principalmente pelos parceiros íntimos e a associação dos riscos para a saúde das gestantes.

Entretanto, observamos que há poucos estudos que contemplam a violência contra a mulher na gravidez. Assim, ressaltamos a relevância deste tema pela associação das agressões aos riscos para a saúde das mulheres, demonstrando como um problema importante para discussão nas diversas áreas de conhecimento e nos diversos setores de atendimento, por tratar-se de um importante problema de saúde pública e socioeconômica.

A análise do cotidiano possibilitará uma reflexão mais aprofundada acerca da violência doméstica contra as mulheres, pois há aí elementos da subjetividade que poderão favorecer os resultados do estudo. Com dados da violência já apresentados em estudos, a perspectiva do cotidiano mostrará qualitativamente o impacto deste fenômeno para o ciclo de vida das mulheres em vivência de violência doméstica. Nitschke (2007, p.24) entende o cotidiano como “a maneira de viver dos seres humanos que se mostram no dia-a-dia, através de suas interações, crenças, valores, significados, cultura, símbolos, que vai delineando seu processo de viver, num movimento de ser saudável e adoecer, pontuando seu ciclo vital”.

Ou seja, é conhecendo o cotidiano que podemos resgatar os aspectos culturais dos indivíduos para compreender a dinâmica da violência e construir possíveis ações para o seu transfigurar (FERNANDES, NITSCHKE, ARARUNA, 2006).

Por meio deste estudo, pretendem-se ressaltar as atitudes, os gestos, os símbolos, o comportamento, a fala, os sentimentos que dizem respeito à violência experienciada no cotidiano de mulheres, aos pequenos fatos e acontecimentos que emergem na vida das mulheres que sofreram violência doméstica.

O presente trabalho tem como objeto de estudo o cotidiano de mulheres que vivenciam a violência doméstica, e como objetivo geral compreender o cotidiano de mulheres que vivenciam a violência doméstica.

Como tese, sustentamos que compreender o cotidiano de mulheres que vivenciam a violência doméstica possibilitará um cuidado mais sensível.

## 2 REVISANDO A LITERATURA

### 2.1 ASPECTOS HISTÓRICOS DA ORGANIZAÇÃO FAMILIAR

A palavra família provém do latim *famulus*, significando o conjunto de servos dependentes de um chefe ou senhor. A expressão importada dos romanos concernente à família, “*id est patrimonium*” seria definida como organismo social no qual o chefe mantinha o seu poder sobre a mulher, filhos e certo número de escravos, tendo o direito de vida e morte sobre todos eles (ENGELS, 1984).

Era assim a família para os antigos romanos: uma célula organizada em torno do patriarca, a quem as esposas, filhos, servos livres e escravos obedeciam e a quem serviam, este constituía o modelo da família patriarcal. Em resumo, a organização familiar patriarcal era representada pelo pai, que detinha o poder de decisão sobre os interesses dos escravos, empregados, esposas e filhos. A cultura patriarcal se instalou no Brasil no século XVI, sendo representativa no período colonial para a sociedade brasileira, em que os interesses econômicos dominavam as relações na família patriarcal e os valores como honra, tradição e obediência eram o grande legado de uma geração a outra (COUTINHO, 2006).

Na Antiguidade, o homem, com a sua autoridade, representava o centro da família; com isso, as mulheres e crianças tinham seus direitos muito limitados. Durante a Idade Média, pois, as mulheres eram vistas como objeto sexual, estando sujeitas aos desejos masculinos. “Tanto para o discurso do Cristianismo como para o discurso filosófico reforçavam-se na crença da autoridade paterna” (VITORELLO, 2011, p.9). A importância da mulher estava diretamente relacionada com procriação, sendo esta definida pelo útero, o órgão representativo do corpo, responsável pela função reprodutora.

Nessa estrutura familiar, a autonomia e a decisão cabiam ao homem; mesmo os filhos estavam sujeitos às ordens do patriarca, e a mulher tinha de ser subserviente às decisões do marido. O casamento era arranjado: tratava-se de escolhas ou negociações realizadas entre os patriarcas das famílias, de acordo com os interesses econômicos. Não havia laços afetivos nem amor nas relações conjugais e isso não era levado em conta na realização do casamento.

Para Coutinho (2006), a mulher – nessa organização familiar, com a obediência ao patriarca – ocupava uma posição central na família. Representava a figura de mãe-mulher e simbolizava a honra familiar e a solidariedade moral do grupo, tendo um valor modelar sagrado, sendo santificada e protetora.



A família tradicional servia, pois, para assegurar a transmissão de um patrimônio, onde os casamentos eram arranjados visando aos interesses econômicos, enquanto as relações afetivas e a vida sexual e conjugal não eram consideradas. A organização familiar era delineada em uma ordem de submissão da autoridade patriarcal (ROUDINESCO, 2003).

Esse modelo de organização da família, patriarcal, predominou na sociedade, marcada pela ideologia individualista de um sistema voltado para a racionalidade, caracterizado pelo dever ser, pelo rigor e domínio de um modelo de regras com padrões preestabelecidos, passando pela pré-modernidade e pela modernidade. Maffesoli (2004a) afirma que da época do iluminismo e da Revolução Industrial ao período de expansão do pós-guerra, a ideologia individualista serviu de fundamento para nossa sociedade e o que a caracteriza é a razão soberana.

Na segunda metade do século XIX, após a chegada dos portugueses ao Rio de Janeiro em 1808, ocorreram mudanças que alteraram a vida nos centros urbanos. Com os novos avanços tecnológicos europeus houve um aumento crescente dos trabalhadores assalariados, da imigração europeia, do número de profissionais liberais e burocratas. Essas alterações proporcionaram o fortalecimento do poder para o Estado, acarretando o declínio da antiga família patriarcal e, com isso, o surgimento da família conjugal moderna no Brasil, sendo mantidas as relações familiares baseadas na autoridade e no respeito (COUTINHO, 2006).

“A família tradicional ou conjugal era formada pelo homem-pai-provedor financeiro e a mulher-dona-de-casa, unidos pelo casamento e seus filhos, vivendo sob o mesmo teto” (NITSCHKE, 1999, p.43). Essa forma de família também é considerada a família básica, que nos remete ao que se tem entendido como família nuclear, ou seja, aquela composta por um marido, sua esposa e seus filhos, fundamentada em uma união monogâmica.

Entretanto, com o declínio do sistema patriarcal, da autoridade paterna, ocorreram mudanças com consequências para as relações sociais e subjetivas. Assim, ao final da Idade Média e início da modernidade, ocorreram transformações na estrutura social e nos comportamentos e sentimentos das pessoas (VITORELLO, 2011).

Segundo Roudinesco (2003), ao se referir à evolução da família no Ocidente, a família moderna constituída no século XVIII e em meados do século XX, fundada no amor romântico, sanciona a reciprocidade dos sentimentos e os desejos carnavais por intermédio do casamento.

Com o advento da industrialização, foi possível para as mulheres entrarem no

mercado de trabalho, como proletária, mas de um modo que se mantivessem no dever de cumprir as tarefas domésticas no seio familiar. Entretanto, na organização familiar, era o homem quem tinha que sustentar a família e isso lhe dava uma posição de dominação masculina (ENGELS, 1984).

No entanto, com o declínio do mito produtivista e das ideologias do progresso na metade do século XX, os homens e as mulheres já não se conformaram aos papéis preestabelecidos, definidos com rigidez; com efeito, observa-se que a identidade, versão conceitualizada da individualidade burguesa, cede lugar as identificações múltiplas. (MAFFESOLI, 2004a). Pois, as mulheres iniciam a ocupação nos espaços de produção na sociedade, antes dominadas apenas pelos homens.

Nessa perspectiva, inicia-se o aparecimento das novas tendências pós-modernas, em que esse rigor foi declinando para o fracasso, com tendência para a inexistência de um padrão dominante. Em que não há uma única regra, esta não cessa de se multiplicar. Assim, fundam-se a ética do instante, ou seja, convivemos com diferentes éticas, pois cada grupo vai desenvolvendo a sua. Sendo caracterizada como um contexto de diversidade, relatividade, e de pluralidade de valores apoiada como ver esta realidade que aí está como é o viver, o presente. Com a predominância da ética na estética, entendendo-se estética em sentido de percepção, sensação, emoção, afetos, etc. “A ética da estética mostra a sua relevância quando o afetual se relativiza com o espaço interacional do ser-estar” e complementa-se com o elemento de que família é quem lhe entende e lhe retribui (NITSCHKE, 1999, p. 103).

A família vive a possibilidade de estabelecer relações e manter-se numa constante interação, com outras tribos<sup>2</sup>, expressando a ambiguidade que o afeto traz consigo: “de amabilidade e agressividade; querer estar junto e afastar-se; amar-se e odiar-se, sendo que tudo isso não ocorre sem dilaceramentos e conflitos de toda ordem” (MAFFESOLI, 1987, p.176).

A família contemporânea traz transformações significativas nos comportamentos e nos papéis destinados aos homens e mulheres. Pois, as mulheres se inserem no mercado de trabalho e iniciam uma representação na estrutura social que, no passado, não possuíam direitos. Isso também possibilitou, às mulheres, liberdade de escolha nas relações afetivas e em relação à decisão de se manter no casamento, podendo decidir pela separação e

---

<sup>2</sup> O sociólogo Michel Maffesoli explica tribos como novas formas de organização de grupos nas sociedades contemporâneas, pela identificação dos indivíduos que partilham ideais em comum. Pelo querer estar junto em que buscam a solidariedade, encontrar o outro e partilhar com ele algumas emoções e sentimentos, podendo estar inseridas nos diversos espaços sociais. Sendo a partir da socialização que o indivíduo se insere nesses grupos, podendo pertencer a mais de um, de acordo com os ambientes que frequenta.

construção de uma nova relação. Esse momento foi uma conquista para as relações, no passado, consolidadas pelo patrimônio.

Acrescenta-se ainda dentro deste contexto, que com as modificações nas relações afetivas, foi-se tornando insustentável a manutenção do casal sem laços de amor, passando a aceitar-se socialmente a possibilidade da separação pelo erro e a tentativa de casar-se novamente. As formas de convivência familiar diversificaram-se, tornando-se socialmente aceitas, e assistiu-se a um aumento relativo do número de convivências monoparentais, em relação às famílias biparentais, e das uniões, em relação aos casamentos (MESQUITA, 2011).

Em face às modificações, a família foi apresentando novas configurações, podendo ser formada por elos ou ligações de diferentes naturezas. Além, de elos de sangue, a família pode ter simultaneamente outros elos, outras ligações, como de amizade, elo de adoção e a cada momento também pode tomar uma diferente forma, que fala sobre seu conteúdo, sobre como estes elos se relacionam entre si (NITSCHKE, 1999).

Entretanto, na família contemporânea, os divórcios, separações e recomposições, com relação à questão da transmissão da autoridade via desejo materno, pode ser apresentado como uma questão problemática. Em muitos casos, os homens “abandonam” os filhos depois da separação, mas também ocorrem situações em que os pais encontram nas mulheres uma barreira na sua relação com os filhos (VITORELLO, 2011).

Ao longo do século XX e início do XXI, com a inserção das mulheres no mercado de trabalho e com a defesa dos princípios de igualdade, ocorreu um profundo estremecimento nos alicerces da família centrada na figura do chefe de família. Como modelo de família estruturado nos trinta anos do século XX até a década de 1970, houve um crescente aumento do número de famílias em que tanto o homem quanto a mulher trabalham, esperando-se simetria na distribuição das tarefas domésticas e no cuidado com os filhos (MESQUITA, 2011).

Por causa desse número crescente de mulheres no mercado de trabalho, a bandeira dos ideais de igualdade passou a ser levantada, em busca da simetria entre os sexos masculino e feminino, com o intuito de ser aplicada à vida cívica. Entretanto, na vida privada, a família continuou sendo percebida como um lugar de desigualdades e diferenças. As mulheres permaneceram com as tarefas domésticas, com a justificativa de que esse era “seu dever de esposa”. Ou seja, mesmo com as mudanças na sociedade, características do antigo modelo, que estão enraizados e fazem parte das construções sociais, ainda permanecem.

Essa desigualdade entre os sexos masculino e feminino suscitou, com o movimento feminista, a questão de gênero, demonstrando os danos causados pela diferença biológica, pela valorização das diferenças entre homens e mulheres, ditas “culturais” ou “de identidade”, determinadas pelo lugar que ocupam na sociedade (ROUDINESCO, 2003).

Contudo, a integração das mulheres no mercado de trabalho, a revolução contraceptiva e a emergência de valores igualitários implicaram um desequilíbrio que irá interferir na organização familiar, pois o próprio trabalho da mulher pode constituir consideráveis mudanças nas relações conjugais, na medida em que normas são impostas, e o modelo de gênero, em que se baseiam a divisão do trabalho e a atribuição das responsabilidades no casamento, acarreta a redução da solidez do modelo do homem como o provedor de recursos e chefe do lar (MESQUITA, 2011). A partir do acesso das mulheres à contracepção, elas tiveram a oportunidade de planejar a reprodução de acordo com o seu desejo.

Mediante o Feminismo, que associava a luta a favor da igualdade dos direitos para os dois sexos a um projeto revolucionário de transformação da sociedade, esboçou-se, no final do século XVIII, um extenso movimento de emancipação das mulheres. O Feminismo se organizou, então, em movimento político (ROUDINESCO, 2003). As mulheres saíram do espaço privado para as ruas, ocupando também o espaço público, antes pertencente apenas aos homens. Vislumbrando as mudanças, Maffesoli afirma que “o útero tinha sido minimizado ou estigmatizado, ou, pelo menos, relegado à esfera da vida privada. Então a histeria caminha à praça pública” (MAFFESOLI, 2004a, p.80). “O útero” a que Maffesoli se refere nos faz refletir sobre o quanto as mulheres eram desvalorizadas e inferiorizadas perante a sociedade, reduzidas ao espaço do domicílio. Eram estigmatizadas exclusivamente por pertencer ao sexo feminino, sendo objeto de dominação dos homens, que detinham a hegemonia na sociedade. Mas na busca pela igualdade de direitos, a histeria fez com que se ouvisse a voz da mulher, com os movimentos feministas.

As décadas de 70 e 80 colocaram em evidência algumas tendências de mudanças nas famílias, tais como aumento no número de pessoas que vivem sozinhas, de casais sem filhos, famílias monoparentais; a redução no número de casamentos; o aumento do número de divórcios e de famílias reconstruídas; o aumento do número de nascimentos fora do casamento; e a redução da dimensão da família/número de filhos (MESQUITA, 2011).

A desigualdade era um resto social que não perdeu a voz na busca da igualdade. Em pleno apogeu da cultura burguesa, as pessoas, principalmente as mulheres e os sujeitos com preferências sexuais minoritárias, passaram a reivindicar os mesmos direitos e o

mesmo respeito (COSTA, 2006).

Assim, a era pós-moderna surge como mudança do mundo, da sociedade. Aí, a não diferenciação sexual, o sincretismo ideológico e a mobilidade profissional delimitam um novo espírito da época (MAFFESOLI, 2004a). Com o pós-modernismo podemos pensar, então, na liberdade de viver hoje, com todas as diferenças, escolhas, relações de um modelo de sociedade não rígido, mas cheio de sentimentos, afetos, emoções e intuito de relativizar as experiências com o mundo.

Os novos arranjos de afeto se apóiam nas nuances da pós-modernidade. Os casais de homossexuais vêm conquistando seu espaço, as pessoas que vivem sozinhas, as mães solteiras, adolescentes ou crianças passam a ser provedores econômicos das famílias. Para Nitschke (1999), vários aspectos ainda passam a compor esta constelação familiar, pois a pós-modernidade não representa uma ruptura com a modernidade ou com a pré-modernidade, mas integra. Mais elementos passam também a constituir o espaço familiar, como um vizinho, um colega de pensão ou de trabalho, ou mesmo os animais de estimação.

Neste contexto, a família seria a interação dois ou mais indivíduos, cada um com suas qualidades singulares, formando um todo diferente e maior que a soma de seus membros. “Então falar em família é mergulhar em águas de diferentes e variados significados que irá depender do local onde vivem, de sua cultura e, também, de sua orientação religiosa e filosófica, entre outros aspectos” (NITSCHKE, 1999, p.41).

Até hoje, ressaltamos, vive-se um modelo de família patriarcal, pois os deveres da casa e da família continuam a ser vistos como responsabilidade materna, enquanto a responsabilidade financeira é vista como sendo do sexo masculino. Este modelo ainda é vigente na sociedade, pois muitas famílias são organizadas de acordo com os resquícios do modelo da cultura patriarcal, onde a relação conjugal ainda se mantém presa a uma divisão de trabalho, o marido sendo o provedor e a mulher, a dona-de-casa, responsável pela procriação e pelos cuidados com o lar.

Ressalte-se ainda o papel significativo da mulher na atividade procriadora, lembrando que em muitos sistemas a mulher é vista como reprodutora e cuidadora da prole (HEILBORN, 2003).

No entanto, a pós-modernidade é um mundo espiral, porque é a integração entre a pré-modernidade e a modernidade. O convívio do arcaico com a tecnologia, pode-se dizer, é o convívio do modelo patriarcal com os novos arranjos familiares. Há uma articulação desses modelos, não uma modificação total, uma interligação das diferentes convivências. Há a rigidez da educação e de uma construção social em que a mulher permanece sendo

objeto de dominação.

No modelo de família mantido atualmente, com as modificações da organização patriarcal adaptadas à atualidade, mostra-se o domínio masculino, com o uso do poder sem controle nem respeito pela mulher. Este modelo sucedeu o de uma família, segundo Roudinesco (2003, p.21), “mutilada” de feridas íntimas, de “violências silenciosas” e de “lembranças recalçadas”.

A família é um mundo que se mostra como uma rede de interações, intra e extra-familiares, que compartilham as experiências do mundo vivido com as suas pluralidades, diversidades (NITSCHKE, 1999). A autora afirma que esse mundo vivido da família se expressa, corroborando as palavras de Michel Maffesoli, em um “emaranhado cada vez mais complexo”. Nesse emaranhado complexo, encontramos as mais diversas formações familiares, muitas se manifestando em relações complexas, apresentando uma construção social da realidade com o cotidiano de conflitos e a vivência de violência.

## 2.2 GÊNERO E O MOVIMENTO FEMINISTA

Historicamente, as mulheres vivenciam as desigualdades dos diversos estratos sociais e econômicos, pois durante anos foram desconsideradas, tendo sua capacidade de trabalho, desenvolvimento no meio político, na educação e na economia limitados. Foram desvalorizadas, tinham pouco prestígio social, e com isso contribuía para continuar levando uma vida mais precária e com restrições no que diz respeito à assistência a sua saúde, direcionada apenas ao cuidado materno-infantil.

Em resumo, o homem foi valorizado no espaço público, enquanto a mulher era aí desvalorizada, cabendo a ela a responsabilidade pelo espaço privado, o domicílio. Quanto à supremacia masculina, esta estava estabelecida tanto no espaço público quanto no privado, pelo poder exercido pelo homem nas relações sociais e familiares. Para Arilha et al. (2001), a domesticação da mulher sempre representou uma necessidade de controle do homem sobre o corpo, a sexualidade e a capacidade reprodutiva dela, pelo medo da perda de controle sobre a mulher, a família.

Dessa forma, o uso do poder do homem sobre a mulher era a forma de afirmação da virilidade masculina e a conseqüente posição de subalternidade feminina diante da sociedade. De acordo com a autora, a construção social masculina desvaloriza o feminino e reforça valores associados com a hegemonia do homem, tais como, por exemplo, distanciamento emocional, agressividade e comportamentos de risco. A ideia de perder o

controle corresponderia à ideia de perdero prestígio e até mesmo a identidade, funcionando como um incrível gerador de tensão e angústia. É possível identificar nos homens violentos, pertencentes às camadas mais pobres da população, um forte elo entre virilidade e violência, com basenos preconceitos e discriminações que conferem à condição feminina valores como submissão e subalternidade (ARILHA, 2001).

Nesse contexto, a agressão se torna uma forma de dominação masculina, com o fazendo uso do poder para cometer atos violentos, pelo medo de perder a autoridade sobre a vida da mulher. Esta se aniquila e assume uma posição de subalternidade, por conta da baixa autoestima e das humilhações vivenciadas. Resumindo, diante da supremacia masculina o espaço do domicílio se torna propício à repetição das agressões.

Em se tratando da submissão feminina, portanto, as mulheres aprenderam a ser dominadas, chegando a interpretar a relação de poder como uma forma de proteção. Entretanto, os homens que utilizam a violência contra a mulher como forma de resolução de conflito estão buscando reassegurar a virilidade, recuperar autoestima e controle sobre a relação (ARILHA, 2001).

Na década de 1970, os movimentos feministas adquiriram visibilidade por parte da organização social. Entraram em pauta as desigualdades entre o masculino e feminino, com a situação de submissão, exploração e opressão da mulher na sociedade brasileira, e relações com a academia se constituíampor meio de estudos sobre mulher, gênero e/ou relações de gênero (HEILBORN; SORJ, 1999).

O termo gênero foi considerado como sendo a construção social do sexo, em que a qualidade de ser homem e ser mulher é delimitada pela cultura (HEILBORN, 2003). Em outras palavras, as qualidades morais e físicas atribuídas ao homem e à mulher não são associadas aos atributos corporais, mas à significação social dada e às normas de comportamentos estabelecidas. Então, a condição do ser homem e do ser mulher não foi estabelecida pelo estado corporal, mas por uma construção da sociedade (BRETON, 2007).

Na vida cotidiana, são os homens na ordem social androcêntrica que estabelecem os limites das mulheres e determinam as regras do jogo pela falocracia. Até mesmo as relações mulher-mulher são normatizadas por esta dominação social, cultural e simbólica exercida pelos homens sobre as mulheres. Nesse sentido, o gênero é considerado enquanto normativa das condutas masculinas. A violência faz parte da normatização, constituindo importante componente de controle social (SAFFIOTI, ALMEIDA, 1995, p.32).

Os movimentos feministas, falando em termos de gênero, trouxeram à tona a compreensão acerca das relações de poder que geram as desigualdades existentes entre

homens e mulheres na sociedade, a dominação e a hegemonia masculina. No entanto, as discussões sobre as relações de gênero também possibilitaram a reflexão acerca das classes sociais, raça/etnia construídas a partir das relações sociais.

A identidade social da mulher e do homem, construídas por diferentes papéis, era delimitada pela sociedade, o espaço doméstico sendo desvalorizado por ser da responsabilidade da mulher. De acordo com Saffioti (1987), na sociedade havia duas classes sociais, a dos dominantes e a dos subalternos, o que remetia a uma naturalização sociocultural da discriminação contra a mulher e contra outros extratos da sociedade, tais como negros e pobres, proporcionando a legitimação da autoridade dos homens brancos, heterossexuais e ricos. Percebe-se, portanto, que ao falarmos de hegemonia masculina estamos refletindo sobre o sentido da construção histórica e cultural.

As relações de gênero são, pois, atravessadas pelas relações de poder, homens e mulheres sendo separados por duas categorias, respectivamente dominantes e dominados, obedecendo aos requisitos impostos pela heterossexualidade, a sexualidade sendo o ponto de apoio para a desigualdade de gênero (SAFFIOTI; ALMEIDA, 1995).

Historicamente falando, esta relação de poder, de desigualdade entre homens e mulheres, construída socialmente, revelou-se enraizada na cultura patriarcal. Para Arilha et al. (2001), a chamada cultura patriarcal, presente na subjetividade da sociedade contemporânea, define os homens como detentores de prestígio e poder, e atribui às mulheres uma condição de fraqueza e inferioridade, que as torna vítimas naturais dos mais variados tipos de proibições e marginalizações.

Entretanto, ressalta-se que nas relações de poder a autoridade masculina não era apenas exercida sobre a mulher, mas também sobre os filhos; este poder de se fazer obedecer era incisivo, ficando os filhos em posição de inferioridade, de dominados, e sem que estivessem a salvo dos atos violentos acometidos pelos pais. A hegemonia do homem estava, portanto, preservada.

Com o surgimento do movimento de luta contra as desigualdades sociais, as mulheres alcançaram visibilidade social, o que se traduziu em importantes políticas públicas. Em 1980, o movimento de mulheres, além de conquistar o Conselho Nacional de Direitos da Mulher, obteve o reconhecimento da plena cidadania das mulheres (O PROGRESSO DAS MULHERES NO BRASIL 2003-2010, 2011).

Foi na década de 1980 que o termo mulher foi substituído pelo termo gênero, sendo considerado como uma categoria de análise, enfatizando os aspectos relacionais e culturais da construção social do masculino e do feminino (HEILBORN; SORJ, 1999).



Assim sendo, gênero como categoria analítica se assenta na construção social e cultural das diferenças sexuais, devendo ser usado nas suas dimensões histórica, cultural e social para pensar as relações sociais em um dado momento histórico (SOUTO, 2008) e, portanto, gênero como possibilidade de discutir e compreender as qualidades e comportamentos dos homens e das mulheres na sociedade, levando-nos a uma reflexão sobre as relações de poder existente entre eles, a valorização e a dominação masculina.

A mulher era vista como sendo responsável pela reprodução. A preocupação com a saúde, aliás, se voltava para o conceito e não para a mãe. Esta situação ocorria devido a uma perspectiva reducionista com que os programas tratavam a mulher, que embora tendo acesso a alguns cuidados de saúde no ciclo gravídico-puerperal, ficavam sem assistência a maior parte da vida (BRASIL, 2004).

O surgimento do Feminismo possibilitou a formação de fortes aliados para a construção de um modelo de feminilidade que relativizava a maternidade como ideal exclusivo (HEILBORN; SORJ, 1999).

O movimento questionava as desigualdades nas relações sociais entre homens e mulheres, também traduzidas em problemas de saúde que afetavam particularmente a população feminina, já que elas estavam ausentes do sistema de saúde. A partir do Feminismo, elas reivindicaram a condição de sujeitos de direito, com necessidades que extrapolam o momento da gestação e do parto, demandando ações que lhe proporcionassem a melhoria das condições de saúde em todos os ciclos da vida (BRASIL, 2004).

Permitiu-se que a mulher cuidasse do próprio corpo e decidisse sobre ele, na medida em que o movimento proporcionou a assistência à mulher e não apenas à criança, o que antes era a principal preocupação. O movimento feminista contribuiu, pois, para a instituição de políticas sociais, direitos reprodutivos e para o atendimento à mulher. Isto permitiu que as mulheres se fortalecessem e conquistassem o seu espaço no espaço público.

A decisão sobre o corpo implica sua autonomia enquanto mulher, sua liberdade e, portanto, sua condição de cidadã. O corpo feminino é, segundo Souto (2008), um lócus privilegiado de sua submissão e opressão, o olhar de mãe e de reprodutora faz institucionalizar os primeiros cuidados com a saúde da mulher: saúde materna e do ciclo gravídico-puerperal, a sexualidade da mulher ficando também restrita à reprodução.

Os movimentos de mulheres cumpriram um papel fundamental no setor saúde, ao tornarem visíveis as desigualdades de gênero, ao defenderem a integralidade e a humanização da atenção e ao abrirem espaços para as lutas contra todas as formas de discriminação e opressão (HEILBORN, 2003).

As questões levantadas pelo movimento feminista suscitaram a investigação da violência. Através de estudos realizados pelas acadêmicas feministas, foi possível conhecer a violência originada nas relações entre homens e mulheres no âmbito doméstico. Assim, surgiram novas informações a respeito da violência, tais como os agravos à saúde em decorrência da violência doméstica (HEILBORN; SORJ, 1999).

Incluir a análise de perfil epidemiológico das mulheres brasileiras e fazer uma leitura de gênero sobre os dados, observando fatores e causas de adoecimento que ultrapassam a visão biologistica, representou um grande avanço no tratamento dos agravos à saúde das mulheres. Reconhecer as desigualdades de gênero, classe e raça/etnia como determinantes para o adoecimento permitiu pensar as políticas públicas de saúde na dimensão da saúde coletiva, da promoção, da qualidade de vida (SOUTO, 2008).

Mesmo após o período patriarcal, mecanismos legais e culturais de submissão ainda estão vigentes. Em pleno século XXI, mesmo as mulheres tendo conquistado o espaço no mercado de trabalho, isto é, estando no espaço público, os homens não assumiram as responsabilidades com o cuidado no âmbito privado (O PROGRESSO DAS MULHERES NO BRASIL 2003-2010, 2011).

De acordo com o guia de direitos humanos, as mulheres ganham menos, estão concentradas em profissões desvalorizadas, têm menos acesso aos espaços de decisão do mundo político e econômico, sofrem mais violência (doméstica, física, sexual, emocional), vivem dupla e tripla jornada de trabalho e são as mais penalizadas com o sucateamento de serviços e políticas sociais, entre outros problemas sociais. Outros aspectos agravam a situação de desigualdade das mulheres na sociedade: raça, etnia, classe social, idade e orientação sexual, situações que limitam o desenvolvimento e comprometem a saúde mental de milhões de mulheres. Partindo-se desse pressuposto, faz-se imprescindível a incorporação da perspectiva de gênero na análise do perfil epidemiológico e no planejamento das ações de saúde que tenham como objetivo promover a melhoria das condições de vida, a igualdade e os direitos de cidadania da mulher (BRASIL, 2004).

No século XX aconteceram as maiores conquistas femininas em termos de educação, quando estas ultrapassaram significativamente o desempenho dos homens em todos os aspectos da educação, resultado de um esforço histórico dos movimentos das mulheres (ALVES; CORREA, 2009).

Com o reconhecimento do movimento de mulheres por parte da sociedade, nos anos 1980, implementaram-se programas e políticas para contribuir com a cessação da violência contra a mulher e contra as diferenças sociais.

O Programa de Atenção Integral à Saúde da Mulher (PAISM) foi um marco que rompeu com o modelo de cuidado materno-infantil, onde a mulher era vista – do ponto de vista do sistema de saúde - enquanto produtora e reprodutora da força de trabalho, na condição de mãe, nutriz, cuidadora da prole. O PAISM mostrou que era necessário que a saúde da mulher fosse abordada em todos os ciclos da vida. Este programa surge antes da implantação do Sistema Único de Saúde e da promulgação da Carta Magna. É, portanto, pioneiro no uso do termo integralidade da saúde na política pública, cujo significado é proposto e definido pelos movimentos sociais feministas (SOUTO, 2008).

A autora afirma ainda que a abordagem de gênero, na análise de integralidade do PAISM, implica tomar como referência os modos como homens e mulheres se relacionam no cotidiano de suas vivências, resultado da determinação do processo saúde/doença, e se evidenciam em seus corpos e marcam suas vidas (SOUTO, 2008).

A 8ª Conferência Nacional (CNS), em 1986, foi constituída com o fito de descentralizar o sistema de saúde e agir a favor da implantação de políticas sociais que incorporassem ações para a defesa e para o cuidado à vida (BRASIL, 2010). Foram estabelecidas as ações propostas pelo PAISM, visando à assistência integral à saúde da mulher, para a sua promoção, prevenção e recuperação contemplando também as questões de gênero, confirmadas pela Constituição Brasileira de 1988 (MEDEIROS; GUARESHI, 2009).

A Convenção de Belém do Pará, em 1994, dita Convenção Interamericana para Prevenir, Punir e Erradicar a Violência contra a Mulher, constituiu uma importante ferramenta de promoção da emancipação das mulheres, pois por este meio elas tiveram a oportunidade de reconhecer seus direitos. Houve um grande avanço na compreensão e na visibilidade da temática, assim como aconteceu com o conhecimento sobre a definição da violência contra as mulheres (CONVENÇÃO DE BELÉM DO PARÁ, 2004).

A Conferência Mundial sobre População e Desenvolvimento, realizada no Cairo no mesmo ano da Convenção de Belém do Pará, abordou o empoderamento das mulheres, a igualdade de gênero, a saúde e os direitos reprodutivos, reafirmando que a discriminação, a desigualdade e a violência decorrem de padrões sociais e práticas culturais (ALVES; CORREA, 2009). Essa Conferência apresentou princípios para a promoção e igualdade dos sexos, atribuindo poder às mulheres para o controle da fecundidade.

O conceito de empoderamento das mulheres foi consolidado, pois, nas Conferências Internacionais do Cairo (94) e Beijing (95), surgindo como uma forma inovadora de enfrentar as desigualdades de gênero existentes nas esferas públicas, por meio

da contribuição dos movimentos das mulheres que lutavam contra a exclusão social, a violência de gênero e o papel subalterno do sexo feminino na sociedade e na família (ALVES; CORREA, 2009).

Em 1995, a IV Conferência da Mulher em Pequim reafirmou as medidas adotadas pela CIPD com uma nova concepção, incluindo aí os direitos reprodutivos e sexuais como direitos humanos; a promoção do desenvolvimento humano e do bem-estar, com reforço das políticas de educação, emprego, saúde e respeito ao meio ambiente; o empoderamento das mulheres e a equidade de gênero (CÔRREA; JANNUZZI; ALVES, 2003).

Em 2002, no âmbito do Poder Executivo, foi criada a Secretaria de Estados dos Direitos da Mulher, atualmente Secretaria de Políticas Públicas para as Mulheres (SPM) e em 2006 foi aprovada a Lei 11.340, conhecida como Lei Maria da Penha (O PROGRESSO DAS MULHERES NO BRASIL 2003-2010, 2011).

A Secretaria Especial de Direitos da Mulher apresentou, entre outras, as seguintes propostas: promover a igualdade de gênero; articular, promover e executar programas de cooperação com organismos nacionais e internacionais, públicos e privados, voltados para a implementação de políticas para mulheres, na tentativa de coibir a violência e cuidar das mulheres nesta situação, foi criada a Lei 10.778 – Notificação Compulsória de Violência contra a Mulher atendidas nos Serviços Públicos e Privados (BRASIL, 2003).

Continua, no entanto, o desafio de transformar as ações propostas na Política em práticas de saúde no cotidiano dos serviços e dos processos de trabalhos dos serviços de saúde, comprometidos com a produção de práticas humanizadas e de qualidade (SOUTO, 2008).

A Política Nacional de Atenção Integral à Saúde da Mulher (PNAISM), em 2004, apontou para a vulnerabilidade das mulheres em relação às doenças e às causas de morte, relacionadas mais com a discriminação na sociedade do que com fatores biológicos. (BRASIL, 2004). A discriminação perpetrada pela sociedade torna a mulher mais vulnerável, possibilitando uma maior exposição dela à vivência de situações de violência. É muito delicada a posição em que as mulheres vítimas de violência se encontram, muitas delas adoecendo e outras possivelmente morrendo.

A I Conferência Nacional resultou no Primeiro Plano Nacional de Políticas para Mulheres de 2004, que definiu quatro eixos estratégicos: autonomia, igualdade no mundo do trabalho e cidadania; educação inclusiva e não sexista; saúde das mulheres, direitos sexuais e reprodutivos; enfrentamento da violência contra a mulher. O II Plano Nacional de Políticas para Mulheres constou entre outros de Saúde das mulheres, direitos sexuais e

reprodutivos; enfrentamento de todas as formas de violência contra a mulher; participação das mulheres nos espaços de poder e decisão (ALVES; CORREA, 2009).

Em 07 de agosto de 2006, a Lei Maria da Penha, Lei 11.340, cria mecanismos para coibir a violência doméstica e familiar contra a mulher, nos termos do § 8º do art. 226 da Constituição Federal, da Convenção sobre a Eliminação de Todas as Formas de Discriminação contra as Mulheres e da Convenção Interamericana para Prevenir, Punir e Erradicar a Violência contra a Mulher, que dispõe sobre a criação dos Juizados de Violência Doméstica e Familiar contra a Mulher, estabelece medidas de assistência e proteção às mulheres em situação de violência doméstica e familiar, altera o Código de Processo Penal, o Código Penal e a Lei de Execução Penal e dá outras Providências (BRASIL, 2006b).

A Constituição Federal simboliza, pois, um marco fundamental na instituição da cidadania e nos direitos humanos das mulheres no Brasil, implementando políticas no sentido de coibir a situação de violência, eliminando todas as formas de discriminação contra a mulher, desempenhando um papel importante nos direitos sexuais e reprodutivos no sentido de legitimar a igualdade entre gêneros.

### 2.3 VIOLÊNCIA DOMÉSTICA, GESTAÇÃO E ADOECIMENTO

A violência não é mais vista como assunto privado, mas é desvelada aos olhos do público, para seu conhecimento. A parte obscura, a crueldade e os excessos afetivos já não ficam resguardados e protegidos pela solidez do muro da vida privada, sendo antes teatralizados, colocados no “vaso comum”. (MAFFESOLI, 2004a).

A violência doméstica é um problema que existe no mundo há décadas e que tem preocupado cada vez mais as autoridades, pelas proporções que vêm tomando, sendo muito prejudiciais para a saúde das pessoas e para a situação socioeconômica dos países.

O domicílio é o espaço em que a mulher exerce seus papéis de esposa, mãe, dona de casa, onde vivencia as suas experiências, em um cotidiano regado por multiplicidades de interações afetivas, relações familiares e situações de violência. Para Maffesoli (1987, p.184), “o espaço é um dado social que me faz e que é feito”. É neste espaço de ações, interações e trocas que se desenvolvem as relações agressivas, o que demonstra a relevância do fenômeno da violência para as relações interpessoais, que tendem a se refletir nas ações e interações cotidianas dos indivíduos de toda uma sociedade.

Ressaltamos que no cotidiano revelam-se as singularidades do processo de viver do ser humano, que poderá ser significado a partir de suas crenças, atitudes,

comportamentos, imagens, tudo estando relacionado com tudo e interconectado em uma rede de interações que o indivíduo estabelece consigo mesmo, com o outro e com o mundo (FERNANDES, 2007).

Podemos dizer que historicamente o cotidiano das mulheres foi tomado pela violência doméstica por elas terem sido condicionadas ao domínio, à autoridade do homem na família. Elas foram excluídas de ser sujeito dentro de uma relação, o poder pertencendo totalmente ao homem, o provedor e chefe do lar. Essas relações desiguais proporcionaram uma cultura de submissão das mulheres ao homem, estas ficando vulneráveis à vivência da violência.

De acordo com a Convenção de Belém do Pará em 1994, fazem parte, do nosso dia-a-dia e da nossa cultura, os comportamentos desiguais para homens e mulheres, a mulher sendo valorizada para trabalhos no lar e os cuidados com a família, mas permanecendo submissa ao homem (CONVENÇÃO DE BELÉM DO PARÁ, 2004).

Segundo dados apontados pelo Sistema de Informação de Agravos de Notificação (SINAN), no Brasil, dos 107.572 atendimentos por conta de violência doméstica/sexual e/ou outras violências, 65,4% dos casos foram de mulheres e 34,6% apenas de homens, o que demonstra o alto índice de violência contra as mulheres (WAISELFISZ, 2012). Os dados alertam para a gravidade do problema a ser enfrentado, pois o número de mulheres vítimas de agressões vem crescendo de forma rápida e sem controle, apesar de já haver políticas públicas para coibir esse tipo de violência. Mas os resultados esperados estão longe de alcançar o objetivo de frear esses dados.

Ainda com relação aos resultados apresentados pelo SINAN sobre o espaço em que ela ocorre, os dados apontam que 71,8% dos casos de violência ocorreram na própria residência da vítima, tendo como principais agressores o cônjuge e/ou namorado, o que caracteriza violência conjugal (WAISELFISZ, 2012).

De acordo com a Lei Maria da Penha, a violência doméstica e familiar é considerada como sendo qualquer ação ou omissão baseada no gênero que cause morte, lesão, sofrimento físico, sexual ou psicológico, dano moral ou patrimonial à mulher e que ocorra no âmbito da unidade doméstica, no âmbito da família, em qualquer relação íntima de afeto (BRASIL, 2006a, p.13).

A violência doméstica é entendida como uma relação assimétrica de poder com fins de dominação, exploração e opressão que ocorre no espaço doméstico, independente de os envolvidos terem laços consanguíneos ou não (FERNANDES, 2007).

As violências doméstica e familiar são consideradas formas de violação dos

direitos humanos e de acordo com o Art7º da Lei nº 11.340, Lei Maria da Penha, são assim definidas:

Violência física é entendida como qualquer conduta que ofenda sua integridade ou saúde corporal; Violência psicológica é entendida como qualquer conduta que lhe cause dano emocional e diminuição da autoestima ou que lhe prejudique e perturbe o pleno desenvolvimento ou que vise degradar ou controlar suas ações, comportamentos, crenças e decisões, mediante ameaça, constrangimento, humilhação, manipulação, vigilância constante, isolamento, perseguição contumaz, insulto, chantagem, ridicularização, exploração, limitação do direito de ir e vir; [...] Violência sexual é entendida como qualquer conduta que a constranja a presenciar, manter ou participar de relação sexual não desejada, mediante intimidação, ameaça, coação ou uso de força; que a induza a comercializar ou a utilizar de qualquer modo a sua sexualidade [...] Force à gravidez, ao aborto; [...] Violência Patrimonial é entendida como qualquer conduta que configure retenção, subtração, destruição parcial ou total dos seus objetos, instrumentos de trabalhos, documentos pessoais, bens, valores e direitos ou recursos econômicos, incluindo os destinados a fazer as suas necessidades; Violência moral é entendida como qualquer conduta que configure calúnia, difamação ou injúria (BRASIL, 2003, p.14).

As mulheres pobres são as mais afetadas pela desigualdade de gênero, estando mais expostas à gravidez indesejada, porque se veem envolvidas em situações em que não podem exercer a sua autonomia econômica, por carecer de recursos. O aumento da violência sexual, psicológica e física atinge todos os estratos sociais, mas perdura com mais intensidade na vida daquelas que se encontram em situações mais vulneráveis (CEPAL, 2009).

Portanto, os determinantes sociais favorecem o acometimento da violência nas mulheres, principalmente se estas tiverem baixo poder aquisitivo e se forem da raça negra. Há muitos anos, ressaltou-se, não se havia proporcionado para as mulheres oportunidades de uma renda mais favorável que as dos homens, elas eram sempre mantidas nas polítics, na sociedade, na economia e na saúde e limitadas, já que eram representadas apenas pelo corpo e pela condição reprodutiva.

No dia-a-dia, a mulher, sendo impedida de assumir posições melhores no trabalho, permanece refém dos cuidados domésticos, dependente do marido inclusive no aspecto financeiro. Dependendo financeiramente do agressor impede as mulheres de sair do cerco da violência doméstica (CEPAL, 2009).

A violência se dá nas relações de poder, com o intuito de depreciar, ferir o outro. Acrescenta-se a relevância da questão da violência na gestação, que acarreta graves consequências para a saúde da mulher em todo o ciclo gravídico-puerperal, podendo contribuir para potencializar o aumento da morbimortalidade materna e fetal.

Constata-se, por meio da Organização Mundial de Saúde, que a violência contra a mulher na gestação é preocupante, não apenas pelas consequências físicas, mas também psicológicas, como o estresse, por exemplo, prejudicando a saúde tanto da mulher quanto do concepto, além de constituir uma das formas de violação dos direitos humanos.

Estudo realizado sobre a saúde da mulher e violência doméstica contra mulheres, que consiste em inquéritos de base populacional realizados em vários países, encontrou a prevalência de violência física por parceiro íntimo durante a gravidez, com índices variando entre 1% (Japão) e 28% (Província do Peru), entre 2% na Austrália, Dinamarca, Camboja e Filipinas e 13,5% em Uganda. O maior índice foi encontrado no Egito (32%), seguido pela Índia (28%), Arábia Saudita (21%) e México (11%). No Brasil este índice variou entre 8% e 11% (OMS, 2011).

Mattar et al. (2007), em estudo realizado na cidade de São Paulo sobre a violência doméstica como indicador de risco para o rastreamento da depressão pós-parto, chegaram ao seguinte resultado: o risco de depressão pós-parto foi visto em 18% de puérperas; dentro deste grupo, a violência doméstica ocorreu em 58,3% dos casos, o que mostra uma correlação significativa entre violência e depressão pós-parto. Perez (2006) aponta para a prevalência da violência psicológica (96,7%), seguida pela violência física (11,5%) e a sexual (6,5%).

Os resultados apresentados apontam para a relevância da problemática da violência doméstica em gestantes, com riscos preocupantes para a saúde da mulher e do concepto, constituindo um importante problema de saúde, exigindo, assim, atenção por parte das políticas públicas.

Outros estudos mostraram que mulheres que relataram vivência de violência na gravidez apresentaram maiores índices de retardo do crescimento intra-uterino e parto prematuro do que as mulheres não foram vítimas de abuso, a violência podendo levar ao baixo peso do feto ao nascer e a outros riscos neonatais, tais como aumento do risco de hemorragia pré-parto e morte perinatal. A violência também foi associada a um aumento no risco de aborto provocado, podendo ter outras consequências para a saúde das mulheres grávidas a longo prazo, inclusive a mortalidade materna (OMS, 2011).

A gravidez é considerado um dos períodos de transição do ciclo vital da mulher,



caracterizado por mudanças no metabolismo e no estado de equilíbrio, tornado instável pelas transformações sociais, psicológicas e corporais vivenciadas e as adaptações aos novos papéis, reajustamentos interpessoais, intrapsíquicos e mudança de identidade. Essas transições são marcos importantes na vida da mulher, pois envolvem mudanças significativas, reorganizações, aprendizagem, podendo ser vividas como crises. Dessa forma, a mulher fica mais vulnerável, o que pode vir a provocar uma crise de ajustamento (MALDONADO, 2000).

A mulher passa por transformações na rotina de vida, no trabalho, nos relacionamentos familiares, com os papéis de mulher e mãe, dona de casa, sendo que muitas delas ainda exercem um trabalho fora do domicílio. As mudanças fisiológicas, com as alterações do esquema corporal, podem envolver a necessidade de reestruturação e reajustamento em várias dimensões. Em primeiro lugar, verifica-se a mudança de identidade e uma nova definição de papéis sociais. Pois a identidade implica as definições de papéis, acrescentando a identidade de ser esposa e filha à de ser mãe. Para a mulher, portanto, significa mudanças, em face de um novo ciclo de vida. A complexidade das mudanças provocadas pela vinda do bebê não se restringem apenas às variáveis psicológicas e bioquímicas, mas também aos fatores socioeconômicos. As privações reais, sejam afetivas ou econômicas, aumentam a tensão e intensificam a regressão e a ambivalência (MALDONADO, 2000).

O domicílio é o espaço principal onde as gestantes vivem durante o ciclo gravídico-puerperal, comportando valores, histórias de vida, fantasias, desejos, transformações físicas e psicológicas, alegria, realização, expectativas, decepções. Nessa etapa, adentrar os relatos de experiências dessas mulheres possibilita compreender as suas vivências, seus sofrimentos, suas dificuldades e preocupações, suas esperanças, sua vida desvelada e oculta. As gestantes possuem sonhos, fantasias, sensações que a levam à completude, como o nascimento de uma vida gerada com muito amor ou com muita dor, um elo entre dois seres, mãe e filho, repleto de sentimentos. Mas esses sentimentos podem ser vividos em sua ambivalência, pelo cotidiano de violência, manchado por sofrimentos, humilhações, ódio, entre outras coisas.

Para Vieira et al. (2008), as mulheres enfrentam em seu cotidiano diferentes modos de violência. Elas vivem em um sistema de isolamento social e político que pode contribuir para a reprodução de mecanismos mais complexos de violência, impedindo-as de se manifestarem de forma mais autônoma.

Dessa forma, presas a um círculo e marcadas por violências contínuas, convivendo

em seus domicílios, as mulheres se tornam vulneráveis a essa situação, o que resulta em adoecimento e em seu profundo aniquilamento. Percebe-se, assim, a multiplicidade de aspectos que compõem o dia-a-dia das mulheres que vivenciam a situação de violência.

A vivência de opressões, submissão e humilhações provoca o adoecimento e afeta a qualidade de vida das mulheres, podendo contribuir para o desenvolvimento de doenças psicológicas, o que repercute no desenvolvimento pessoal, interferindo no seu processo de viver. Desta forma, a violência configura um dos limites no cotidiano para o ser saudável.

Dados expressam os altos índices dessa ocorrência e das repercussões desse fenômeno na vida das mulheres e de seus familiares: a violência contra a mulher se torna um problema social, político, econômico e de saúde, daí a necessidade de integração de conhecimentos e serviços (GOMES et al., 2009).

Nos anos 1990, os serviços de saúde passaram a adotar políticas que visavam diagnosticar a problemática da violência. A partir de então, surgem as primeiras parcerias para formar uma rede de atendimento, como os centros de referências e as casas abrigo. A ampliação da rede nacional de serviços especializados de atenção às mulheres vem sendo consolidada através dessas parcerias, com programas específicos de atendimento às mulheres em situação de violência e prevenção.

Para isso, ou seja, para favorecer a saída das mulheres da situação de violência, cabe aos profissionais de saúde ampliar suas possibilidades de escuta, fazendo cumprir a Lei nº 10.778 de 24 de novembro de 2003, que estabelece a notificação compulsória em todo o território nacional para os casos de violência contra a mulher atendida em serviços de saúde, públicos ou privados (BRASIL, 2003), bem como possibilitar que elas conheçam as delegacias da mulher, casa abrigo e Centro de Referência Loreta Valadares e para lá sejam encaminhadas. Em resumo, o setor saúde como elemento da rede de apoio às pessoas em situação de violência deve proporcionar capacitação aos profissionais no sentido de dar oportunidades à mulher em situação de violência de interagir com o serviço de saúde como parte da rede de apoio.

A rede de proteção é o meio utilizado pelas mulheres para enfrentar a violência vivenciada e sustentar a saídadesta relação permeada por situações de agressão. Maffesoli (1984) assinala que a solidariedade orgânica se apoia em laços afetivos, garantindo o estar junto do grupo, a partilha dos sentimentos e emoções, de valores, de lugares, de ideias. Resumindo, as mulheres precisam de uma rede de apoio, seja familiar ou institucional, que as auxilie no enfrentamento e na saída da situação de violência.

O compartilhamento de sentimentos e apoio possibilita o fortalecimento das

mulheres, podendo-se perceber a imprescindível busca pelo cuidado sensível, que só pode existir pelo alcance do ser sensível, para Nitschke (1999), ser fonte de riqueza espiritual, fortalecendo o corpo, mas, ao mesmo tempo, permitindo a plenitude do coração. Isto é, esse ser sensível é o ser necessário para o cuidado das mulheres em todo o processo das experiências vividas no cotidiano.

Acredito que dar oportunidade para as puérperas que sofrem violência doméstica expressarem o seu dia-a-dia de violência favorecerá uma percepção da subjetividade das mulheres. É pela subjetividade que conheceremos as sensações, os sentimentos, as atitudes, as reações, as relações, enfim, a vida dessas mulheres com todo o trauma que carregam dentro de si mesmas, repercutindo tanto em sua saúde física quanto mental. Em muitas situações, as mulheres tentam encobrir as agressões sofridas, por medo de enfrentar novamente uma situação de violência já vivenciada e por rejeição, o que pode levá-las ao extremo de se matar.

Este estudo é de relevância, pois contribuirá para uma reflexão sobre as mulheres que vivem situações de violência no cotidiano. A reflexão se estende às academias encarregadas de formar profissionais de saúde, preparando-os para lidar com essa realidade, no sentido de nortear o olhar para a prática do cuidar, formando profissionais para esse fim.

É preciso ter um olhar mais sensível para o cotidiano: por isso, este trabalho pretende contribuir para os estudos existentes sobre o tema. Estes limitam o olhar técnico-científico dos profissionais de saúde a uma formação centrada somente nas questões objetivas, não valorizando os aspectos subjetivos e compreendendo pouco as relações de gênero, não sendo, portanto, sensibilizados para a situação da violência contra a mulher.

Diante do que foi exposto, justifica-se este trabalho pela magnitude do que é a violência conjugal e suas repercussões para a saúde da mulher e da família, porque esta temática tem importância epidemiológica e social, visto que traz à tona questões ainda pouco reveladas e que necessitam de mais reflexão. É necessário aprofundar os estudos da violência contra a mulher no seu cotidiano, para que se possa compreender esse fenômeno complexo. Será uma experiência que trará benefícios para a assistência às mulheres vitimadas pela violência, contribuindo de forma singular para o saber dos profissionais de saúde nesse cuidar.

### 3 CAMINHO METODOLÓGICO

#### 3.1 ENCONTRO COM O REFERENCIAL TEÓRICO-METODOLÓGICO

É difícil negar a compreensão dos fenômenos sociais, seja ela quantitativa ou qualitativa. Trata-se de utilizar uma palavra, uma simples noção, como a alavanca metodológica mais pertinente possível (MAFFESOLI, 2004a). Neste sentido, utilizamos a sociologia compreensiva como referencial apropriado para este estudo, o que torna possível o aprofundamento pela apreensão das mais simples significações das experiências vividas pelas mulheres no cotidiano.

Compreender o cotidiano de mulheres que vivenciam a violência doméstica não significa apenas constatar a existência das agressões, mas se aprofundar em aspectos que irão muito além do físico, coisas que fazem parte do interior de cada uma delas e não são visíveis aos olhos de quem não consegue enxergar além de marcas físicas, mas aos de quem enxerga com sensibilidade, sim. São vivências permeadas por sentimentos e fantasias, que estão presentes e fazem parte da vida diária, bem como das relações com os outros no mundo.

A fim, portanto, de alcançar essa compreensão, usamos a proposta teórica, epistemológica e metodológica do sociólogo francês Michel Maffesoli, que traz elementos relativos ao pluralismo e a diversidades e a aspectos da vida, na experiência do vivido que compõe os laços de sociabilidade no cotidiano das pessoas, sob a égide dos pactos formais impostos pela relação conjugal. A sociologia compreensiva do cotidiano busca a compreensão, na sociedade, de fenômenos existentes com a emergência de um novo pensamento inovador, dando importância aos detalhes, ao simples, aos pequenos fatos do dia-a-dia, ao interior e ao micro. É um aproximar-se do imaginário, dos sentimentos e das emoções nas microrelações sociais, e por isso denominada pelo autor de microsociologia.

Para Maffesoli, é necessário haver um equilíbrio entre razão e sentimento para analisar um fenômeno. O autor defende que o racionalismo estático, símbolo do pensamento moderno, precisa dar lugar à racionalidade aberta pós-moderna, à razão sensível, que recorre ao entusiasmo, ao instinto (Nóbrega et al., 2012).

Em uma entrevista realizada por Christophe Bourseiller, Michel Maffesoli afirma que suas pesquisas visam a compreender a dimensão plural do social, preocupando-se com o humano nas suas diversidades, privilegiando temas como o imaginário, a emoção, o afeto e o sensível. Em uma das questões abordadas durante a entrevista, Maffesoli se refere ao

termo sociabilidade como aquele que integra os elementos comuns da vida e no qual estão inseridos os jogos, sonhos, emoções que fazem parte das experiências do cotidiano do humano (MAFFESOLI, 2011).

É na sociabilidade, portanto, que se encontram os valores, os pequenos acontecimentos, os detalhes das histórias das mulheres que, em suas vidas cotidianas, passam por diferentes vivências, tais como a gestação de um novo ser, sofrendo modificações físicas e emocionais que as tornam uma fonte de onde escoam os mais diversos sentimentos, que continuam a ser silenciados, mas estão inseridos em seu cotidiano.

É também aí que residem os fatos, o vivido nas relações, os acontecimentos, as experiências, os lugares simples do dia-a-dia na vida das pessoas, contemplando os mais diversos aspectos da vida diária, juntamente com as emoções e valores presentes no ser, sem julgamentos. As pluralidades, nas diferentes experiências da vida, são uma fonte de riqueza da sociedade. O caráter próprio de uma sociologia compreensiva é, pois, o de considerar os fenômenos tais como eles são e levar em conta todos eles, sem discriminação de nenhum. Tal sociologia rejeita o julgamento de valor e se contenta com a constatação dos fatos (MAFFESOLI, 2011).

A proposta foge do aspecto tecnicista da ciência atual, e Maffesoli privilegia como objeto de análise tudo aquilo que não é produzido pelo cálculo, pela intenção, pela estratégia, enfim, pela racionalidade tradicional, adotando a sociologia do aqui e agora (Nóbrega et al., 2012).

Daí a importância de contemplar a proposta de Michel Maffesoli em um trabalho que aborda a complexidade do fenômeno social da violência em mulheres: poder assistir à mulher, escutando-a, orientando-a e acompanhando-a, sem julgamentos.

Com a sentença “a fonte da riqueza é a inteireza do ser”, ele mostra a importância do ser, a valorização do cotidiano e de todas as coisas insignificantes, os pequenos nada, os objetos da banalidade passando a ter uma significação que importa levar em conta. Pois para Maffesoli, tudo o que é humano merece ser objeto de análise. Nesta linha de pensamento, ele reflete sobre a sociologia da vida cotidiana, do imaginário e do sensível, sabendo que quando nada é importante tudo tem importância (MAFFESOLI, 2011, p.31).

A perspectiva teórica de Michel Maffesoli possibilita, pois, uma reflexão que, neste estudo, poderá contribuir para alcançar o objetivo proposto, a saber, compreender o cotidiano de mulheres que vivenciam a violência doméstica. Pois cada gesto, cada palavra, cada lágrima, cada história, tem importância.

A proposta teórica de Maffesoli (2007) aborda cinco pressupostos da Sociologia Compreensiva, que serão utilizados para nortear a pesquisa e essencialmente a análise dos dados, contemplando o objetivo proposto pelo estudo. Estes cinco pressupostos teóricos e da sensibilidade foram apresentados em sua obra *O Conhecimento Comum*, a saber, “crítica ao dualismo esquemático”; “a forma”; “uma sensibilidade relativista”; “uma pesquisa estilística” e “um pensamento libertário”.

O primeiro pressuposto, **crítica ao dualismo esquemático**, se refere à sociologia como forma de pensamento perpassada por duas atitudes complementares, a razão e a imaginação, apresentando a dualidade existente, em que, por um lado, se dá ênfase à construção, à crítica, ao mecanismo e à razão e por outro, à natureza, ao sentimento, ao orgânico e à imaginação.

A sociologia compreensiva descreve o vivido com a autenticidade do que realmente é, sem se preocupar em discernir as visadas dos distintos atores envolvidos, tendo um olhar diferenciado para as particularidades de cada pessoa. Não está longe do romantismo, pois mostra que o pensador, para falar do mundo, deve fazer parte deste mundo, não obstante os fenômenos, descrevendo o que o circunda e tudo o que vive com a visão de dentro, a intuição. Busca-se, assim, um sentido mais amplo, um pensamento global, de ser e estar junto dentro de uma sociabilidade em que se recusa qualquer discriminação ou quaisquer julgamentos.

Quando aborda a sociologia do lado de dentro, Michel Maffesoli enaltece a subjetividade a que se refere: ado pensador fazendo parte daquilo que descreve, dessa forma sendo capaz de manifestar com autenticidade, com intuição, a visão de dentro.

No segundo pressuposto, **a forma**, mostra-se a importância não apenas de uma visão do romantismo, mas também de uma visão racional, que possibilita alcançar o equilíbrio, compreendendo o lógico e o não lógico no dado social.

A forma possibilita compreender a experiência da vida quotidiana com a apreensão da imagem e com sua pregnância nas correntes do vivido, que fazem parte do corpo social. O autor, em sua análise da burocracia, da violência, do quotidiano, destacou categorias paroxísticas, tais como o poder, o rito, a teatralidade, a duplicidade, o trágico, compreendidos como modulações da forma, tornando possível apreender os conflitos e a instabilidade do ser nela envolvida. Em seu segundo pressuposto, ele aborda que a ideia de forma parece ser adequada para descrever, de dentro, os contornos, os limites e a necessidade das situações constitutivas da vida quotidiana.

É uma maneira de reconhecer a pluralidade dos mundos, tanto no plano do

macrocosmo social quanto do microcosmo individual, objeto principal de análise de Maffesoli. Ela se aproxima da essência plena daquilo que poderia ser ou vir a ser. Como modulações dessa “forma”, encontram-se o poder, a potência, o rito, a teatralidade, a duplicidade e o trágico que fazem parte do cotidiano vivido.

O terceiro pressuposto, **uma sensibilidade relativista**, traz uma reflexão sobre a concepção da realidade não como única, mas como uma pluralidade. Aproxima-se mais de projeto intuitivo e de um conhecimento plural, apontando para uma sociologia aberta, em que a verdade é momentânea e factual, onde é preciso estar atento às coisas simples e pequenas da vida cotidiana.

O quarto pressuposto, **uma pesquisa estilística**, se refere ao estilo do cotidiano, feito de gestos, de palavras, de teatralidade, de que se deve dar conta. É possível, aí, imaginar uma sociologia que possa estabelecer uma realimentação entre forma e empatia. Este pressuposto sugere uma escrita mais aberta, sem perder a competência científica.

O quinto pressuposto, **um pensamento libertário**, fala de estar inserido, envolvido, de ser elemento no meio real, dessa forma possibilitando a apreensão da situação social. O conhecimento libertário é parte de uma sabedoria, do conhecimento, do encontro com o mundo real, com a liberdade do olhar, permitindo trocas. O pesquisador é também ator e participante, sendo importante a compreensão e o exercício da alteridade, da ação de se colocar no lugar do outro: para isso, é necessária uma atitude de empatia, subjetividade e intersubjetividade.

O encontro desses sentimentos de fantasias, vivenciados pelas mulheres, proporciona o prazer e possibilita expressar, para si e para o outro, o prazer dos sentidos experimentados em comum, denominado de estética. No que se refere a esta última, o autor aborda a apresentação da ética da estética do laço social a partir dos parâmetros não racionais, que são os sonhos, o lúdico, e o prazer dos sentidos (NITSCHKE, 1999).

Na perspectiva da sociologia compreensiva, busca-se a paixão, o não lógico, o imaginário, abandona-se o julgamento, a condenação, a justificação em que se estrutura a atividade humana de atores ou observadores. Implica-se a compreensão da experiência do dia-a-dia, reconhecendo o significado de sua atuação do ser/estar junto e no mundo. (MAFFESOLI, 2007).

Esta análise possibilita a compreensão do cotidiano no processo de viver da mulher, trazendo à tona sentimentos, dificuldades e a experiência que mantém com seu meio físico e social. Este último é considerado um lugar dinâmico, feito de ódio e amores, de conflitos e distensões, onde tudo junto adquire corpo, “é uma casa subjetiva e objetiva,

onde uma sociabilidade é vivida diariamente na palidez e no brilho, fundada como toda situação mundana, no limite” (MAFFESOLI, 1984, p.58).

## 3.2 O ENCONTRO COM A METODOLOGIA

### 3.2.1 Tipo de Estudo

Com vistas a compreender o cotidiano de mulheres em um contexto de violência doméstica, optamos por um estudo descritivo com abordagem qualitativa, baseado nos pressupostos teóricos da sociologia compreensiva de Michel Maffesoli.

A Sociologia Compreensiva, proposta por Maffesoli (2007, p.30), “sugere descrever o vivido naquilo que é, contentando-se assim em discernir as visadas dos diferentes atores envolvidos”. Ela pretende compreender e não explicar o que se apresenta, isto é, os contornos, os limites, as necessidades das situações e das representações que constituem a vida quotidiana. Assim, compreender é exercitar o ver pelo olhar do outro, retomando o seu próprio olhar, que já estará embebido pelo do outro (NITSCHKE, 1999).

A abordagem qualitativa se preocupa com a realidade, que não pode ser quantificada. Segundo Minayo (2010, p.21), esta se aprofunda no mundo dos significados das ações e relações humanas, um lado não perceptível em equações, médias e estatísticas, que trabalha com o universo das “aspirações, crenças, valores e atitudes”.

Com o intuito de uma aproximação com o cotidiano de mulheres na gestação em um contexto de violência doméstica, considera-se que a escolha da Sociologia Compreensiva contempla o objeto do estudo: cotidiano de mulheres que vivenciam a violência doméstica. O presente estudo tem como objetivo geral compreender o cotidiano de mulheres que vivenciam a violência doméstica.

O enfoque do cotidiano busca a compreensão da paixão, do não lógico, do imaginário, de pequenas situações do dia-a-dia vividas por sujeitos concretos e plurais, que assumem relevância. Para Maffesoli (2006), o cotidiano se manifesta em atos efêmeros guiados pela “ética do instante”, buscando a compreensão de um sujeito concreto, plural, inserido em um espaço e em um tempo que é circular; valoriza os sentimentos, paixões, imagens e fantasias, não se coadunando com esquemas pré-estabelecidos que enquadram e impõem um dever-ser.



### 3.2.2 Cenário da Pesquisa

O Cenário para o desenvolvimento do estudo foi uma maternidade pública, pertencente à Secretaria de Saúde do Estado da Bahia, localizada em Salvador. A maternidade existe há 53 anos, e está habilitada para atender a gestantes de médio risco, referência na assistência à população de baixa renda.

A instituição possui 115 leitos, com serviços que incorporam Ginecologia/Obstetrícia Clínica e Cirúrgica, Neonatologia e Unidade Intermediária Neonatal, distribuídos em três enfermarias de alojamento conjunto, unidade neonatal e cenário de parto. Há uma equipe multiprofissional, composta por médicos, enfermeiras, odontólogas, psicólogas, fisioterapeutas, fonoaudiólogas e terapeuta ocupacional.

A nível ambulatorial, oferece consultas de pré-natal a gestantes adolescentes, gestantes de risco habitual, médio e alto risco, consulta de ginecologia, serviço de psicologia, planejamento familiar, testes do pezinho, teste da orelhinha com fonoaudióloga, atendimento oftalmológico com teste do olhinho, imunização, programa de alto custo para tratamento de miomas e endometriose, com cirurgias realizadas na própria unidade.

A maternidade realiza em média 515 internações ao mês, distribuídas entre parturientes, gestantes e cirurgias eletivas. Atende integralmente à Lei 11.108/2005, que rege sobre o direito ao acompanhante durante o período do trabalho de parto, parto e puerpério. Todas as pacientes têm a garantia do direito ao acompanhante assegurado, independente do diagnóstico. É conveniada à Rede Cegonha<sup>3</sup>, projeto do governo federal, e vem implementando mudanças significativas em seu modelo de assistência, visando a adequar suas práticas ao atendimento humanizado e digno.

Entre as realizações relevantes implementadas, estão a consolidação da assistência ao parto em leitos PP, com bolas e cavalinhos para cada leito, assim como poltrona para o acompanhante; o aumento na taxa de assistência ao parto com critérios para realização de episiotomia; a testagem rápida de HIV (Vírus da Imunodeficiência Humana) e Sífilis; a triagem neonatal (teste do olhinho e da orelhinha); a realização do teste do pezinho para aqueles que retornam à unidade e para os que estão internados. Todos os recém-nascidos recebem a imunização para BCG e Hepatite B nas primeiras horas de vida.

---

<sup>3</sup>A Rede Cegonha é uma estratégia do Ministério da Saúde, operacionalizada pelo SUS, fundamentada nos princípios da humanização e assistência, que tem como objetivos novo modelo de atenção ao parto, nascimento e à saúde da criança, rede de atenção que garanta acesso, acolhimento e resolubilidade e redução da mortalidade materna e neonatal. É uma Rede de cuidados que assegura às mulheres o direito de planejamento reprodutivo, atenção humanizada à gravidez, parto e puerpério e às crianças o direito ao nascimento seguro, crescimento e desenvolvimento saudáveis (BRASIL, 2011).

Ainda no que diz respeito às realizações desta instituição, destaca-se também a elaboração do Protocolo de Boas Práticas; a consolidação das práticas de humanização da assistência; a implantação do atendimento com classificação de risco, realizado por enfermeiras que após ouvirem a queixa principal da paciente a classificam de acordo com o protocolo do serviço; a implantação parcial do atendimento a pacientes em situação de violência, com instalação de protocolo e treinamento das equipes de assistência de forma multidisciplinar.

A maternidade tem desenvolvido atividades de treinamento e aperfeiçoamento da equipe de enfermagem, entre as quais curso de capacitação para a equipe de enfermagem, preconizado pelo Ministério da Saúde para a redução da mortalidade materno-infantil (20 Técnicas); curso de capacitação na assistência ao recém-nascido prematuro de baixo peso (método canguru); curso de capacitação e treinamento junto com laboratório para enfermeiras (os) para teste rápido de Sífilis e HIV, com elaboração de termo de consentimento livre e informado, já publicado no Diário Oficial; oficina de capacitação para o atendimento a mulheres em situação de violência.

Vale ressaltar que a instituição visa ao treinamento das equipes para o atendimento de pacientes em situação de violência sexual, objetivando boas práticas de prevenção à gravidez e às doenças sexualmente transmissíveis.

A escolha por esta instituição se deveu ao fato de a mesma ter sido cenário de trabalhos de pesquisa e extensão realizados por docentes de graduação, docentes e discentes de Mestrado e Doutorado da Escola de enfermagem da UFBA, ligados principalmente aos seguintes grupos de pesquisa vinculados ao CNPQ: Grupo de Estudos sobre Saúde da Mulher (GEM) e Grupo de Pesquisa Violência, Saúde e Qualidade de vida.

A maternidade tem convênio com a Escola de Enfermagem da Universidade Federal da Bahia (UFBA), sendo um espaço utilizado para o desenvolvimento de atividades de pesquisa e extensão (Doutorado, Mestrado e Graduação), servindo também como campo de estágio para alunos da graduação e pós-graduação.

### 3.2.3 Descrição das atrizes

O número de mulheres - que denominamos de atrizes<sup>4</sup> -, a participarem do estudo foi definida por inclusão progressiva, que é interrompida pelo critério de saturação (MINAYO

---

<sup>4</sup>Denominamos de atrizes, as entrevistadas do estudo, pois o sociólogo Michel Maffesoli compara o vivido a um teatro, o qual o mesmo chama de a teatralidade da vida, compreendendo que a proposta da sociologia compreensiva é “descrever o vivido naquilo que é/está, contentando-se assim em discernir visadas de distintos atores envolvidos” (MAFFESOLI, 2010, p.30).

et al., 2010). A pesquisa foi composta por 15 mulheres que sofreram violência doméstica e estavam internadas no alojamento conjunto de uma maternidade pública localizada em Salvador, em período de pós-parto.

As mulheres escolhidas para a pesquisa sofrem ou sofreram violência doméstica na gestação. As que não vivenciaram a violência doméstica na gestação e que apresentaram intercorrências obstétricas serviram como critério de exclusão.

Uma das mulheres convidadas a participar do estudo aceitou em um primeiro momento, mas desistiu, por não conseguir falar sobre a sua história de violência, afirmando apenas com gestos ter sofrido a violência sexual. Nós a orientamos a que fosse acompanhada no Centro de Referência Loreta Valadares.

A maioria das atrizes tinha entre 16 e 41 anos; sete delas (46,7%) eram jovens entre 15 e 24 anos. Das 15 atrizes, 14 são da raça negra, a maioria se declarou preta ou parda(14). Com relação ao nível de escolaridade, tivemos os seguintes resultados: primário (1), fundamental incompleto (4), fundamental completo (2), médio completo (6), médio incompleto (1) e superior (1); Quanto ao estado civil, nove declararam união estável, quatro eram solteiras e duas casadas. 73% informaram ser financeiramente dependentes (11) e apenas 4 financeiramente independentes. No que diz respeito às profissões, 7 eram autônomas, 1 tinha emprego fixo,6 estavam desempregadas e 1 era estudante.

### 3.2.4 Aproximação com o cenário e as atrizes da pesquisa

As visitas diárias à maternidade (nas unidades de alojamento conjunto e no ambulatório) possibilitaram a interação com os profissionais de saúde e mulheres internadas, ocasião em que buscamos conhecer o dia-a-dia no espaço/tempo do cenário da pesquisa.

Na maternidade, são realizados encontros semanais com as puérperas internadas, com a abordagem de temas diversos voltados à saúde das mesmas, bem como temas ligados à saúde do recém-nascido. Esta atividade é uma realização promovida por um grupo de profissionais (enfermeira, assistente social, odontóloga) da referida maternidade, em que também participa a academia.

Nestes encontros, foram compartilhadas as dúvidas e experiências nos cuidados com o recém-nascido, nos cuidados pós-parto. Também dirimimos as dúvidas a respeito de amamentação, planejamento familiar e abordamos a temática da violência, tornando esses encontros momentos de acolhimento para as mulheres, compreensão do tema,

conhecimento da rede de atendimento para mulheres em situação de violência doméstica e possibilitando espaço para a escuta sensível do cotidiano de cada uma. A partir daí, foi possível mergulhar nas histórias das puérperas.

Durante as visitas diárias, foi possível observar que a presença dos companheiros limitava a participação das mulheres nas conversas, sendo perceptível, nos olhares de cada uma delas, o desejo e a necessidade de falar. Nestes momentos, percebemos, também, a dificuldade das mulheres em expressar a vivência pelo trauma e o medo de mergulhar no vivido trágico, medo de buscar a rede de atendimento, com a negação em aceitar o contato para a procura dos serviços. Medo que limita, que paralisa.

Algumas mulheres permaneceram mais tempo internadas pelo uso de medicação, em cumprimento ao protocolo de tratamento para Sífilis, bem como os recém-nascidos. Por meio das visitas, construímos elos com as puérperas, que expressaram seus sentimentos de preocupação com a casa, com os outros filhos e a angústia da espera pela alta do recém-nascido, elos que favoreceram os laços de confiança.

Entretanto, encontramos dificuldades na realização de uma entrevista que não foi permitida pelo companheiro. Percebemos, em outras situações negadas, a intimidação causada pela presença do companheiro. Assim sendo, para a aproximação com estas puérperas buscamos abordá-las nos momentos em que o companheiro não a estivesse acompanhando.

Passamos a ser conhecidas, e a aproximação com as puérperas promovendo diálogos possibilitou conhecer algumas experiências do seu dia-a-dia nos espaços vividos. Ao penetrarmos, pois, nas unidades de internamento, com o compartilhamento das experiências do cotidiano das mulheres, estabelecemos uma ponte, que possibilitou mergulhar no mundo vivido das puérperas.

### 3.2.5 Aspectos Éticos da Pesquisa

O projeto foi encaminhado para uma Comissão de Ética em Pesquisa, seguindo os referenciais básicos de autonomia, não maleficência, beneficência e justiça e os aspectos éticos, segundo o disposto na Resolução 466 de 12/12/2012 do Conselho Nacional de Saúde (CNS) (BRASIL, 2012): esta consiste em diretrizes e normas que regulamentam as pesquisas envolvendo seres humanos. O projeto foi aprovado pelo Comitê da Escola de Enfermagem da Universidade federal da Bahia, parecer nº 384.219, registro CEP: CAAE 20732913.3.0000.5531, em 04/09/2013.

Informamos às entrevistadas a respeito do objetivo da pesquisa, da justificativa e da relevância do estudo. Solicitamos a permissão delas para gravação das entrevistas, garantindo o direito de escolha de participar ou não da pesquisa, o anonimato e o sigilo, a fim de assegurar a privacidade dos sujeitos com relação às informações confidenciais fornecidas para o estudo. Garantimos a elas o direito de participar ou de desistir da pesquisa em qualquer etapa. Elas também foram orientadas para o fato de que não haveria benefícios financeiros para nenhuma das partes e de que as informações fornecidas seriam confidenciais, de modo que as falas não permitiriam identificar os sujeitos.

Informamos ainda que o resultado da pesquisa será divulgado em meio acadêmico e científico através de apresentações em eventos e da publicação de artigos científicos em revistas, bem como na referida comunidade e em instituições que atendam a pessoas em situação de violência.

Depois de aceitarem participar do estudo, solicitamos às mulheres uma autorização por escrito, por meio do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) (APÊNDICE A), onde constam as questões éticas baseadas na Resolução 466/12. No sentido de preservar o anonimato, foram escolhidos nomes fictícios para as atrizes.

### 3.2.6 Estratégia de coleta de dados

As visitas às mulheres no alojamento conjunto foram realizadas diariamente pelo período de um turno, manhã ou tarde. Nos encontros com as puérperas, procurávamos ouvir cada uma delas, buscando conhecer a vivência do cotidiano: era um momento de aproximação e primeiro contato com as atrizes.

Desenvolvemos o cuidar, na amamentação, na limpeza do coto umbilical do recém-nascido e nas orientações sobre o cuidado; além disso, relatávamos as suas queixas (dores, curativos cirúrgicos, entre outros) para a equipe de enfermagem de plantão, o que permitia uma maior aproximação e segurança.

Nos pequenos detalhes do dia-a-dia na maternidade foi possível, pois, compreender a singularidade de cada ser, com sua subjetividade, em suas vidas, em suas relações consigo mesmas e com o outro nos espaços envolvidos. É nesses espaços que as puérperas interagem, em uma rede de relações complexas, com significados a serem revelados pelo cotidiano. Há uma vida que a um simples olhar pode ser percebida nas pequenas ações.

Com os encontros no alojamento conjunto, formaram-se os laços de confiança que favoreceram o desvelamento das situações de violência vivenciadas pelas atrizes. A partir

daí, fizemos o convite para que elas participassem da entrevista individual, semiestruturada, em uma sala reservada da instituição. Em muitos momentos, respeitamos o estado de desconforto em que as puérperas se encontravam e agendamos a entrevista para outro dia.

A coleta de dados foi realizada durante um período de quatro meses. Foram quinze entrevistas, utilizando-se como instrumento de coleta de dados um formulário estruturado (Apêndice B) e posteriormente um roteiro para entrevista, semi-estruturado (Apêndice C), contendo as questões:

- Fale sobre a vivência da violência doméstica em seu cotidiano (dia-a-dia)
  - Antes da gravidez;
  - Durante a gravidez;
  - Após a gravidez.

A pesquisa social possui diversas técnicas, entre as quais a entrevista, que possibilita uma maior interação entre o pesquisador e o pesquisado. A formulação de perguntas ao entrevistado tem o objetivo de coletar informações com o intuito de possibilitar resolver o problema da pesquisa em determinado estudo (AGUIAR; MEDEIROS, 2009). Segundo Gil (1999, p.177), “é a técnica em que o investigador apresenta ao investigado e lhe formula perguntas, com o objetivo de obtenção dos dados que interessam à investigação”. Em se tratando da entrevista semiestruturada, Gil (1999:120) afirma que “o entrevistador permite ao entrevistado falar livremente sobre o assunto e, quando este desvia do tema original, esforça-se para a sua retomada”.

As entrevistas foram gravadas e transcritas; posteriormente, o conteúdo era apresentado à orientadora para ser discutido, no sentido de melhor compreender o processo de viver no cotidiano das mulheres em um contexto de violência doméstica. Uma das entrevistas foi retomada com a atriz, para melhor esclarecimento da fala.

O momento da entrevista foi aquele em que as mulheres se sentiram seguras para desvelar os seus sentimentos mais profundos, calados pela falta de confiança, de apoio, e que foi possível serem resgatados pela escuta sensível. Estes momentos foram marcados por choros, silêncio, sorrisos, preocupação e medo, causada presença do agressor como acompanhante, pela culpa, pela vergonha. Nesses instantes de compartilhamento, as mulheres expressamos sentimentos, e aí tivemos a percepção da sensação de alívio, pelo rompimento do silêncio, o que nos levou a entender o ser mulher neste mundo vivido.

As atrizes foram acolhidas pela escuta sensível, e ao se permitir falar emerge a sensação de liberdade mostrando a compreensão da vivência do trágico. E o que fazer desse trágico? Esse espaço nos levou a falar sobre possibilidades de serviços da rede de atendimento para as mulheres que sofrem violência doméstica como caminhos para pensar na possibilidade de mudança.

### 3.2.7 Análise dos dados

Inicialmente, foram realizadas leituras e releituras das entrevistas, no sentido de compreender as falas das mulheres, que trouxeram à tona as suas experiências cotidianas para a organização dos dados, com a formação das conjunções configuradas pelas interações que apareceram.

Os dados foram classificados e organizados para a análise seguindo o cruzamento de ideias, sentimentos, significados, a fim de construir as conjunções que emergiram do encontro com as mulheres. Com as interações, cinco foram as conjunções formadas: **Quotidiano de mulheres que vivenciaram a violência na infância; Quotidiano de adolescentes que vivenciaram a violência doméstica; Quotidiano de mulheres que vivenciam a violência conjugal; Quotidiano de mulheres que vivenciam a violência doméstica na gestação e Enfrentamento e possibilidades de mudanças no cotidiano de mulheres que vivenciam a violência doméstica**. As conjunções foram construídas a partir da interação estabelecida entre o observador, o objeto do estudo e a análise dos dados, interposta pelo objeto e pelo objetivo do estudo, à luz do referencial teórico epistemológico e metodológico de Michel Maffesoli da Sociologia Compreensiva do Quotidiano, sendo consideradas as questões de gênero e violência doméstica.

A Sociologia Compreensiva é utilizada como referencial teórico para estudos porque possibilita a reflexão e compreensão dos questionamentos realizados na pesquisa, norteando-os com uma análise subjetiva e permitindo apreender os sentidos constituídos socialmente pelas mulheres em situação de violência doméstica, assim delineando o caminho para alcançar o objetivo proposto da pesquisa.

## 4 APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS RESULTADOS

### 4.1 CARACTERÍSTICAS SOCIODEMOGRÁFICAS, GINECO-OBSTÉTRICAS E VIVÊNCIA DA VIOLÊNCIA DOMÉSTICA.

No que tange aos resultados do estudo, a tabela 1 apresenta as características sociodemográficas das 15 puérperas entrevistadas.

TABELA 1 – Características sociodemográficas das 15 puérperas que vivenciam a violência doméstica, Salvador, 2014.

Características Sociodemográficas	Puérperas	
	N	%
Idade		
16 e 24 anos	<b>07</b>	<b>46,70</b>
25 e 35 anos	04	26,70
36 e 41 anos	04	26,70
Raça/Cor		
Preta	<b>09</b>	<b>60,00</b>
Parda	05	33,30
Amarela	01	6,70
Escolaridade		
Primário	01	6,70
Ensino Fundamental Incompleto	<b>04</b>	<b>26,70</b>
Ensino Fundamental Completo	02	13,30
Ensino Médio Incompleto	02	13,33
Ensino Médio Completo	<b>05</b>	<b>33,30</b>
Ensino Superior Completo	01	6,70
Religião		
Cristã	01	6,70
Católica	02	13,30
Evangélica	<b>07</b>	<b>46,70</b>
Testemunha de Jeová	03	20,00
Não tem religião	02	13,30
Estado Civil		
Casada/união estável	10	<b>66,70</b>
Solteira	05	33,30
Ocupação/Profissão		
Dona de casa	03	20,00
Estudante	01	6,70
Autônomas	07	46,70
Emprego fixo	01	6,70
Desempregada	03	20,00
Dependência Financeira		
Dependentes	11	<b>73,30</b>
Independentes	04	26,70
<b>Total</b>	<b>15</b>	<b>100</b>

Fonte: Dados da pesquisa, 2014.



Quanto as características sociodemográficas, a maioria das atrizes apresentaram idade entre 16 e 41 anos; vale ressaltar que sete (46,7%) encontravam-se na faixa etária de jovens entre 16 e 24 anos. A maioria se declarou pretas ou pardas (14), quanto ao grau de escolaridade: primário (1), fundamental incompleto (4), fundamental completo (2), médio completo (6), médio incompleto (1) e superior (1); com relação ao estado civil: nove declararam estarem em união estável, quatro solteiras e duas casadas. 73% informaram serem dependentes financeiramente (11) e independentes financeiramente (4). Com relação às profissões: autônomas (7), emprego fixo (1), desempregadas (6), estudante (1).

TABELA 2 –Características Gineco-obstétricas das 15 puérperas que vivenciam a violência doméstica, Salvador, 2014.

Características Gineco-obstétricas	Puérperas	
	N	%
<b>Início da Relação Sexual</b>		
10 e 11 anos	<b>04</b>	<b>26,70</b>
12 e 16 anos	<b>11</b>	<b>73,30</b>
<b>Número de Gestações</b>		
Uma	04	26,70
Duas e três	06	64,40
Mais de três	05	33,30
<b>Início Pré-Natal</b>		
Primeiro Trimestre	06	43,00
Segundo Trimestre	<b>07</b>	<b>50,00</b>
Terceiro Trimestre	02	17,00
<b>Intercorrências Obstétricas</b>		
Anemia crônica	05	33,30
Infecções do trato urinário	04	26,70
Vulvovaginite	03	6,85
Ameaça Aborto	02	17,00
Parto Prematuro	02	17,00
Hemorragias	03	20,00
Doenças Hipertensivas	03	20,00
Doenças Sexualmente Transmissíveis	06	64,40
<b>Total</b>	<b>15</b>	

Fonte: Dados da pesquisa, 2014.

No que se refere às informações gineco-obstétricas: um número maior de mulheres (9) iniciou a relação sexual entre os 13 e 16 anos; no que diz respeito ao número de gestações, cinco informaram que tiveram mais que três gestações (multigesta). Com relação ao início da realização do pré-natal: cinco iniciaram dentro do padrão recomendado pelo Ministério da Saúde (primeiro trimestre), enquanto nove realizaram fora do padrão

(segundo e terceiro trimestre) e uma não realizou. Em relação às intercorrências obstétricas foram apontadas: anemia crônica (5), infecções do trato urinário (5), vulvovaginite (4), parto prematuro (3), ameaça de aborto (2), hemorragias (3), doenças hipertensivas (3) e doenças sexualmente transmissíveis (DST) (6), sendo que cinco estavam em tratamento pela infecção por Sífilis.

TABELA 3 – Vivência de violência doméstica, Salvador, 2014

Vivência de violência doméstica	N	Puérperas
		%
Expressão da violência doméstica		
Física	10	66,70
Psicológica	15	100,00
Sexual	04	26,7
Moral	15	100,00
Patrimonial	07	53,30
Total	15	

Fonte: Dados da pesquisa, 2014.

Com relação à vivência da violência doméstica, as expressões mais citadas foram: psicológica (100%), enquanto quatorze (93%) informaram situação de violência física e sete vivenciaram a violência sexual. Como principal agressor, a maioria (93%) respondeu ser o companheiro/ex-companheiro.

#### 4.2 APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DAS CONJUNÇÕES

Apresentamos as cinco conjunções que emergiram do encontro com as atrizes, com o entrelaçamento das noções: **“Quotidiano de mulheres que vivenciaram a violência na infância; Quotidiano de adolescentes que vivenciaram a violência doméstica; Quotidiano de mulheres que vivenciam a violência conjugal; Quotidiano de mulheres que vivenciam a violência doméstica na gestação e Enfrentamento e possibilidades de mudanças no cotidiano de mulheres que vivenciam a violência doméstica”**. Assim, destas cinco conjunções construímos cinco artigos, que encaminharemos para os periódicos.

Da conjunção: **“Quotidiano de mulheres que vivenciaram a violência na infância”**; emergiu uma categoria: *o vivido trágico na infância*” apresentada no primeiro artigo.

Da conjunção: **“Quotidiano de adolescentes que vivenciaram a violência doméstica”** emergiram as seguintes categorias: *o trágico vivido da violência sexual; o vivido na relação*

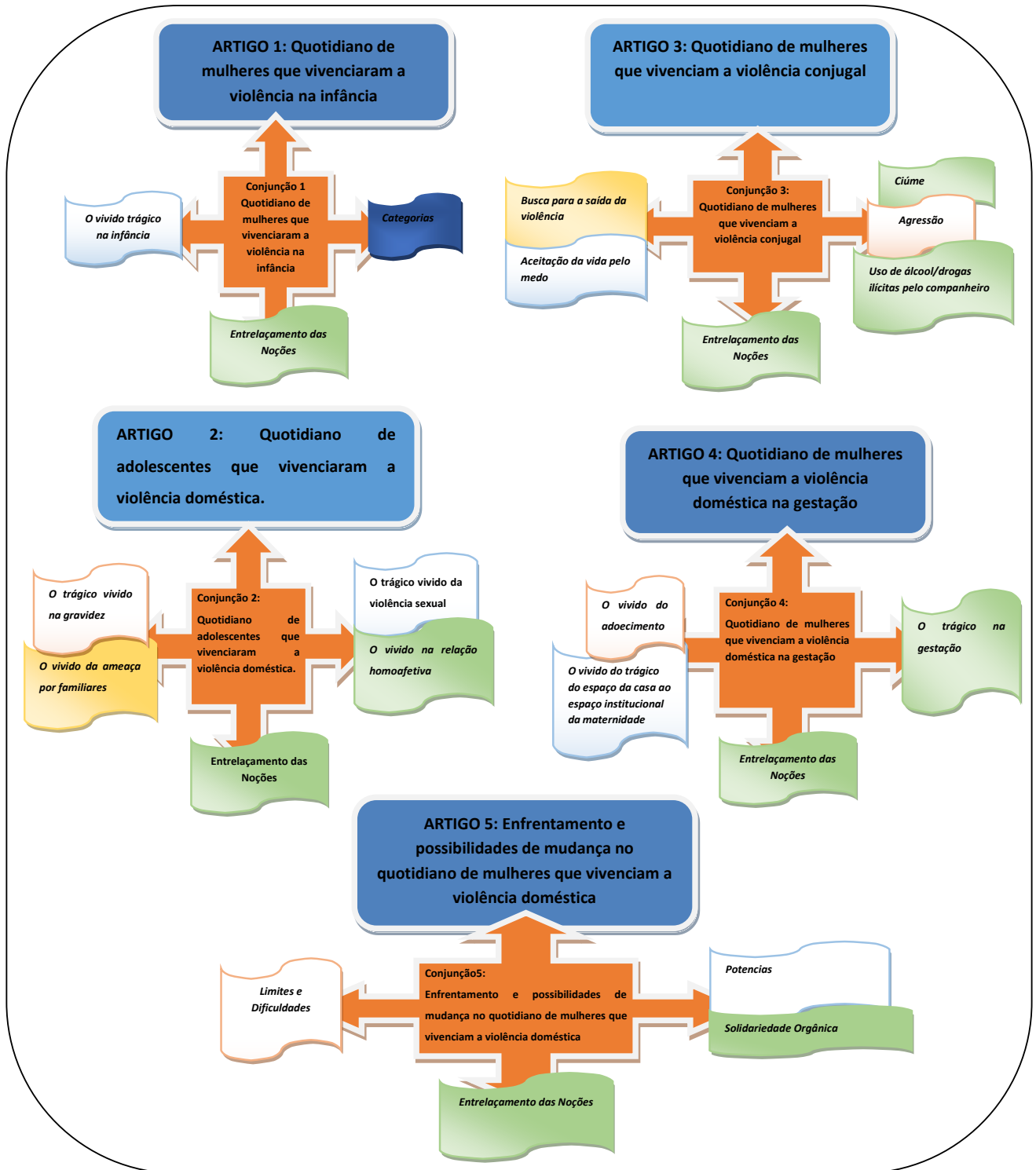
*homoafetiva; o trágico vivido na gravidez; o vivido da ameaça por familiares*, apresentadas no segundo artigo.

Da conjunção: “Quotidiano de mulheres que vivenciam a violência conjugal” emergiram as categorias: *ciúme, agressão, aceitação da vida pelo medo, uso de álcool/drogas ilícitas pelo companheiro, busca para a saída da violência*, apresentadas no terceiro artigo.

Da conjunção: “Quotidiano de mulheres que vivenciam a violência doméstica na gestação” emergiram as categorias: *o trágico na gestação; o vivido do adoecimento; o vivido do trágico do espaço da casa ao espaço institucional da maternidade*, apresentadas no quarto artigo.

Da conjunção: “Enfrentamento e possibilidades de mudanças no cotidiano de mulheres que vivenciam a violência doméstica” emergiram as categorias: *Limites e Dificuldades, Solidariedade Orgânica e Potencias*, apresentadas no quinto artigo.

Figura 1: Diagrama ilustrativo da construção dos artigos



Fonte: Dados de pesquisa de 2014.

#### 4.2.1 Quotidiano de mulheres que vivenciaram a violência na infância

O artigo “Quotidiano de mulheres que vivenciaram a violência na infância” foi elaborado seguindo as instruções a(o)s autora (e) s para publicação e apresentação a (o) s editor (e) s do periódico Revista da Escola de Enfermagem da Universidade de São Paulo (USP) disponíveis no link: <http://http://www.ee.usp.br/site/Index.php/paginas/mostrar/1419/2094/147>. Acesso em Janeiro de 2015.

## QUOTIDIANO DE MULHERES QUE VIVENCIARAM A VIOLÊNCIA NA INFÂNCIA<sup>1</sup>

### DAILY LIFE OF WOMEN WHO EXPERIENCED VIOLENCE IN CHILDHOOD

### COTIDIANO DE MUJERES QUE VIVIERON ON VIOLENCIA EN LA INFANCIA

Adriana Diniz Rodrigues<sup>2</sup> Normélia Maria Freire Diniz<sup>3</sup>

<sup>1</sup>Trabalho extraído da Tese “Quotidiano de Mulheres que Vivenciam a Violência Doméstica” do Programa de Pós-Graduação da Escola de Enfermagem da Universidade Federal da Bahia (PPGENF/UFBA). Salvador, Bahia, Brasil.

<sup>2</sup>Doutoranda em Enfermagem pela Escola de Enfermagem da Universidade Federal da Bahia (PPGENF/UFBA). Salvador, Bahia, Brasil. Integrante do Grupo de Pesquisa Violência, Saúde e Qualidade de Vida. Bolsista da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES). E-mail: adrianadiniz@gmail.com.

<sup>3</sup>Doutora em Enfermagem. Professora Associada IV pela Escola de Enfermagem da Universidade Federal da Bahia. Líder do Grupo de Pesquisa Violência, Saúde e Qualidade de Vida. Orientadora da Pesquisa. E-mail: normeliadiniz@gmail.com.

Endereço do autor responsável pela correspondência:

Adriana Diniz Rodrigues. Rua Bicuíba, 1412/503. Patamares. CEP: 41680-050. Salvador, BA. E-mail: adrianadiniz@gmail.com. Telefone: (71) 9126-3008.

#### Resumo

Buscamos aqui compreender o cotidiano de mulheres que vivenciaram a violência na infância. Trata-se de um estudo descritivo com abordagem qualitativa, tomando por base a proposta teórica, epistemológica e metodológica do sociólogo francês Michel Maffesoli. A pesquisa foi realizada em uma maternidade pública pertencente à Secretaria de Saúde do Estado da Bahia (BA), localizada em Salvador. As entrevistadas foram 15 puérperas que vivenciaram violência doméstica e estavam internadas no Alojamento Conjunto. A coleta ocorreu pela entrevista com formulário semiestruturado e uso do gravador, entre maio e setembro de 2014. O cotidiano de mulheres é marcado por vivências de violência na infância. As relações familiares estão construídas acima de uma vivência cotidiana de maus-tratos, as crianças estando vulneráveis às situações de violência nos contextos familiar e escolar. É preciso que haja o acolhimento, por parte das políticas públicas, instituições ou espaços sociais, para que se enfrente a situação de violência no cotidiano, fazendo valer as leis de proteção.

**Descritores:** Violência doméstica. Saúde da Mulher. Enfermagem. Saúde da criança. Atividades Cotidianas.

#### Abstract:

We seek here to understand the daily life of women who experienced violence in childhood. It is a descriptive study with a qualitative approach, based on the theoretical, epistemological and methodological proposal of the French sociologist Michel Maffesoli. The survey was conducted in a public hospital belonging to the Department of Health of the State of Bahia (BA), located in Salvador. The interviewed were 15 new mothers who experienced domestic violence and were admitted in the Communitarian Lodging. Data were collected by semi-structured interview form and use of recorder, between May and

September 2014. The women's daily life is marked by experiences of violence in childhood. Family relationships are built upon a daily life experience of abuse, children being vulnerable to situations of violence in the family and school contexts. There needs to be fostering, by public policies, institutions or social spaces, in order to face the situation of violence in everyday life, enforcing the protection laws.

**Descriptors:** Domestic violence. Women's Health. Family. Child health. Daily Life Activities.

**Resumen:**

Buscamos aquí comprender el cotidiano de mujeres que vivieron violencia en la infancia. Se trata de un estudio descriptivo con abordaje cualitativa, tomando por base la propuesta teórica, epistemológica y metodológica del sociólogo francés Michel Maffesoli. La investigación fue realizada en una maternidad pública perteneciente a la Secretaría de Salud del Estado de Bahia (BA), localizada en Salvador. Las entrevistadas fueron 15 puérperas que vivieron violencia doméstica y estaban internadas en el Alojamiento Conjunto. La colecta ocurrió por entrevista con formulario semiestructurado y uso del grabador, entre mayo y setiembre de 2014. El cotidiano de mujeres está marcado por vivencias de violencia en la infancia. Las relaciones familiares están construidas encima de una vivencia cotidiana de malos tratos, los niños estando vulnerables a las situaciones de violencia en los contextos familiar y escolar. Es necesario que haya acogimiento, por parte de las políticas públicas, instituciones o espacios sociales, para que se enfrente la situación de violencia en el cotidiano, haciendo valer las leyes de protección.

**Descriptor:** Violencia doméstica. Salud de la mujer. Familia. Salud del niño. Actividades Cotidianas.

**Introdução**

A violência contra a criança constitui um grave problema de saúde pública e requer a atenção das políticas públicas, no sentido de subsidiar a prevenção contra riscos para a saúde e a sua proteção. O Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), em seu artigo 5º, dispõe que “nenhuma criança ou adolescente será objeto de qualquer forma de negligência, discriminação, exploração, violência, crueldade e opressão, punido na forma da lei qualquer atentado, por ação ou omissão, aos seus direitos fundamentais.”<sup>1</sup>

A violência contra a criança é, pois, um problema inerente à sociedade, que até hoje existe, constituindo uma grave violação de direitos na medida em que nega esta liberdade, dignidade, respeito e a oportunidade de crescer e se desenvolver em condições saudáveis.<sup>2</sup>

O Brasil apresenta altos índices de violação dos direitos das crianças e dos adolescentes, sendo o abandono, o trabalho precoce e a exploração sexual as formas mais encontradas.<sup>3</sup>

A violência se dá nas relações de poder, que surge quando há enfraquecimento da força coletiva, presente no corpo social. É possível, pois, identificar a força e a violência sobre a ação do poder.<sup>4</sup> Desse ponto de vista, o cotidiano é permeado pelas relações de poder entre homens e mulheres, possibilitando a violência intergeracional ocasionada pela

vivência dos filhos no espaço do convívio doméstico.

Deste modo, a violência familiar atravessa os tempos e constitui uma relação historicamente construída a partir das relações de poder, gênero, etnia e classe social, isto é, uma expressão extrema de distribuição desigual de poder entre homens e mulheres, distribuição desigual de renda, discriminação racial e de religião.<sup>5</sup>

O convívio de crianças com ambientes violentos e de relações familiares em conflito produzem impactos em sua saúde, ocasionando sofrimento físico e psíquico, o que corrobora as consequências negativas destas situações para as trajetórias de desenvolvimento dos jovens.<sup>6</sup>

Em outras palavras, eventos de violência no contexto familiar vêm sendo apontados como prejudiciais para o desenvolvimento da criança, fatores condicionantes para alterações de comportamento na infância.<sup>2</sup>

Segundo o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), disposta na Lei nº 8.069, de 13 de julho de 1990, considera-se criança, para os efeitos desta, a pessoa até doze anos de idade incompletos.<sup>1</sup>

A violência familiar é considerada “comum”, estando enraizada na sociedade, banalizada e naturalizada em nosso dia-a-dia e, assim, aceita no processo educativo familiar.<sup>7</sup> E, no entanto, a Lei nº 13.010, promulgada em 26 de junho de 2014 (Lei Bernardo), estabelece o direito da criança e do adolescente de ser educados e cuidados sem o uso de castigos físicos ou tratamento cruel ou degradante.<sup>8</sup>

O ambiente doméstico, que se espera ser aquele que as crianças consideram seguro, representa para muitas um espaço de ameaças, agressões, negligências. E este problema complexo é de difícil identificação, uma vez que ocorre no privado. Uma vez que existe ausência de acolhimento por parte das instituições ou espaços sociais, torna-se impossível romper as agressões costumeiras e, desse modo, mantém-se o silêncio em torno do problema.

Destacamos o fato de que as vulnerabilidades se manifestam em violência diária, nos contextos familiar e escolar, o que obriga crianças e adolescentes a se inserirem precocemente no mercado de trabalho e/ou no tráfico de drogas. Com vistas a enfrentar estes problemas, o governo instituiu o Estatuto da Criança e do Adolescente, além de programas sociais.<sup>9</sup> Mas para ampliar o combate a essas formas de violação, é necessário maior esforço por parte do poder público, tanto na repressão desses atos quanto nas campanhas de conscientização da sociedade para a gravidade da questão.<sup>3</sup>

O ECA ainda dispõe, no Artigo 7º, que “A criança e o adolescente têm direito a



proteção à vida e à saúde, mediante a efetivação de políticas sociais públicas que permitam o nascimento e o desenvolvimento sadio e harmonioso, em condições dignas de existência”. E é no seio familiar que as crianças e adolescentes devem ser acolhidos e que se deve proporcionar a eles um ambiente de confiança, de apoio, de proteção.<sup>1</sup>

E assim, em vistado agravamento do fenômeno da violência contra a criança, ressalta-se a importância da efetivação das leis já implantadas para a atuação de medidas preventivas que proteja essa criança e legitime seus direitos.

Face à importância que tem o tema e devido a seus altos índices e graves consequências para a saúde física e psicológica das crianças, este estudo tem como objetivo compreender o dia-a-dia de mulheres que vivenciaram a violência na infância.

## **Metodologia**

Optamos aqui por um estudo descritivo com abordagem qualitativa, com base nos pressupostos teóricos da sociologia compreensiva de Michel Maffesoli.

A Sociologia Compreensiva, “sugere compreender o vivido naquilo que é, contentando-se assim em discernir as visadas dos diferentes atores envolvidos”. Pretende compreender e não explicar o que se apresenta, isto é, os contornos, os limites, as necessidades das situações e das representações que constituem a vida cotidiana.<sup>10:30</sup>

O Cenário para o desenvolvimento do estudo foi uma Maternidade Pública pertencente à Secretaria de Saúde do Estado da Bahia (BA), localizada na cidade de Salvador.

O número de mulheres participantes do estudo foi definido por inclusão progressiva, que é interrompida pelo critério de saturação.<sup>11</sup> Foram 15 mulheres que sofreram violência doméstica internadas no alojamento conjunto de uma maternidade pública localizada na cidade de Salvador (BA) e que se encontravam no período de puerpério.

No intuito de captar de que forma as puérperas compreendiam o processo de viver no dia-a-dia em um contexto da violência doméstica, foram realizadas entrevistas com a questão norteadora “*Fale do seu cotidiano na vivência da violência doméstica*”, posteriormente gravadas e transcritas. Foi também utilizado um formulário semiestruturado contemplando aspectos sociodemográficos, ginecológicos e obstétricos, além de vivência de violência doméstica.

Os dados obtidos nas entrevistas foram classificados e organizados para a análise seguindo o cruzamento de ideias, significados e imagens, a fim de codificar e construir as

conjunções que emergiram do encontro com as mulheres. A análise destes dados foi feita à luz do referencial teórico-epistemológico e metodológico de Michel Maffesoli da Sociologia Compreensiva do Quotidiano, gênero e violência doméstica.

O projeto foi encaminhado para uma Comissão de Ética em Pesquisa, seguindo os referenciais básicos de autonomia, não maleficência, beneficência e justiça; os aspectos éticos adotaram o disposto na Resolução 466 de 12/12/2012 do Conselho Nacional de Saúde (CNS)<sup>12</sup>, que consiste em diretrizes e normas regulamentadoras das pesquisas envolvendo seres humanos. Tal projeto foi aprovado pelo comitê da escola de Enfermagem da Universidade Federal da Bahia, sob o parecer nº 384.219, em 04/09/2013.

## **Resultados e Discussão**

Com relação às características sociodemográficas, a maioria das mulheres apresentou idade entre 16 e 41 anos e se declarou preta ou parda, em união estável, tendo ensino médio completo; 73% informou depender financeiramente de alguém, sendo a maior parte do marido ou companheiro. No que diz respeito à vivência da violência doméstica, sobressaiu a violência psicológica (100%), enquanto quatorze delas (93%) relataram situação de violência física e sete sofreram violência sexual. Quanto ao agressor, a maioria (93%) citou o companheiro ou o ex-companheiro como o agressor principal, enquanto 40% mencionaram pai, mãe, madrasta, avó como responsáveis pelas agressões, o que caracterizaria a violência familiar.

Das falas das atrizes emergiu a conjunção *Quotidiano de mulheres que vivenciaram a violência na infância: o vivido trágico na infância*.

### ***O vivido trágico na infância***

Da imersão no mundo das mulheres, veio à tona a vivência de violência na infância como parte do cotidiano familiar.

A família se modificou no decorrer dos anos: novas configurações, fundamentadas em um formato estabelecido pelos membros que as constituem, surgiram. Nas falas a seguir, podem-se perceber as relações de violência no cotidiano familiar.

*A minha relação com meus pais foi difícil porque meus pais separaram muito cedo, eu tinha 4 anos de idade. Eu sou de Santo Amaro e minha mãe veio embora pra*

*Salvador. E eu fiquei sendo criada pelo meu pai porque meu pai ganhou a nossa guarda, minha e de minhas três irmãs, eu era a terceira. Então assim, eu fui criada com madrasta. A minha primeira madrasta não foi uma pessoa legal, maltratava muito a gente[...]. Batia na gente[...]. A gente passava hora de se alimentar por conta dela mesmo, porque ela não queria que a gente se alimentasse. Teve uma vez que ela cortou meu cabelo e de minha irmã bem curtinho parecendo cabelo de homem (E14).*

Ter vivenciado a separação dos pais, o afastamento da mãe e a presença da madrasta no dia-a-dia da família deu à criança uma história de sofrimento, juntamente com um sentimento de negligência e de maus-tratos. Nesse movimento de mudanças, este é um processo que a deixa frágil, incluída que está em uma nova relação com uma pessoa que não fazia parte do seu dia-a-dia e por quem não é acolhida, mas, ao contrário, submetida à situação de violência.

Em resumo, a violência no dia-a-dia das crianças é fruto da geração de abandonados pelas políticas públicas e pelas famílias onde os pais muitas vezes são substituídos por outros mais cruéis, ornando a vida do trágico.<sup>13</sup>

O trágico está por toda parte, mesmo no espaço das relações familiares, que supomos ser um ambiente de proteção e segurança. A violência está no ar, constituindo a tragédia da existência.<sup>14</sup>

A tragédia se mostra nas experiências da pluralidade da vida mundana, com os diferentes comportamentos e as diferentes relações e culturas, culminando em situação de violência. As diversas relações do mundo estão pautadas em uma construção social e cultural de família voltada para a pré-modernidade e a modernidade, regrada por uma sociedade com modelos rígidos, e que se mostra a experiência de uma criação severa.

Muitas vezes, o modelo de criação severa emerge nas relações intrafamiliares, nos modos de disciplinar os filhos, associados a formas de punição que envolvem a violência física e/ou psicológica e a negligência.<sup>15</sup>

Um estudo conduzido pela Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP) e pela Unidade de Pesquisa em Álcool e Drogas (UNIAD) nas regiões do Brasil, com objetivo de avaliar a prevalência da história de abuso físico e exposição à violência parental na infância, apresentou uma prevalência significativa da exposição à violência parental na infância (26,1%), sendo as mulheres mais sujeitas a uma maior severidade (21,2% contra 15,8% dos homens).<sup>16</sup>

Pesquisas realizadas mostraram que as mais elevadas chances de desenvolvimento de sintomatologia de Transtorno do Estresse Pós-Traumático estão associados à violência física severa perpetrada pela mãe.<sup>17</sup> Tais resultados apontam para as consequências significativas da violência na infância para a saúde das crianças e, posteriormente, para seu desenvolvimento na idade adulta.

O poder está estabelecido na família onde os pais são as figuras que exercem a autoridade. A imposição do dever ser permeia a sociedade, um exercendo poder sobre o outro, em uma rede de sentimentos de ódio, raiva, humilhações, que abrem espaço para a ocorrência de situações de violência. No que se refere ao ódio pelo mundo naqueles que se arrogam o poder de dizer o que o indivíduo e a sociedade “devem ser”, em muitos aspectos, assistimos à instauração de uma violência totalitária, que permitiu um deslizamento para uma sociedade mecânica a partir de uma lógica do dever ser, que ditava de que maneira convinha pensar, como seria adequado agir, em detrimento do dever de reconhecer o que é.<sup>18</sup>

Dessa forma, podemos refletir sobre o respeito ao outro, reconhecendo o que ele é e, posso acrescentar, como ele é, com todas as suas diversidades, principalmente quando falamos de crianças, que estão em processo de crescimento e desenvolvimento: são os pais ou quem quer que as criem os responsáveis pela sua formação e são eles também o ponto de referência a partir do qual elas agirão quando adultas.

O cotidiano nas relações familiares é marcado por atitudes de rejeição e por agressões físicas e psicológicas: ressaltamos que nessas relações a criança não somente presencia a violência conjugal experimentada pela mãe, mas também a sofre. Eis que estamos diante da violência doméstica ocasionada pelas relações de poder socialmente construídas, quando há uma autoridade representada pela figura do pai.

*Meu pai batia muito em minha mãe, aí minha mãe pegou e largou ele por causa disso. Eu tinha quatro anos, e meu irmão era recém-nascido [...] Até hoje eu lembro que ele tentou roubar meu irmão [...] Meu pai [...] Eu nem chamo ele de pai. Eu não gosto dele. Porque desde pequena, a minha mãe é minha mãe e meu pai. Porque ele não dava nada pra gente [...] Ele me batia porque ele gostava mais de meu irmão [...] porque ele gostava de homem e eu era menina. Eu ficava triste, chorava. (E12)*

Por esta fala se percebe que a cultura patriarcal está enraizada nas relações

familiares, deixando clara a dominação do homem sobre a mulher e a família pelo uso da violência e o fenômeno da violência presente no cotidiano das mulheres na infância. Há um misto complexo, em que as histórias humanas se desenvolvem no presente enraizado no passado, o da tradição. <sup>19</sup>

Nesse sentido, a violência ocorre pelas expressões de desigualdades baseadas na condição de sexo, que começa no universo familiar, onde as relações de gênero constituem o modelo de relações hierárquicas, ou seja, o controle mantido pela ordem patriarcal nas relações íntimas, evidenciando não apenas as desigualdades de poder, mas também a ameaça à integridade física, moral e psicológica das mulheres. <sup>20</sup>

A constituição da família e a construção social dos valores no espaço doméstico são fruto da cultura patriarcal. Os trabalhos de Norbert Elias, do próprio Michel Foucault ou os estudos de inspiração foucaultiana, esclareceram bem o lento processo de domesticação dos costumes levando à constituição do social, isto é, de um estar juntos singularmente mecanizado, perfeitamente previsível e essencialmente racionalizado.<sup>18</sup> De qualquer modo, foi justamente esse processo que regeu o nascimento de uma família cristalizada em sua estrutura nuclear.

A percepção da violência nos remete à ideia do poder de subjugar o outro, anular, usar a força contra alguém. <sup>21</sup> O termo relação de força, a aplicação de um sistema de forças ao outro, é, pois, frequentemente empregado ao se falar de uma situação de poder, qualificando muito bem a arte de governar.<sup>4</sup>

A violência psicológica, física e oestigmade ser negra afeta o dia-a-dia da criança, levando à rejeição do pai e a um conseqüente estado de depressão.

*[...] Meu pai sempre vivia dizendo que eu não era a filha dele, que eu não prestava, que eu ia dar pra ruim, e sempre ele jogava isso na minha cara todo dia. [...] Porque eu era preta e ele era branco [...] Ele já queria me botar pra fora de casa, quando eu era pequena... Eu fui a mais escura, porque eu puxei a minha avó [...] Eu era nova, devia ter uns sete a oito anos [...] Só sabia me xingar e dizer que eu não era a filha dele [...] Ele acabava brigando com minha mãe por causa de mim, batia nela. Às vezes eu tinha que separar também a briga deles [...] Eu me sentia muito mal, eu me sentia deprimida. Senti que não tinha razão de viver. (E10)*

A discriminação racial está presente no cotidiano da relação familiar, suscitando agressões do pai contra mãe e filha. Como é informado pela atriz, que diz: “Eu fui a mais

escura porque eu puxei a minha avó”.

Quem é subjugado pode receber marcas de raça, idade, classe, entre outras, modificando sua posição em relação àquela do núcleo familiar.<sup>20</sup>

Viver um cotidiano de violência na fase de formação e desenvolvimento da personalidade pode ter consequências para a formação psicológica do futuro adulto, a família sendo a base para o acolhimento na infância.

A família é considerada como sendo o primeiro grupo responsável pela tarefa socializadora, a principal influência norteadora do desenvolvimento da personalidade da criança e do adolescente.<sup>21</sup> Na Constituição da República Federativa do Brasil, no artigo 229, fica implícito que os pais têm o dever de assistir, criar e educar os filhos menores.<sup>12</sup>

Mostrou-se que o uso do álcool por familiares é um fator precipitante de conflitos familiares, podendo ser considerado potencializador da ocorrência de violência doméstica.

*Ele (pai) brigava e saía pra beber. Aí, quando voltava, vinha pra bater em minha mãe e ficavam brigando. Eu ficava chorando. Eu ia pra cima dele, pra ele não bater em minha mãe e ele me empurrava. (E12)*

O uso de álcool e outras drogas permeiam, portanto, o cotidiano da família. É importante ressaltar esta questão, pois o alcoolismo constitui um problema de saúde pública, que não apenas gera transtornos integrais ao indivíduo, mas também compromete a harmonia e a estabilidade no ambiente familiar, de trabalho e nas relações sociais, aumentando os índices de violência.<sup>22</sup>

Mergulhamos no vivido trágico nas relações familiares e o que veio à tona foi um cotidiano marcado pelo sofrimento causado pelo abandono dos pais na infância.

*Minha mãe me botou pra fora de casa por causa do marido dela [...] Eu não tinha uma boa relação com ele, porque ele espancava ela. Ele também era alcoólatra [...] Fui morar com a minha avó, depois ela morreu e eu tive que crescer sozinha, eu e Deus [...] Meu pai não me registrou porque foi um caso que minha mãe teve e nisso ela engravidou, pariu, e foi viver a vida dela curtindo [...] Eu fui criada à toa, na rua. (E5)*

Estas crianças, percebe-se, se encontram desprotegidas diante de uma lei que não é cumprida nem pela família nem pelo Estado.

No Estatuto da Criança e Adolescente, lê-se no artigo 4º: “É dever da família, da

comunidade, da sociedade em geral e do poder público assegurar a efetivação dos direitos referentes à vida, à saúde, à alimentação, à educação, ao esporte, ao lazer, à profissionalização, à cultura, à dignidade, ao respeito, à liberdade e à convivência familiar e comunitária”. E continua no artigo 98, afirmando que as medidas de proteção à criança e ao adolescente são aplicáveis sempre que os direitos reconhecidos nesta Lei forem ameaçados ou violados por ação ou omissão da sociedade ou do Estado; por falta, omissão ou abuso dos pais ou responsáveis.<sup>1</sup>

Dessa forma, em se tratando de uma prática no âmbito de um programa de governo que tem, entre seus eixos prioritários de ação, o fortalecimento dos vínculos familiares, a superação da violência contra crianças e adolescentes e a criação de redes de proteção, torna-se primordial a atuação junto à família.<sup>21</sup>

O vivido do trágico da violência sexual mostra a vulnerabilidade a que essas crianças estão expostas no dia-a-dia de suas infâncias. No abuso sexual, as relações de hierarquia adulto/criança estão presentes. O gênero e a idade assumem um papel importante nas relações de poder em que se baseia o ato violento: o mais forte domina o mais fraco, o adulto sobrepuja a criança.<sup>23</sup>

É perceptível a vulnerabilidade da criança quando existe uma relação de confiança com o agressor, alguém próximo, e com quem o infante imagina um elo do tipo pai/filho (a). Cria-se então um terreno fértil para a sedução e prática da violência sexual.

*Tinha um homem que eu considerava como pai. Que eu tinha oito anos [...]. Na primeira oportunidade, aí ele chegava a dizer que era louco por mim, que queria transar comigo, queria dar não sei quanto para ficar comigo [...]. (E1)*

*Eu desde pequena tive muitos vizinhos querendo me estuprar. Ficava me ameaçando direto. Eu pequenininha tinha um medo [...] Eu acho que ele era usuário de drogas. Eu tinha uns oito anos, acho que ele [...] Tinha uns trinta e tantos anos. Ele passava [...] Ficava pegando no órgão dele [...] Ficava me ameaçando que se eu falasse com alguém que ele ia me matar [...]. (E1)*

Percebemos que o mundo do vivido repousa em elos familiares, de confiança e cumplicidade, que ligam o sujeito a seu mundo, mas também a seus parceiros. Um sentido compartilhado do mundo emerge porque os indivíduos contam uns com os outros.<sup>24</sup> Assim, a confiança da criança no agressor favorece a aproximação, com a ideia de proteção.

Na violência intrafamiliar, o pai e o padrasto são considerados os principais abusadores. O abuso sexual contra crianças e adolescentes, porém, ocorre tanto no ambiente intra como extrafamiliar, o que demonstra a vulnerabilidade das crianças em relação aos adultos, geralmente pessoas próximas à vítima.<sup>23</sup>

A aproximação se dá, portanto, com base na confiança que as crianças têm quando estão em uma interação familiar, no cotidiano da qual, tudo acontece em uma espécie de claro-escuro.<sup>24</sup>

A liberdade sexual masculina, própria das culturas machistas, muitas vezes funciona como um instrumento de legitimação para a extrapolação de práticas nem sempre aprovadas socialmente, mas que, na percepção das pessoas, deixa passar a ideia de hierarquia entre os sexos, o homem tendo o poder de realizar tudo aquilo que deseja. Dessa forma, as relações hierarquizadas entre adultos e crianças aparecem como elemento legitimador da violência perpetrada contra os que sabem se defender menos.<sup>23</sup>

Diante da dominação de gênero, classe social e faixa etária, do ponto de vista histórico e cultural, as crianças se acham vulneráveis, o que fica evidente em sua dificuldade de resistir aos ataques do abusador, fatores que favorecem a ocorrência da violência sexual.<sup>5</sup>

A escola como cenário do vivido trágico mostrou a situação cotidiana de abandono das crianças.

*Eu nunca tive minha mãe pra me botar na escola, eu só escrevi meu nome porque uma vizinha me colocou na escola, eu já com treze anos [...] Quem me matriculou assim no ginásio foi a própria professora da escola que eu estudava. Na minha reunião dizia que não podia ir, não tinha ninguém pra ir. A minha professora deixava merenda pra eu merendar porque eu passei muita fome.(E5)*

*Muitas vezes eu tive que pedir a pessoas conhecidas para assinar por mim [...] (choro). O termo de responsabilidade do meu colégio. Porque eu era de menor, e não tinha familiares que poderia assinar (choro). (E11)*

Ressalta-se aqui a força de vontade que existe na criança, ao buscar apoio de conhecidos para, na falta do responsável, assumir esse papel, no sentido de adentrar o universo da escola.

Ao papel assumido pela professora e por pessoas conhecidas Maffesoli chama solidariedade orgânica. O ser humano é dotado de um tipo de solidariedade, chamada solidariedade mecânica (racionalidade) e também da sociabilidade, que corresponde à solidariedade orgânica, em que existe a preocupação com o não lógico, fundamentado no



prazer de estar juntos pelos laços afetivos.<sup>25</sup>

Entretanto, as ações e/ou omissões podem cessar, impedir, deter ou retardar o desenvolvimento pleno dos seres humanos, principalmente se esta violência for praticada contra crianças e adolescentes, por estes se acharem em condições peculiares de desenvolvimento, necessitando, portanto, de cuidado e proteção.<sup>5</sup>

O cenário da escola também é apresentado pelo vivido trágico como lugar de atos de racismo.

*[...] Eu parei de estudar porque eu tive problema na escola e não quis mais ir porque a diretora e o professor desfazia da minha cor, aí eu não quis mais ir pra escola. No caso, quando eu entrava na sala assim, toda vez que eu entrava na sala o professor me chamava de preta [...](E15).*

O racismo contribui muito para a vulnerabilidade das crianças, como se pode ver na fala sobre a vivência do preconceito na escola, quando o professor diferencia a aluna pelas suas características raciais e faz comentários pejorativos, levando-a a falhas na continuidade do aprendizado, com a evasão escolar, e tendo limitado o seu desenvolvimento.

Diante desta questão, as redes afetivas ocupam cada vez mais espaço na complexidade das megalópoles contemporâneas. Deste modo, o tribalismo se verificaquotidianamente para o melhor e para o pior, é preciso acrescentar, pois se a tribo é o penhor da solidariedade, é também a possibilidade de controle, podendo ser também a fonte do racismo e do ostracismo aldeão.<sup>26</sup>

As tribos são obrigadas a se ajustar, bem ou mal, entre elas.<sup>27:55</sup>Esse ajuste pode ser feito com violência, como são exemplo os diversos racismos e a indiferença, que talvez seja a forma mais difundida. Desse modo, o relativismo induzido pelo tribalismo, pela composição pluralista, estabelece a relação, que pode ser forçadas, violenta ou agressiva.<sup>19:55</sup>

O racismo é um julgamento de valor construído culturalmente e que faz parte da classe de crenças desenvolvidas através da socialização. Seria, assim, a manifestação comportamental do preconceito. A escola é considerada um dos lugares fundamentais para a construção da identidade do indivíduo desde a infância, mas é também um dos lugares em que o preconceito e a discriminação são também desenvolvidos e alimentados, pois reflete os processos sociais da sociedade em que o indivíduo está inserido.<sup>28</sup>

O valor da raça/racismo provém de sua construção sociológica e do domínio que possui no aparato ideológico, sendo seu conceito determinado pela estrutura global da sociedade e pelas relações de poder. Assim como qualquer ideologia, esconde algo não

proclamado, a saber, a relação de poder e dominação. E como realidade social e política, é uma categoria social de dominação e de exclusão.<sup>7</sup>

A ineficiência da escola enquanto espaço pode causar sérias dificuldades para atender às demandas, e acaba constituindo, muitas vezes, mais um espaço de exclusão, inscrevendo nessas crianças uma trajetória que as leva a serem coadjuvantes da própria história, privadas de condições dignas de existência.<sup>20</sup>

Aponta-se assim para o mundo racista em que vivem os negros, expostos à dominação, à exclusão pessoal, econômica e social, vivenciando situações de humilhação, submissão e inferioridade em decorrência de seu comportamento, cultura, corpo físico, que é o que determina um relacionamento social prejudicado.<sup>7</sup>

Medidas de proteção arroladas no ECA podem ser vistas como recursos oferecidos às pessoas para a superação de dificuldades sociais, econômicas, de saúde e educação, contribuindo para a interrupção de um quadro de violação de direitos das crianças e adolescentes.<sup>29</sup>

No entanto, a capacidade de pensar o elo estreito que une real/irreal, razão/sensibilidade, visível/invisível pode evitar o aviltamento do “comunitarismo”.<sup>19</sup> É, pois, com esse olhar e pensar que se pode evitar o aviltamento da cor da pele, o preconceito racial inerente à sociedade.

No vivido da violência nas relações familiares, o trabalho infantil é uma alternativa para subsistir.

*Eu e minha irmã começamos a trabalhar olhando criança, a gente tirava R\$ 250,00; aí deu pra alugar uma casa pra minha mãe. (E7)*

*Eu vim pra Salvador no intuito de trabalhar. Na época eu tinha doze anos [...] Tomava conta de criança na casa (não ganhava dinheiro) [...] Eles (patrões) me agrediam [...] por palavras [...] racismo [...] e achava que eu não deveria ter a oportunidade de estudar. (E11)*

O trabalho precoce faz parte do cotidiano das crianças como forma de sobrevivência. Desse modo, nós nos deparamos com as iniquidades sociais (BRASIL, 2008) como fruto das desigualdades na sociedade.

O artigo 227 da Constituição Federal de 1998 afirma, no inciso 3º, que o direito à proteção especial abrangerá os seguintes aspectos: – idade mínima de quatorze anos para admissão ao trabalho, observado o disposto no art. 7º, XXXIII.<sup>1</sup> Percebe-se, no entanto, que

não há o cumprimento da lei disposta acima, já que o trabalho infantil está presente no cotidiano dessas crianças, que deveriam estar sendo protegidas e não expostas, como nas experiências relatadas, além de estarem sendo agredidas pelos familiares.

O trabalho infantil pode causar danos, sobretudo no que diz respeito à escolaridade, acarretando defasagem escolar, atraso na formação e na futura inserção profissional.<sup>30</sup>

É assim que nos defrontamos com a pobreza no mundo vivido, remetendo à busca pela subsistência. O ordenamento hierárquico da sociedade, que mostra as desigualdades sociais, pode ser compreendido como o jogo da diferença, situação em que se vive a violência social.<sup>4</sup>

### **Considerações finais**

A pesquisa mostrou que o cotidiano de mulheres é marcado por vivências de violências na infância, levando a vida ao trágico. As relações familiares estão constituídas por um vivido no dia-a-dia de maus-tratos, estando as crianças vulneráveis às situações de violência nos contextos familiar e escolar.

A tragédia vivida pelas mulheres na infância é apresentada na forma de violência física, psicológica, sexual e no trabalho infantil; o uso do álcool pelo agressor é considerado fator de risco para a ocorrência da violência doméstica. Esses elementos do trágico, que é o vivido da violência, são limitadores e dificultam o processo de desenvolvimento do indivíduo.

É necessária, portanto, a efetivação das políticas públicas, o acolhimento das instituições, sendo a interdisciplinaridade e intersetorialidade importantes para o enfrentamento da violência doméstica no cotidiano da mulher.

### **REFERÊNCIAS**

1. BRASIL. Ministério da Saúde. Estatuto da criança e do adolescente. Brasília: 1990.
2. PESCE, R. Violência familiar e comportamento agressivo e transgressor na infância: uma revisão da literatura. *Ciência Saúde Coletiva*. 2009; 14 (2): 507-518.
3. BAARS, R. Levantamento sobre crianças em situações de risco no Brasil. Biblioteca Digital da Câmara dos Deputados. Centro de documentação e informação coordenação em biblioteca [internet] 2012. Disponível em <http://bd.camara.gov.br>.
4. MAFFESOLI, M. A violência totalitária. Porto Alegre: Sulina. 2001, 312p.
5. PEDERSEN, J. R. Vitimação e vitimização de crianças e adolescentes: expressões da

questão social e objeto de trabalho do Serviço Social. Revista Textos & Contextos. Porto Alegre. 2009; 8 (1): 104-122.

6. BENETTI, S.P. da C; PIZETTA, A; SWARTZ, C. B.; HASS, R. de A.; MELO, V. L. Problemas de saúde mental na adolescência: características familiares, eventos traumáticos e violência. Psico-USF. 2010,15(3):321-332.

7. ARAÚJO, L.C. Violência no cotidiano de famílias de adolescentes negros: enfoques para o cuidar de enfermagem. 2009. Tese (Doutorado em Enfermagem) – Curso de Pós-Graduação em Enfermagem, Universidade Federal da Bahia, Salvador. 222 p.

8. BRASIL. Lei nº 13.010, de 26 de junho de 2014. Estabelece o direito da criança e do adolescente de serem educados e cuidados sem o uso de castigos físicos ou de tratamento cruel ou degradante. Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil, Brasília, DF. 26 jun 2014. Disponível em [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_Ato2011-2014/2014/Lei/L13010.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2011-2014/2014/Lei/L13010.htm).

9. FONSECA, F. F.; SENA, R. K. R; SANTOS, R. L. A. dos; DIAS, O. V.; COSTA, S. de M. As vulnerabilidades na infância e adolescência e as políticas públicas brasileiras de intervenção. Rev. Paul. Pediatr. 2013, 31( 2): 258-64.

10. MAFFESOLI, M. O conhecimento comum: introdução à sociologia compreensiva. Porto Alegre: Sulina. 2007, 295p.

11. MINAYO et al. Pesquisa social: teoria, método e criatividade. 29ª ed. Petrópolis: Vozes, 2010.

12. BRASIL. Ministério da Saúde. Conselho Nacional de Saúde. Resolução 466/12, de 12 de dezembro de 2012. Resolve aprovar diretrizes e normas regulamentadoras de pesquisa envolvendo seres humanos. Brasília, 2012.

13. NITSCHKE, Rosane Gonçalves. O imaginário e as maneiras de viver contemporâneas. Roda de Conversa: Maneiras de Viver Contemporâneas, Imaginário e o Cotidiano. Seminário Internacional Sociedade Contemporânea: a imagem, o simbólico e o sensível. Universidade de Brasília. Brasília, Brasil, 2014.

14. MAFFESOLI, M . A república dos bons sentimentos. São Paulo: Iluminuras: Itaú Cultural, 2009.127p.

15. OLIVEIRA, A.M.N.; NITSCHKE, R.G.; SILVA, M.R.S.; GOMES, G.C.; BUSANELLO, J. Repensando as relações intrafamiliares sob um olhar foucaultiano. Rev. Rene. Fortaleza. 2009, 10 ( 3): 152-158.

16. ZANOTI-JERONYMO, D.V.; ZALESKI, M.; PINSKY, I.; CAETANO, R.; FIGLIE, N.

- B.; LARANJEIRA, R. Prevalência de abuso físico na infância e exposição à violência parental em uma amostra brasileira. *Cad. Saúde Pública*, Rio de Janeiro. 2009, 25 (11): 2467-2479.
17. XIMENES, L. F.; OLIVEIRA, R. de V. de C.; ASSIS, S.G. Violência e transtorno do estresse pós-traumático na infância. *Ciência & Saúde Coletiva*. 2009,14 (2): 417-433.
18. MAFFESOLI, M. *Notas sobre a pós-modernidade: o lugarfaz o elo*. Rio de Janeiro: Editora Atlântica, 2004.
19. MAFFESOLI, M. *Homo Eroticus: Comunhões emocionais*. Forense Universitari. 2014
20. BANDEIRA, LM. Violência de gênero: a construção de um campo teórico e de investigação. *Soc. Estado*. 2014 Mai-Ago; 29(2):449-69.
21. LOLIS, D; KURIKI, L.M.K. Intervenção com a família para o fortalecimento dos vínculos familiares no enfrentamento da violência contra a criança e o adolescente. *Serv. Soc. Rev.*, Londrina. 2012, 15 (1): 65-88.
22. MONTEIRO, E.M.L.M.et al. Violência contra criança e adolescente: rompendo o silêncio. *Rev. Rene*. Fortaleza. 2009, 10 (3): pp. 107-116.
23. SANTANA, J.S.S.; SANTANA, R.P.; LOPES, M. L. Violência sexual contra crianças: análise de notificações dos conselhos tutelares e departamento de polícia técnica. *Revista Baiana de Saúde Pública*. 2011, 35 (1): 68-86.
24. WATIER, Patrick. *Elogio da Confiança*. Paris: Belin, 2008.
25. MAFFESOLI, MO *mistério da conjunção: ensaio sobre a comunicação, corpo e socialidade*. Porto Alegre: Sulina. 2005. 104p.
26. MAFFESOLI, M. *O tempo das tribos: o declínio do individualismo na sociedade de massa*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006. 232pp.
27. MAFFESOLI, M. *A contemplação do mundo*. Porto Alegre: Artes e Ofícios: 1995. 168p.
28. FERREIRA, R.F.; CAMARGO, A. C. As relações cotidianas e a construção da identidade negra. *Psicologia: Ciência e Profissão*. 2011, 31 ( 2): 374-389.
29. SANTOS, V.A.; COSTA, L.F.; SILVA, A.X. As medidas protetivas na perspectiva de famílias em situação de violência sexual. **PSICO**, Porto Alegre, PUCRS, v.42, n.1, pp.77-86, 2011.
30. ALBERTO, M.F.P.; SANTOS, D.P.; LEITE, F.M.; LIMA, J.W.; WANDERLEY, J.C.V. O trabalho infantil doméstico e o processo de escolarização *Psicologia e Sociedade*.2011, 23 (2): 293-302.

#### 4.2.2 Quotidiano de adolescentes que vivenciaram a violência doméstica

O artigo “Quotidiano de mulheres que vivenciaram a violência na infância” foi elaborado seguindo as instruções a(o)s autora (e) s para publicação e apresentação a (o) s editor (e) s do periódico Revista Gaúcha de Enfermagem disponíveis no link: <http://eer.ufrgs.br/RevistaGauchadeEnfermagem>. Acesso em janeiro 2015.

## QUOTIDIANO DE ADOLESCENTES QUE VIVENCIARAM A VIOLÊNCIA DOMÉSTICA

### *DAILY LIFE ADOLESCENTES WHO EXPERIENCING DOMESTIC VIOLENCE*

### *COTIDIANO DE ADOLESCENTES QUE VIVERON VIOLENCIA DOMÉSTICA*

RODRIGUES, Adriana Diniz<sup>1</sup>

DINIZ, Normélia Maria Freire<sup>2</sup>

**RESUMO:** Esta pesquisa objetivou compreender o cotidiano de mulheres que vivenciaram a violência doméstica na adolescência. Estudo descritivo com abordagem qualitativa, fundamentada na proposta teórica, epistemológica e metodológica do sociólogo francês Michel Maffesoli, realizada com 15 puérperas que vivenciaram violência doméstica e estavam internadas no Alojamento Conjunto em uma Maternidade Pública pertencente à Secretaria de Saúde do Estado da Bahia (BA), localizado em Salvador. Os dados foram coletados através da entrevista semiestruturada e gravador, sendo analisados à luz do referencial teórico, epistemológico e metodológico de Michel Maffesoli da Sociologia Compreensiva e do Quotidiano. Os estudos apontaram para a vivência de violência sexual na fase da adolescência situações de agressão presentes no dia-a-dia de adolescentes gestantes. Por causa das consequências que a violência doméstica tem sobre a saúde física e psíquica das adolescentes, é necessário que o poder público tenha maior visibilidade e disponibilize políticas para o enfrentamento da violência.

**Palavras-chave:** Saúde do Adolescente. Violência doméstica. Atividades Cotidianas.

**ABSTRACT:** This research aimed to understand the daily life of women who experienced domestic violence in adolescence. It is a descriptive qualitative study, based on the theoretical, epistemological and methodological proposal of the French sociologist Michel Maffesoli, performed with 15 new mothers who experienced domestic violence and were admitted to the Communitarian Lodging of a Public Maternity of the Health Secretary of the State of Bahia (BA) located in Salvador. Data were collected through semi-structured interview and recorder, and analyzed based on the theoretical, epistemological and methodological framework of Michel Maffesoli from the Comprehensive Sociology and of Daily life. The studies pointed to the experience of sexual violence during adolescence and situations of aggression present in the daily life of pregnant adolescents. Because of the consequences that domestic violence has on the physical and mental health of adolescents, it is necessary that the government should have greater visibility and make available policies for addressing violence.

**Keywords:** Adolescent Health. Domestic violence. Daily Life Activities.

<sup>1</sup> Doutoranda em Enfermagem pela Escola de Enfermagem da Universidade Federal da Bahia. Integrante do Grupo de Pesquisa “Violência, Saúde e Qualidade de Vida”.

<sup>2</sup> Doutora em Enfermagem. Professora Associada IV pela Escola de Enfermagem da Universidade Federal da Bahia. Líder do Grupo de Pesquisa “Violência, Saúde e Qualidade de Vida”. Orientadora da Pesquisa.

**RESUMEN:** Esta investigación objetivó comprender el cotidiano de mujeres que vivieron violencia doméstica en la adolescencia. Estudio descriptivo con abordaje cualitativo, fundamentado en la propuesta teórica, epistemológica y metodológica del sociólogo francés Michel Maffesoli, realizado con 15 puérperas que vivieron violencia doméstica y estaban internadas en el Alojamiento Conjunto en una Maternidad Pública perteneciente a la Secretaría de Salud del Estado de Bahia (BA), localizado en Salvador. Los datos fueron colectados a través de entrevista semiestructurada y grabador, siendo analizados a la luz del referencial teórico, epistemológico y metodológico de Michel Maffesoli de la Sociología Comprensiva y del Cotidiano. Los estudios apuntaron para la vivencia de violencia sexual en la fase de la adolescencia y situaciones de agresión presentes en el día a día de adolescentes gestantes. Por causa de las consecuencias que la violencia doméstica tiene sobre la salud física y psíquica de las adolescentes, es necesario que el poder público tenga mayor visibilidad y articule políticas para el enfrentamiento de la violencia.

**Palabras clave:** Salud del Adolescente. Violencia doméstica. Actividades Cotidianas.

## INTRODUÇÃO

As formações familiares se apresentam como relações complexas, formando um quadro quotidiano de conflitos e de violência que são silenciados. Como afirma Maffesoli, dos “assuntos da família”, quer os da família stricto sensu, da família ampliada, ou da máfia, não se fala<sup>1</sup>. Esta situação dificulta a identificação de adolescentes que vivenciam a violência doméstica.

A adolescência compreende a fase de transição entre a juventude e a idade adulta, não apenas do ponto de vista biológico, mas também social, e, principalmente, psicológico<sup>2</sup>. De acordo com o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), sob a Lei nº 8.069, de 13 de julho de 1990, consideram-se adolescentes aqueles que têm entre doze e dezoito anos de idade<sup>3</sup>.

A família é responsável pelos cuidados, pela educação e formação dos adolescentes. Na prática, porém, não é o isso o que acontece. O que se percebe é que, no espaço doméstico, os adolescentes estão vivendo uma desestruturação familiar, com a presença de conflitos e a vivência de violência doméstica.

O pai, em uma típica família patriarcal, detém o poder hierárquico, e, por conseguinte, está autorizado a dar ordens, tomar decisões e dispor do legítimo direito de bater para, assim, educar os adolescentes, para o próprio bem deles. No entanto, quando esses adolescentes falam, é possível compreender a dor que sentem sendo maltratados física e/ou psicologicamente por aqueles que deveriam ser aqueles que cuidam, assim como podemos entender como viver em um ambiente familiar com diálogo e respeito é se sentir protegido.<sup>4</sup>

Estudo desenvolvido no Centro Integrado de Saúde Amaury de Medeiros/ Universidade de Pernambuco (CISAM/UPE) com adolescentes usuários do ambulatório atendidos entre fevereiro e maio de 2004 mostrou um índice de 41,4% de casos de violência



doméstica entre os adolescentes entrevistados. A maioria (mais de 90%) era de mulheres solteiras entre 15 e 19 anos, sendo a violência física e a psicológica ou moral as manifestações mais encontradas (66,7% para cada uma delas); a seguir, vem a violência sexual, citada por 17,7% dos adolescentes. Os principais agressores foram o pai ou padrasto, seguido pelo esposo da adolescente.<sup>5</sup>

Outro estudo realizado com adolescentes mostrou que entre os entrevistados 42% sofreram punição corporal no último ano, cinco (16%) deles já tendo sido vítimas anteriormente. As agressões mais citadas foram tapa na mão, no braço ou na perna. Em relação aos maus-tratos físicos graves, verificou-se que 22,6% dos adolescentes tinham sofrido este tipo de violência física no último ano. Todos foram unânimes em citar a mesma forma de violência, a saber, baterem alguma parte do corpo diferente do bumbum com alguma coisa como um chinelo, escova de cabelo, vara ou outro objeto duro. Este mesmo estudo possibilitou perceber que no grupo de adolescentes sem violência familiar a presença dos fatores de proteção foi bastante significativa, encontrando-se principalmente entre os fatores individuais o exercício da autonomia.<sup>4</sup>

Pais que utilizam punição, seja verbal, psicológica ou física, estão mostrando aos filhos que a violência é uma forma apropriada de resolução de conflitos e de relacionamento entre homens e mulheres.<sup>6</sup>

Na fase da adolescência, a sexualidade assume um papel central e o seu exercício, associado à falta de maturidade psicológica, inerente à adolescência, expõe o indivíduo à gravidez indesejada e a doenças sexualmente transmissíveis (DST).<sup>7</sup>

É uma situação preocupante a vivência da violência sexual, uma questão que tem sido discutida e considerada grave, por causa das graves consequências desta para a saúde física e psicológica das vítimas.

A violência sexual contra crianças e adolescentes sempre esteve presente na história destes sujeitos. Embora este pareça ser um problema contemporâneo, é antes fruto de um processo histórico que colocou a criança em posição de desprivilégio e desatenção. Historicamente, a família, a sociedade e o poder público pouco se importaram com esta situação, para a qual davam pouca atenção e visibilidade, o que se justifica pelo fato de a criança não ter sido considerada enquanto merecedora de direitos e proteção.<sup>8</sup>

Estudo realizado pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP) mostrou que entre os anos de 2003 e 2007 foram atendidos 551 casos de violência à criança e ao adolescente no Hospital de Clínicas da UNICAMP, entre os quais se incluem casos de abuso físico (13,4%), sexual (31,9%), psicológico (2,0%), negligência (33,9%) e outros não

definidos (18,7%). 55,9% destes atendimentos eram do gênero feminino, com até 17 anos de idade, sendo 50% com até 5 anos. Das 95 crianças e adolescentes analisadas com suspeita de abuso sexual, 80% eram do gênero feminino, com até 14 anos de idade, sendo 56,8% na faixa etária dos 5 aos 10 anos, 23,2% com menos de 5 anos e 20,0%, acima de 10. 39% dos casos se caracterizaram como estupro (vaginal (22,1%), anal (13,7%) e oral (3,2%)), 59,57%, atentado ao pudor e apenas 2% suspeita de assédio sexual. A maioria (72,6%) ocorreu no âmbito doméstico, 81,1% perpetrada por autor conhecido e 31,6% por relação incestuosa.<sup>9</sup>

O encobrimento do abuso pode ocorrer por inúmeras razões, que vão desde a omissão da família até o receio da criança de relatar o ocorrido, temendo futuras punições, da dificuldade diagnóstica e de notificação até a falta de dispositivos padronizados e efetivos para a adequada condução desses casos pelo sistema de saúde brasileiro.<sup>9</sup>

Considerada como sendo um grave problema de saúde e uma questão de extrema importância, a violência contra crianças e adolescentes adquiriu proporções alarmantes, tornando-se um assunto de saúde pública a ser resolvido com urgência.

No Brasil, ele passa a merecer maior atenção das autoridades competentes no final dos anos 1980, com a Constituição Federal de 1988 e o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) promulgado em 1990, em consonância com a Convenção das Nações Unidas sobre os Direitos da Criança; a partir daí, as diversas formas de violência praticadas contra crianças e adolescentes, bem como as demais ações que violam os direitos desses sujeitos, ganharam maior visibilidade, e o Estado passou a prestar assistência a essa parte da população que, desde sua existência, foi vítima da violência, seja física, sexual, psicológica ou por negligência.<sup>8</sup>

Em 17 de maio de 2012, foi sancionada a Lei 12.650, mais conhecida como Lei Maria Joanna, que altera a prescrição dos crimes de violência sexual contra crianças e adolescentes; esta lei estabelece que o prazo de prescrição dos crimes de abuso sexual praticados contra crianças e adolescentes só começará a ser contado a partir da data em que a vítima completar 18 anos, a não ser que uma ação penal já tenha sido proposta antes disso pelo representante legal da vítima. Antes, a contagem do prazo de prescrição para a abertura de processo era calculada a partir da data do crime.<sup>10</sup>

A suspeita de que crianças foram vítimas de maus-tratos, inclusive abuso sexual, deve ser sempre lembrada, principalmente nos serviços de atendimento primário de saúde, para que estas sejam reavaliadas em programas especializados, com equipe multiprofissional, incluindo médicos, psicólogos, assistentes sociais, conselhos tutelares e todo o amparo legal. A importância do atendimento multidisciplinar específico é justificada em virtude da

organização de projetos preventivos e do acompanhamento de sequelas físicas e psicológicas. É necessário romper o muro de silêncio, retirando essas crianças e adolescentes do abandono em que são lançadas quando se tornam vítimas da violência doméstica, especialmente a sexual.<sup>9</sup>

Além da proximidade que têm com as vítimas, o que facilita a abordagem, os perpetradores contam com a confiança das vítimas, usando tal relação para se aproximar cada vez mais delas, em um processo insidioso, sem que a criança perceba o abuso de que é vítima por parte do adulto. Sendo a agressão sexual na maior parte cometida dentro de casa, somos levados a refletir que o lar, muitas vezes, não constitui um local seguro para as crianças, uma vez que este ato de violência pode ser praticado sem que a sociedade tenha conhecimento disso.<sup>11</sup>

Diante dos resultados sobre a violência doméstica cometida contra os adolescentes e face à identificação dos fatores que os tornam vulneráveis aos maus-tratos, conforme já ficou assinalado, deve haver, por parte das equipes responsáveis pelos cuidados a esses jovens, esforços multidisciplinares no sentido de reforçar os fatores de proteção, tais como relações familiares baseadas no diálogo e no respeito, rede de apoio e desenvolvimento de habilidades para a resolução não violenta de conflitos.<sup>4</sup>

Ressaltamos a importância dessa temática ao trazer este estudo, que tem como objetivo compreender o cotidiano de mulheres que vivenciaram a violência doméstica na adolescência.

## **METODOLOGIA**

Trata-se de estudo descritivo com abordagem qualitativa, baseado nos pressupostos teóricos da sociologia compreensiva de Michel Maffesoli.

A Sociologia Compreensiva, proposta por Maffesoli, “sugere descrever o vivido naquilo que é, contentando-se assim em discernir as visadas dos diferentes atores envolvidos”. Pretende compreender e não explicar o que se apresenta, isto é, os contornos, os limites, as necessidades das situações e das representações que constituem a vida quotidiana.<sup>12:30</sup>

O Cenário para o desenvolvimento do estudo foi uma Maternidade Pública, pertencente à Secretaria de Saúde do Estado da Bahia (BA), localizada em Salvador.

O número de participantes do estudo foi definido seguindo o critério de inclusão progressiva, interrompida pelo critério de saturação.<sup>13</sup> A pesquisa foi realizada com 15

mulheres que sofreram violência doméstica e se encontravam na fase do puerpério, internadas no Alojamento Conjunto de uma Maternidade Pública, localizada em Salvador (BA).

Com vistas a compreender a forma como vivem no dia-a-dia as puérperas em um contexto da violência doméstica, foram realizadas entrevistas com a questão norteadora *fale do seu cotidiano na vivência da violência doméstica*. A entrevista foi gravada e transcrita. Utilizamos também um formulário semiestruturado, contemplando aspectos sociais e demográficos, ginecológicos e obstétricos e a vivência de violência doméstica.

As entrevistas foram transcritas, sendo os dados classificados e organizados para a análise seguindo o cruzamento de ideias, significados e imagens, a fim de codificar e construir as conjunções que emergiram do encontro com as mulheres. A análise dos dados foi interposta pela questão norteadora e pelo objetivo, à luz do referencial teórico epistemológico e metodológico de Michel Maffesoli da Sociologia Compreensiva do Cotidiano, Gênero, Violência Doméstica.

O projeto foi encaminhado a uma Comissão de Ética em Pesquisa, seguindo os referenciais básicos de autonomia, não maleficência, beneficência e justiça, sendo aprovado pelo Comitê da escola de enfermagem da Universidade Federal da Bahia, parecer nº 384.219, em 04/09/2013.<sup>14</sup> Com relação aos aspectos éticos, estes seguiram o disposto na Resolução 466 de 12/12/2012 do Conselho Nacional de Saúde (CNS) (BRASIL, 2012), que consiste em diretrizes e normas regulamentadoras das pesquisas envolvendo seres humanos.

## **RESULTADOS E DISCUSSÃO**

No que diz respeito às características sociodemográficas, trata-se, em sua maioria, de mulheres com idade entre 16 e 41 anos; vale ressaltar que sete delas (46,7%) se encontravam na faixa etária de jovens entre os 16 e os 24 anos, pretas ou pardas, tendo cursado no máximo até o ensino médio, casadas ou em união estável, financeiramente dependentes. Foi considerado, no estudo, adolescentes que têm entre doze e dezoito anos de idade de acordo com o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA).

Das falas das atrizes emergiu a conjunção *quotidiano de mulheres que vivenciaram a violência doméstica na adolescência*, sendo apresentada as seguintes categorias: *o trágico vivido da violência sexual; o vivido na relação homoafetiva; o trágico vivido na gravidez; o vivido da ameaça por familiares*.

### **O trágico vivido da Violência Sexual**

O dia-a-dia das adolescentes é marcado por experiências de violência sexual na relação conjugal.

*A minha primeira relação [...] com 14 anos [...] Ele era mais velho [...] era violento[...]batia na ex-mulher [...] mas comigo nunca me agrediu[...] Ele trabalhava e morava em um bar, eu estava indo pra escola, eu cheguei lá, ele queria porque queria fazer alguma coisa (relação sexual) e eu acabei aceitando[...] Ele chegou a mim com proposta de casamento, menina nova, aí ficava me iludindo[...] Ele não vinha com carinho, era como se eu fosse um objeto dele[...] Fazia o que bem queria e depois saía. Eu não entendia. Pra mim era normal[...]. (E9)*

A adolescente, seduzida por um homem mais maduro, cede à relação sexual. A experiência da relação conjugal na adolescência mostra a ilusão que o casamento oferece, fazendo a mulher acreditar no sonho do conto de fadas do amor romântico, sonho que se transforma em tragédia no mundo vivido de amor e ódio. De acordo com Maffesoli, “o sonhador que se transforma em assassino não é um acaso da história, mas o constante mecanismo de toda a estruturação social, é um efeito de estrutura que nada tem a ver com as boas vontades individuais, mas que remete ao ministério do poder”.<sup>15:294</sup> Em outras palavras, ao acreditar no conto de fadas, a adolescente cede ao poder do sedutor.

*A minha primeira relação foi com dezessete anos[...]Eu sinceramente eu tava pensando outra coisa, mas foi tipo à força. Eu não queria não. Eu nunca namorei. Ele queria namorar. Mas só que ele me levou para o motel, só que eu pensei que ele não ia fazer nada. Eu era muito besta, boba. Aí eu peguei e fui, chegou lá, ele pegou e fez comigo[...] Eu fiquei chorando, tipo com nojo. Foi uma coisa muito feia, forte assim, ele colocou demais forte em mim, tipo estupro, aí, depois que satisfiz a vontade, sangrou naquela hora, aí ele pegou e parou. Não ficamos juntos. Ele só fez me tirar a virgindade (E4).*

*Minha primeira relação, eu estava com 16 anos [...] Ele tinha 22 anos [...] Depois de um ano[...] a gente começou a brigar, ele jogou meu anticoncepcional no vaso sanitário. Daí, ele forçou pra ter relação comigo, eu não queria[...]. E acabei cedendo por causa da persistência dele. Eu até lembro que foi quando eu engravidei de meu filho, que hoje tem 16 anos de idade. Mas mesmo assim [...] Eu não fiquei querendo tirar. Não fiquei desesperada. Até porque eu não sabia nem o que era ter filho [...] Eu tinha 17 anos (E14).*

Estando no mais alto ponto imperfeito, reconhece-se que a vida cotidiana também é feita de instantes obscuros.<sup>16</sup> É em tais instantes obscuros que se retratam as vivências de violência sexual, relatadas pelas adolescentes.

Podemos pensar que a violência na relação conjugal advém do ordenamento patriarcal ainda estruturador da ordem familiar e normativo da sexualidade e dos corpos<sup>17</sup>, de tal forma que o homem acha ser o possuidor do corpo feminino, a tal ponto que se julga com direito a cometer a agressão sexual.

Ressaltamos que as adolescentes grávidas são particularmente vulneráveis à violência: existe um risco duas vezes maior de que elas sejam estupradas na comparação com o risco das grávidas adultas.<sup>18</sup>

A violência de gênero, engendradora na intimidade amorosa, revela a existência do controle social sobre os corpos, a sexualidade e as mentes femininas, evidenciando, ao mesmo tempo, a inserção diferenciada de homens e mulheres na estrutura familiar e da sociedade, bem como a manutenção das estruturas de poder e dominação disseminadas na ordem patriarcal. Em outras palavras, a violência física e sexual está sendo mantida como forma de controle, já que se ancora na violência simbólica.<sup>17</sup>

As adolescentes vivenciam a sexualidade em um relacionamento instável, sem vínculo afetivo. A lei 11.340, Lei Maria da Penha, diz no Capítulo II, Artigo 7<sup>o</sup><sup>19:13</sup>, explica a violência sexual:

“(...) entendida como qualquer conduta que a constranja a presenciar, a manter ou a participar de relação sexual não desejada, mediante intimidação, ameaça, coação ou uso da força; que a induza a comercializar ou a utilizar, de qualquer modo, a sua sexualidade, que a impeça de usar qualquer método contraceptivo ou que a force ao matrimônio, à gravidez, ao aborto ou à prostituição, mediante coação, chantagem, suborno ou manipulação; ou que limite ou anule o exercício de seus direitos sexuais e reprodutivos.”

O cotidiano das adolescentes entrevistadas se caracteriza pela vivência da violência sexual na relação conjugal. As experiências das adolescentes no primeiro relacionamento sexual foram expressas de modo a mostrar um trágico vivido pela forma impura do ato sexual, ancorados em sentimentos de vergonha, nojo. De acordo com Maffesoli, a liberação dos corpos e do sexo, que desembocou na liberdade do corpo e do sexo, é sensivelmente diferente. Esta o torna mais simples, vividos em si mesmos, acentuando o presente, o evento, em uma palavra, o vivo. Vivenciados dessa forma, esse corpo e esse sexo exprimem uma espécie de pureza, situada muito além da angústia do pecado, do sentimento de culpa, e de outras lógicas, experiências impulsionadas pelo dever-ser. <sup>16:136</sup>

### **O vivido na relação homoafetiva**

Na memória de cada uma dessas mulheres, em face da violência vivenciada, permanece a imagem do momento da agressão, dos maus-tratos que fizeram parte do seu cotidiano. Maffesoli corrobora isso, referindo-se à importância que a imagem passa a assumir

na constituição do sujeito.<sup>20</sup> Percebemos aqui, pois, a imagem da construção do homem como agressor, responsável pelos episódios de violência.

*A minha primeira relação foi [...] com uma mulher durante oito anos [...]. Eu tinha uma visão totalmente distorcida assim de homem, por causa da vivência de violência sexual na infância com vizinhos [...]no caso quando eu era pequena. Isso aí tudo em minha mente me bloqueou. Me bloqueei totalmente referente a homem, porque eu achava que homem só era pra machucar, pra agredir(E1).*

A escolha por uma relação homoafetivas e deu pela representação do homem como agressor, já cristalizada, como alguém que representa a maldade, causador de sofrimento. “Temos imagens deste mundo no qual estamos mergulhados, estamos mergulhados em um mundo de imagens. Imagens de cada um. Construído no viver no mundo, com todo mundo. É o ontem e o amanhã se expressando no imaginário do presente e nas imagens de hoje”.<sup>21:15</sup> As imagens falam sobre o viver, e nelas estão nossas angústias, nossos desejos, nossas alegrias, nosso sofrer, nosso morrer, nosso transcender<sup>21:16</sup>, a imagem como a cristalização da experiência e esta, como sustenta Maffesoli, é o vivido.<sup>15</sup>

### **O trágico vivido na gravidez**

A descoberta da gravidez na adolescência gera tanto conflitos familiares quanto na relação conjugal, pelo fato de as pessoas à volta não aceitarem a gestação. As adolescentes são, então, abandonadas pelos companheiros ou familiares, com quem mantêm um vínculo de confiança, que é rompido. É aí que se percebe a falta da solidariedade orgânica, do estar junto, dos laços afetivos; é aí que entra o sofrimento psíquico, culminando em um quadro depressivo e no desejo de morrer.

*Quando eu descobri que estava grávida meu pai me botou pra fora de casa [...] Eu me senti muito mal, me deu vontade só de morrer, mais nada [...] De me jogar de uma ponte [...] Ele (companheiro) me xingava, ficava dizendo que o filho não era dele, que quando nascesse ia fazer o exame de sangue[...]O que mais me doía era ele dizer que esse filho não era dele [...] Me deu vontade de tirar meu filho, de não ter ele [...](E10).*

Aqui se ressalta a ausência do ser e estar junto, que não encontramos nas famílias cuja relação é construída na base da violência, predominando aí a individualidade e o domínio do poder, o que deixa as adolescentes em situação de desamparo. Quando a incompletude é evidente, nós nos vemos em uma perspectiva de complementaridade na relação com o outro, disso emergindo o estar junto.<sup>21</sup>

*Quando eu fiz 15 anos, ele (companheiro) percebeu que eu estava grávida, aí ele se afastou, foi embora. Ele me deixou grávida de cinco meses (E9).*

O período da gravidez e a fase de adolescência são momentos de fragilidade, que exigem atenção. É uma etapa da vida que requer a solidariedade orgânica, de modo tal que essas adolescentes vivam o cotidiano intensamente, experimentando os seus desejos, sentimentos, prazeres, em face de um momento novo para elas. Romper este ciclo é interromper-lhes o viver. Nas falas acima, a solidariedade orgânica se mostra em uma perspectiva de anulação das mulheres enquanto sujeitos, com o abandono dos familiares e do companheiro.<sup>22</sup>

As adolescentes gestantes entrevistadas sofreram agressões no dia-a-dia e tiveram a paternidade contestada pelo companheiro, o que as fragilizou.

É perceptível que o não reconhecimento da paternidade pelo companheiro é algo que leva à desconfiança e ao conseqüente abandono, gerando sofrimento.

A gravidez pode ter duas vertentes nas relações assumidas pelo sujeito: por um lado, confere à mulher o poder, quando ela escolhe sair e constituir uma nova família, e, por outro, é a causa de conflitos nas relações familiares. Neste caso, a mulher se vêem muitas situações adversas, com saídas que acarretam situações dolorosas.<sup>22</sup>

*Minha relação com o pai do primeiro filho (1º companheiro) era de brigas [...] Na gravidez, eu fiquei um tempo morando com ele [...] porque não tinha para onde ir. Minha relação com ele era só briga. (E3)*

A aceitação da rotina e a aquiescência emergentes nas falas dos adolescentes, quando relatam a repetição sistemática de episódios de violência em sua vida quotidiana, representam uma desculpa para não enfrentarem as situações que já não conseguem encontrar força para modificar.<sup>23</sup>

O quadro a que se remete este ponto tem por motor a submissão ou a dependência que se manifesta a sua ambivalência<sup>15</sup>, do amor e do ódio, e assim no vivido deste mundo trágico da violência. Dessa forma, o retorno cíclico da violência se alimenta do vazio em que se transformou o instituído<sup>24</sup>, o que pode ser observado na falada atriz, quando afirma: “Minha relação era só briga”.

É o retorno do trágico, do “ser jogado aí”, sem ter onde morar. É o vivido trágico das adolescentes.

### **O vivido da ameaça de familiares**



A vida cotidiana é permeada por conflitos que conferem toda a sua intensidade.<sup>24</sup> A gravidez das adolescentes surge em decorrência de conflitos e violência doméstica, decorrente da não aceitação, por parte dos familiares, do estado gestante.

*Ela (avó) me ameaçava, disse que ia meter a faca, ia me matar[...] Quem tomou a frente foi meu avô, que não deixou[...] Eu estava grávida[...] Ela tentou me dar comida envenenada[...] Ela me xinga ainda [...] Me dava um aperto no coração... Ela queria matar a minha filha(E7).*

Com o rompimento da relação de confiança, há consequências sociais e psicológicas, materiais ou morais inteiramente diferentes se as expectativas forem frustradas.<sup>25</sup> Podemos, pois, pensar no sofrimento desta adolescente, ao vivenciar a violência psicológica e as constantes ameaças perpetradas por um ente querido.

As adolescentes encontram-se em situação de abandono, na ausência do que Maffesoli diz ser importante para o cotidiano, isto é, os próximos: os da tribo, aqueles com quem se divide tal ou tal gosto.<sup>16:269</sup> A “familiaridade” que há no imaginário social: a família ampliada, afinidades eletivas, necessidade do entre si; em resumo, “relição”: está-se religado ao outro da tribo, ao outro da natureza, causa e efeito de uma confiança.

O vitalismo está na ordem do dia em muitas práticas jovens. A ênfase na quotidianidade, na importância do vivido, no papel aumentado da experiência, destaca com força o desejo de viver, tendo sempre havido uma relação significativa entre o retorno do trágico e a exaltação da vida.<sup>16:165</sup>

### **Considerações finais**

A pesquisa mostrou a vivência de violência doméstica no cotidiano de mulheres na fase da adolescência, destacando o trágico vivido da violência sexual e da gravidez não desejada, pela violação dos métodos contraceptivos; o trágico vivido na gestação, com as agressões e o abandono de familiares e companheiros; o vivido na relação homoafetiva e o vivido da ameaça por familiares, apresentando as implicações para o desenvolvimento psicológico e social e para a saúde física das adolescentes.

Destacamos a importância do apoio da família a estas adolescentes e a importância das escolas que tragam à tona discussões referentes às relações de poder e gênero. A família é fundamental, na medida em que representa um alicerce, o espaço de acolhimento a ser utilizado sempre, sobretudo diante de uma situação de violência.

É necessário, pois, que as ações para o enfrentamento da violência contra a mulher sejam realizadas conjuntamente, contemplando a interdisciplinaridade e intersetorialidade

como elementos necessários para a maior visibilidade e efetividade no combate à violência e a eficácia das políticas públicas.

## REFERÊNCIAS

- 1.MAFFESOLI, M. O tempo das tribos: o declínio do individualismo na sociedade de massa. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006. p.232.
- 2.CAVALCANTE, M. B. P. T; ALVES, M. D. S; BARROSO, M. G. T. Adolescência, Álcool e drogas: uma revisão na perspectiva da promoção da saúde. Esc Anna Nery Rev Enferm. 2008 set, 12 (3): 555-59.
- 3.BRASIL. Ministério da Saúde. Estatuto da criança e do adolescente. Brasília: 1990.
- 4.BARROS A. C. M.W; BASTOS, O. M; PONE, M. V S; DESLANDES, S. F. A violência intrafamiliar e o adolescente que vive com HIV/AIDS por transmissão vertical: análise de fatores de proteção e de vulnerabilidade. Ciência & Saúde coletiva. 2013, 18 (5): 1493-1500.
- 5.OLIVEIRA, M. T et al. Sub-registro da violência doméstica em adolescentes: a (in)visibilidade na demanda ambulatorial de um serviço de saúde no Recife-PE, Brasil. Rev. Bras. Saúde Matern. Infant, Recife. 2009, 11 (1): 29-39.
- 6.PESCE, R. Violência familiar e comportamento agressivo e transgressor na infância: uma revisão da literatura. Ciência Saúde Coletiva. 2009, 14 (2): 507-518.
- 7.MADUREIRA, L.; MARQUES, I.R.; JARDIM, D.P. Contracepção na adolescência: conhecimento e uso. Cogitare Enfermagem. 2010, 15 (1): 100-5.
- 8.PEDERSEN, J. R. Vitimação e vitimização de crianças e adolescentes: expressões da questão social e objeto de trabalho do Serviço Social. Revista Textos & Contextos. Porto Alegre. 2009,8(1): 104-122.
- 9.ZAMBON, M. P.; JACINTHO, A. C. A.; MEDEIROS, M. M.; GUGLIELMINETTI, R. G.; MARMO, D. B. Violência doméstica contra crianças e adolescentes: um desafio. Rev. Assoc. Med. Bras. 2012, 58(4):465-471.
- 10.BRASIL. Lei Maria Joanna. Lei nº 12.650, de 17 de maio de 2012, que altera o Decreto-Lei nº 2.848, de 07 de dezembro de 1940, Código Penal, com a finalidade de modificar as regras relativas à prescrição dos crimes praticados contra crianças e adolescentes. Brasília, 2012.
- 11.MARTINS, Christine Baccarat de Godoy; JORGE, Maria Helena Prado de Mello. Abuso Sexual na infância e adolescência: perfil das vítimas e agressores em município do sul do Brasil. Texto Contexto Enferm. 2010, 19 (2): 246-55.

- 12.MAFFESOLI, M. O conhecimento comum: introdução à sociologia compreensiva. Porto Alegre: Sulina, 2007. p.295.
- 13.MINAYO, M.C.S.; DESLANDES, S.F.; GOMES, R. Pesquisa social: teoria, método e criatividade. 29ª ed. Petrópolis: Vozes, 2010.
- 14.BRASIL. Ministério da Saúde. Conselho Nacional de Saúde. Resolução 466/12, de 12 de dezembro de 2012. Resolve aprovar diretrizes e normas regulamentadoras de pesquisa envolvendo seres humanos. Brasília, 2012.
- 15.MAFFESOLI, M. A violência totalitária. Porto Alegre: Sulina, 2001. p.312.
- 16.MAFFESOLI, M. Homo Eroticus: Comunhões emocionais. Forense Universitari.2014
- 17.BANDEIRA, LM. Violência de gênero: a construção de um campo teórico e de investigação. Soc. Estado. 2014 Mai-Ago; 29(2):449-69.
18. BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Atenção Básica. Caderno de Atenção Básica n. 32. Atenção ao Pré-natal de baixo risco. Brasília: Editora do Ministério da Saúde, 2012.
- 19.BRASIL. Lei Maria da Penha. Lei nº 11.340., de 07 de agosto de 2006, que dispõe sobre mecanismos para coibir a violência doméstica e familiar contra a mulher. Brasília: Câmara dos Deputados, Edições Câmara, 2010.
- 20.MAFFESOLI, M. Notas sobre a pós-modernidade: o lugar faz o elo. Rio de Janeiro: Editora Atlântica, 2004.
- 21.NITSCHKE, R. G. Mundo imaginal de ser família saudável: a descoberta dos laços de afeto como caminho numa viagem no cotidiano em tempos pós-modernos. Florianópolis, EDUFSC, Pelotas/RS. EDUFPEL. 1999. Cap. 3.
- 22.COUTO, T.M. O cotidiano e o imaginário de mulheres que provocaram aborto em um contexto de violência doméstica: contribuições para um cuidar em enfermagem e saúde. 2011. Tese (Doutorado em Enfermagem) – Curso de Pós-Graduação em Enfermagem, Universidade Federal da Bahia, Salvador. p.180.
23. ARAÚJO, L.C. Violência no cotidiano de famílias de adolescentes negros: enfoques para o cuidar de enfermagem. 2009. Tese (Doutorado em Enfermagem) – Curso de Pós-Graduação em Enfermagem, Universidade Federal da Bahia, Salvador. p.222.
- 24.MAFFESOLI, Michel. A parte do diabo. Rio de Janeiro: Record, 2004.

#### 4.2.3 Quotidiano de mulheres que vivenciam a violência conjugal

O artigo “Quotidiano de mulheres que vivenciam a violência conjugal” foi elaborado seguindo as instruções a(o)s autora (e) s para publicação e apresentação a (o) s editor (e) s do periódico Texto & Contexto Enfermagem da Escola de Enfermagem da Universidade Federal de Santa Catarina disponíveis no link: <http://www.scielo.br/revistas/tce/pinstruc.htm>. Acessado em Janeiro 2015.

**QUOTIDIANO DE MULHERES QUE VIVENCIAM A VIOLÊNCIA CONJUGAL<sup>1</sup>****COTIDIANO DE MUJERES QUE VIVEN VIOLENCIA CONYUGAL****DAILY LIFE OF WOMEN EXPERIENCING DOMESTIC VIOLENCE**

RODRIGUES, Adriana Diniz <sup>2</sup>

DINIZ, Normélia Maria Freire<sup>3</sup>

<sup>1</sup>Trabalho extraído da Tese “Quotidiano de Mulheres que Vivenciam a Violência Doméstica” do Programa de Pós-Graduação da Escola de Enfermagem da Universidade Federal da Bahia (PPGENF/UFBA). Salvador, Bahia, Brasil.

<sup>2</sup>Doutoranda em Enfermagem pela Escola de Enfermagem da Universidade Federal da Bahia (PPGENF/UFBA). Salvador, Bahia, Brasil. Integrante do Grupo de Pesquisa Violência, Saúde e Qualidade de Vida. Bolsista da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES). E-mail: adrianadiniz@gmail.com.

<sup>3</sup>Doutora em Enfermagem. Professora Associada IV pela Escola de Enfermagem da Universidade Federal da Bahia. Líder do Grupo de Pesquisa Violência, Saúde e Qualidade de Vida. Orientadora da Pesquisa. E-mail: normeliadiniz@gmail.com.

Endereço do autor responsável pela correspondência:

Adriana Diniz Rodrigues. Rua Bicuiba, 1412/503. Patamares. CEP: 41680-050. Salvador, BA. E-mail: adrianadiniz@gmail.com. Telefone: (71) 9126-3008.

## QUOTIDIANO DE MULHERES QUE VIVENCIAM A VIOLÊNCIA CONJUGAL

**RESUMO:** O estudo teve como objetivo compreendero cotidiano de mulheres que vivenciam a violência conjugal. Pesquisa descritiva com abordagem qualitativa, embasada na proposta teórica, epistemológica e metodológica do sociólogo francês Michel Maffesoli, realizado em uma maternidade pública, pertencente à Secretaria de Saúde do Estado da Bahia (BA), localizada em Salvador. As entrevistadas da pesquisa foram 15 puérperas internadas no Alojamento Conjunto que vivenciam violência doméstica. Os dados foram coletados através de entrevista semiestruturada entre maio e setembro, analisados à luz do referencial teórico, epistemológico e metodológico de Michel Maffesoli da Sociologia Compreensiva e do Quotidiano. O mergulho no mundo das mulheres que vivenciam a violência doméstica mostra o obscuro da existência, onde se encontra o processo de adoecimento delas, causado pelos conflitos e agressões Sendo necessário que as leis de proteção sejam efetivadas de modo a contribuir para o seu enfrentamento.

**DESCRITORES:** Violência doméstica. Violência contra a mulher. Atividades cotidianas.

## COTIDIANO DE MUJERES QUE VIVEN VIOLENCIA CONYUGAL

**RESUMEN:** El estudio tuvo como objetivo comprender el cotidiano de mujeres que viven violencia conyugal. Investigación descriptiva con abordaje cualitativo, basada en la propuesta teórica, epistemológica y metodológica del sociólogo francés Michel Maffesoli, realizado en una maternidad pública, perteneciente a la Secretaría de Salud del Estado de Bahia (BA), localizada en Salvador. Las entrevistadas de la investigación fueron 15 puérperas internadas en el Alojamiento Conjunto que viven violencia doméstica. Los datos fueron colectados a través de entrevista semiestructurada entre mayo y setiembre, analizados a la luz del referencial teórico, epistemológico y metodológico de Michel Maffesoli de la Sociología Compreensiva y del Cotidiano. La inmersión en el mundo de las mujeres que viven violencia doméstica muestra lo obscuro de la existencia, donde se encuentra el proceso de su desmejoramiento, causado por los conflictos y agresiones, siendo necesario que las leyes de protección sean efectuadas de modo a contribuir para su enfrentamiento.

**DESCRIPTORES:** Violencia doméstica. Violencia contra la mujer. Actividades Cotidianas.

## DAILY LIFE OF WOMEN EXPERIENCING DOMESTIC VIOLENCE

**ABSTRACT:** The study aimed to understand the daily life of women experiencing domestic violence. It is a descriptive study with a qualitative approach, based on the theoretical, epistemological and methodological proposal of the French sociologist Michel Maffesoli, held in a public hospital, belonging to the Department of Health of the State of Bahia (BA), located in Salvador. The respondents of the survey were 15 new mothers interned in Comunitarian Lodging who experience domestic violence. Data were collected through semi-structured interviews between May and September and analyzed based on the theoretical, epistemological and methodological framework of Michel Maffesoli from the Comprehensive Sociology and of Daily life. The immersion the world of women experiencing domestic violence shows the darkside of existence, where they are affected by disease processes, caused by the conflicts and aggressions, calling for the need of efectivating the protection laws in order to contribute to its confrotation.

**DESCRIPTORS:** Domestic violence. Violence against women. Daily Life Activities.

## INTRODUÇÃO

Na relação conjugal, durante séculos houve - e ainda hoje há - valores e princípios do Patriarcado reproduzidos no cotidiano familiar, de maneira que a perpetuação da condição de submissão feminina continua a gerar desigualdades de gênero. Além do que, muitas vezes, a situação de violência é protegida pelo sigilo da família, pelas normas culturais, pelo medo, a vergonha, a relutância da comunidade em assunto interno e o estigma social, tudo aquilo que faz as mulheres permanecerem em silêncio<sup>1</sup>.

A cultura patriarcal reza o domínio dos homens e a submissão das mulheres. A posse, o moralismo e as agressões por ciúme são padrões machistas de comportamento masculino reproduzidos no cotidiano.

No Patriarcalismo, há determinantes culturais muito arraigados na construção dos papéis masculinos e femininos, que permanecem, mesmo diante do que já foi construído pelo movimento de mulheres e por toda a sociedade para superar a situação, legitimando o poder masculino sobre as mulheres e tornando os homens violentos quando, por algum motivo, perdem o controle sobre suas esposas, companheiras ou namoradas<sup>2</sup>.

O conceito de gênero diz respeito às imagens construídas pela sociedade sobre as representações do masculino e do feminino<sup>3</sup>. É na construção social que as desigualdades de gênero se refletem, favorecendo a continuidade da herança cultural da submissão feminina e do conseqüente domínio do homem.

É esse processo de conformidade, onde vemos um elemento importante de submissão, manifestando a necessidade do estabelecimento de relações sociais ou a necessidade de enraizamento social que impediria a quebra da segurança tradicional.<sup>4</sup>

Em face desse sistema ideológico, pode-se observar que o modelo apresentado “normatiza” comportamentos masculinos e femininos, ocultando e invalidando partes, modos e todas as práticas que não correspondam aos padrões de relação nele contido. O machismo continua a ser uma estrutura ideológica em articulação com a ideologia dominante e com as instituições de controle social<sup>2</sup>.

Em resumo, por efeito da manutenção de uma construção social fortalecida, a mulher é mantida nessa relação de poder, de desigualdades sociais, continuando presa a esta tradicional cultura geradora da violência, que traz conseqüências para a saúde física e psíquica da mulher.

A violência contra a mulher constitui um fenômeno social persistente, multiforme e articulado por facetas psicológicas, morais e físicas. Suas manifestações são maneiras de estabelecer uma relação de submissão ou de poder, implicando sempre situações de medo,

isolamento, dependência e intimidação para a mulher. É considerado ato que envolve o uso da força real ou simbólica por parte de alguém, com a finalidade de submeter o corpo e a mente à vontade e liberdade de outrem.<sup>5</sup>

Estudo realizado, que teve como objetivo estimar a prevalência de violência em mulheres usuárias da atenção primária em saúde, revelou que, entre as mulheres, 76,5% disseram ter sofrido algum tipo de violência ao longo da vida e 56,4% relataram violência por parceiro íntimo; cerca de 30% mencionaram pelo menos um episódio nos últimos 12 meses, enquanto 6,5% disseram ter procurado ajuda em Unidade Básica de Saúde, o que mostra a grande proporção de usuárias que vivenciava a violência em seu cotidiano, perpetrada especialmente por parceiros íntimos.<sup>6</sup>

A Lei 11.340, Lei Maria da Penha, define a violência doméstica e familiar contra a mulher como qualquer ação ou omissão baseada no gênero que ocasione morte, lesão, sofrimento físico, sexual ou psicológico e dano moral ou patrimonial; que ocorra no âmbito da unidade doméstica, no âmbito da família, em qualquer relação íntima de afeto onde o agressor conviva com a ofendida ou com ela tenha convivido, independentemente de coabitação; manifesta-se nas formas de violência física, psicológica, sexual, patrimonial e moral.<sup>7</sup>

As unidades de saúde são, pois, importantes espaços para a identificação da violência em mulheres, e os profissionais de saúde precisam estar conscientes do tema, possibilitando assim a orientação, encaminhamento e a notificação. De acordo com a Lei 10.778, constitui objeto de notificação compulsória, em todo o território nacional, a violência contra a mulher atendida em serviços de saúde públicos e privados.<sup>8</sup>

Diante da relevância desta temática, a saber, a violência contra a mulher por parceiro íntimo, por trazer essa vivência na relação conjugal e as consequências para a saúde desta e o que isso implica em seu cotidiano, apresentamos este estudo, que tem por objetivo compreender o cotidiano de mulheres que vivenciam a violência conjugal.

## **METODOLOGIA**

Trata-se de um estudo descritivo com abordagem qualitativa, apoiado nos pressupostos teóricos da sociologia compreensiva de Michel Maffesoli.

A Sociologia Compreensiva “sugere descrever o vivido naquilo que é, contentando-se, assim, em discernir as visadas dos diferentes atores envolvidos”. Pretende compreender e não explicar o que se apresenta, isto é, os contornos, os limites, as necessidades das situações e das representações que constituem a vida cotidiana.<sup>9:30</sup>



O Cenário para o desenvolvimento do estudo foi uma maternidade pública, pertencente à Secretaria de Saúde do Estado da Bahia, localizada na cidade de Salvador.

A pesquisa foi composta por 15 mulheres que sofreram violência doméstica e se encontravam no pós-parto, internadas no Alojamento Conjunto de uma maternidade pública, localizada na cidade de Salvador.

No sentido de compreender o cotidiano de mulheres que vivenciam a violência conjugal, foram realizadas entrevistas com a questão norteadora *fale do seu cotidiano na vivência da violência doméstica*. Estas foram gravadas e transcritas. Também utilizamos um formulário semiestruturado, contemplando aspectos sociodemográficos.

Os dados foram classificados e organizados para a análise seguindo o cruzamento de ideias, significados e imagens, a fim de codificar e construir as categorias que emergissem do encontro com as mulheres, tendo se formado a conjunção *violência conjugal no cotidiano de mulheres*, construída a partir da interação estabelecida entre o observador, o objeto do estudo, e a análise dos dados, que interpostos pela questão norteadora e pelo objetivo, à luz do referencial teórico epistemológico e metodológico de Michel Maffesoli da Sociologia Compreensiva do Quotidiano.

O projeto foi encaminhado para uma Comissão de Ética em Pesquisa e aprovado pelo Comitê da escola de enfermagem da Universidade federal da Bahia, parecer nº 384.219.<sup>10</sup>

## **RESULTADOS E DISCUSSÃO**

As entrevistadas, em sua maioria, tinham entre 16 e 41 anos; vale ressaltar que sete delas (46,7%) se encontravam na faixa etária que vai dos 15 aos 24 anos, eram pretas ou pardas, cursaram até o ensino médio, eram casadas ou viviam em união estável e eram financeiramente dependentes.

Das falas das atrizes emergiu a conjunção *violência conjugal no cotidiano de mulheres* e desta, as seguintes categorias: ciúme, agressão, aceitação da vida pelo medo, uso de álcool/drogas ilícitas pelo companheiro, busca para a saída da violência.

### **Ciúme**

O ciúme é um sentimento inerente a todo ser humano, mas que pode tornar grave um transtorno afetivo, na medida em que se formam ligações intensas com a pessoa amada e uma tendência a expressar um sentimento de posse exclusivista, criado pelo medo ou risco de perda, propiciando a dúvida que perturba a alma, fazendo com que se ame e odeie ao mesmo

tempo a pessoa que é objeto de sua afeição. Costuma surgir quando o relacionamento é baseado em posse, como já dissemos.<sup>11</sup>

*No começo era um amor [...] Depois veio os ciúmes, sempre ciumento, grosso e agressivo [...] Eu arranjei um estágio [...] Ele começou a implicar que o chefe era homem [...] Que eu não fazia nada [...] Só fiquei dois meses. Eu só podia sair com ele [...] Com as colegas também não podia [...] Roupa tinha que ser bem folgadinha, apertada não podia, shortinho nem pensar. (E6)*

*O ciúme dele era muito doentio [...] Ele desconfiava de mim [...] Se eu tivesse em casa e ele percebesse alguma coisa, ou eu conversando demais com minhas amigas, ele começava a me bater. Não posso ir pra lugar nenhum. Eu me sinto presa. (E3)*

*Quando eu casei [...] começou a agressividade dele, ciúmes [...] Quando eu saía, quando voltasse ele tinha que ver como estava a minha calcinha para ver se eu tinha trocado, se estava suja pra ver se eu tinha pego outro homem na rua [...] ciúme era pior de tudo. (E14)*

O ciúme, como vimos nas falas acima, aparece no dia-a-dia das mulheres e constitui uma mola propulsora para as relações violentas. Numa visão da sociologia, declara-se que existem diversas formas de violência, e que estas são um aspecto indivisível do mundo, todas as coisas existindo em um misto de amor e ódio, atração e repulsa, generosidade e egoísmo.<sup>12</sup>

Em que introduz a transfiguração, isto é, a passagem de uma figura a outra, próxima da posse. Quando se é “possuído” por um amor, por uma divindade, por um sentimento, o corpo, o rosto, se transfigura, ganhando outra dimensão. No caso das mulheres que sofrem a violência, esta transfiguração pode ser percebida no companheiro possuído pelo sentimento do ciúme.<sup>13:135</sup> Parece que a ameaça que alguém representa a outrem está pautada no medo da ruptura da ordem estabelecida ou que se queira estabelecer. O gerenciamento inadequado do medo do outro com quem se convive e o uso equivocado da agressividade e da força para resolução dos conflitos oriundos das relações sociais quotidianas engendram atos violentos.<sup>14</sup>

As falas abaixo mostram como as mulheres percebem o ciúme do companheiro no dia-a-dia.

*No começo, (o ciúme) eu achava que era porque ele gostava, porque ele queria cuidar, depois eu vi que não, que era porque ele queria mandar, controlar, até em termos de trabalhar e tudo (E6).*

*Ele dizia que fazia isso porque me amava [...] Às vezes, eu achava que ele estava fazendo isso porque gostava de mim mesmo, porque se não gostasse não ia ligar [...] (E12).*

A ordem do amor, o próprio do amor, tem essa dependência. Existimos para o olhar do outro. Tudo o que fazemos é para o melhor no sentido de religação (religare). Sempre vamos estar religados ao outro.<sup>15</sup> Mas o próprio do amor nos casos em que a dependência está em jogo pode ser ambivalente, proporcionando seja o bem, seja o mal para estas mulheres.

Desta forma, o dia-a-dia das mulheres nas relações conjugais é cheio de sentimentos diversos, ambivalentes. O ciúme, por exemplo, como é mostrado nas falas, é percebido por algumas mulheres como amor, enquanto, para outras, é posse e não amor. O poder é, pois, determinado em meios opostos de ação, as medidas para assegurar a sua manutenção tendo por motores a submissão ou a dependência. Há, neste sentido, o sentimento de pertença, o pensamento da ordem da dependência.<sup>4:15</sup>

A construção social das relações no mundo vivido é um conjunto de referências que se compartilha com terceiros. Elas podem ser de diversas ordens, feitas de odores, ruídos, texturas vegetas e físicas, cores, não sendo restritiva. São todos estes elementos que constituem a matriz, onde nascem, crescem e se reforçam as inter-relações feitas de atrações e repulsas, de todas essas coisinhas insignificantes que compõem o conjunto do que se chama de sociabilidade. A sociabilidade sendo entendida como os espaços comuns do vivido, compostos por afetos e emoções comuns.<sup>16</sup>

A questão da violência na nova ordem do pós-modernismo não tem necessariamente relação com o homem ou a mulher: pode estar havendo um pacto inexplicável entre o parceiro ativo e o que se assume passivo, submisso e que, como tal, esteja na condição de violentado.

*Minha relação (ex-companheira) era muita briga [...] ciúme [...] Se outra (mulher) passasse e conversasse na rua, aí já queria discutir, bater, ciúme possessivo [...] Ela dizia: se você me trocar, eu te mato (E1).*

Na modernidade, enraizada por uma cultura rígida, não há uma libertação para a experiência do prazer, mas uma vivência do dever ser. Mesmo na pós-modernidade, o ontem está presente no hoje, vive esta cultura rígida, do domínio, do dever ser. Ainda para o autor, o murmúrio cultural e seu enraizamento são mais sombrios. No mínimo, colocam em cena, cantam e ilustram de diversas maneiras o claro-escuro da existência<sup>17</sup>

O ser de cada “ente” que somos está menos no pensamento do que na relação de pertença, natural ou social, que nos constitui como tal. Essa relação de pertença que é característica da modernidade se baseia na dominação, sem distinção, da natureza, do corpo individual e do corpo que o cerca.<sup>17:226-239</sup>

## **Agressão**

No mundo da relação conjugal, o cotidiano das mulheres é feito de violências diversas, quer sejam físicas, psicológicas, sexuais, patrimoniais, morais. Com o rompimento da resistência silenciosa, as experiências são desveladas, e os sentimentos, expressados.

*Ele me maltratava, muitas vezes falava palavras de baixo escalão, falava coisas que me machucava [...] Falava mal do meu trabalho [...] A agressão psicológica é uma agressão que você não esquece. Fica para o resto da sua vida. Você pode botar no arquivo morto, mas é como você acabou de tocar no assunto e eu me entristeci, veio a minha lembrança(E11).*

Elas estão na origem das diversas atrações e repulsas, às vezes a priori e sem fundamento, que marcam com a sua impressão inegável todas as vidas individuais e sociais.<sup>17</sup> É nas atrações e repulsas que as relações conjugais são marcadas pela vivência de violência.

Para bem apreender a harmonia conflitual que é a dialogia “amigo-inimigo”, o fato de estar-com é sempre tensional. Está em perpétuo devir, o equilíbrio em completa tensão e de novo instável. Tudo escoa, esclarece a impermanência e continuidade.<sup>17:99</sup>

Desta forma, a violência no dia-a-dia da mulher se torna banal, algo que está incutido em nossa sociedade, nos valores sociais, históricos e culturais.<sup>18</sup> O cotidiano das mulheres é feito de agressões, o domicílio sendo o espaço em que a violência contra a mulher é apresentada.

*Ele me xinga, xinga minha filha, minha tia, xinga todo mundo. Ele me agride fisicamente, de tapas, um sai na mão, um bate no outro. Pega a faca pra meter [...]. Em minha filha também [...] Me sinto mal, me sinto culpada por ela (filha) estar passando isso(E5).*

A expressiva concentração da violência contra a mulher, quer seja física, sexual, psicológica, patrimonial ou moral, ocorre historicamente sobre o corpo feminino e as relações

violentas existem porque as relações assimétricas de poder permeiam a vida diária das pessoas.<sup>5</sup>

Estudo observacional - do tipo corte transversal -, desenvolvido em uma maternidade pertencente à rede estadual de Salvador (BA), com amostra composta por 498 mulheres, mostrou que a prevalência de violência doméstica em mulheres, independente do período de ocorrência, foi de 41,4% (durante a gestação, 24,3%; antes da gestação, 17,1%). Com relação à maneira como se expressava, a pesquisa revelou maior incidência de violência psicológica (40,6%). O principal autor foi o parceiro atual (16,9%), independentemente do período (17,2% durante a gravidez e somente 3,4%) antes da gravidez. É possível verificar uma associação positiva e estatisticamente significativa entre problemas de saúde e a ocorrência da violência doméstica.<sup>19</sup>

Entre as diversas manifestações de violência doméstica, a sexual deixa marcas permanentes na vida das mulheres.

*Ele me forçou a fazer sexo várias vezes. Ele me impedia de usar anticoncepcional porque ele não comprava e eu não tinha dinheiro, acabava não usando. Aí eu acabei engravidando da minha primeira filha. Aí, é difícil de falar isso [...] (silêncio) (E6).*

*Eu me senti forçada (a ter relação sexual) por medo. Você sabe o que é sentir medo de uma pessoa, você não quer estar com ela e você ser obrigada a estar com aquela pessoa? Eu tinha raiva de mim mesmo, não dele (E9).*

A violência contra a mulher se manifesta de diversas formas: podemos perceber que a violência sexual ocorre significativamente na convivência das mulheres com seus cônjuges, no espaço do domicílio. Esse espaço, que é o corriqueiro, acentua fortemente jogos de interesse, em que há o cenário, cada ator trazendo sua cena, vestindo suas máscaras, a mulher, neste palco, se tornando objeto de encenação. No corpo desses atores se insere o jogo da aparência, em que a teatralização é contínua e onipresente.<sup>20</sup>

### **Aceitação da vida pelo medo**

No teatro da vida, no cenário da vivência com o companheiro, as mulheres se utilizam de máscaras como forma de resistir às múltiplas dominações e poderes que vivenciam no espaço da casa. A teatralidade, a expressão do que Michel Maffesoli chama de duplicidade, é

uma forma de ardil antropológico que se adorna de máscaras cintilantes para resistir às múltiplas dominações dos diversos poderes.<sup>16</sup> Nas falas a seguir, percebemos que muitas mulheres se calam ou teatralizam o amor e a aceitação da relação como formas de resistir ao domínio dos cônjuges.

*Mas eu queria dizer que não dava mais, mas se eu falasse ele me agredia. Aí, eu ficava calada ou dizia que eu amava e que aceitava. Mas por dentro ali o coração (silêncio). Eu já queria deixar ele, mas não tinha como porque ele ameaçava. Se eu fugisse dele, não ia adiantar, ele ia atrás de mim me caçar. Ele me ameaçava me matar. (E13)*

*Então, eu era assim, muito calada. Não era medo, mas não sei, eu me controlava mesmo, me controlava mesmo. Eu me sentia presa porque eu não podia fazer nada. Ele me colocava coleira, eu não podia olhar para o lado. O que ele queria, eu fazia. Ele não queria que eu fosse pra casa de minha mãe, eu não ia, também eu não questionava nada. Se ele dissesse não vá, eu não ia e ficava calada. Se ele dissesse não coma, eu não comia. Assim, ele me controlou muito (E14).*

*Eu não falei a meu pai o que aconteceu não, pra ninguém [...] Eu ficava mais com ele por medo, por causa da ameaça que ele sempre me fazia de morte [...] Eu me sentia encurralada. Não sabia o que fazer, com medo. Você sabe o que é andar na rua e pensar que está todo mundo atrás de você querendo fazer uma arte com você? Era assim que eu andava na rua, com medo de tudo, de todos (E9).*

O sentimento de medo, pelas ameaças constantes, paralisa as mulheres, impedindo-as de encontrar um caminho ou um horizonte possível.

O medo dos abusos, dos excessos, na verdade da desordem, é isso o que conduz ao imobilismo que mais embrutece.<sup>17:246</sup>

O viver cotidiano, pode ser compreendido como aceitação da vida, da duplicidade, do silêncio, da astúcia como forma de existência, além da solidariedade orgânica. Tanto a duplicidade quanto o jogo duplo e a máscara se expressam na mesma teatralidade e se valem da astúcia e do silêncio, tornando possíveis a resistência e a permanência da sociabilidade.<sup>13</sup>

Assim se revela a complexidade da situação de violência pela qual passam as mulheres e desua permanência nesta conjuntura, estado que não é revelado. Existe uma sociedade escondida dela mesma, à espera de ser revelada. Importa procurar princípios seminais que,

para além, das causas racionais que nos são familiares, permitam compreender o querer-viver obscuro e teimoso, na origem da permanência em que o real é mais complexo.<sup>17</sup>

### **Uso de álcool/drogas ilícitas pelo companheiro**

O uso do álcool, para muitas mulheres, é considerado um fator potencializador de agressões.

*[...] Ele entra em casa e procura briga sem nada, porque usa droga [...] ele bebendo vira o diabo. Tem força, já está com a bebida na cabeça, quer agredir. (E5)*

*Ele bebia, mas pra ele fazer não precisava ele beber. Já era do caráter mesmo dele ser assim. Então quando a pessoa tem o caráter assim, a bebida é só um aperitivo [...] E quando a pessoa é mau caráter, ela bebe e mostra que ela é mais mau-caráter ainda. (E11)*

Estudos mostraram que o uso do álcool constitui fator de risco para a ocorrência da violência contra a mulher por parte do parceiro íntimo.<sup>21</sup> Pesquisa realizada em Uganda considerou que mulheres com parceiros íntimos que bebem frequentemente correm seis vezes mais riscos de sofrer com a violência conjugal do que aquelas em que o parceiro nunca bebeu.

O uso de drogas lícitas e ilícitas pelos companheiros faz parte do dia-a-dia das mulheres e intensificam as agressões, constituindo o trágico da vida. Onde tem festivo, tem trágico, então há a harmonia conflituosa da existência. Em outras palavras, sempre há o claro e o obscuro na existência.<sup>15</sup>

### **A busca pela saída da violência**

O dia-a-dia das mulheres que sofrem com a violência doméstica acontece de forma cíclica, com as mulheres buscando a saída da violência por meio da separação.

*Eu já me separei três vezes dele, mas ele vai atrás de mim. Ele vai na minha casa, vai na casa de minha mãe, fica esperando no ponto de ônibus, me persegue[...] Ele disse que vai me tratar bem, que vai ser outra pessoa, que não vai fazer mais isso, aí eu pego e volto. Aí volta tudo de novo. (E4)*

*Eu achei que não ia voltar mais pra ele, mas minha família dizia que todo casal brigava, que eu tinha que conversar[...] Às vezes eu penso que eu preciso me moldar*

*mais como esposa. Porque o homem quando casa não está querendo só uma mãe para os filhos, ele está querendo uma esposa também, de tirar um tempo pra nós dois [...].*

(E1)

O cotidiano de violência experimentado pelas mulheres suscita o desejo de separação. A degradação da relação é o que vai causar a separação, a saturação. Com a racionalização, há o distanciamento do outro, isto é, o distanciamento da alteridade, e com isso vem a saturação.<sup>15</sup> Em outras palavras, a relação conjugal com a presença de agressão está inserida no contexto desta saturação, onde a relação homem/mulher está em degradação, em que há o distanciamento de se colocar no lugar do outro, isto é, da alteridade.

A vida cotidiana é cíclica, ou seja, não existe um fim absoluto, mas há, sim, a busca por formas de se enfrentar a precariedade e a permanência de um mundo que se mostra em toda a sua ambivalência. A aceitação do destino está ancorada profundamente na consciência da morte, do limite; sendo assim, o que conta é o presente, o instante fugaz.<sup>22</sup>

O retorno cíclico da violência alimenta o vazio em que se transformou o instituído<sup>12</sup>, dificultando o processo de enfrentamento. É importante, pois, que as mulheres tenham apoio para se fortalecer, no sentido de enfrentar a situação cotidiana de vivência de violência doméstica e que elas deixem de conformismo.

Percebe-se que não houve mudanças significativas com relação às razões que continuam a justificar formalmente a persistência da violência de gênero e que ainda se baseiam principalmente na argumentação de que a mulher não está cumprindo bem seu papel de mãe, dona-de-casa e esposa, por estar voltada para o trabalho, para o estudo.<sup>5</sup>

A manutenção da lógica familista, aliada aos motivos aparentemente desencadeadores da violência e que são sempre frequentes nas conciliações dos conflitos domésticos e intrafamiliar, cabendo à mulher reatar a relação afetivo-conjugal, rejeitar o pedido de separação, abdicar da independência econômica (mulher em processo de ascensão social), aceitar a violência como expressão de ciúmes, entre outros.<sup>5</sup>

Essa questão é o que a Rede de Atendimento à Violência hoje traz, a ajuda para encontrar uma saída. As políticas públicas trazem em seu bojo a ajuda para a mulher, mas o atendimento ao homem ainda fica a desejar. Mesmo os programas de proteção à mulher existindo, ainda há dificuldades em sua efetivação, com a identificação da notificação compulsória pelos profissionais de saúde.

Em resumo, é preciso encontrar uma maneira de viver. A importância do vivido, a experiência própria à vida cotidiana, a intensidade do presente, tudo isso é causa e efeito de



uma nova maneira de viver junto, menos agressiva, em que os afetos e a razão, de uma maneira holística, vivem em boa inteligência.<sup>17:120</sup>

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O cotidiano das mulheres é feito do trágico mundo da violência, o principal perpetrador sendo o companheiro ou ex-companheiro, envolvido pelo ciúme, que culmina em agressões contra as mulheres. O uso de álcool e drogas ilícitas por parte do companheiro mostrou-se um fator de risco para a ocorrência da violência conjugal. No drama da vida, as mulheres passam por situações que as levam à aceitação da vida pelo medo, sendo que muitas buscam saídas para a violência. No entanto, o retorno cíclico da violência conjugal dificulta essas saídas.

O mergulho no mundo das mulheres que vivenciam a violência doméstica mostra o obscuro da existência, onde se encontra o processo de adoecimento delas, causado pelos conflitos e agressões. Percebe-se, portanto, a necessidade do olhar sensível dos profissionais de saúde, possibilitando uma escuta que contemple os elementos contribuindo para a compreensão da tragédia da vida.

É importante, pois, conhecer os elementos propulsores da violência: que as leis sejam efetivadas; para tal, a interdisciplinaridade é necessária enquanto um dos meios de ação para o enfrentamento da violência contra a mulher na busca pela vida.

## REFERÊNCIAS

1. SEMAHEGN, A.; BELACHEW, T.; ABDULAH, M. A violência doméstica e seus preditores entre mulheres casadas em idade reprodutiva em Fagitalekoma Woreda, zona Awii, estado regional de Amhara, Noroeste da Etiópia. *Reproductive Health* 2013. p. 1-9.
2. LAMOGLIA, C. V. A.; MINAYO, M. C. S. Violência conjugal, um problema social e de saúde pública: estudo em uma delegacia do interior do estado do Rio de Janeiro. *Ciência e Saúde Coletiva*. 2009, 14 (2): 595-604.
3. SAFFIOTI, HIB. Contribuições femininas para o estudo da violência de gênero. *Cadernos Pagu*. 2001, 16: 115-136.
4. MAFFESOLI, M. A violência totalitária. Porto Alegre: Sulina, 2001. 312 p.
5. BANDEIRA, LM. Violência de gênero: a construção de um campo teórico e de investigação. *Soc. Estado*. 2014 Mai-Ago; 29(2):449-69.
6. OSIS, M. J. D.; DUARTE, G. A.; FAÚNDES, A. Violência entre usuárias de unidades de

saúde: prevalência, perspectiva e conduta de gestores e profissionais. *Rev. Saúde Pública*. 2012, 46 (2): 351-8.

7. BRASIL Lei nº 11.340, de 7 de agosto de 2006. Cria mecanismos para coibir a violência doméstica e familiar contra a mulher. *Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil*, Brasília, DF [ citado em 07 de agosto de 2006]. 2006.

8. BRASIL. Congresso Nacional. Lei nº 10778, de 24 de novembro de 2003. Estabelece a notificação compulsória, no território nacional, do caso de violência contra a mulher que for atendida em serviços de saúde públicos ou privados. Brasília: 2003. Disponível em <<http://www.planalto.gov.br/ccivil/leis/2003/L10.778.htm>> . Acesso em 10 mar. 2010.

9. MAFFESOLI, Michel. *O conhecimento comum: introdução à sociologia compreensiva*. Porto Alegre: Sulina, 2007. 295p.

10. BRASIL. Ministério da Saúde. Conselho Nacional de Saúde. Resolução 466/12, de 12 de dezembro de 2012. Resolve aprovar diretrizes e normas regulamentadoras de pesquisa envolvendo seres humanos. Brasília, 2012.

11. CAVALCANTE, A. M. *O ciúme patológico*. Rio de Janeiro: Artes & Contos, 1994. 126p.

12. MAFFESOLI, Michel. *A parte do diabo*. Rio de Janeiro: Record. 2004.

13. MAFFESOLI, M. *A contemplação do mundo*. Porto Alegre: Artes e Ofícios: 1995. 168p.

14. ARAÚJO, L.C. *Violência no cotidiano de famílias de adolescentes negros: enfoques para o cuidar de enfermagem*. 2009. Tese (Doutorado em Enfermagem) – Curso de Pós-Graduação em Enfermagem, Universidade Federal da Bahia, Salvador. 222p.

15. MAFFESOLI, M. Seminário Internacional “Sociedade Contemporânea; a imagem, o simbólico e o sensível”. Universidade de Brasília. 2014.

16. MAFFESOLI, M. *Notas sobre a pós-modernidade: o lugar faz o elo*. Rio de Janeiro: Editora Atlântica, 2004.

17. MAFFESOLI, M. *Homo Eroticus: Comunhões emocionais*. Forense Universitari. 2014.

18. LOLIS, D; KURIKI, L.M.K. *Intervenção com a família para o fortalecimento dos vínculos familiares no enfrentamento da violência contra a criança e o adolescente*. *Serv. Soc. Rev.*, Londrina, v.15, nº 1, pp.65-88, 2012.

19. SENA, Chalana Duarte. *Fatores Associados à Violência Doméstica em Gestantes Atendidas em uma Maternidade Pública*. 2014. 110ff. Dissertação (Mestrado), Escola de Enfermagem, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2014.

20. COUTO, T.M. *O cotidiano e o imaginário de mulheres que provocaram aborto em um contexto de violência doméstica: contribuições para um cuidar em enfermagem e saúde*. 2011.

Tese (Doutorado em Enfermagem) – Curso de Pós-Graduação em Enfermagem, Universidade Federal da Bahia, Salvador. 180p.

21. TUMWESIQYE, NazariusMbona; KYOMUHENDO, Grace Bantebya; GREENFIELD, Thomas Kennedy; WANYENZE, Rhoda K. Problem drinking and physical intimate partner violence against women: evidence from a national survey in Uganda. *BMC Public Health*.2012; 12:399. Published online 2012 Jun 6. doi: 10.1186/1471-2458-12-399[internet]. 2012.
22. NITSCHKE, R. G. Mundo imaginal de er família saudável. Florianópolis, EDUFSC, Pelotas/RS: EDUFPEL. 1999. Cap. 3.

#### 4.2.4 Quotidiano de mulheres que vivenciam a violência doméstica na gestação

O artigo “Quotidiano de mulheres que vivenciam a violência doméstica na gestação” foi elaborado seguindo as instruções a(o)s autora (e) s para publicação e apresentação a (o) s editor(e)s do periódico Cadernos de Saúde Pública, órgão oficial de publicação da Escola Nacional de Saúde Pública – Fundação Oswaldo Cruz, Rio de Janeiro, disponíveis no link: <http://www.scielos.br/revistas/esp/pinstruc.htm>. Acesso em janeiro 2015.

**Quotidiano de mulheres que vivenciam a violência doméstica na gestação<sup>1</sup>**  
**Cotidiano de mujeres que vivieron violencia doméstica en la gestación**  
**Daily life of women who experience domestic violence during pregnancy**

**Adriana Diniz Rodrigues<sup>2</sup> Normélia Maria Freire Diniz<sup>3</sup>**

<sup>1</sup>Trabalho extraído da Tese “Quotidiano de Mulheres que Vivenciam a Violência Doméstica” do Programa de Pós-Graduação da Escola de Enfermagem da Universidade Federal da Bahia (PPGENF/UFBA). Salvador, Bahia, Brasil.

<sup>2</sup>Doutoranda em Enfermagem pela Escola de Enfermagem da Universidade Federal da Bahia (PPGENF/UFBA). Salvador, Bahia, Brasil. Integrante do Grupo de Pesquisa Violência, Saúde e Qualidade de Vida. Bolsista da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES). E-mail: adrianadiniz@gmail.com.

<sup>3</sup>Doutora em Enfermagem. Professora Associada IV pela Escola de Enfermagem da Universidade Federal da Bahia. Líder do Grupo de Pesquisa Violência, Saúde e Qualidade de Vida. Orientadora da Pesquisa. E-mail: normeliadiniz@gmail.com.

**Resumo**

A violência contra a mulher é um importante problema de saúde pública e dos direitos humanos e por causa das consequências que traz para a vida das vítimas, requer uma intervenção potencial das políticas públicas. O objetivo deste estudo foi compreender o cotidiano de mulheres que vivenciam a violência doméstica na gestação. Trata-se de um estudo descritivo com abordagem qualitativa, apoiado na proposta teórica, epistemológica e metodológica do sociólogo francês Michel Maffesoli. A pesquisa foi realizada em uma Maternidade Pública, pertencente à Secretaria de Saúde do Estado da Bahia (BA), localizada em Salvador. As entrevistadas da pesquisa foram 15 puérperas internadas no Alojamento Conjunto, que vivenciam violência doméstica. Os dados foram analisados à luz do referencial teórico, epistemológico e metodológico de Michel Maffesoli da Sociologia Compreensiva e do Quotidiano. O cotidiano de mulheres que sofrem a violência doméstica, em especial a gestante, leva ao trágico vivido, interferindo de maneira significativa na sua saúde física, mental, emocional e social. Precisamos de um olhar sensível direcionado para a atenção à saúde da mulher, com uma abordagem integralizada, individual e contextualizada, desta forma promovendo ações preventivas em relação à violência doméstica.

**Palavras-chave:** Violência contra a mulher. Violência doméstica. Gravidez. Atividades Cotidianas.

**Abstract**

Violence against women is a major public health and human rights problem and, because of the consequences it carries to the lives of the victims, requires a potential intervention of public policies. The objective of this study was to understand the daily life of women who experience domestic violence during pregnancy. It is a descriptive study with qualitative approach, based on the theoretical, epistemological and methodological proposal of the

French sociologist Michel Maffesoli. The survey was conducted in a Public Maternity, belonging to the Health Department of the State of Bahia (BA), located in Salvador. The respondents of the survey were 15 new mothers interned in Communitarian lodging who experience domestic violence. The data were analyzed based on the theoretical, epistemological and methodological framework of Michel Maffesoli from the Comprehensive Sociology and of Daily life. The daily life of women suffering domestic violence, especially pregnant women, leads to the tragic lived, interfering significantly in their physical, mental, emotional and social health. We need to have a sensitive look directing to the attention of women's health, with a integral, individual and contextual approach, thereby promoting preventive actions in relation to domestic violence.

**Keywords:** Violence against women. Domestic violence. Pregnancy. Daily Life Activities.

### **Resumen**

La violencia contra la mujer es un importante problema de salud pública y de los derechos humanos y por causa de las consecuencias que trae para la vida de las víctimas, requiere una intervención potencial de las políticas públicas. El objetivo de este estudio fue comprender el cotidiano de mujeres que viven la violencia doméstica en la gestación. Se trata de un estudio descriptivo con abordaje cualitativo, apoyado en la propuesta teórica, epistemológica y metodológica del sociólogo francés Michel Maffesoli. La investigación fue realizada en una Maternidad Pública, perteneciente a la Secretaría de Salud del Estado de Bahia (BA), localizada en Salvador. Las entrevistadas de la investigación fueron 15 puérperas internadas en el Alojamiento Conjunto, que vivieron violencia doméstica. Los datos fueron analizados a la luz del referencial teórico, epistemológico y metodológico de Michel Maffesoli de la Sociología Comprensiva y del Cotidiano. El cotidiano de mujeres que sufren violencia doméstica, en especial la gestante, lleva al trágico vivido, interfiriendo de manera significativa en su salud física, mental, emocional y social. Precisamos de una mirada sensible direccionada para la atención a la salud de la mujer, con un abordaje integral, individual y contextualizado, de esta forma promoviendo acciones preventivas en relación a la violencia doméstica.

**Palabras clave:** Violencia contra la mujer. Violencia doméstica. Embarazo. Actividades Cotidianas.

### **Introdução**

O olhar para o fenômeno da violência mostra a importância do mecanismo do individualismo e de sua compensação numa organização estatal totalitária para explicar o poder contemporâneo, de exacerbação da violência sanguinária quotidiana que prevalece no nosso modo de vida.<sup>1</sup>

Entretanto, “não é possível analisar a violência de uma única maneira, torná-la como um fenômeno único. Sua própria pluralidade é a única indicação do politeísmo de valores, da polissemia do fato social investigado. Considera-se que o termo violência é uma maneira cômoda de reunir tudo o que se refere à luta, ao conflito, ou seja, à parte sombria que sempre atormenta o corpo individual ou social”.<sup>2</sup>

A violência contra a mulher é um importante problema de saúde pública e de direitos humanos como tal requer uma intervenção potencial das políticas públicas.

As agressões contra as mulheres têm sido toleradas, atenuadas, no cotidiano das interações em diversas sociedades. No Brasil, no final do século XX, essas violências passaram a ser consideradas como violação aos direitos humanos, com a mobilização e a conscientização produzidas pelos movimentos sociais, organizações, convenções de nível internacional com posterior repercussão nacional, e recentemente pela elaboração de legislação específica, a Lei 11.340, dita Maria da Penha, que criou mecanismos para coibir e prevenir atos de agressão e violência por parceiro íntimo e familiar contra mulheres.<sup>3</sup>

A Lei Maria da Penha entende violência doméstica e familiar contra a mulher como qualquer ação ou omissão baseada no gênero que lhe cause morte, lesão, sofrimento físico, sexual ou psicológico e dano moral ou patrimonial; apresenta-se sob as formas de violência física, violência psicológica, violência patrimonial, violência sexual e violência moral.<sup>4</sup>

Dependendo financeira e/ou amorosamente do parceiro, a mulher permanece nas uniões, por medo de perdê-lo, continuando a aceitar situações de opressão, submissão.<sup>5</sup>

Dessa forma, o homem continua exercendo o poder sobre a mulher, resquícios da cultura patriarcal, que se reflete, nas palavras de Michel Maffesoli, em “uma lógica do dever ser”. O autor considera que a tentativa de domesticação do animal humano o conduziu a ser bestial (feroz, brutal...), e a motivação de todos os “moralistas” é, simplesmente, o poder.<sup>6</sup>

A violência contra a mulher na gestação é preocupante, em vista das suas consequências, não apenas físicas, mas também psicológicas, tais como o estresse, para a mulher e o conceito, além de constituir uma das formas de violação dos direitos humanos.<sup>7</sup>

A gestação é considerada um estado de crise, período em que a mulher se encontra vulnerável, em vista das alterações ocorridas no seu corpo, e também em virtude da mudança no social, representada pelas mudanças de papéis e pelo tornar-se mãe. A gravidez é caracterizada por alterações no metabolismo, no estado de equilíbrio, pelas transformações sociais, psicológicas e corporais, adaptações a novos papéis, reajustamentos interpessoais, intrapsíquicos e mudança de identidade, constituindo um marco importante na vida da mulher, pois envolve mudanças significativas, fase em que a mulher fica mais vulnerável, o que caracteriza o estado de crise; esta, se bem cuidada, leva ao amadurecimento e ao crescimento emocional, caso contrário pode adoecer a gestante.<sup>8</sup>

No dia-a-dia das mulheres no período gestacional, está presente a crise, o que as torna mais sensíveis, tornando mais complicado o enfrentamento da violência doméstica.

Pesquisa realizada com 1278 mulheres em clínicas de planejamento familiar na Califórnia mostrou que mais da metade da amostra (53,4%) afirmou ter sofrido violência física ou sexual por parte de um parceiro íntimo. A coerção da gravidez foi citada por aproximadamente uma de cada cinco (19,1%), e a sabotagem ao controle da natalidade por cerca de uma em cada sete (15,0%). Mais de duas em cinco (40,9%) tiveram pelo menos uma gravidez indesejada.<sup>9</sup>

Estudo realizado sobre a saúde da mulher e sobre a violência doméstica contra mulheres, que consiste em inquéritos de base populacional realizados em vários países, revelou índices de violência física por parceiro íntimo durante a gravidez variando entre 1% (Japão) e 28% (Província Peru) e entre 2% (Austrália, Dinamarca, Camboja e Filipinas) a 13,5% (Uganda). Os maiores índices encontrados foram no Egito (32%), seguidos pela Índia (28%), Arábia Saudita (21%) e México (11%). No Brasil, o índice variou entre 8% e 11%.<sup>7</sup>

Em estudo observacional - do tipo corte transversal, desenvolvido em uma maternidade pertencente à rede estadual de Salvador (BA), foram entrevistadas 498 puérperas de um total de 516. O índice de violência doméstica na gestação foi de 24,3%, sendo o principal autor o parceiro atual (17,2% na gravidez).<sup>10</sup>

Esses resultados mostraram índices significantes de violência contra as mulheres na gestação. A gravidez, lembramos, é uma fase de vulnerabilidade para a mulher, e a vivência das agressões pode implicar complicações para a sua saúde e a de seu concepto.

Pesquisa realizada na Índia com mulheres grávidas mostrou níveis mais altos de mortalidade perinatal e neonatal entre as mulheres que relataram vários episódios de violência do que entre aquelas que não citaram vivência de violência. Em geral, o risco de dar à luz bebês natimortos é 68% maior entre as mulheres que sofreram violência na comparação com o grupo "não violência".<sup>11</sup>

Outros estudos mostraram que mulheres que disseram ter sofrido violência na gravidez tiveram maiores taxas de retardo do crescimento intrauterino e parto prematuro do que as mulheres que não foram vítimas de abuso; este poderia levar a baixo peso ao nascer e a outro risco neonatal; ao aumento do risco de hemorragia pré-parto e à morte perinatal. Isso também foi associado ao aumento do risco de as mulheres sofrerem aborto espontâneo e/ou provocado. O abuso pode ainda causar outras consequências para a saúde das mulheres grávidas a longo prazo, incluindo a mortalidade materna.<sup>7</sup>

A violência pode ser mais comum para a gestante do que a pré-eclâmpsia, o diabetes gestacional ou a placenta prévia e lamentavelmente se pode afirmar que o ciclo gravídico-puerperal não confere proteção para a mulher. No entanto, a assistência pré-natal é um



momento privilegiado para identificar as mulheres que sofrem violência e, muitas vezes, a única oportunidade de interromper o seu ciclo.<sup>12</sup>

Face às pesquisas que evidenciaram que a violência doméstica contra as gestantes constitui um importante problema de saúde, tem por objetivo compreender o cotidiano de mulheres que vivenciam a violência doméstica na gestação.

## **Metodologia**

Visando a chegar ao objetivo da pesquisa, optamos por um estudo descritivo com abordagem qualitativa, apoiado nos pressupostos teóricos da sociologia compreensiva de Michel Maffesoli.

A Sociologia Compreensiva, “sugere descrever o vivido naquilo que é, contentando-se assim em discernir as visadas dos diferentes atores envolvidos”.<sup>13</sup> Pretende compreender e não explicar o que se apresenta, isto é, os contornos, os limites, as necessidades das situações e das representações que constituem a vida cotidiana.

O estudo foi desenvolvido em uma maternidade pública pertencente à Secretaria de Saúde do Estado da Bahia (BA), localizada na cidade de Salvador.

A pesquisa foi composta por 15 mulheres que sofreram violência doméstica e se encontravam no pós-parto, internadas no alojamento conjunto de uma maternidade pública localizada na cidade de Salvador (BA). Foram feitas entrevistas com as participantes, tendo como questão norteadora *fale do seu cotidiano na vivência da violência doméstica*. As entrevistas foram gravadas e posteriormente transcritas. Também utilizamos um formulário semiestruturado, contemplando aspectos sociodemográficos.

Os dados foram classificados e organizados para a análise seguindo o cruzamento de ideias, significados e imagens, a fim de codificar e construir as categorias que emergissem do encontro com as mulheres, tendo sido formada a conjunção *quotidiano de puérperas que vivenciam a violência doméstica na gestação*. A conjunção foi construída a partir da interação estabelecida entre o observador, o objeto do estudo e a análise dos dados, que foram interpostos pela questão norteadora e pelo objetivo, à luz do referencial teórico epistemológico e metodológico de Michel Maffesoli da Sociologia Compreensiva do Quotidiano.

O projeto foi encaminhado para uma Comissão de Ética em Pesquisa, segundo o disposto na Resolução 466 de 12/12/2012 do Conselho Nacional de Saúde (CNS) (BRASIL,

2012), tendo sido aprovado pelo Comitê da escola de enfermagem da Universidade federal da Bahia, parecer nº 384.219, registro CEP: CAAE 20732913.3.0000.5531, em 04/09/2013.<sup>14</sup>

## **Resultados e Discussão**

Quanto às características sociodemográficas, eis o que obtivemos: a maioria das entrevistadas tinha entre 16 e 41 anos; vale ressaltar que sete (46,7%) delas se encontravam na faixa etária de jovens entre 15 e 24 anos, eram pretas ou pardas, haviam cursado até o ensino médio, eram casadas ou viviam em união estável e eram financeiramente dependentes.

Das falas das atrizes emergiu a conjunção *quotidiano de mulheres que vivenciam a violência doméstica na gestação* e, desta, as seguintes categorias: *o trágico na gestação; o vivido do adoecimento; o vivido do trágico do espaço da casa ao espaço institucional da maternidade*.

### **O trágico na gestação**

O vivido do trágico na gestação é revelado pelo mergulho no cotidiano de mulheres com vivências de agressões físicas, psicológicas e morais, levando-as ao adoecimento. Isso apesar de a casa ser o espaço privado, que, no entender, delimita a intimidade e também oferece segurança, colocando-se como um espaço de possível resistência a certas imposições, sejam naturais ou sociais.<sup>2</sup>

Diante do contexto de violência contra as mulheres, porém, o domicílio se tornou o espaço onde as imposições masculinas estão presentes no cotidiano das mulheres sob a forma de domínio que ultrapassa os limites da segurança, tornando-o inseguro.

*Foi uma gravidez bem atribulada, turbulenta. Uma gravidez difícil, com muita tristeza, sem apoio. Porque durante a gravidez a gente fica muito sensível, então eu fiquei, não tinha assim o apoio dele (companheiro). Ele saía, me deixava só [...] As palavras continuam as mesmas, ele só nunca me agrediu fisicamente. Mas verbalmente [...] (E11).*

*[...] Ele (companheiro) me tratava muito mal [...] Eu sofri nessa gravidez de chute, de murro, de empurrões [...] Desde o meu primeiro mês. Não teve um momento de felicidade. Um momento de paz [...] Celular, eu não tenho mais um celular, porque ele quebra todos meus celulares [...] Ele já me ameaçou várias vezes de me matar. Ele falou bem assim: tomara que você morra no parto (E4).*

As falas acima mostram a fragilidade em que estas mulheres se encontram. É o trágico de um cotidiano repleto de diversos tipos de agressões, momentos contínuos de sofrimentos. É o obscuro da existência, nas palavras de Michel Maffesoli, que trazemos para o vivido das mulheres em um cotidiano de violência física, verbal, patrimonial, de ameaças, medo.

Assim, a violência na gestação tem sido preocupante, em virtude das consequências danosas deste fenômeno para a saúde da mulher e do conceito.

O Ministério da Saúde sustenta que o índice de violência física e sexual durante a gravidez oscila entre 1% e 20%, com índices igualmente altos nos primeiros seis meses após o parto, atingindo 25% das mulheres.<sup>12</sup> Estes dados mostram a problemática da violência contra as gestantes, com o adoecimento dela e do conceito.

### **O vivido do adoecimento**

O vivido do adoecimento envolve a saúde da gestante, com risco para o conceito e as dificuldades na busca pelo pré-natal.

As falas abaixo mostram o cotidiano de mulheres que vivenciam agressões nas gestações, implicando consequências graves para a saúde tanto física quanto psicológica da gestante e do conceito.

*Durante a gravidez, eu não me alimentava mais, perdi muito peso [...] Eu tive depressão por tudo que aconteceu [...] Ele ficou me agredindo [...] Procurei psicólogo, fiz alguns tratamentos e tudo por conta disso. Tomei medicação [...] Eu sempre trabalhava, mas fiquei onze meses afastada da empresa por depressão, chorava muito. Cheguei a perder quatorze quilos em três meses (E14).*

*[...] Sentia pressão baixa, sentia certas dores na barriga, que até fiquei com medo de perder meu filho por isso. Tive dor de cabeça também. Isso era consequência da discussão [...] O emocional eu ficava em depressão. Eu ficava sem comer, em cima de cama, sem me alimentar, sem beber água, no mínimo do mínimo. Era o pior (E2).*

As falas das mulheres trazem à tona a dor do vivido da violência doméstica e do adoecimento físico e psíquico, o sofrimento psíquico podendo desenvolver um quadro depressivo, que acarreta graves consequências para estas mulheres e para o conceito, como ficou mostrado acima, com a brusca perda de peso. Essa perda, prejudicial para a mulher, o é também para o conceito, e, dessa forma, preocupa.

Nesse mundo de violência há indicadores de que grávidas que sofrem violência sexual não realizam o pré-natal ou postergam seu início. Apresentam maior risco de contrair

infecções vaginais e cervicais, insuficiente ganho de peso, trabalho de parto prematuro, de baixo peso do bebê ao nascer e infecção do trato urinário. Além disso, a gestante que sofre de violência desenvolve quadro de estresse emocional constante, associado a uma baixa autoestima, isolamento e suicídio, uso excessivo ou abusivo de cigarro, álcool e/ou drogas.<sup>12</sup>

O vivido do adoecimento pela vivência das agressões no cotidiano das gestantes proporciona-lhes a morbidade e é um fator de risco para o conceito.

*Por causa das agressões tanto físicas quanto verbais [...] a minha barriga ficava muito dura mesmo [...] Eu senti muita dor, comecei a sangrar [...] Quando eu cheguei na maternidade, que eu tive a minha filha, ela respirou um pouco e depois... (silêncio) [...] Eu perdi a menina [...] (E13).*

*Eu tinha discutido com ele [...] Eu cheguei na maternidade nova com a dor, aí o médico disse a mim: “Eu vou ter que dar uma injeçãozinha em você, porque você já está tendo contrações”. Aí, me deram duas injeções. Uma pra segurar ele e a outra pra poder amadurecer o pulmão dele. Se ele viesse a nascer prematuro, aí não tinha risco de morte [...] Eu tive medo de causar a perda dele (filho)[...] (E8).*

*Eu tive a segunda gravidez, perdi por conta das agressões [...] Ele (companheiro) me bateu muito que depois, de noite começou sangrar muito e eu acabei perdendo [...] Eu vi a hora dele me matar (E6).*

As falas mostram o dia-a-dia do drama da vivência de violência pelas mulheres na gestação, levando-as ao trágico, com a morbidade e a morte. É o obscuro da existência, do cotidiano das gestantes que sofrem a violência doméstica.

É a dor que está no vazio, no silêncio do cotidiano de mulheres que sofrem a violência doméstica. E ao mergulhar neste oculto, emerge este modo da vida, a violência sanguinária, expressa na vivência do risco de morte, do abortamento, do óbito fetal.

Estudo feito sobre a prevalência da violência doméstica nas unidades de saúde apontou para os sérios danos à saúde da mulher e para o risco ao feto que a violência na gestação acarreta. Entre as intercorrências obstétricas, a pesquisa apontou: história de baixo peso ao nascer, história de prematuridade e atual gestação não planejada e a sua associação com a ruptura prematura da membrana.<sup>15</sup>

Outro estudo realizado com puérperas adultas jovens mostrou que o baixo peso ao nascer e os óbitos neonatal e pós-neonatal estavam associados à agressão física durante a gestação.<sup>16</sup>

Assim sendo, as pesquisas associaram violência durante a gestação e fator de risco para as intercorrências obstétricas, sendo este um problema preocupante para a saúde das mulheres e do concepto.

O cotidiano das mulheres na gestação é marcado pela vergonha de procurar os serviços de saúde, pelas agressões sofridas e pelo fato de o companheiro impedir que se faça o atendimento no pré-natal; há mulheres que chegam a realizar algumas consultas às escondidas do companheiro.

*Eu não ia fazer o pré-natal por causa das agressões, sentia vergonha (E1).*

*Na primeira gravidez eu ia escondida para o pré-natal. Na segunda gravidez, eu não fui um dia. Ele não deixava eu realizar o pré-natal. Porque ele não queria. Como ele dizia, eu só podia sair com ele. Se não for com ele, eu não posso sair com mais ninguém. E ele não queria ir para o pré-natal (E4).*

Percebemos, nas falas, o sofrimento das mulheres, cientes da importância do pré-natal para a saúde, e a tragédia deste vivido, de não poder realizar as consultas, pelo sentimento de vergonha ocasionado pelas agressões e pelo companheiro que as impede de fazer o pré-natal, utilizando-se de seu poder e contribuindo para que ela não adira a este. Vê na exploração da natureza, racionalmente orientada para um fim, o fundamento da exploração generalizada do indivíduo, a dominação.<sup>1</sup>

O pré-natal é visto pelo Ministério da Saúde como um elemento importante na redução da taxa de morbidade e mortalidade. Estas mulheres são, pois, cerceadas no direito de cuidar de si mesmas, levando-as a correr o risco de adoecer e morrer.

*Esse pré-natal foi complicado pelo fato da médica me tratar mal [...] fui tentar marcar o pré-natal, aí ela disse que não estava marcando, que as enfermeiras estavam de férias [...] Já cinco consultas sem fazer [...] Eu fui lá pra falar com a médica, só pra ver meu exame de USG pra saber quantos meses eu estava [...] Ela falou que não ia olhar nada, que o dia da minha consulta tinha passado [...] e bateu a porta na minha cara. Eu estava sentindo dor, estava perdendo líquido. Teve uma enfermeira que me atendeu lá e disse: Vá pra qualquer maternidade, pra não ficar assim dentro de casa [...] E8.*

A fala acima mostra o vivido da violência no cotidiano de mulheres nos espaços sociais. A mulher sofre violência no dia-a-dia do espaço doméstico e nas instituições de

saúde, que deveriam ser um espaço de acolhimento e proteção, aprofundando esse vazio da existência.

Estudo com o objetivo de verificar os fatores socioeconômicos, demográficos e reprodutivos associados à agressão física na gestação e os desfechos negativos para o recém-nascido em dois grupos de mulheres, adolescentes e adultas jovens, verificou a ocorrência de agressão física na gestação como um fator significativo associado a um pré-natal de pior qualidade.<sup>16</sup>

Outro estudo realizado, entrevistando profissionais de saúde que atendem em hospitais públicos, mostrou que as mulheres declaravam a violência nos atendimentos. Ao serem perguntados se eles costumavam “suspeitar” de casos de violência entre a população atendida, a maioria respondeu que a mulher não declara direta e espontaneamente tal violência, quer por vergonha, quer por medo de represália por parte dos parceiros ou de serem julgadas por terceiros; por banalizarem as agressões quotidianas vividas em suas relações conjugais ou familiares; por entenderem que suas consultas se restringiriam aos exames e sintomas clínicos ou por não sentirem espaço ou confiança suficientes para falarem sobre tais problemas no atendimento em saúde, entre outros motivos.<sup>5</sup>

É preciso, portanto, tentar perceber como as redes têm acontecido no dia-a-dia dos serviços. Por que as mulheres não acessam o caminho formal e sim o informal, fazendo as redes para a entrada do atendimento.<sup>17</sup>

Destacamos que dentro desse macrossistema, o conviver nesta sociedade, nesta contemporaneidade, há seres humanos que precisam ser reconhecidos como tal, daí a importância da conquista de ambientes que favoreçam a saúde.<sup>18</sup>

Nesta reflexão da autora, percebe-se a importância de olhar para o cotidiano dessas mulheres, compreendendo as dimensões do viver, de modo a obter um cuidado que contemple todo o ciclo vital das mulheres que vivenciam a violência doméstica.

### **O vivido do trágico do espaço da casa ao espaço institucional da maternidade**

O Obscuro da existência é vivido no contínuo da violência doméstica pelas mulheres no pós-parto.

*Ontem mesmo (na maternidade) [...] ele disse: “Eu não vou registrar mais essa menina não [...] Registre essa menina sozinha agora, porque eu não vou registrar filha nenhuma [...]” Ele pegou o papel do registro, botou dentro do bolso e carregou (E4).*

*Eu estou aqui na maternidade e ele está pensando que outro homem está ligando (sobre a ligação dele). Minha colega mandou recado pra mim, perguntando como eu estava: ele disse: “foi ela mesmo que ligou ou foi outro homem que estava falando”?* (E3)

*Até hoje é a mesma coisa e não mudou nada. Até aqui (maternidade) não mudou. Ele me trata na ignorância [...] Desde quando eu tive meu neném que ele veio dormir comigo... Meu leite não está saindo. Não sei se foi porque a gravidez toda perturbada, não sei lhe explicar [...] E eu fiz tudo direitinho. Tomei todos os remédios, fiz tratamento que a médica passou, tomei vitamina, me alimentava [...] Eu estou preocupada, porque queria dar de mamar pra ele e não estou conseguindo* (E5).

O cotidiano das mulheres no pós-parto é vivido com o controle e as agressões frequentes por parte dos companheiros, ocasionando intranquilidade e interferindo na recuperação e no processo de amamentação. A vida em perpétuo devir causa a “intranquilidade” do ser, a trágica intensidade andando lado a lado.<sup>19:267</sup>

A aversão, o ódio a si mesmo e a não aceitação da vida não se apresentam em estado puro. De fato, atacam mascarados. Considero que a desconfiança frente às imagens é umas de suas máscaras.<sup>20</sup>

O período do puerpério constitui também uma fase de crise, etapa em que a mulher precisa compreender seu processo de involução do organismo, as alterações psicológicas, o mecanismo da lactação na fase pós-gravídica. No aleitamento materno ressaltam-se os aspectos psicológicos inerentes à fisiologia de todo este processo, em que deveriam ser criadas, pelos pais e pela respectiva família, as condições psicológicas necessárias para o bem-estar da mãe e da criança.<sup>21</sup> Dessa forma, a qualidade da relação conjugal será determinante e indissociável deste processo.

Nesse sentido, percebemos como a violência pode implicar no processo da amamentação, pois interfere nas condições emocionais da mulher, desfavorecendo o mecanismo da lactação.

Após o nascimento, a saúde mental da mulher sofre transtornos devido às mudanças causadas pela maternidade, resultantes de fatores psicológicos e hormonais, fazendo com que a puérpera se torne mais frágil tendo de se adaptar ao novo papel de mãe. A depressão pós-parto é desencadeada essencialmente no decorrer da maternidade, quando há uma elevada ansiedade, o medo de errar e de não ser uma boa mãe, a culpabilidade e a baixa autoestima. Alguns fatores apontados aqui se devem ao ambiente familiar em que a mulher está inserida, à

falta de suporte social e às dificuldades no relacionamento com o marido.<sup>22</sup> Podemos refletir a respeito da questão da violência conjugal como um fator de risco para o desenvolvimento, na mulher, de um quadro de depressão pós-parto na gestação.

Daí a importância do profissional de saúde para o cuidado sensível. Para se aproximar da mulher, poder estabelecer uma relação de confiança e, assim, possibilitar que ela desvele o vivido da violência doméstica. Não há revelação se não há ocultação. Não há aparecimento se não há escondido.<sup>6</sup> E às vezes esse oculto é essencial, pois apresenta o que está lá, indubitável, irrefutável, intangível. Assim, é essencial que este oculto seja revelado, para que os profissionais de saúde acolham as mulheres em situação de violência, orientem-nas e as encaminhem para os serviços especializados, contribuindo para o desfecho favorável neste trágico mundo vivido por estas mulheres. Proporcionar emergir o claro neste escuro da existência, eis o que é primordial.

### **Considerações finais**

O cotidiano das mulheres é vivido sob a égide das diversas formas de violência em todo o ciclo gravídico-puerperal, o que interfere de maneira significativa na saúde física, mental, emocional e social delas, como ficou mostrado no trágicovivido na gestação; no vivido do adoecimento; no vivido do trágico do espaço da casa ao espaço institucional da maternidade.

Para minimizar osconsequentes agravos, é preciso um olhar sensível direcionado para a atenção à saúde com uma abordagem integralizada, individual e contextualizada, desta forma promovendo ações preventivas concernentes à violência doméstica.

É importante considerar os históricos das gestações das mulheres e o rastreamento de violência por parceiro nos serviços da área da saúde sexual e reprodutiva, no sentido de prevenir desfechos desfavoráveis. A intervenção precoce pode ajudar as mulheres a desenvolver as habilidades necessárias para a resolução de conflitos. Donde a necessidade da efetivação de programas e leis protetoras na atenção à saúde da mulher.

A notificação da violência é compulsória para todos os serviços de saúde, a ficha de notificação devendo ser preenchida, de acordo com o que ficou estabelecido pelo Ministério da Saúde.

Os serviços de pré-natal são fundamentais para a identificação das mulheres vítimas de violência doméstica na gestação, sendo momentos oportunos para que os profissionais de saúde se permitam escutar estas mulheres e possam realizar um cuidado sensível.



## REFERÊNCIAS

1. MAFFESOLI, M. A violência totalitária. Porto Alegre: Sulina, 2001. 312p.
2. MAFFESOLI, M. Dinâmica da Violência. São Paulo: Editora Revista dos Tribunais, edições Vértice, 1987.
3. MOURA, L. B. A.; GANDOLFI, L.; VASCONCELOS, A. M. N.; PRATESI, R. Violências contra mulheres por parceiro íntimo em área urbana economicamente vulnerável, Brasília, DF. Rev. Saúde Pública. 2009, 43 (6).
4. BRASIL Lei nº 11.340, de 7 de agosto de 2006. Cria mecanismos para coibir a violência doméstica e familiar contra a mulher. Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil, Brasília, DF. [citado em 7 ago. 2006]. 2006.
5. DANTAS-BERGER, S.M.; GIFFIN, K.M. Healthcare services and violence during pregnancy: perspectives and practices of healthcare professionals and teams in a public hospital in Rio de Janeiro. Interface - Comunic., Saúde, Educ. 2011, 15 (37):391-405.
6. MAFFESOLI, M. Apocalipse: opinião pública e opinião publicada. Tradução de Abdeir Neto e Antoine Bollinger. Porto Alegre: Sulina. 2010. 78p
7. OMS. World Health Organization. Intimate Partner Violence During Pregnancy. InformationSheet. Geneva. 2011.
8. MALDONADO, M. T. Psicologia da Gravidez, parto e puerpério. 15ª ed. São Paulo: Saraiva, 2000. p.232.
9. MILLER et al. Coerção na gravidez, violência por parceiro íntimo, e gravidez não intencional. Contraception. 2010 April; 81(4): 316–322.
10. SENA, Chalana Duarte. Fatores Associados à Violência Doméstica em Gestantes Atendidas em uma Maternidade Pública. 2014.. [Dissertação]. Escola de Enfermagem, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2014.
11. KOENIG, M.A.; STEPHENSON, R.; ACHARYA, R.; BARRICK, L.; AHMED; HINDIN, M. Domestic violence and early childhood mortality in rural India: evidence from prospective data. InternationalJournalofEpidemiology; v.39. pp.825–833. 2010.
12. BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Atenção Básica. Caderno de Atenção Básica n. 32. Atenção ao Pré-natal de baixo risco. Brasília: Editora do Ministério da Saúde, 2012.
13. MAFFESOLI, M. O conhecimento comum: introdução à sociologia compreensiva. Porto Alegre: Sulina, 2007. 295p.

14. BRASIL. Ministério da Saúde. Conselho Nacional de Saúde. Resolução 466/12, de 12 de dezembro de 2012. Resolve aprovar diretrizes e normas regulamentadoras de pesquisa envolvendo seres humanos. Brasília, 2012.
15. SANTOS, S.A.; LOVISI, G.M.; VALENTE, C.C.B.V.; LEGAY, L.; ABELHA, L. Violência doméstica durante a gestação: um estudo descritivo em uma unidade básica de saúde do Rio de Janeiro. *Cad.Saúde Colet.* 2010, 18( 4): 483-93.
16. VIELLAS, E.F.; GAMA, S.G.N.; CARVALHO, M.L.; PINTO, L.W. Factors associated with physical aggression in pregnant women and adverse outcomes for the newborn. *J. Pediatric (Rio J).* 2013, 89: 83-90.
17. SEIXAS, C. T. Cotidiano e Promoção da Saúde. Seminário internacional “Sociedade contemporânea: a imagem, o simbólico e os sensível”. Brasília, DF, 2014.
18. NITSCHKE, R.G. **Repensando nosso cotidiano contemporâneo para promover seres e famílias saudáveis**: maneiras de viver caminhos para cuidar. Florianópolis, SC, 2011.
19. MAFFESOLI, M. Homo Eroticus: Comunhões emocionais. Forense Universitari. 2014
20. MAFFESOLI, M. A contemplação do mundo. Porto Alegre: Artes e Ofícios: 1995. 168p.
21. VILAÇA, Carmén; SARAIVA, Claudia; PORTELA, José Carlos; COSTA, Tereza. Aleitamento materno: do nascimento à alta hospitalar que realidade? *Revista da Associação Brasileira dos Enfermeiros Obstetras.* Nº 12. 2012.
22. RODRIGUES, Carina. A depressão pós-parto: papel do EESMO na sua prevenção. *Revista da Associação Brasileira dos Enfermeiros Obstetras.* Nº 12. 2012.

#### 4.2.5 Enfrentamento e possibilidades de mudanças no cotidiano de mulheres que vivenciam a violência doméstica

O artigo “Enfrentamento e possibilidades de mudanças no cotidiano de mulheres que vivenciam a violência doméstica” foi elaborado seguindo as instruções a(o)s autora (e) s para publicação e apresentação a (o) s editor (e) s da Revista Latino-Americana de Enfermagem disponíveis no link: <http://http://www.scielo.br/revistas/rlae/pinstruc.htm>. Acesso em janeiro 2015.

## **Enfrentamento e possibilidades de mudanças no cotidiano de mulheres que vivenciam a violência doméstica<sup>1</sup>**

**Adriana Diniz Rodrigues<sup>2</sup>**

**Normélia Maria Freire Diniz<sup>3</sup>**

### **Resumo**

Esta pesquisa objetivou descrever o enfrentamento à violência doméstica e as possibilidades de mudanças no cotidiano de mulheres que a vivenciam. Trata-se de estudo descritivo com abordagem qualitativa, apoiado na proposta teórica, epistemológica e metodológica do sociólogo francês Michel Maffesoli, realizado em uma maternidade pública, na cidade de Salvador (BA). As entrevistadas foram puérperas que vivenciaram a violência doméstica e se encontravam internadas no Alojamento Conjunto. O projeto foi aprovado pelo Comitê da Escola de Enfermagem da Universidade Federal da Bahia, parecer nº 384.219. Os dados foram analisados à luz do referencial teórico, epistemológico e metodológico de Michel Maffesoli da Sociologia Compreensiva e do Quotidiano. O obscuro da existência das mulheres se revela por meio do sofrimento e da ausência de apoio de familiares e amigos, importantes como ajuda para enfrentar esta situação. As mulheres demonstraram suas potencialidades com o uso de máscaras, resistindo às situações vivenciadas. Ressaltamos aqui a importância da sensibilização e da efetivação dos serviços especializados e das políticas públicas para o enfrentamento da violência contra a mulher.

**Descritores:** Violência doméstica. Saúde da mulher. Atividades cotidianas.

**Descriptors:** Violência doméstica. Women's Health. Atividades cotidianas.

**Descriptores:** Violência doméstica. Salud de la mujer. Atividades cotidianas.

### **Introdução**

A violência doméstica ocorre no silêncio do espaço da casa, sendo considerada questão do privado. Ela só se torna pública no final do século XX, com o advento dos movimentos feministas. Trata-se de um fenômeno complexo, de onde a dificuldade em se discutir esse tema, mesmo com os avanços das políticas públicas nesta área.

---

<sup>1</sup> Trabalho extraído da Tese “Quotidiano de Mulheres que Vivenciam a Violência Doméstica” do Programa de Pós-Graduação da Escola de Enfermagem da Universidade Federal da Bahia (PPGENF/UFBA). Salvador, Bahia, Brasil.

<sup>2</sup> Doutoranda em Enfermagem pela Escola de Enfermagem da Universidade Federal da Bahia. Integrante do Grupo de Pesquisa *Violência, Saúde e Qualidade de Vida*.

<sup>3</sup> Doutora em Enfermagem. Professora Associada IV pela Escola de Enfermagem da Universidade Federal da Bahia. Líder do Grupo de Pesquisa *Violência, Saúde e Qualidade de Vida*. Orientadora da Pesquisa.

A parte obscura, a crueldade e os excessos afetivos já não ficam resguardados e protegidos pela solidez do muro da vida privada, mas são teatralizados, colocados no “vaso comum”.<sup>1</sup>

A violência doméstica é, portanto, um problema que tem preocupado cada vez mais as autoridades pelas proporções que tem tomado, prejudicando a saúde das pessoas e a situação socioeconômica dos países.

Para as mulheres, enfrentara violência é uma questão complexa, porque elas vivem em uma cultura que ainda se baseia em uma família fundamentada no patriarcalismo, onde os papéis sociais de homens e mulheres são definidos de forma desigual, predominando a relação de poder do homem sobre a mulher e a família. Assim sendo, a violência de gênero, gerada pelas desigualdades entre os sexos, está atrelada à tradição do patriarcado, que impõe relações sociais desiguais entre homens e mulheres, com estas em posição de submissão e papéis voltados para as funções reprodutivas, enquanto o homem é considerado o provedor da casa, tendo alto prestígio social e poder.

Presas a um círculo e marcadas por violências contínuas, convivendo com isso em seus domicílios, as mulheres se tornam vulneráveis, donde resulta que adoecem e são profundamente aniquiladas. É grande, portanto, a multiplicidade de aspectos que compõem o dia-a-dia das mulheres que vivenciam a violência.

O dia-a-dia de mulheres que sofrem a violência doméstica é vivido, pois, em um mundo obscuro, silencioso. O mundo obscuro contempla o vazio da “palavra perdida”. Isso serefletena palavra perdidapelas mulheres no calar do trágico da violência. E este trágico do vivido leva ao desencantamento do mundo.<sup>2</sup>

Ressaltamos que, no cotidiano, há a revelação das singularidades do processo de viver do ser humano, que poderá ser significado a partir de suas crenças, atitudes, comportamentos, imagens, mostrando que tudo está relacionado com tudo e interconectado numa rede de interações que o indivíduo estabelece consigo mesmo, com o outro e com o mundo.<sup>3</sup>

A rede de proteção é o meio utilizado pelas mulheres como forma de enfrentamento da violência vivenciada. É também o meio que as mulheres utilizam para sustentar a permanência em uma relação permeada por situações de agressão. Em resumo, as mulheres precisam de uma rede de apoio, quer familiar, quer institucional, que as ajudema enfrentar a situação de violência e a sair dela. A solidariedade orgânica se calca em laços afetivos e na ambiguidade básica da estruturação simbólica, garantindo a coesão do grupo, a partilha sentimental de valores, de lugares, de ideias.<sup>4</sup>

Na solidariedade orgânica e na interação afetiva, o compartilhamento de sentimentos e apoio possibilita o fortalecimento das mulheres e pode perceber a imprescindível busca pelo cuidado sensível, que só pode existir através do alcance do ser sensível, fonte de riqueza espiritual, que fortalece o corpo, mas que, ao mesmo tempo, permite a plenitude do coração.<sup>5</sup> Esse ser sensível é o ser necessário para o cuidado das mulheres em todo e qualquer processo das experiências vividas no cotidiano.

Esta sensibilidade em relação ao outro (a si mesmo, à natureza, à vida social) leva a uma concepção ampliada da realidade, plural, polissêmica, absoluta. A experiência do vivido coletivo tece um entrecruzamento sem fim todos os afetos, as emoções, as paixões constitutivas da vida de todos os dias, para formar o “tecido” social e natural compartilhado.<sup>2</sup>

A emoção pode, portanto, servir de elemento a partir de elementos objetivos: trabalho, ação militante, festas grupais, uso de uniformes, ações de caridade etc, que possibilitem mudanças no cotidiano das mulheres que vivenciam a violência doméstica, reencantando seu mundo.<sup>6</sup>

Entretanto, no sentido de favorecer a saída das mulheres da situação de violência, cabe aos profissionais de saúde ampliar suas possibilidades de escuta, fazendo cumprir a Lei nº 10.778, de 24 de novembro de 2003, que estabelece a notificação compulsória em todo o território nacional para os casos de violência contra a mulher atendida em serviços de saúde, públicos ou privados.<sup>7</sup>

A presente pesquisa tem como objetivo descrever o enfrentamento e as possibilidades de mudança no cotidiano de mulheres que vivenciam a violência doméstica.

## **Metodologia**

Com vistas a atingir o objetivo da pesquisa, optamos por um estudo descritivo com abordagem qualitativa, apoiado nos pressupostos teóricos da sociologia compreensiva de Michel Maffesoli.

A Sociologia Compreensiva, “sugere descrever o vivido naquilo que é, contentando-se assim em discernir as visadas dos diferentes atores envolvidos”.<sup>8</sup> Pretende compreender e não explicar o que se apresenta, isto é, os contornos, os limites, as necessidades das situações e das representações que constituem a vida cotidiana.

O estudo foi realizado e desenvolvido em uma maternidade pública pertencente à Secretaria de Saúde do Estado da Bahia, localizada em Salvador.

A amostra da pesquisa foi composta por 15 mulheres que sofreram violência doméstica e que se encontravam no pós-parto, internadas no alojamento conjunto de uma maternidade pública localizada em Salvador (BA). Foram feitas entrevistas com as participantes, tendo como questão norteadora *fale do seu cotidiano na vivência da violência doméstica*. As entrevistas foram gravadas e transcritas. Também utilizamos um formulário semiestruturado, em que foram contemplados aspectos sociodemográficos.

Depois de transcritas as entrevistas, os dados foram classificados e organizados para análise seguindo o cruzamento de ideias, significados e imagens, a fim de codificar e construir as categorias que emergissem do encontro com as mulheres. Daí se formou a conjunção *quotidiano de puérperas que vivenciam a violência doméstica na gestação*, construída a partir da interação estabelecida entre o observador, o objeto do estudo e a análise dos dados, interpostas pela questão norteadora e pelo objetivo, à luz do referencial teórico, epistemológico e metodológico de Michel Maffesoli da Sociologia Compreensiva do Quotidiano.

O projeto foi encaminhado para uma Comissão de Ética em Pesquisa, segundo o disposto na Resolução 466 de 12/12/2012 do Conselho Nacional de Saúde (CNS) (BRASIL, 2012), tendo sido aprovado pelo Comitê da escola de enfermagem da Universidade federal da Bahia, sob o parecer nº 384.219, registro CEP: CAAE 20732913.3.0000.5531, em 04/09/2013.<sup>9</sup>

## **Resultados e Discussão**

No que diz respeito às características sociodemográficas, as entrevistadas estavam, em sua maioria, na faixa etária entre os 16 e os 41 anos, sendo que sete delas (46,7%) eram jovens entre 15 e 24 anos, pretas ou pardas, tendo cursado até o ensino médio, casadas ou vivendo em união estável, financeiramente dependentes.

Das falas das atrizes emergiu a conjunção *Enfrentamento e possibilidades: Limites e Dificuldades, Solidariedade Orgânica e Potencias*.

### **Limites e dificuldades**

Escutar as experiências sobre a violência doméstica vivenciada, a partir do encontro com as mulheres, possibilitou mergulhar no mundo de limites e dificuldades enfrentadas no vivido da existência.

*Fui morar sozinha com meu filho [...] É outro momento difícil quando você tem um filho pequeno, você também não tem apoio, não tem avó, não tem parente por perto. Outra fase da vida difícil, não encontrar alguém pra tomar conta de seu filho, mas você sabe que tem que trabalhar por ele mesmo, pra poder dar uma vida melhor pra ele [...] São momentos e momentos muito difícil na vida quando você é só. (E11)*

*Depois, eu não queria mais [...] Ele (4º companheiro) não morava mais comigo [...] Mas como sempre, quando os meninos iam pra escola, ele aproveitava pra entrar (em casa) [...]. Ninguém saía de casa. Às vezes, eu jogava a cesta, que eu moro no primeiro andar, pedia a alguém pra comprar [...]. Eu tive que gradear as minhas janelas todas, gradear a minha porta[...]Um pesadelo[...]a gente chegou até a passar privação. Porque não teria como eu sair e comprar suprimentos[...] Eu me sustentava com a pensão da minha filha e com a pensão do meu filho. Meu ex me ajudava. (E13)*

Nas tensões da vivência de violência no dia-a-dia, observamos que a mulher tenta sair da situação da agressão e passa por privações, em busca de saídas. É o momento em que a vida é posta em jogo, e que potencialmente o destino é enfrentado, em que a submissão se converte em afirmação e potência.<sup>10</sup>

Em uma das falas, percebem-se as dificuldades enfrentadas no momento em que estas mulheres conseguem sair da convivência com o agressor, e que é igualmente o momento em se deparam com a falta de apoio dos familiares, a preocupação em cuidar do filho e a necessidade de trabalhar.

O trágico da violência vivido pelas mulheres mostra, pois, a limitação ao seu cotidiano, com as dificuldades do mundo vivido, expostas à morte e correndo riscos. Mas, diante do obscuro, a busca pelo claro aparece e as mulheres tentam enfrentar este vivido.

Nas reflexões sobre o ciclo orgânico da vida e da morte, da ordem e da desordem, afirma-se que só existe vida se houver determinação, e que o limite da vida permite ser.<sup>2</sup>

Para algumas mulheres, entretanto, os limites e as dificuldades, tais como a falta de apoio dos pais e da família paralisam-nas de forma a não permitirem ser. Pois diante de uma baixa autoestima, de um mundo trágico vivido, e sem os laços da família que as possam fortalecer, elas não conseguem extrair de suas potências recursos para enfrentar a situação.

*Eu já contei a meu pai (ameaça do companheiro), mas ele disse: “Não, isso é mentira”, ele disse: “Você já viu um homem ameaçar uma mulher e você ainda continuar com ele[...]?” Eu não tinha apoio de ninguém. (E4)*

Nesta fala se percebe que o pai se nega acreditar na palavra da filha e nega o vivido da violência; percebe-se aí também a ausência de apoio, seja da família ou de amigos, o que torna difícil encontrar uma saída para o vivido da violência. Desse modo, podemos refletir que a ausência da centralidade subterrânea, que é o estar-junto e a solidariedade orgânica, que



fortalece a mulher pelos vínculos de afetos formados, contribui para que o cotidiano das mulheres seja cheio de limitações, de onde a sua dificuldade em crescer como vida individual. Ressalta-se a importância da centralidade subterrânea, em que irá crescer toda a vida individual.<sup>11</sup>

A busca por ajuda ocorre no próprio meio social, junto à família e aos amigos; a falta destes vínculos estabelecidos pode se tornar obstáculo ao enfrentamento da situação deixando portanto as mulheres vulneráveis à violência, pois elas permanecem isoladas e sem um apoio afetivo efetivo, que contribua para que ela encontre uma saída.<sup>12</sup> Neste contexto, a mulher, por não ter apoio dos pais e familiares, se torna vulnerável às agressões.

Em face da violência, as mulheres encenam com máscaras, utilizando suas potencialidades como estratégias na tentativa de resistir à violência doméstica e assegurar a vida.

*Ele falando e eu pensando, vá falando ali sozinho. Era como se ele tivesse falando e eu com o protetor auditivo. Eu aprendi a bloquear. Eu penso assim, se a gente der certo, ótimo. Mas se não der, meus filhos são mais importantes. Eu quero é a minha saúde. (E1)*

Na busca de existir, as mulheres se utilizam de maneiras, dentro de suas potencialidades, que as ajudem a enfrentar o trágico. A pessoa plural pode viver, ao infinito, a multiplicidade de suas máscaras, isto é, de suas potencialidades.<sup>13</sup> Contentando-se em fechar os olhos, tapar o nariz e os ouvidos, a fim de não ver nada, não ouvir nada, não sentir nada do que está aí. Em uma eterna ambiguidade da fraqueza, que pode ser a máscara de uma força inegável, que, dessa forma, se reflete nas diversas máscaras que as mulheres possuem, para tentar resistir ao vivido da violência.

O jogo da aparência, é onde o corpo se exhibe em uma teatralidade contínua e onipresente, a máscara permitindo representar o pavor ou a angústia, a cólera ou a alegria, podendo se colocar em cena.<sup>6</sup>

Portanto, no jogo das aparências, as mulheres encenam a teatralidade deste mundo trágico vivido da violência, representando seus medos, sofrimentos, suas angústias, em uma palavra, os sentimentos que estão envolvidos no cotidiano.

As agressões ocorrem de forma rotineira e se intensificam a ponto de o vivido do trágico no cotidiano das mulheres se tornar insuportável, levando as mulheres a tomarem uma decisão transgressora, como se vê na fala abaixo.

*[...] Da última vez, ele foi agredido, ele tomou um tiro pra me deixar em paz. Porque na delegacia não deu jeito. Aí, eu conversei com um tio meu que é policial [...] Sumiu... Graças a Deus. Se ele não sumisse, eu acho que eu estava era morta. Acho que só me deixou mesmo porque eu resolvi [...] Porque eu já tinha ido na segunda na delegacia da mulher e nada [...] Eu de certo, estou errada, mas foi o único jeito que tinha. (E6)*

A busca por sair do vivido do trágico leva a mulher algumas vezes a cometer uma agressão, na tentativa de interromper os episódios de violência. É a justiça feita com as próprias mãos, com o descrédito em relação à justiça do Estado. A fala acima reflete o mundo obscuro sofrido por estas mulheres, que chegam a cometer transgressões para tentar sair da violência, entendendo que esta seja a única forma encontrada para tal.

Ressaltamos também a importância dos serviços especializados de atendimento à mulher: que sejam efetivos no sentido de contribuir para o enfrentamento da violência contra as mulheres e evitar que o ciclo se repita continuamente, tornando o trágico uma constância no vivido dessas mulheres.

Este estudo, cujo objetivo foi identificar elementos que interferem no processo de enfrentamento da violência contra a mulher, revelou que muitos serviços não sabem lidar com a situação de violência, não têm conhecimento acerca dos locais para encaminhamento e apontam para a necessidade de maior divulgação destes a fim de garantir à mulher o atendimento às suas necessidades. Além disso, mostrou que a articulação intersetorial e a atenção disponibilizada pelos serviços são elementos que interferem no enfrentamento da violência contra a mulher.<sup>14</sup>

### **Solidariedade Orgânica**

A solidariedade orgânica, a saber, o estabelecimento de vínculos afetivos fortalecidos, são importantes apoios e meios para possibilitar a saída das mulheres da situação de violência doméstica. Os laços de afeto proporcionam a confiança, o viver junto, com uma interação afetiva, fundado em um *ordo amoris*, devolvendo sentido a uma “religação” assentada no elo (*religare*) e gerando confiança.<sup>13</sup>

Esta relação afetiva, do *ordo amoris*, pode ser representada pela relação familiar, que contribui para o fortalecimento da mulher, permitindo-lhe ser no mundo trágico.

*Eu encontrei apoio com minha mãe, meu pai e minha avó, que estão do meu lado até hoje. (E8)*

O sensível é uma dimensão humana que torna a dar gosto à felicidade terrestre. O sensível é fonte de riqueza espiritual, fortalece o corpo, ao mesmo tempo em que permite a plenitude do coração. A afetividade volta com força com as emoções, paixões, sentimentos que são substratos do vitalismo.<sup>6</sup>

Estudo realizado com o objetivo de compreender como as mulheres em situação de violência doméstica atendidas no Instituto Médico Legal convivem com essa adversidade e identificar as estratégias de proteção no enfrentamento, considerando o apoio/suporte

requerido e o obtido no meio relacional e institucional, mostrou que as mulheres, quando buscam por ajuda rompendo o silêncio, o fazem a princípio em seu próprio meio social mais próximo, como a família e os amigos.<sup>12</sup>

Daí a importância da rede de apoio, da solidariedade orgânica, como afirma Maffesoli, principalmente a família, para possibilitar que as mulheres se fortaleçam para enfrentar a violência.

A solidariedade orgânica se percebe também via religião, que mobiliza as mulheres pela força que a espiritualidade tem de subtrair o vitalismo do amor e dar confiança às crenças.

*Eu acho que só Deus mesmo pra mudar. (E4)*

*Eu não tinha muito assim medo porque eu tinha meu Jeová que sempre estava comigo. Ele (Jeová) sempre me livrou. Ele (Jeová) me livrou da morte. (E6)*

*Foi aí que eu tive apoio da Igreja que eu congrego [...]. Ela concordou que eu usasse o passeio da igreja pra estar colocando algo pra vender[...]Eu hoje me sinto vitoriosa [...] Hoje eu tenho a minha casa, a minha casa é própria, hoje eu tenho a minha lanchonete do meu próprio sustento. (E15)*

A religião é um apoio que fortalece em muitas mulheres os laços de confiança e contribui para que suas potencialidades possibilitem enfrentar o vivido de violência. Não podemos negar a importância da força espiritual, o retorno com força da cultura, a prevalência do imaterial, a presença do invisível.<sup>15</sup>

Trata-se de um poder intenso, de que se pode observar nas formas musicais contemporâneas, na energia das artes vividas no cotidiano, em um hedonismo de boa qualidade que se difunde nos modos de vida, nos cultos prestados ao corpo deus incontestemente da religiosidade atual. Tudo favorecendo o prazer de ser e, por isso, reforçando um “mais-ser” que, ultrapassando a fortaleza do corpo individual, dá uma eficácia real ao corpo social em seu todo.<sup>13:201</sup>

Vê-se como é significativo o fortalecimento das mulheres, assim como a sustentação diante da vivência de violência doméstica, e a necessidade de afetividade, do apoio de familiares, de instituições. Diante das limitações da família em ajudar na resolução do problema, as mulheres buscam auxílio na instituição religiosa e mesmo quando está não se faz presente, a espiritualidade se mostra como apoio emocional, ajudando-as, de algum modo, a suportar ou a enfrentar o problema.<sup>12</sup>

Nessa perspectiva da importância dos sentimentos e afetos, aborda-se o que chama de *Ordo amoris*<sup>13</sup>, isto é, o ordenamento da sociedade em que os afetos, os sentidos, a razão sensível, as paixões e emoções se ajustam harmoniosamente a fim de sustentar uma natureza que precisa disso.

A razão sensível não é uma negação da razão, mas a complementação pelas paixões, sentidos, integração; o inteiro do ser coletivo.<sup>16</sup> É a relação com os afetos, com a integração e interação familiar, com a religião e os grupos de amigos, possibilitando que as mulheres se fortaleçam, isto é, que externem a força do seu interior, que é a potência inerente ao ser humano.

Em um conjunto mais vasto: asforças da natureza (ecosofia), a deidade (religiosidade), o grupo (tribalismo), onde encontra a garantia de uma inegável sobrevivência, de mais-ser, em que o eu encontra a sua plenitude no vivido mais complexo.

### **Potencias**

O trabalho foi a força encontrada para as mulheres se fortalecerem e saírem da situação de violência vivenciada.

*Eu queria arrumar um lugar bem longe, pegar meus filhos e sumir... Se eu tivesse como eu faria... Eu não me vejo mais fazendo isso, porque o que recebo da bolsa família é pouco, o dinheiro que eu recebo do cabelo é pouco, não tem como fazer isso...Tenho que agüentar as consequências agora. Hoje, eu não vejo nenhuma possibilidade. (E7)*

*Então, simplesmente eu disse que não queria mais, e eu saí de casa. Me separei [...] Passei um tempo procurando trabalho e encontrei [...] Quando eu trabalhei, foi que minha autoestima elevou novamente [...]. (E11).*

Em sua maioria, as mulheres do estudo dependem financeiramente do companheiro; assim, a possibilidade de separação faz as mulheres se preocuparem em como subsistir, fazendo-as continuar na situação de violência. A condição financeira limita a mulher, a partir do momento em que ela não possui sustento e nem busca meios para tal, mantendo-se na dependência financeira do marido.

Diante da vivência da situação de violência, outras mulheres, no entanto, usam sua força para mudar esse cotidiano, o trabalho sendo a mola propulsora que permitiu que elas alcançassem esse objetivo. Quando alguma coisa cai, alguma coisa renasce. É isso o que aflora nas mulheres quando elas se voltam para si mesmase para a vida.<sup>16</sup>

É na vida de todos os dias que se reconstrói o terreno a partir do qual podem crescer e se fortalecer as novas maneiras de ser e de pensar. É o que Maffesoli chama de Potência Societal,<sup>13</sup> aquela que possibilita que as mulheres enfrentem a situação de vivência de violência doméstica no cotidiano.

É uma bela observação, que permite relativizar o que dissemos a respeito do desejo de submissão; no momento em que a vida é posta em jogo, onde potencialmente o destino é enfrentado, o que era submissão se converte em afirmação e em processo de potência, e é isso que convirá estudar no mecanismo da violência.<sup>10</sup>

Há o aniquilamento de um mundo, de seu “princípio de realidade”. Mas é esse aniquilamento que permite que cada um se eleve no “sobremundo” em que o virtual e o real se conjugam em uma combinatória diferentemente mais complexa.<sup>13:222</sup>Saber que existem saídas para este trágico vivido e o claro da existência pode ser visto por estas mulheres que vivenciam a violência doméstica.

Os fenômenos do dia-a-dia podem parecer insignificantes, mas sua insignificância na lógica do poder transcendente é cheia de significação para a potência imanente. É esta última que explica as diversas formas de imposição, de alienação, de exploração.<sup>13:35</sup>

O fenômeno da violência no cotidiano das mulheres se torna significativo, pois, quando estas tomam consciência disso e extraem a força do interior, tentando enfrentar a situação.

*Eu estava pensando em dar queixa na justiça para receber a pensão. Das ameaças (do companheiro) acho que não vou dar queixa não. Se eu der, eu vou parar nos sete palmos da terra. (E15)*

*Teve uma vez que liguei pra polícia. Você foi lá? Até hoje...É por isso que os homens matam a mulher, tá vendo? Não adianta nada. Falaram: “Ah, senhora, a gente está sem viatura. Até hoje não apareceu e esse negócio de violência contra a mulher também não adianta nada. Colocam medida protetiva que não é assistida. Não funciona de jeito nenhum. (E10)*

*Já chamei a polícia, dei queixa. Aí, quando dei queixa na delegacia das mulheres, disseram que eu não estava com ferimento nenhum, então[...]. Fizeram a BO e pediram pra eu ligar pra lá. Eu liguei pra saber da data da audiência no ano passado, a mulher do telefone só faltou me bater e não me deram informação nenhuma. No ano passado. Eu perguntei sobre a Maria da Penha, ela disse que é assim mesmo. É um processo que abre [...]. Notificou, mas não chamou pra audiência. Até hoje espero. Isso foi no ano passado. (E3)*

*Aí eu fui pra Delegacia e dei uma queixa dele, ele ficou preso [...]. Ele ficou de três horas da tarde até umas oito horas da noite na delegacia preso [...] Eles disseram pra ir pra delegacia da mulher, mas eu não cheguei ir porque não sabia onde era. Só sei dizer que era pra o lado de Brotas. (E4)*

As falas acima revelam que ainda não há a efetivação dos serviços de atendimento especializados (como no caso das delegacias especializadas) às mulheres em situação de violência, com destaque para a falta de sensibilização dos profissionais na assistência. Não houve evidência de outros serviços especializados, tais como os centros de referências que acolhem as mulheres em situação de ameaça ou medo do agressor, no sentido da possibilidade de compreender o fenômeno da violência e tomar uma decisão.

Somos plurais (feitas de afetos, desejos, sentimentos) e é importante ter a sensibilidade suficiente para dar assistência às mulheres que vivenciam a violência doméstica na rede de atendimento, percebendo-as, visando, assim, à efetivação das leis de proteção.

A sensibilização no atendimento se dá, unicamente se souber ouvir o inaudível, ver o invisível ou sentir o evanescente; somente então se ultrapassarão esses pensamentos curtos, salientando-se que tais pensamentos curtos não alcançam a visibilidade do fenômeno da violência doméstica.<sup>13</sup>

A experiência cotidiana nos ensina que isso deveria incitar a não reduzir o conhecimento ao cognitivo (a razão), e sim forçar-nos a saber pensar com os sentidos, estabelecendo uma razão sensível. Aprender os caracteres essenciais das existências de todos os dias. É preciso que se saiba, também, pensar com o coração.<sup>13</sup>

“Abrir a razão” continua sendo um terreno epistemológico que merece atenção. Este enriquecimento pelo sensível deve estar relacionado a uma forma de “feminilização” do mundo. O autor quer dizer com isso o retorno de características comuns que encontramos ao mesmo tempo no homem e na mulher e que o patriarcado dominante da tradição judaico-cristã conseguiu marginalizar por muito tempo.<sup>2</sup>

Contudo, é certo que o desemprego, a violência, os constrangimentos econômicos, as ameaças do moralismo e de outras formas de alienação são sentidos como outras tantas imposições que prendem, alteram ou perturbam uma vida social que desabrocha. Mas nada disso impede que se procure viver melhor.<sup>11:167</sup> Tal concepção faz do trágico uma força, fazendo agir sobre o cotidiano, sobre o doméstico, todas as coisas a partir das quais se pode fazer o claro da existência.

### **Considerações Finais**

A violência doméstica está presente no vivido das mulheres, tornando este drama uma tragédia. O obscuro da existência se mostrando sofrimento da vivência das agressões longe do apoio de familiares e amigos, importantes como ajuda para o enfrentamento desta situação.

Contudo, dentro de seus limites, as mulheres demonstraram suas potencialidades, utilizando-se de máscaras, encarando as situações vivenciadas. Quanto à busca pelo atendimento aos serviços especializados, estes caíram em descrédito, o que as levou a agir usando seus próprios recursos para a tentativa de sair da situação de violência.

Ressaltamos a importância da sensibilização e efetivação dos serviços da rede para o enfrentamento da violência contra a mulher.

## REFERÊNCIAS

1. MAFFESOLI, M. Notas sobre a pós-modernidade: o lugarfaz o elo. Rio de Janeiro: Editora Atlântica, 2004.
2. MAFFESOLI, Michel. A parte do diabo. Rio de Janeiro: Record, 2004.
3. FERNANDES, S. L. S. A; NITSCHKE, R. G; ARARUNA, R. C. Violência na cultura contemporânea: o cotidiano familiar. REME -Rev. Min. Enf. 2006, 10 (3):226-232.
4. MAFFESOLI, M. A conquista do presente. Rio de Janeiro: Rocco.1984.
5. NITSCHKE, Rosane Gonçalves. Mundo imaginal de ser família saudável. Florianópolis, EDUFSC, Pelotas/RS. EDUFPEL. 1999. Cap. 3.
6. MAFFESOLI, M. No fundo das aparências. Petrópolis, RJ:Vozes, 2005. 350p.
7. BRASIL. Congresso Nacional. Lei nº 10778, de 24 de novembro de 2003. Estabelece a notificação compulsória, no território nacional, do caso de violência contra a mulher que for atendida em serviços de saúde públicos ou privados. Brasília: 2003. Disponível em<<http://www.planalto.gov.br/ccivil/leis/2003/L10.778.htm>>. Acesso em 10 mar. 2010.
8. MAFFESOLI, M. O conhecimento comum: introdução à sociologia compreensiva. Porto Alegre: Sulina, 2007. 295p.
9. BRASIL. Ministério da Saúde. Conselho Nacional de Saúde. Resolução 466/12, de 12 de dezembro de 2012. Resolve aprovar diretrizes e normas regulamentadoras de pesquisa envolvendo seres humanos. Brasília, 2012.
10. MAFFESOLI, M. A violência totalitária. Porto Alegre: Sulina, 2001. 312p.
11. MAFFESOLI, M. A contemplação do mundo. Porto Alegre: Artes e Ofícios: 1995. 168p.
12. LETIERE, A; NAKANO, A. M. S. Violência doméstica: as possibilidades e os limites de enfrentamento. Rev. Latino-Am. Enfermagem. Ribeirão Preto Nov./Dec. 2011, 19 (6).
13. MAFFESOLI, M. Homo Eroticus: Comunhões emocionais. Forense Universitari.2014.
14. MENEZES, Paulo Ricardo de Macedo. Enfrentamento da violência contra a mulher: articulação intersetorial e atenção integral. Saúde Soc. São Paulo, v. 23, nº 3, pp.778-786. 2014.
15. MAFFESOLI, M. Apocalipse: opinião pública e opinião publicada. Tradução de Abdeir Neto e Antoine Bollinger. Porto Alegre: Sulina. 2010. 78p
16. MAFFESOLI, M. MAFFESOLI, M. Seminário Internacional “Sociedade Contemporânea; a imagem, o simbólico e o sensível”. Universidade de Brasília. 2014

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Conhecer o cotidiano de mulheres que vivenciam a violência doméstica nos levou a refletir sobre a dimensão do fenômeno. A violência foi vivida em um cotidiano com intensidade significativa e preocupante em todo ciclo de vida das mulheres, da infância a fase adulta. As relações entre os sexos masculino e feminino são construídas com base nos papéis de gênero do que é ser homem e o que é ser mulher, em que o primeiro detém o poder e manda e o outro obedece. Assim, observamos o papel da cultura na educação e na vida das pessoas com base nas relações de poder.

Vivemos em um mundo onde há guerras, tragédias, que fazem parte do vivido, e nos deparamos com a violência presente no cotidiano das mulheres principalmente no espaço do domicílio. Espaço este, que deveria ser de proteção, mas apresenta-se como de riscos. Em que os perpetradores da violência são pessoas da família, principalmente companheiros e/ou ex-companheiros.

Assim, para alcançar o objetivo do estudo: compreender o cotidiano de mulheres que vivenciam a violência doméstica, escolhemos como referencial a proposta teórico, epistemológica e metodológico da Sociologia Compreensiva do Cotidiano pelo sociólogo francês Michel Maffesoli, que possibilitou conhecer o fenômeno.

A Sociologia Compreensiva do Cotidiano embasa com um pensamento que amplia a visão sobre a questão da violência, como um problema inerente ao dia-a-dia, uma tragédia que faz parte do vivido das mulheres, e como estas utilizam estratégias para o enfrentamento. Mostra a necessidade de um olhar sem julgamentos, e que levem à compreensão desse vivido.

A categoria de análise, gênero, possibilitou a compreensão sobre a violência nas relações desiguais entre os sexos masculinos e femininos, a partir da construção social em uma cultura enraizada pelo patriarcalismo.

Assim, a partir do cruzamento de ideias e significados encontrados nas falas das mulheres através das entrevistas realizadas, a organização e análise dos dados, emergiram cinco grandes conjunções, sendo apresentadas e discutidas em cinco artigos respectivamente.

Os resultados após analisados confirmaram a tese de que compreender o cotidiano de mulheres que vivenciam a violência doméstica constitui possibilidade para a construção de um cuidar sensível.

Dessa forma, a leitura cuidadosa dos resultados da pesquisa, com a formação das grandes conjunções a partir da análise mais aprofundada utilizando o referencial da Sociologia Compreensiva do Cotidiano e gênero, possibilitou compreender o vivido trágico



das mulheres em situação de violência doméstica, a construção social da supremacia masculina no contexto familiar e nas relações conjugais, as dificuldades e limites para o enfrentamento, as conseqüências para a saúde com riscos de morte, ressaltando a necessidade de um cuidar sensível pelos profissionais que realizam o atendimento.

No primeiro artigo intitulado “Quotidiano de mulheres que vivenciaram a violência na infância”, apresentamos e discutimos os resultados organizados a partir das entrevistas, que emergiram na primeira conjunção: a relação familiar, violência sexual na infância, escola, o trabalho infantil. Na conjunção relação familiar, apresentamos: uso de álcool e abandono na infância.

Este artigo apresentou o vivido das mulheres com violência na infância no cotidiano familiar, relações que se espera ser de proteção e segurança, tornando-se de tragédia pelo poder exercido pela figura paterna propiciando espaços para a ocorrência de violência. Assim, a autoridade do pai na família é mostrada pelos valores enraizados nas relações de poder, que transfigura da ordem a desordem, no vivido familiar.

Há nestes espaços de relações de poder, a vivência da discriminação racial na relação familiar como também na escola, mostrando a dinâmica da violência, o que reflete no desenvolvimento e formação psicológica da criança, na saúde com a probabilidade de suceder o adoecimento.

As relações familiares estão constituídas de um vivido no dia-a-dia de maus tratos, em que as crianças encontram-se vulneráveis às situações de violência no contexto familiar e escolar. Sendo também expostas às situações de violência sexual, em que a questão de gênero elencada na primazia masculina pela relação do poder existente nas diferenças entre os sexos, em que chamamos atenção para os principais agressores que são próximas e conhecidas, como os vizinhos.

Ressaltamos o trabalho infantil como forma de subsistência pela necessidade diante da falta de apoio, do abandono a que as crianças encontram-se exposta, mostrando as iniquidades sociais como elementos envolvidos na dinâmica da violência.

Dessa forma, percebe-se a ausência de proteção para as crianças mesmo com as leis vigentes como a do Estatuto da Criança, mas que há brechas para o olhar e atenção deste vivido, que torna o obscuro da existência.

No segundo artigo intitulado “Quotidiano de adolescentes que vivenciaram violência doméstica”, apresentamos e discutimos os resultados organizados a partir das entrevistas, que emergiram da segunda conjunção: o trágico vivido da violência sexual; o vivido na relação homoafetiva; o trágico vivido na gravidez; o vivido da ameaça por familiares.

Este artigo mostra o trágico vivido das adolescentes na relação conjugal, com o envolvimento pela sedução dos companheiros e o sonho do amor romântico, tornando as experiências das relações sexuais na adolescência com vivências de violência sexual. Destacamos para a relação sexual vivenciadas pelas adolescentes com a dominação masculina, em que o controle pelo poder propicia a ocorrência da violência sexual.

O trauma de um vivido de violência sexual na infância é apresentado no artigo pela cristalização da imagem da figura masculina como agressor, contribuindo para o sentimento de medo pelas experiências do cotidiano de mulheres nas relações com os homens.

Abordamos o trágico vivido das adolescentes na gravidez pelo não desejo da gestação, pela vivência de violência com a violação dos métodos contraceptivos pelo companheiro; as agressões e o abandono pelos familiares e companheiros, a rejeição da família, do companheiro, mostrando as dificuldades, limites e o obscuro de uma vida de violência, proporcionando uma maior fragilidade para estas adolescentes com implicações para o desenvolvimento psicológico e social e para a saúde.

Dessa forma, destacamos a ausência do apoio da família para com estas adolescentes, bem como, das escolas que são as duas bases formadoras importantes para o desenvolvimento, considerada alicerce e espaço de acolhimento, no entanto são espaços de ocorrência de violência.

No terceiro artigo intitulado “Violência conjugal no cotidiano de mulheres”, apresentamos e discutimos os resultados organizados a partir das entrevistas, que emergiram da terceira conjunção: o ciúme, agressão, aceitação da vida pelo medo, uso do álcool/drogas ilícitas pelo companheiro, a busca para a saída da violência.

O cotidiano das mulheres na relação conjugal é vivenciado com constantes agressões perpetradas pelo companheiro e/ou ex-companheiro. O sentimento de ciúme culmina no trágico da violência. Para as mulheres há compreensões diferentes sobre o ciúme, compartilhadas nas falas em que algumas trazem como a ilusão do amor romântico e outras sobre o controle, o poder do homem com o desejo de posse que faz com que a mulher seja violentada. Este comportamento masculino de posse está arraigado pela cultura, entendido nas relações de gênero sobre a dominação masculina e a submissão feminina.

No vivido trágico da violência, o artigo apresenta o uso do álcool como potencializador para a ocorrência das agressões cometidas pelos companheiros e/ou ex-companheiros.

Diante do obscuro da existência, as buscas de saídas tornam difíceis pelo medo das mulheres em enfrentar o poder do homem no cotidiano. E no drama da vida, as mulheres

passam por momentos que as levam à aceitação da vida pelo medo é uma forma de resistência, e outras buscam enfrentar a violência utilizando elementos como a máscara. No entanto, o vivido do ciclo da violência conjugal dificulta a saída das mulheres por acreditar em mudanças, pelo sentimento de medo, adoecimento pelos conflitos e agressões.

No quarto artigo intitulado “Quotidiano de mulheres que vivenciam a violência doméstica na gestação”, apresentamos e discutimos os resultados organizados a partir das entrevistas, que emergiram da quarta conjunção: o trágico na gestação; o vivido do adoecimento; o vivido do trágico do espaço da casa ao espaço institucional da maternidade.

O cotidiano das mulheres é apresentado em um mundo vivido com as diversas formas de violência em todo ciclo gravídico-puerperal.

O mundo vivido da violência na gravidez foi mostrado com muito sofrimento e riscos para a saúde das mulheres e dos conceitos, levando-as à situação da perda do filho. Sendo a gestação um período em que necessitam de proteção por estarem frágeis encontram-se em contínuas agressões por ser os companheiros principais perpetradores da tragédia, apresenta-se como alerta para a população, governo e profissionais.

Portanto, é importante considerar os históricos das gestações das mulheres e no rastreamento de violência por parceiro nos serviços da área da saúde sexual e reprodutiva no sentido de prevenir desfechos desfavoráveis. A intervenção precoce pode ajudar as mulheres a desenvolver as habilidades necessárias para a resolução de conflitos.

Os serviços de pré-natal são fundamentais para a identificação das mulheres vítimas de violência doméstica na gestação. Sendo um momento oportuno para que os profissionais de saúde permitam a escuta para estas mulheres e companheiros, e possam realizar um cuidado sensível.

No quinto artigo intitulado “Enfrentamento e possibilidades de mudança no cotidiano de mulheres que vivenciam a violência doméstica”, apresentamos e discutimos os resultados organizados a partir das entrevistas, que emergiram da quinta conjunção: Limites e Dificuldades, Solidariedade Orgânica e Formas de enfrentamento.

A violência doméstica está presente no cotidiano das mulheres tornando a vida uma tragédia. No vivido trágico as mulheres encontram limites e dificuldades para o enfrentamento da violência, apesar das buscas para a saída. São situações que apresentam uma dimensão muitas vezes inalcançável, mostrando a complexidade que é este fenômeno.

Além do vivido das agressões, as mulheres passam por situações como condições financeiras que as paralisam, sem perspectiva alguma para o enfrentamento, apenas permanecendo na ilusão de um dia poder mudar. O sonhar de permitir ser, em viver em outro

mundo, onde o escuro da existência torne-se claro. É o querer buscar, fugir para outro lugar, deixar tudo que há, para viver a vida que nunca puderam ter. Mas, no meio desta ilusão não há forças para realizar esse sonho e muitas permanecem no vazio da existência.

Em muitas situações, as mulheres tentam encobrir as agressões sofridas pelo medo e rejeição de enfrentar novamente uma situação de violência já vivenciada, com risco de uma consequência maior, com a interrupção do seu processo de viver.

Entretanto, algumas mulheres dentro de seus limites, demonstraram suas potencialidades, utilizando máscaras, resistindo às situações vivenciadas. Buscaram ser, mesmo permanecendo na relação com o agressor se fortaleceram e encontraram meios que possibilitaram sustentar este vivido.

Outras mulheres permitiram ser, buscando nas potencialidades inerentes a cada uma, o enfrentamento da violência, com a separação do agressor, com a denúncia, e que mesmo sem o apoio da família, conseguiram por meio do apoio da religião formas que fortaleceram e assim, contribuíram para a saída deste obscuro da existência.

Pretendemos com esta pesquisa trazer a reflexão para a situação de violência vivenciada pelas mulheres em todo o ciclo da vida, no sentido de que os profissionais compreendam o contexto de violência vivido no cotidiano de cada mulher e possam realizar um cuidar sensível, contribuindo para a efetivação dos serviços de atendimento à estas mulheres e, assim, para o enfrentamento.

Dessa forma, percebe-se a necessidade do olhar sensível pelos profissionais da rede de atenção à mulher, como também, do sistema de formação profissional, ou seja, a academia, para a compreensão do fenômeno, contemplando os elementos que contribuem para a tragédia da vida.

Assim é importante que as leis protetivas na atenção à saúde da mulher que sejam efetivadas, sendo necessário que inclua a interdisciplinaridade como um dos meios de ações para o enfrentamento da violência contra a mulher na busca pela vida.

Fazer cumprir a Lei da Notificação da Violência nº 10.770, que é compulsória para todos os serviços de saúde, devendo ser preenchida a ficha de notificação, conforme estabelecido pelo Ministério da Saúde.

Ao nos apropriarmos da história das mulheres, nos aproximamos da realidade vivida no hoje, no aqui e agora. Um mundo trágico, com muitos sofrimentos e a ausência de apoio para o enfrentamento. É um conhecer árduo, em que há o sentimento de impotência pela complexidade do problema, e dúvidas paira sobre a necessidade e dificuldade para a busca da saída.

As políticas públicas avançaram, mas indagamos no que se refere ao acolhimento às mulheres que vivenciam a violência doméstica, no que diz respeito ao funcionamento dos serviços e os atendimentos dos profissionais, bem como, em relação a efetivação dos serviços especializados. É o obscuro da existência. O vazio que toma conta do vivido dessas mulheres, que se anulam, e não conseguem enxergar o visível.

## REFERÊNCIAS

AGUIAR, Victor Rafael Laurenciano; MEDEIROS, Claudio Melquiades. Entrevistas na Pesquisa Social: um relato de um grupo de focos nas licenciaturas. **IX Congresso Nacional de Educação – EDUCERE; Terceiro Encontro Sul Brasileiro de Psicopedagogia**. 2009. PUCPR.

ALBERTO, Maria de Fátima Pereira et al. O trabalho infantil doméstico e o processo de escolarização. **Psicologia e Sociedade**, v. 23, n.2, pp. 293-302, 2011

ALVES, José Eustáquio Diniz; CORREA, Sonia. Igualdade e Desigualdade de Gênero no Brasil; um panorama preliminar, 15 anos depois do Cairo. **Seminário Brasil, 15 anos após a Conferência do Cairo, ABEP**. Belo Horizonte: 2009. p. 122-231. Disponível em: [http://www.abep.nepo.unicamp.br/docs/outraspub/cairo15/Cairo15\\_3alvescorrea.pdf](http://www.abep.nepo.unicamp.br/docs/outraspub/cairo15/Cairo15_3alvescorrea.pdf). Acesso em: 14/04/2013.

ARAÚJO, Lucimeire Carvalho. **Violência no cotidiano de famílias de adolescentes negros**: enfoques para o cuidar de enfermagem. 2009. Tese (Doutorado em Enfermagem) – Curso de Pós-Graduação em Enfermagem, Universidade Federal da Bahia, Salvador. 222 p.

ARILHA, Margareth; UNBEAUHM, Sandra G.; MEDRADO, Benedito. **Homens e Masculinidades**: outras palavras. São Paulo: Ecos. Editora 34. 2001.

BAARS, Renata. Levantamento sobre crianças em situações de risco no Brasil. **Biblioteca Digital da Câmara dos Deputados**. Centro de documentação e informação coordenação biblioteca. Disponível em <http://bd.camara.gov.br>. Acesso em 28/09/2013.

BANDEIRA, L. M. Violência de gênero: a construção de um campo teórico e de investigação. **Sociedade e Estado**, Brasília, DF, v. 29, n. 2, p. 449-69, maio-ago. 2014.

BARROS, Ana Claudia Mamede Wiering de et al. A violência intrafamiliar e o adolescente que vive com HIV/AIDS por transmissão vertical: análise de fatores de proteção e de vulnerabilidade. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 18, n. 5, p.1493-1500. 2013.

BENETTI, Silvia Pereira da Cruz et al. Problemas de saúde mental na adolescência: características familiares, eventos traumáticos e violência. **Psico-USF**, v. 15, n. 3, pp. 321-332, 2010.

BRASIL. Ministério da Saúde. **Estatuto da criança e do adolescente**. Brasília: 1990.

BRASIL. Congresso Nacional. Lei n. 10778, de 24 de novembro de 2003. **Estabelece a notificação compulsória, no território nacional, do caso de violência contra a mulher que for atendida em serviços de saúde públicos ou privados**. Brasília: 2003. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil/leis/2003/L10.778.htm> . Acesso em: 10 mar. 2010.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Ações Programáticas Estratégicas. **Política nacional de atenção integral à saúde da mulher: princípios e diretrizes** / Ministério da Saúde, Secretaria de Atenção à Saúde, Departamento de Ações Programáticas Estratégicas. Brasília: Ministério da Saúde, 2004.

BRASIL Lei nº 11.340, de 7 de agosto de 2006. **Cria mecanismos para coibir a violência doméstica e familiar contra a mulher.** Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil, Brasília, DF, 7 ago. 2006a. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2004-2006/2006/lei/111340.html](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2006/lei/111340.html)> Acesso em: 04 jun. 2011. Acesso em: 23.03.2012. 2006a.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde, Departamento de Ações Programáticas Estratégicas. **Pré-Natal e Puerpério: Atenção Qualificada e Humanizada.** Manual Técnico. Brasília, 2006b.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Vigilância em saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. **Política Nacional de Promoção da Saúde/Ministério da Saúde.** 3 ed. Brasília: Ministério da Saúde. 2010.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Atenção Básica. Caderno de Atenção Básica n. 32. **Atenção ao Pré-natal de baixo risco.** Brasília: Editora do Ministério da Saúde, 2012.

BRASIL. Ministério da Saúde. **Portaria nº 1.459, de 24 de junho de 2011.** Institui no âmbito do sistema Único de Saúde – SUS - a Rede Cegonha. Disponível em: <http://www.brasilsus.com.br/legislacoes/gm/108545-1459.html>. Acesso em: 10/07/2013.

BRASIL. Portal da Saúde. **O que é a violência contra a mulher?** 2011. Disponível em: [http://portal.saude.gov.br/saude/visualizar\\_texto.cfm?idtxt=33903](http://portal.saude.gov.br/saude/visualizar_texto.cfm?idtxt=33903). Acesso em: 10/03/2012.

BRASIL. Secretaria de Políticas Públicas para Mulheres/Agência Brasil. 2012. **Dia Internacional da Não Violência contra a Mulher intensifica campanhas pelo País.** Disponível em: <http://www.brasil.gov.br/noticias/arquivos/2012/11/26/dia-internacional-da-nao-violencia-contra-a-mulher-intensifica-campanhas-pelo-pais>. Acesso em: 25/01/2013.

BRASIL. Ministério da Saúde. Conselho Nacional de Saúde. **Resolução 466/12**, de 12 de dezembro de 2012. Resolve aprovar diretrizes e normas regulamentadoras de pesquisa envolvendo seres humanos. Brasília, 2012.

BRASIL. Lei nº 13.010, de 26 de junho de 2014. **Estabelece o direito da criança e do adolescente de serem educados e cuidados sem o uso de castigos físicos ou de tratamento cruel ou degradante.** Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil, Brasília, DF. 26 jun 2014. Disponível em [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_Ato2011-2014/2014/Lei/L13010.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2011-2014/2014/Lei/L13010.htm). Acesso em 26/10/2014.

BRETON, David Le. **A Sociologia do Corpo.** 2 ed. Petrópolis: Vozes, 2007. p. 101.

CAMPOS, Maria da Luz Aguiar Oliveira. **Violência Conjugal em Mulheres que tiveram Parto Prematuro.** 2010. Dissertação (Mestrado em Enfermagem) – Escola de enfermagem, Universidade federal da Bahia. Salvador. 110f.

CAMPOS. Maria da Luz Aguiar Oliveira. **Violência Conjugal em mulheres que tiveram parto prematuro.** 2010. 110f. Dissertação (Mestrado em Enfermagem) - Escola de Enfermagem, Universidade Federal da Bahia. Salvador. 2010.

CAVALCANTE, Mourão. **O ciúme patológico**. Rio de Janeiro: Artes & Contos, 1994. 126p.

CAVALVANTE, Maria Beatriz de Paula, ALVES, Maria Dalva Santos, BARROSO, Maria Grasiela Teixeira. Adolescência, **Escola Anna Nery Revista Enfermagem** Álcool e drogas: uma revisão na perspectiva da promoção da saúde., v. 12, n. 3, p. 555-59. set 2008.

CEPAL. Comissão Econômica para a América Latina e Caribe. Divisão de assuntos de gênero: exame e avaliação da declaração e a plataforma de ação de Beijing e o documento final do vigésimo terceiro período extraordinário de sessões da Assembléia Geral (2000) em países da América Latina e do Caribe. 2009. Disponível em: <http://www.eclac.org/mujer/noticias/paginas/8/36338/Beijing15portugues.pdf>. Acesso em: 29 mar. 2012.

CONVENÇÃO DE BELÉM DO PARÁ. 10 anos da Adoção da Convenção Interamericana para Prevenir, Punir e Erradicar a Violência contra a Mulher. Brasília: AGENDE, 2004. p32.

CORREA, Sonia; JANUZZI, Paulo de Martino; ALVES, José Eustáquio Diniz. **Direitos e Saúde Sexual e Reprodutiva: marco teórico conceitual e sistema de indicadores**. 2003. Rio de Janeiro: ABEP/IBGE.

COSTA, Jurandir Freire. **Família e Dignidade**. In Anais do V Congresso Brasileiro de Direito da Família. Instituto Brasileiro de Direito da Família. Belo Horizonte, 2006. p. 15-21.

COUTINHO, Maria Lúcia Rocha. Transmissão Geracional e Família na Contemporaneidade. In. **Família e Gerações**. Org. Myriam Lins de Barros. 1 ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006. p. 164.

COUTO, T.M. **O cotidiano e o imaginário de mulheres que provocaram aborto em um contexto de violência doméstica**: contribuições para um cuidar em enfermagem e saúde. 2011. Tese (Doutorado em Enfermagem) – Curso de Pós-Graduação em Enfermagem, Universidade Federal da Bahia, Salvador. 180p.

DANTAS-BERGER, Sônia Maria; GIFFIN, Karen Mary. Healthcare services and violence during pregnancy: perspectives and practices of healthcare professionals and teams in a public hospital in Rio de Janeiro. **Interface - Comunic., Saude, Educ.**, v.15, n.37, p.391-405. 2011

DINIZ, Normélia Maria Freire et al. Aborto provocado e violência doméstica entre mulheres atendidas em uma maternidade pública de Salvador-BA. **Revista Brasileira de Enfermagem**, Brasília, v. 64, n. 6, Nov./Dec. 2011. P. 1010-5.

DINIZ, Normélia Maria Freire. et al. Violência doméstica: assistência à mulher com lesões corporais. **Revista Baiana de Enfermagem**. Salvador, v.15, n.1/2, p.55-62, jan/ago. 2002.

ENGELS, Friedrich. **A origem da família, da propriedade privada e do Estado**. 1 ed. São Paulo: Global, 1984. p. 237.

FERNANDES, Sônia Lorena Soeiro Argolo. **O cotidiano com seus limites e forças para o ser saudável**: um encontro da enfermagem com a potência para contornar a violência no dia-



a-dia. 2007. 312f. Tese (Doutorado em Enfermagem) – Escola de Enfermagem, Universidade Federal de Santa Catarina.

FERNANDES, Sônia Loreno Soeiro Argôllo; NITSCHKE, Rosane Gonçalves; ARARUNA, Raimunda da Costa. Violência na cultura contemporânea: o cotidiano familiar. **REME - Revista Mineira. Enfermagem.**, v.10, n.3, p.226-232. 2006.

FERREIRA, Ricardo Frankllin; CAMARGO, Amilton Carlos. As relações cotidianas e a construção da identidade negra. **Psicologia: Ciência e Profissão**, v. 31, n. 2, pp. 374-389. 2011

FERREIRA, Ana Isabel de Godoy et al. **O cotidiano de gestantes: a enfermagem promovendo ser saudável.** Texto Contexto Enferm, Florianópolis, 2014, out-Dez; v. 23, n. 4, p. 987-94.

FONSECA, Franciele Fagundes et al. As vulnerabilidades na infância e adolescência e as políticas públicas brasileiras de intervenção. **Rev. Paul. Pediatr.**, v. 31, n. 2, pp. 258-64. 2013.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e Técnicas de Pesquisa Social.** 5 ed. São Paulo: Atlas, 1999.

GOMES, Nadirlene Pereira et al. Enfrentamento da Violência Doméstica contra a mulher a partir da interdisciplinaridade e intersetorialidade. **Revenferm UERJ**, Rio de Janeiro, v.17, n.1, p.14-7, jan/mar. 2009.

HEILBORN, Maria Luiza. **Parte IV – Desigualdade, diferença em saúde - Articulando gênero, sexo e sexualidade: diferenças na saúde.** Orgs. O Clássico e o Novo: tendências, objetos e abordagens em ciências sociais e saúde [online]. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2003. p. 444. Disponível em: <http://www.books.scielo.org>. Acesso em: 10/04/2013.

HEILBORN, Maria Luiza; SORJ, Bila. **Estudos de Gênero no Brasil.** In. MICELE, Sergio (org). O que ler na ciência social brasileira (1970-1995), ANPOCS/CAPES. São Paulo: Editora Sumaré, 1999. P. 183-221.

KOENIG, M.A. et al. Domestic violence and early childhood mortality in rural India: evidence from prospective data. **International Journal of Epidemiology**; v.39. pp.825–833. 2010.

LAMOGLIA, Cláudia Valéria Abdala; MINAYO, Maria Cecília de Souza. Violência conjugal, um problema social e de saúde pública: estudo em uma delegacia do interior do estado do Rio de Janeiro. **Ciência e Saúde Coletiva**, v. 14, nº 2, pp. 595-604, 2009.

LETIERE, Angelina; NAKANO, Ana Márcia Spanó. Violência doméstica: as possibilidades e os limites de enfrentamento. **Rev. Latino-Am. Enfermagem.** Ribeirão Preto, SP. v.19, n.6, nov./dec 2011.

LOLIS, Dione; KURIKI, Lisa Mitiko Koga. Intervenção com a família para o fortalecimento dos vínculos familiares no enfrentamento da violência contra a criança e o adolescente. **Serviço Social em Revista**, Londrina, v.15, n.1, pp.65-88, 2012.

MADUREIRA, Luciana; MARQUES, Isaac Rosa; JARDIM, Dulcilene Pereira. Contracepção na adolescência: conhecimento e uso. **Cogitare Enfermagem**, v. 15, n.1, p.100-5. 2010

- MAFFESOLI, Michel. **A conquista do presente**. Rio de Janeiro: Rocco, 1984. 167p.
- \_\_\_\_\_. **Dinâmica da Violência**. São Paulo: Editora Revista dos Tribunais, edições Vértice, 1987.
- \_\_\_\_\_. **A contemplação do mundo**. Porto Alegre: Artes e Ofícios: 1995. 168p.
- \_\_\_\_\_. **A violência totalitária**. Porto Alegre: Sulina, 2001. 312p.
- \_\_\_\_\_. **Notas sobre a pós-modernidade: o lugar faz o elo**. Rio de Janeiro: Editora Atlântica, 2004 a.
- \_\_\_\_\_. **A parte do diabo**. Rio de Janeiro: Record, 2004b.
- \_\_\_\_\_. **O mistério da conjunção: ensaio sobre a comunicação, corpo e socialidade**. Porto Alegre: Sulina. 2005a. 104p
- \_\_\_\_\_. **No fundo das aparências**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2005b. 350p.
- \_\_\_\_\_. **O tempo das tribos: o declínio do individualismo na sociedade de massa**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006. 232p.
- \_\_\_\_\_. **O conhecimento comum: introdução à sociologia compreensiva**. Porto Alegre: Sulina, 2007. 295p.
- \_\_\_\_\_. **A república dos bons sentimentos**. São Paulo: Iluminuras: Itáú Cultural, 2009. 127p.
- \_\_\_\_\_. **Apocalipse: opinião pública e opinião publicada**. Tradução de Abdrei Neto e Antoine Bollinger. Porto Alegre: Sulina. 2010. 78p
- \_\_\_\_\_. **Quem é Michel Maffesoli: entrevistas com Christophe Bourseiller**. Petrópolis, Rj: De Petrus et Alii, 2011. 104p
- \_\_\_\_\_. **Homo Eroticus: comunhões emocionais**. Forense Universitari: 2014. 280p.
- \_\_\_\_\_. Seminário internacional “**Sociedade Contemporânea: a imagem, o simbólico e os sensível**”. Universidade de Brasília, Brasília, DF, 2014.
- MALDONADO, Maria Tereza. **Psicologia da Gravidez, parto e puerpério**. 15 ed. São Paulo: Saraiva, 2000. P.232.
- MARTINS, Christine Baccarat de Godoy; JORGE, Maria Helena Prado de Mello. Abuso Sexual na infância e adolescência: perfil das vítimas e agressores em município do sul do Brasil. **Texto Contexto Enferm.**, v. 19, nº 2, pp. 246-55, 2010.
- MATTAR, Rosianeet al. A violência doméstica como indicador de risco no rastreamento da depressão pós-parto. **Rev. Bras. Ginecol. Obstet.**[online]. 2007, v.29, n.9, p. 470-477. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/S0100-72032007000900006>>Acesso em 20.09.2012.
- MEDEIROS, Patricia Flores; GUARESHI, Neuza Maria de Fátima. Políticas Públicas de Saúde da Mulher: a integralidade em questão. **Rev. Estud. Fem.** [online]. 2009, v. 17, n.1, pp.

31-48. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0104-026X2009000100003](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-026X2009000100003). Acesso em março 2014.

MENEZES, Paulo Ricardo de Macedo. Enfrentamento da violência contra a mulher: articulação intersetorial e atenção integral. **Saúde Soc.** São Paulo, v. 23, nº 3, pp.778-786. 2014.

MESQUITA, Margarida Maria Rosa. **Parentalidade(s) nas famílias nucleares contemporâneas com crianças em idade pré-escolar: sonhos, desafios, conflitos, satisfação, problemas.** 2011. 760 f. Tese (Doutorado). Doutorado em Sociologia: Especialidade em Sociologia da Família. Universidade Aberta. 2011.

MILLER et al. Coerção na gravidez, violência por parceiro íntimo, e gravidez não intencional. **Contraception.** 2010, 81(4): 316–322.

MINAYO, Maria Cecília de Souza (org)et al. **Pesquisa social: teoria, método e criatividade.** 25.ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2010.

MIRANDA, Milma Pires de Melo et al. Violência conjugal física contra a mulher na vida: prevalência e impacto imediato na saúde, trabalho e família. **Rev Panam Salud Publica.** Washington, v.27, n.4, p.: 300-5, abr. 2010

MONTEIRO, Estela Maria Leite Meirelles et al. Violência contra criança e adolescente: rompendo o silêncio. **Rev. Rene.** Fortaleza, v. 10, n. 3, pp. 107-116, 2009.

MORAES, Claudia Leite; ARANA, Flávia Dias Nogueira; REICHENHEIM, Michael Eduardo. Violência Física entre parceiros íntimos na gestação como fator de risco para a má qualidade do pré-natal. **Rev. Saúde Pública [online].** 2010, vol. 44, n.4, pp. 667-676. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0034-89102010000400010](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0034-89102010000400010). Acesso em: 15/01/2012.

MOURA, Leides Barroso Azevedo; GANDOLFI, Lenora; VASCONCELOS, Ana Maria Nogales; PRATESI, Riccardo. Violências contra mulheres por parceiro íntimo em área urbana economicamente vulnerável, Brasília, DF. **Rev. Saúde Pública.** v. 43, n.6. 2009.

NITSCHKE, Rosane Gonçalves. **Mundo imaginal deser família saudável.** Florianópolis: UFSC, 1999. 199p.

\_\_\_\_\_. Pensando o nosso cotidiano contemporâneo e a promoção de famílias saudáveis . **Revista Ciência e Cuidado Saúde.** Maringá, supl. 1, p. 24-6, 2007.

NITSCHKE, R.G. **Repensando nosso cotidiano contemporâneo para promover seres e famílias saudáveis:** maneiras de viver caminhos para cuidar. Florianópolis, SC, 2011.

NITSCHKE, Rosane Gonçalves. **O imaginário e as maneiras de viver contemporâneas.** Roda de Conversa: Maneiras de Viver Contemporâneas, Imaginário e o Cotidiano. Seminário Internacional Sociedade Contemporânea: a imagem, o simbólico e o sensível. Universidade de Brasília. Brasília, Brasil, 2014.

NÓBREGA, Juliana Fernandes da et al. A sociologia compreensiva de Michel Maffesoli: implicações para a pesquisa em enfermagem. **Cogitare Enferm.** Florianópolis, v. 17, n.2, pp. 373-6, 2012.

O PROGRESSO DAS MULHERES NO BRASIL 2003-2010. Organização: Leila Linhares Barsted, Jaqueline Pitanguy. Brasília: ONU Mulheres, 2011. 436p. Disponível em: <<http://www.cepia.org.br/progresso.pdf>>. Acesso em: 15/11/2012.

OLIVEIRA, Adriane Maria Netto et al. Repensando as relações intrafamiliares sob um olhar foucaultiano. **Revista Rene.** Fortaleza, v.10, n. 3, pp. 152-158, 2009.

OLIVEIRA, Marluce Tavares de. et al. Sub-registro da violência doméstica em adolescentes: a (in)visibilidade na demanda ambulatorial de um serviço de saúde no Recife-PE, Brasil. **Rev. Bras. Saúde Matern Infant**, Recife, v. 11, n. 1, p. 29-39. 2011.

ONUBR. Nações Unidas no Brasil. Violência contra a mulher atinge até 70% da população em alguns países, alerta ONU. Disponível em: [www.onu.org.br/violencia-contra-a-mulher-atinge-ate-70-da-populacao-em-alguns-paises-alerta-onu/](http://www.onu.org.br/violencia-contra-a-mulher-atinge-ate-70-da-populacao-em-alguns-paises-alerta-onu/). Acesso em: 30/03/2013.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE. **Alianza para la Prevención de la Violencia:** promoción de un compromiso mundial em pro de la prevención de la violencia. Ginebra (SWZ): OMS, 2005.

OMS. World Health Organization. **Intimate Partner Violence During Pregnancy.** Information Sheet. Geneva. 2011.

OSIS, Maria José Duarte; DUARTE, Graciana Alves; FAÚNDES, Aníbal. Violência entre usuárias de unidades de saúde: prevalência, perspectiva e conduta de gestores e profissionais. **Rev. Saúde Pública**, v.46, nº 2, pp.351-8, 2012.

PEDERSEN, Jaína Raqueli. Vitimação e vitimização de crianças e adolescentes: expressões da questão social e objeto de trabalho do Serviço Social. **Revista Textos & Contextos.** Porto Alegre v. 8, n.1, pp. 104-122, 2009.

PESCE, Renata. Violência familiar e comportamento agressivo e transgressor na infância: uma revisão da literatura. **Ciência Saúde Coletiva**, v.14, n.2, pp. 507-518, 2009.

REICHENHEIM, Michael Eduardo et al. **Violência e lesões no Brasil: efeitos, avanços alcançados e desafios futuros.** Departamento de Epidemiologia. Instituto de Medicina Social, Universidade do estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro – RJ. Publicado em 09 de maio de 2011. Disponível em: <http://download.thelancet.com/flatcontentassets/pdfs/brazil/brazilpor5.pdf>. Acesso em: 20/02/2012.

RODRIGUES, Adriana Diniz. **Violência Conjugal: vivência de traumas em mulheres queimadas.** 2006. 150f. Dissertação (Mestrado), Escola de enfermagem, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2006.

RODRIGUES, Carina. A depressão pós-parto: papel do EESMO na sua prevenção. **Revista da Associação Brasileira dos Enfermeiros Obstetras.** Nº 12. 2012.

ROUDINESCO, Elisabeth. **A família em desordem**. Rio de Janeiro: Zahar, 2003. p. 35.

SAFFIOTI, Heleieth I. B. **O Poder do Macho**. 2 ed. São Paulo: Moderna, 1987. P.120.

\_\_\_\_\_. **Contribuições femininas para o estudo da violência de gênero**.  
Cadernos Pagu, v.16, pp. 115-136, 2001.

Saffioti, H.I.B. e Almeida, S.S. **Violência de gênero: poder e impotência**. Rio de Janeiro: Revinter. 1995.

SANTANA, Judith Sena da Silva; SANTANA, Rebeca Pinheiro de; LOPES, Mariana Lima. Violência sexual contra crianças: análise de notificações dos conselhos tutelares e departamento de polícia técnica. **Revista Baiana de Saúde Pública**, v.35, supl.1, pp. 68-86, 2011.

SANTOS, Viviane Amaral; COSTA, Liana Fortunato; SILVA, Aline Xavier da. As medidas protetivas na perspectiva de famílias em situação de violência sexual. **PSICO**, Porto Alegre, PUCRS, v.42, n.1, pp.77-86, 2011.

SANTOS, Simone Agadir et al. Violência doméstica durante a gestação: um estudo descritivo em uma unidade básica de saúde do Rio de Janeiro. **Caderno Saúde Coletiva**., v.18, n.4, p. 483-93. 2010.

SEIXAS, Clarissa Terenzi. **Cotidiano e Promoção da Saúde**. Seminário internacional “Sociedade contemporânea: a imagem, o simbólico e os sensível”. Brasília, DF, 2014.

SEMAHEGN, A.; BELACHEW, T.; ABDULAHI, M. A violência doméstica e seus preditores entre mulheres casadas em idade reprodutiva em Fagitalekoma Woreda, zona Awi, estado regional de Amhara, Noroeste da Etiópia. **Reproductive Health**. p. 1-9. 2013

SENA, Chalana Duarte. **Fatores Associados à Violência Doméstica em Gestantes Atendidas em uma Maternidade Pública**. 2014. 110f. Dissertação (Mestrado), Escola de enfermagem, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2014.

SOUTO, Kátia Maria Barreto. A política de atenção integral a saúde da mulher: uma análise de integralidade e gênero. **Ser Social**, Brasília, v. 10, n. 22, p. 161-182, jan/jun. 2008.

TUMWESIQYE, Nazarius Mbona et al.. Problem drinking and physical intimate partner violence against women: evidence from a national survey in Uganda. **BMC Public Health**. 2012; 12:399. Published online 2012 Jun 6. doi: 10.1186/1471-2458-12-399[internet]. 2012.

VIEIRA, Luiza Jane Eyre de Souza et al. Fatores de risco para a violência contra a mulher no contexto doméstico e coletivo. **Saúde Soc [online]**, São Paulo, v.17, n.3, PP.113-125. 2008. Disponível em: [www.scielo.br/scielo.php?pid=S010412902008000300012&script=sci\\_abstract&ilng=pt](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S010412902008000300012&script=sci_abstract&ilng=pt). Acesso em: 15 mar. 2011.

VIELLAS, E.F.et al. Factors associated with physical aggression in pregnant women and adverse outcomes for the newborn. **J. Pediatric**., v. 89, p. 83-90. 2013 .

VILAÇA, Carmén et al. Aleitamento materno: do nascimento à alta hospitalar que realidade? **Revista da Associação Brasileira dos Enfermeiros Obstetras**. N. 12. 2012.

VITORELLO, Márcia Aparecida. Família contemporânea e as funções parentais: há nela um

ato de amor? **Psicologia da Educação**. 2011, v. 32, pp. 7-24.

XIMENES, Liana Furtado et al. OLIVEIRA, Raquel de Vasconcelos de Carvalhães de; ASSIS, Simone Gonçalves de. Violência e transtorno do estresse pós-traumático na infância. **Ciência & Saúde Coletiva**, v.14, nº 2, pp.417-433, 2009.

WAISELFISZ, Julio Jacob. Mapa da Violência 2012. **Atualização: homicídios de mulheres no Brasil. Centro Brasileiro de Estudos Latino-Americanos-CEBELA/Flacso**. Brasil. 2012. Disponível em: [http://www.mapadaviolencia.org.br/pdf2012/MapaViolencia2012\\_atual\\_mulheres.pdf](http://www.mapadaviolencia.org.br/pdf2012/MapaViolencia2012_atual_mulheres.pdf). Acesso em: 25/01/2013.

WATIER, Patrick. **Elogio da Confiança**. Paris: Belin, 2008.

ZAMBON, Mariana Porto et al. Violência doméstica contra crianças e adolescentes: um desafio. **Rev. Assoc. Med. Bras.**, v. 58, nº 4, pp. 465-471, 2012.

ZANOTI-JERONYMO, Daniela Viganó et al. Prevalência de abuso físico na infância e exposição à violência parental em uma amostra brasileira. **Cad. Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v.25, nº11, pp.2467-2479, 2009.

## **APÊNDICES**

**APÊNDICE A: Termo de Consentimento Livre e Esclarecido**

**UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA**  
**ESCOLA DE ENFERMAGEM**  
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ENFERMAGEM**  
**DOUTORADO EM ENFERMAGEM**



**TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE ESCLARECIDO**

A Senhora (Sra) está sendo convidada a participar de uma pesquisa intitulada “O cotidiano de puérperas que vivenciam a violência doméstica na gestação”, que tem como objetivo compreender o cotidiano de puérperas que vivenciam a violência doméstica na gestação. Trata-se de um projeto de tese desenvolvido pela pesquisadora Adriana Diniz Rodrigues e orientadora Dr<sup>a</sup> Normélia Maria Freire Diniz durante o Curso de Doutorado da Escola de Enfermagem da Universidade Federal da Bahia.

A Sra poderá participar ou não da pesquisa, bem como desistir em qualquer fase do estudo ou anular este consentimento, sem qualquer prejuízo. Caso aceite, seu depoimento será coletado em ambiente privativo, na maternidade, em uma sala reservada, sem interrupções de pessoas estranhas, e o seu nome será omitido, de modo que a Sra não será identificada, garantindo o sigilo e o anonimato e assegurando a privacidade. Há risco presumível até por conta de desconforto que poderá ser gerado com a entrevista. Neste caso a entrevista será interrompida e a pesquisadora/enfermeira oferecerá todo o apoio necessário.

A coleta dos dados será realizada mediante a sua prévia autorização por escrito. As informações serão coletadas a partir de entrevista com o uso de um gravador. Concordando em participar da entrevista, a Sra poderá ter acesso, retirar ou acrescentar quaisquer informações da entrevista, que serão transcritas. As entrevistas e os termos de consentimento serão arquivados por nós pesquisadoras durante cinco anos. Nesse período, caso a Sra tenha interesse em acessar os materiais, os mesmos estarão disponibilizados. Após este período, serão desprezados. Garantimos que os registros da sua participação nesse estudo serão mantidos em sigilo e somente as pesquisadoras responsáveis terão acesso a essas informações.

Ao participar desta pesquisa, a Sra não terá nenhum tipo de despesa, bem como nada será pago por sua participação. As participantes serão beneficiadas, sobretudo a médio e longo prazo devido aos resultados a serem apontados pelo estudo que ajudarão para a realização de políticas públicas de atenção à saúde da gestante. As pesquisadoras não serão remuneradas para a realização desta pesquisa, bem como as entrevistadas não receberão benefícios



financeiros para a sua participação no mesmo. Os resultados deste estudo serão publicados na tese, artigos científicos e divulgados em eventos científicos.

Os aspectos acima mencionados respeitam a Resolução nº. 466/12 do Conselho Nacional de Saúde, que trata dos aspectos éticos da pesquisa envolvendo seres humanos. Sempre que quiser poderá pedir mais informações sobre a pesquisa através do telefone da instituição vinculada à pesquisadora (71) 3283 7631 ou pelo e-mail: a.dini@ig.com.br.

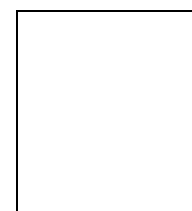
Diante do exposto, pedimos a sua permissão para participar desta pesquisa. Caso esteja bem informada e aceite participar, favor assinar esse documento em 02 (duas) vias, sendo que uma ficará com você e a outra ficará com as pesquisadoras.

### **CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO**

Declaro que entendi todas as informações relacionadas à minha participação nesta pesquisa intitulada “O cotidiano de puérperas que vivenciam a violência doméstica na gestação”, que li ou que foram lidas por mim. Conversei com a Enfermeira Adriana Diniz Rodrigues, sobre a minha participação voluntária no estudo. Não tenho dúvida de que não receberei benefícios financeiros, apenas auxílio transporte para a maternidade se for necessário. Concordo em participar, de forma voluntária, podendo desistir em qualquer etapa e retirar meu consentimento, sem penalidades, ou prejuízo, ou perda de benefícios aos quais tenho direito conforme a resolução do Conselho Nacional de Saúde nº 466, de 12 de dezembro de 2012. Terei acesso aos dados registrados e reforço que não fui submetida à coação, indução ou intimidação.

Salvador, \_\_\_/\_\_\_/\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_  
Assinatura da voluntária



Impressão dactiloscópica

Salvador, \_\_\_/\_\_\_/\_\_\_\_\_

Assinatura da pesquisadora \_\_\_\_\_

**APÊNDICE B:** Formulário de Pesquisa

**UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA**  
**ESCOLA DE ENFERMAGEM**  
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ENFERMAGEM**  
**DOUTORADO EM ENFERMAGEM**



**TÍTULO DO PROJETO:** “ QUOTIDIANO DE PUÉRPERAS QUE VIVENCIAM A VIOLÊNCIA DOMÉSTICA”.

**APÊNDICE B - FORMULÁRIO DA PESQUISA**

**1 - CARACTERÍSTICAS SÓCIO-DEMOGRÁFICAS**

Você concordou em participar do estudo, de forma voluntária, sendo assim as perguntas que se seguem dizem respeito a condições sociais e financeiras, ou seja:

Qual sua idade? \_\_\_\_\_

Qual a sua cor ou raça? ( ) negra ( ) branca ( ) amarela ( ) parda ( ) indígena

Qual seu grau de escolaridade? \_\_\_\_\_

Qual a sua Situação Conjugal: ( ) solteira ( ) casada ( ) união consensual ( ) viúva  
 ( ) divorciada ( ) desquitada ou separada judicialmente

Com quem mora? ( ) Marido/companheiro ( ) Filhos ( ) Outros \_\_\_\_\_

Trabalha? ( ) Não ( ) Sim Se sim, o que faz? \_\_\_\_\_

Você vive as próprias custas? ( ) Sim ( ) Não

Se não, depende financeiramente de quem? \_\_\_\_\_

**2- INFORMAÇÕES GINECO-OBSTÉTRICAS:**

As perguntas que se seguem são referentes à gravidez, parto, aborto. Responda:

Obstétricas:

Você engravidou quantas vezes? \_\_\_\_\_

Você pariu quantas vezes? \_\_\_\_\_

Você abortou espontaneamente quantas vezes? \_\_\_\_\_

Você abortou de forma provocada quantas vezes? \_\_\_\_\_

Você tem quantos filhos vivos? \_\_\_\_\_

Você tem quantos filhos que nasceram e morreram? \_\_\_\_\_

Realizou acompanhamento pré-natal? ( ) Sim ( ) Não

Se sim, com quantos meses iniciou e quantas consultas realizou\_\_\_\_\_

### **3 – VIVÊNCIA DA VIOLÊNCIA DOMÉSTICA**

As questões a seguir, diz respeito à vivência de violência doméstica, que é aquela praticada por pessoas que convivem no mesmo domicílio. Você poderia me responder se:

Já sofreu algum tipo de violência por algum membro de sua família?

( ) Sim ( ) Não

Se sim, responda as questões abaixo:

Tipos:

( ) Física ( ) Psicológica/Negligência, Abandono ( ) Patrimonial/atos destrutivos

( ) Sexual ( ) Moral/Calúnia, Difamação, Injúria ( ) Agressão Verbal

( ) Outras\_\_\_\_\_

Agressor:

( ) companheiro ( ) mãe ( ) pai ( ) irmãos ( ) padrasto ( ) desconhecido

( ) madrasta ( ) namorado ( ) ex-namorado ( ) amigo(a) ( ) outros

**APÊNDICE C: Roteiro para a Entrevista Semi-Estruturada**

---

**UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA**  
**ESCOLA DE ENFERMAGEM**  
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ENFERMAGEM**  
**DOUTORADO ACADÊMICO EM ENFERMAGEM**



**TÍTULO DO PROJETO:** “ QUOTIDIANO DE PUÉRPERAS QUE VIVENCIAM A VIOLÊNCIA DOMÉSTICA”.

**APÊNDICE C - ROTEIRO PARA ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA**

Você informou vivência de violência doméstica, sendo assim:

- Conte sobre a vivência da violência doméstica em seu cotidiano (dia-a-dia):
  - Antes da gravidez;
  - 
  - Durante esta gravidez;
  - 
  - Após a gravidez.

## APÊNDICE D: Entrevistas

### ENTREVISTAS

### CATEGORIAS

ENTREVISTA 1	
<p><b>Tem 32 anos, cor preta, testemunha de Jeová, estudou o ensino médio incompleto. Casada, mora com o marido e filhos. Autônoma e independente financeiramente. Teve dois companheiros. Companheiro atual tem 35 anos e está desempregado. A primeira relação teve com 13 anos, tendo engravidado três vezes, referiu ter tido um aborto espontâneo. Realizou o pré-natal, no primeiro trimestre com mais de sete consultas. Ausência de intercorrências obstétricas na gestação atual. Nega uso de drogas lícitas e ilícitas e refere uso de drogas lícitas (álcool) pelo marido. Com frequência do uso de até três vezes por semana.</b></p> <p>Meu pai eu não conheço, não conheci meu pai e depois de adulta não procurei saber sobre ele. Minha mãe contou que ele sumiu depois de vinte dias que eu nasci, ele disse que ia conseguir dinheiro e nunca mais apareceu. Mas, <b>ele era também agressivo com minha mãe, batia nela e minha mãe saiu do bairro onde a gente morava por causa dele.</b> Eu não fui procurar por ele não porque minha mãe sofreu tanto e agora depois de adulta procurar ele, fazer ela sofrer de novo, não. E também, eu tinha medo de violência, porque uma amiga, ela depois de adulta foi procurar o pai e ele pegou ela a força para estuprar. E minha amiga ainda falou pra ele que ele era o pai dela e ele respondeu que não tinha visto ela nascer. Então tive medo de meu pai fazer o mesmo comigo. Minha mãe, ela sofreu violência do marido da irmã dela. Ela sofreu violência sexual. Ela saiu lá do</p>	<p><b>Abandono</b></p> <p><b>Violência familiar</b></p> <p><b>Violência sexual vivido por conhecidos</b></p>

interior para morar com a irmã, aquele povo antigo, tomar conta dos sobrinhos, e aí ele violentou ela. A irmã ficou sabendo e tipo assim aquela tipo de mulher que se ela falasse alguma coisa, ela apanhava até dizer chega. E, aí o povo do interior ficou sabendo e ela ficou difamada no interior, chamando ela de cachorra. Ela teve meus dois irmãos e depois não deu certo com o pai deles, ela conheceu meu pai, depois de sete anos, ela sempre foi assim bem receosa de colocar alguém dentro de casa. Ela ficou sete anos com meu pai, mas não deu certo. E de lá pra cá, ela não quis mais ninguém, porque me teve, com medo de eu passar a mesma situação que ela, dela botar alguém dentro de casa e acontecer a mesma coisa. **Aí eu não nunca quis me relacionar com homem, também,** por causa disso.Com minha mãe sempre tive uma relação boa. Tinha uma relação boa assim, mãe conversava muito comigo, na fase de adolescência de me aconselhar, só tem eu de filha, sempre foi parceria mesmo. Eu tive sempre uma relação boa com meus irmãos e tudo. Eu não fui criada com pai, então não convivi em um ambiente de violência, de xingamento, nada disso entendeu? É por isso que acho estranho.Às vezes, quando ficou com meu marido eu acho horrível, esse negócio de xingamento, porque eu nunca convivi com isso, meus irmão nunca xingaram. **Eu desde pequena, eu já tive muitos vizinhos de querer me estuprar. Ficava me ameaçando direto. Eu pequenininha tinha um medo.**Tinha um vizinho mesmo lá da pesada. Eu acho que ele era usuário de drogas. Eu tinha uns oito anos, acho que ele já era coroa. Tinha uns trinta e tantos anos. Ele passava com os amigos dele, ficava me cercando dizendo que ia fazer e acontecer. Ficava pegando no órgão dele. Eu tinha um medo retado, não falava com

**Violência sexual familiar****Consequências da violência familiar****Violência Sexual na infância**

<p>meus irmãos com medo de eu falar e acontecer alguma coisa que ele fizesse alguma coisa com meus irmãos.</p> <p><b>Teve um dia que ele chegou e falou: De hoje não vai passar. Ele me pegou pelo braço, pra me estuprar numa ruazinha que tinha lá e ficava me ameaçando que se eu falasse com alguém que ele ia me matar.</b> Aí, nesse dia que ele disse: Amanhã eu vou pegar você, vou fazer e acontecer, falando aqueles termos baixos e eu não sabia o que era isso, mas fiquei apavorada. Quando chegou no outro dia eu não quis nem sair de casa mais. Quando chegou de manhã cedo, a vizinha chegou lá batendo lá na porta e disse: D. Maria abra aqui, diga quem foi que mataram ali, acabaram de matar Mural. Foi ele. Ele tinha até uma tatuagem de uma mulher nua nas costas. Eu nunca tinha visto um morto, fui nesse dia ver só para ter certeza que era ele. Pra mim foi um alívio. <b>Eu tinha uma visão totalmente distorcida assim de homem por causa dessas coisas. Tinha assim, um homem que eu considerava como pai. Que eu tinha oito anos dez anos e ele quarenta anos ou cinquenta anos. Na primeira oportunidade, aí ele chegava a dizer que era louco por mim, que queria transar comigo, queria dar não sei quanto para ficar comigo.</b></p> <p>E aí, no caso quando eu era pequena. Isso aí tudo em minha mente me bloquei. Me <b>bloqueie totalmente referente a homem, porque eu achava que homem só era pra machucar, pra agredir.</b> Eu era cristã, depois de um certo eu desviei, fiquei um tempo fora. Nesse tempo que fiquei fora, eu conheci esse primeiro companheiro meu. A minha primeira relação foi ilusão na adolescência, aí depois eu vi que não era aquilo que eu queria pra mim. Só que no primeiro relacionamento, quando desviei de lá, eu saí da religião, eu não me</p>	<p><b>Ameaça</b></p> <p><b>Consequência da violência</b></p> <p><b>Violência sexual</b></p> <p><b>Percepção de homem como agressor</b></p>
---	--

<p>relacionei com homem, eu me relacionei com uma mulher durante oito anos. Aí por causa disso minha família ficou totalmente contra, e também eu não imaginava envelhecendo juntos, porque eu sempre quis ter filhos. Era mais ilusão de adolescência. E é uma coisa que não é normal né? Não é normal assim, na minha visão assim porque eu sempre quis ter filhos, sempre quis ter família. Uma estabilidade familiar. <b>Minha relação (ex-companheira) era muita briga. Se com homem é assim, com mulher é mil vezes pior. Mas era muito ciúme. Mulher é muito violenta no sentido de briga, de discussão. Se outra passasse e conversasse na rua, aí já queria discutir, já queria bater na pessoa, ciúme possessivo. Ela dizia: Ah se você me trocar, eu te mato. Relacionamento de pessoa do mesmo sexo geralmente é assim.</b> Era muito ciúme, além de ser muito agressiva. Mas, a gente se respeitou. Mas, no sentido de ciúme assim era exorbitante. <b>Minha mãe ficava magoada com isso e ela não queria saber, porque na religião que a gente seguia não aceitava, a mãe dela também era. Mesmo assim ela aprontava, dizendo que ia ficar mesmo, vocês querendo ou não. Essa agonia toda. Minha mãe sofria muito comigo, porque eu saia, bebia, curtia. Ficava três, quatro dias fora de casa.</b> Minha mãe tinha diabetes e teve um dia que minha mãe passou mal, quase minha mãe morre, aí eu cheguei e vi que estava na hora de parar né? Se não minha mãe ia morrer de sofrimento por causa de mim. Eu aprontando mais do que meus irmãos. <b>Quando a gente saia (ex-companheira) assim, o pessoal ficava olhando torto porque o preconceito é muito grande.</b> Aí, eles comparavam a gente como se fossem as outras, que geralmente não respeitavam ninguém. Aí geralmente era</p>	<p><b>Relação homoafetiva</b></p> <p><b>Ciúme</b></p> <p><b>Não aceitação da relação Homoafetiva pela mãe</b></p> <p><b>Preconceito pela relação Homoafetiva</b></p>
---	--



assim, mas aí depois a gente viu que não era aquilo, que não dava pra mim. Aí eu conversei, a gente terminou. Depois de um ano mais ou menos, aí meu, marido (companheiro atual), já gostava de mim, a gente começou. Com três anos com ela (ex-companheira), eu já conhecia ele. Aí ele dizia: porque você não larga ela para eu ficar com você. Ele ficava com esta historinha. Aí teve uma vez que a gente ficou, depois de um ano assim separado dela. No início foi uma experiência mesmo pra ver como era, porque eu não tinha me relacionado com homem e não tinha interesse, aí me relacionei e achei normal, comum. Eu trabalhava na época, aí ele ficava atrás de mim, ligava pra mim, eu não atendia, aí depois a gente se encontrou e ele disse que queria ficar sério comigo. Aí decidi ficar sério com ele, aí engravidei. Minha primeira gravidez que eu perdi. Aí depois, que passei essa gravidez, que a ficha caiu mesmo assim. Não dava mais certo, aí essa pessoa que eu me relacionei e as outras ficavam ligando pra mim, mas já não me sentia bem. Não queria nem conversar referente a isso (relação homossexual), tanto é que hoje em dia, ela (ex-companheira) pra mim é uma pessoa comum. Nem parece assim que eu já convivi tanto tempo, que eu já gostei muito. **Meu dia a dia é assim, eu trabalho, ele trabalha, saí cedo. Agora ele está sem trabalhar, ele trabalhava de carteira assinada, mas não fica parado de jeito nenhum. Eu fico em casa, ajeitando as coisas, quando dá sete ou oito horas subo pra casa de minha mãe, costuro, trabalho o dia todo quando dá umas quatro e meia, cinco horas eu desço. É o horário que ele já chegou umas três-quatro horas, aí eu vou ajeitar as coisas dentro de casa. A relação é normal...A gente conversa.O problema dele assim, dessas brigas assim,**

**Quotidiano do Trabalho**

<p><b>é porque ele bebia muito</b>, na época que eu morava com ela (ex-companheira), ele também morava com uma pessoa e ele saiu lá de Sergipe era muito novo pra vir trabalhar aqui. <b>E ele sofreu muito, sozinho aqui. Sem estudo. Ele sofria muito aqui, muita rejeição. A família agredia muito.</b> E ninguém podia dizer nada a ele. Com a ex-mulher mesmo, ele agredia ela (ex-mulher do companheiro atual). Mas, também era muita bebedeira das duas partes. Os filhos dela era da idade dele e usava drogas. Aquele relacionamento conturbado. Ela traia ele e ele traia ela. E aí quando a gente começou, ele já tinha terminado com ela, o povo achou que a gente não ia dar certo. Pensavam que se a gente ficasse juntos, a gente ia ficar ladeira a baixo (brigando muito). Quando a gente ficou junto, tanto eu melhorei no sentido de trabalho, botei a cabeça no lugar e ele também entendeu? A gente decidiu casar, construiu a casa juntos pra começar a família juntos. Sempre tinha amiga que ficava me chamando pra sair, pra beber e dizia: Largue aí. Está sendo dominada por homem. Aí, os amigos sempre ficavam falando: Ah porque a sua mulher só vive na casa de sua mãe. Ela se relacionou com mulher, será que não pode voltar de novo. Então tudo mexia na cabeça da pessoa, aí ele saia pra beber com os amigos. Aí ele era muito possessivo referente a tudo isso, <b>tudo ele tinha ciúme.</b> Fui colocando freio porque hoje em dia pra matar uma mulher.. <b>Mas, sempre tem uma discussão.</b> Por isso que eu digo que a relação que eu tenho hoje em dia com meu marido, na minha vida é muito mais leve e mais normal. <b>Mas, comparada as outras relações que vejo lá no bairro meu Deus do Céu.</b> Que é toda semana, o homem bate na mulher. A mulher volta correndo pra casa do homem querendo voltar. <b>E eu nunca quis me</b></p>	<p><b>Uso do álcool pelo companheiro/brigas</b></p> <p><b>Violência familiar vivenciada pelo companheiro</b></p> <p><b>Ciúme</b></p> <p><b>Violência no vivido por pessoas conhecidas</b></p>
---	---

<p><b>relacionar com homem, justamente por causa disso. Porque eu sempre via os homens agredindo a mulher, traindo.</b> Minhas amigas tudo eram homens. Eles traíam mesmo, agrediam as mulheres e as mulheres ficavam ali atrás, chorando por eles. Eu digo: essa vida pra mim eu não quero. <b>Quem me fez desbloquear foi meu marido atual, que ele é diferente dessas coisas assim, ele é carinhoso.</b> Hoje em dia, eu tenho dois filhos. Apesar de brigar com meu marido (atual), de vez em quando a gente discutir, mas, é uma relação assim como eu posso dizer, aflitiva no momento da briga, mas é leve, eu não acho uma coisa agressiva. Ele não é o tipo de homem que fica insistindo se eu disser que não quero (relação sexual). Não fica aborrecido e que vai ter que fazer de qualquer forma. Sempre foi carinhoso. Não é aquele homem bruto, aquele homem que só pensa nele. Todo casal briga né? E ele está melhorando e vai melhorar mais ainda. <b>Quando iniciou (agressão), assim, a primeira vez foi na gravidez anterior (2ª gravidez).</b> Eu trabalhava fora, aí eu saía assim pra comprar tecido, pra vender. Na época, a menina que me relacionei ela morava lá, onde moro, aí a gente conversava muito e se via muito. Aí, os outros chegava pra falar com ele, aí ficava passando um monte de coisas na cabeça dele. Ele dizia: Está certo isso, eu estava trabalhando e quando chego está você conversando com ela. Por causa disso eu afrontava e dizia: Vá procurar seu canto, que eu vou procurar o meu. Geralmente quando as agressões começava. Se ele viesse com fósforo, eu ia com a tocha. Ele dizia: Você acha que eu sou um lixo. Aí eu dizia: problema é seu meu filho, você acha que eu vou ficar sozinha. <b>Aí ele começava, você é vagabunda mesmo, aí me chamava de vagabunda, me mandava se fuder.</b> Aí</p>	<p><b>Percepção do homem como uma figura agressiva</b></p> <p><b>Relação atual</b></p> <p><b>Início da agressão na gravidez</b></p> <p><b>Agressão verbal</b></p>
---	---

ele descia, ia pra casa e eu ficava na casa de minha mãe, como ele sabia que se ele viesse, no outro dia, o pau quebrava de novo, eu também não presto. **Aí depois ele ligava pra mim chorando: Como é que pode um negócio desse, eu mudei minha vida totalmente por sua causa, pra a gente ficar junto, pra gente casar, pra gente conviver e você não me respeita, chega na minha cara e diz que vai sair com ela mesmo, vai ficar com ela mesmo.** E, eu não disse que ia ficar, eu disse que ia sair porque era amizade. Depois fui analisando. Até minhas amigas, dizia: Não está certo mesmo não, porque ninguém no lugar dele ia gostar disso. Aí depois eu disse: Olhe está certo. Ele era muito pegajoso. Eu saia pra trabalhar seis horas ele já estava no ponto. Eu estava no almoço, ele já estava lá. Eu sempre tive medo de grude. Medo desse apego 24 horas. Porque minha relação anterior era a mesma coisa. Ele tinha ciúme de mim. E ela (ex-companheira) fazia questão de pirraçar. Depois, eu fiquei sabendo que ela tinha ligado pra ele, dizendo que ia ficar comigo de novo e que foi rainha e nunca perde a majestade. Por causa dessas coisas assim, aí começava. Se ele me xingasse uma vez, eu xingava duas, três, quatro. **Eu era muito mais agressiva do que ele. Se eu não chegasse ao mesmo nível do que ele, eu me sentia como se eu fosse rebaixada, como se ele tivesse me humilhado. Aí, se eu chegasse a falar tudo que tinha com ele, até palavras piores, eu achava como se estivesse no pedestal, que não fiquei por baixo. Que homem não me domina e acabou. Ele falava que eu parecia aquele cavalos brabos que ninguém consegue domar porque eu revidava.** Quando eu tive meu primeiro filho, a cabeça foi para o lugar, eu comecei a mudar, vi que não é assim, até porque a discussão na

**Arrependimento do  
companheiro**

**Enfrentamento**

frente do filho não presta. Ele também foi vendo isso. A gente discutia dez vezes e foi diminuindo para uma vez.

**Teve um dia, que meu filho presenciou a briga, chorou, eu grávida deste.** Foi assim, ele ia pra o trabalho e depois ia tomar cerveja dele, aí chegava em casa uma hora da manhã. E eu não estava lá, porque onde eu moro é ladeira, e essa gravidez foi muito enjoado, eu com pressão alta e não podia perder ele (filho). Aí eu ficava na casa de minha, até porque eu não conseguia fazer nada e minha mãe que me ajudou a fazer as coisas, cuidava do menino enquanto ele chegava. Aí, sentia assim que eu estava lá como se eu quisesse, eu gostasse de estar lá porque eu não gostava de ficar com ele. Todo mundo dormindo, eu na gravidez tendo que levantar pra abrir a porta, e ele com aquele fedor de cachaça horrível. Ele perguntou se eu queria a quentinha, eu disse que não. Aí o menino tinha acabado de dormir e ele tinha mania de ficar esticando o menino, e o menino dizendo: pai estou dormindo. Aí, o menino começou a chorar e ele de repente disse: Cale a boca, como se fosse para acordar o bairro todo. Aí o menino ficou estatelado se tremendo. Aí eu disse: o menino morrendo de saudade de você, perguntando o dia todo por você e essa é a resposta que você dá, o tratamento que você dá? Chegar essa hora, bêbado e todo mundo dormindo e você acordar a gente desse jeito. Ele disse: Ah quando você fala alguma coisa com ele, eu me intrometo e porque você está falando? Interferindo na minha criação. Eu disse: Isso não é criação não. Isso pra mim é maus tratos. Criação é Educação. **Quando a criança faz alguma coisa, aí você vai educar e conversar na melhor maneira, não o menino está dormindo e você ficar esticando, batendo,** com essas brincadeiras besta e você gritar assim, por isso

**A presença do filho na situação de violência**

**Violência familiar**

tem pai que às vezes pega o menino e joga o menino de qualquer jeito, e o menino vai até a óbito, que a gente vê passando na televisão por causa da bebida e um desatino desse. Aí ele: Se você está achando ruim, então você crie seu filho sozinha. Eu disse: Então tá, se é pra criar desse jeito que você está fazendo, então eu prefiro criar só. Daí começou.. Você está pensando que eu só um péssimo pai, que eu sou um pai miserável. **Aí começou a falar um monte de coisa e minha mãe tava na hora, dizia pra ele: Ela está com pressão alta, você sabe que ela está com pressão alta que ela não pode se estressar. Ele disse: Oxe, eu quero mais que ela morra. Que ela não me ajuda em nada mesmo. Eu fiquei quieta.** Meu irmão veio. Meu irmão nunca interferiu e disse: ele está pensando que está na casa dele é? Eu aqui nunca xinguei. Pra ele ficar falando palavriado brabo aqui, ele não está na casa dele não. Ele está achando que ele é homem e os outros não é. Eu sei que ele (companheiro) desceu e foi pra casa. Tem uns quatro meses isso. **Eu achei que não ia voltar mais pra ele, mas minha família dizia que não era assim, que todo casal brigava, mas que eu tinha que conversar. Que não adiantava largar ele, que eu não ia ficar só. Se eu largasse ele, além de ser o pai dos filhos, arranjar outra pessoa de ser até pior. Além de tudo não ser o pai de seus filhos, que não vai respeitar seus filhos, já sabe como homem é. Mas, quando chega brigando, passa uma loucura assim. Mas, acho que não é só ele não, é todo homem.** Meus irmãos são assim com as mulheres. Chama de idiota e na mesma hora estão de boa. Eu não entendo a mente de homem. Ele falava um palavriado assim que você não fala nem para um inimigo, imagine para a mãe de seus filhos. Pra que eu tomasse no cu, me chamava de

**Agressão verbal**

**A construção familiar**

vagabunda, umas duas vezes. Não tem quem não se ofenda. Às vezes está com a tampa cheia (bêbado). Os amigos dele agredem as mulheres. Os amigos dele falam: Em minha mulher quem manda sou eu. Come da minha comida, bebe da minha bebida. Trata a mulher como se fosse um lixo. O mesmo jeito que a mulher se influencia, pro lado bom pode influenciar para o lado ruim. Se você não usa drogas, porque vai andar com pessoas assim. Eu penso assim. Eu acho que é mais influencia dos amigos. Acaba influenciando, às vezes pega mulher na rua, e transmite doenças para as mulheres, pelo fato deles terem essa mente e a mulher aceitar. **Depois, que eu voltei para a organização (igreja), a gente vai aprendendo a dominar mais as emoções. a gente vai se encaixando, quando um não quer, dois não brigam, se chegou a este patamar é porque coloca muita lenha na fogueira.** Eu falei: Olha Marcelo, está certo você sair e chegar uma hora dessa? Ele falava: Se você está achando ruim, então vá tomar no cu, vá se fuder. Você tentando falar normal e a pessoa em um tom totalmente agressivo com você com palavras de baixo escalão. **Na organização (igreja) a gente aprende o papel da mulher, o papel do homem na família. Depois que eu tive filho já ajuda também, quando a gente vira mãe já muda o pensamento, agora ele está um santo, mas eu sei que homem tem a mente louca, qualquer momento, ele fica assim, como se estivesse dependente de mim.** Mas, se brigasse agora e passasse mal, ele sai correndo atrás de carro pra me levar. **Se a gente brigar, eu digo não dá mais certo. Ele fala: não, vamos voltar, como é que eu vou ficar longe de você? Aí a gente volta.** Mas ele diz: mas, eu não quero que você chegue tarde, você está chegando muito tarde da casa de sua mãe. Ele fica esperando um pé para

**A igreja como apoio**

**Igreja como apoio**

**Retorno à relação após arrependimento do companheiro**

<p>sair pra dizer que a culpa foi minha, que eu saí do acordo, do trato. Aí geralmente ele bebe e fica tranqüilo. Muitas vezes falo, ele não me dá Ibope. Sempre passa a pesquisa de Ana Maria, que o homem se sente muito rejeitado quando a mulher está grávida. Eles sentem inseguros, sentem rejeitados. Porque quando a gente casa, parece que a gente casa e ganhou um filho ao mesmo tempo. Eles se acham, mas eles dependem muito mais da mulher do que a gente dele, até emocionalmente. Tanto é que às vezes quando o homem termina com a mulher entram em drogas, em bebedeira, ficam perdidos. <b>Ele fala: Mas, você tem que me dar atenção, você só fica pensando na casa, em trabalhar e cuidar dos meninos. Ciúme e sente que o amor fica dividido, acho que é isso. Porque depois que conversa, melhora. Às vezes eu penso que eu preciso me moldar mais como esposa. Porque o homem quando casa, não está querendo só uma mãe para os filhos, ele está querendo uma esposa também, de tirar um tempo pra nós dois.</b> Ele me chama muito pra sair e eu não queria. Agora, eu virei praticamente só mãe para os meus filhos. Aí ele chegava e já saía pra tomar a cerveja dele. <b>Eu mesmo sei que vacilei.</b> Ele diz que só ele gosta de mim e eu não gosto dele. Aí, eu penso até que na mente dele não tenho sentimento por ele, ou que eu ainda tinha sentimento antigo. <b>Eu aprendi a bloquear. Ele falando e eu pensando vá falando ali sozinho. Era como se ele tivesse falando e eu com o protetor auditivo. Eu penso assim, se a gente der certo ótimo. Mas, se não der, meus filhos são mais importantes. Eu quero é a minha saúde.</b> Nunca me afetou a gravidez, mas se fosse antigamente acho que já tinha perdido, porque eu me descontrolava na hora. Na segunda gravidez. Era de</p>	<p>Ciúme</p> <p>A construção familiar</p> <p>Potência</p>
--	---



<p>brigar e eu ia logo atrás, se eu não desse resposta, pra mim não era eu. Já ficava uns quinze dias brigados e passar mal. <b>Como eu perdi o primeiro filho e se acontecesse alguma coisa eu achava que estava perdendo. Podia acontecer de a gente brigar e depois de alguns dias, aparecer um líquido na calcinha, aí eu já ia pra emergência. Ficava a borrinha marrom.</b> Depois, a médica explicou o que era. <b>Teve uma vez que liguei pra polícia. Você foi lá? Até hoje...É por isso que os homens matam a mulher tá vendo? Não adianta nada. Falaram: Senhora, a gente está sem viatura. Até hoje não apareceu. E, esse negócio de violência contra a mulher também não adianta nada. Colocam medida protetiva que não é assistida. Não funciona de jeito nenhum.</b> Se pelo menos prendesse uma, duas semanas. Se fizesse isso, ele não ia fazer mais. <b>O direito é todo dos homens e às vezes parte da gente mesmo porque se tem a Lei Maria da Penha, era pra ser uma Lei rígida. A única lei que funciona é a da pensão alimentícia.</b> Porque um dia ele estava lá fora de casa chutando as plantas, cadeiras aí eu disse espera que eu vou te dar um calmante ( chamou a polícia). Oxe até hoje o calmante não chegou. <b>Se tivesse que acontecer uma coisa grave, eu nem ligaria porque não adianta. Está mais fácil, a mulher ser igual Maria Bonita, dar o jeito dela porque só assim.</b> A Lei não está do lado da gente não. No futuro eu espero que a gente dê certo porque eu não gosto de ler o livro só pela capa. Todo mundo tem um passado negro, um histórico para a pessoa ser daquele jeito, os pais dele não deixaram ele estudar, ele desde pequeno tinha que trabalhar, ir pra roça, a família humilhou muito ele. Ele apanhava muito. A esposa morreu no parto, o pai morreu. Os parentes</p>	<p><b>Perda do filho</b></p> <p><b>Atendimento da delegacia</b></p> <p><b>Opinião sobre a justiça</b></p> <p><b>Descrédito na justiça</b></p>
---	---

<p>colocavam ele para dormir no porão, com piolho de cobra. Ele tinha dezoito anos. No começo a gente vai descobrindo as coisas, e vai montando o quebra-cabeça. Tem gente que fica dessa forma por sofrimento, ele chora muito, não agüenta ver os filhos precisando de algo. Mas, tem esse descontrole. Comparado o que ele era não está 100% não, mas já chegou 80%. Quando eu engravidei a gente parou de sair, mas a gente vai para churrascaria, hotel. A primeira gravidez eu perdi, na segunda gravidez eu casei no caso, casei e engravidei do primeiro filho que tem dois anos e sete meses. Depois veio esse e aí a gente está aí há três anos. <b>Depende de mim de ficar mais em casa. Eu gosto de ficar muito com minha mãe, eu preciso mudar isso, como esposa. Eu sei que não vou conseguir arrumar uma pessoa. Na verdade o que falta é conversa. Se conversar dá certo. Eu espero que dê certo, porque nós temos dois filhos juntos...</b></p>	<p><b>Possibilidade de mudança</b></p>
--	--

**ENTREVISTA 2**

**Possui 24 anos, cor preta, evangélica, estudou o ensino médio completo. Solteira. Está desempregada, dependente totalmente financeiramente dos pais. Teve três companheiros. Companheiro atual tem 27 anos e possui emprego fixo. A primeira relação teve com 13 anos, tendo engravidado uma vez. Realizou o pré-natal no início do primeiro trimestre, tendo realizado sete consultas. Intercorrências obstétricas: vulvovaginites. Refere uso de drogas lícitas (álcool) com frequência do uso de até três vezes por semana e informa uso de drogas lícitas (álcool e cigarro) pelo companheiro e irmãos. Com frequência do uso de álcool por até três vezes por semana e cigarro diariamente.**

Minha relação com meu pai e minha mãe era uma relação tranqüila. Quando eu era pequena, eu estudava. **Eu comecei a trabalhar cedo, comecei a trabalhar com 12 anos. Eu trabalhava de babá.** Morava com meus pais. A minha primeira relação foi tranqüila, até porque eu fiz com uma pessoa que eu gostava. A gente namorou dois anos e dois meses com ele. Ele era carinhoso, até porque a gente já tinha um relacionamento, era tranqüilo. Eu sempre usei métodos. Eu usava antes camisinha e depois passei a usar anticoncepcional. Depois, eu tive outro relacionamento. As minhas relações eram tranqüilas com meus ex-namorados. Depois eu conheci meu atual, conheci com 15 anos na escola, ele era meu colega de escola. No início, a gente era só amigos. A gente veio namorar depois de muitos anos. Eu já era mulher e ele um homem formado. Ele já vinha de um relacionamento passado, a gente ficou junto, aconteceu o que aconteceu

**Trabalho infantil**

<p>que foi a minha filha, e aí cada um seguiu sua vida. A gente namorou, mas, não deu certo e cada um seguiu a sua vida. A gente ficou junto um ano e nove meses juntos. Estamos separados. No começo tudo são flores (relação com o companheiro atual), depois é que você mostra quem é. Tanto que não deu certo por isso. <b>Ele sempre demonstrava ser uma pessoa carinhosa, um homem pra uma mulher só. A relação era tranqüila. E, no decorrer da relação, ele me mostrou ser uma pessoa totalmente diferente, o oposto. Ele justamente era um homem de várias mulheres, e foi justamente isso que não deu certo no nosso relacionamento. Esse foi o único motivo, e o fator de não estarmos juntos hoje, as traições dele.</b> Nós tivemos uma certa convivência juntos. Ele ia pra minha casa, dormia, passava o final de semana. Eu sempre trabalhei. Eu morava com meus pais, fui morar só, na intenção de morarmos juntos do qual eu descobri que ele já tinha me traído pela segunda vez. Ele já tinha me traído a primeira, e eu já tinha perdoado. E aí, perdoei sabendo que quem trai uma, trai duas. Mas, resolvi acreditar nele. <b>Depois, que eu engravidei foi pior. Foi pior porque eu escutei muitas coisas dele que não esperava escutar. Mas, aí, depois que tinha acontecido (gravidez) foi que veio esta tempestade toda.</b> Eu engravidei porque quis, era um sonho meu e dele. Ele se demonstrava sonho de ter um filho comigo. Ele também queria um filho comigo. No começo da gravidez, ele se mostrou feliz. <b>Pra mim ele se mostrava uma pessoa, quando ele estava na presença de outras pessoas ele já se mostrava que não gostava, que não queria, que não era o pai e essas coisas.</b> Aí, chegavam pra mim e falavam, passavam o que ele questionava longe de mim. Aí, eu dizia: Tá bom.</p>	<p><b>Traição</b></p> <p><b>Agressão na gestação</b></p> <p><b>Negação da paternidade</b></p>
---	---

<p>Tudo bem. Só por isso eu já percebi que ele, porque você falar é uma coisa e você agir é outra. Ele falava, mas demonstrava outra coisa <b>O motivo das brigas foi por causa das traições dele, ele traiu, mentiu, se fazia de santo, ia pra minha porta pedir perdão de uma coisa que ele estava fazendo porque ele gostava de fazer.</b> Que errar é uma coisa, e você fazer porque gosta de fazer é outra. <b>E aí, eu já estava de saco cheio, já estava no meu limite, aí a gente foi e se atracou fisicamente. Foi que a minha mãe estava na hora e não aconteceu o pior porque a minha mãe estava na hora, e soube conter a situação porque se não acho que o pior teria acontecido. Ou eu tinha perdido (filho), ou eu tinha feito alguma coisa com ele e vice-versa. Eu já estava grávida.</b> No calor da discussão que a gente começou a agressão física. O motivo da nossa segunda briga física, foi porque ele disse que não era o pai. Eu disse a ele, que se ele não era o pai que me deixasse em paz, sumisse da minha vida, não procurasse o rumo da minha casa nem a casa dos meus, que eu tinha capacidade normal de seguir a minha gravidez sozinha sem homem algum. Nunca pensei em tirar filho e não era por causa de algum com ele ou sem ele. Ele já foi casado, já tem um filho. Na segunda traição eu já estava grávida, e fiquei sabendo. Dessas traições, veio um vínculo que foi um filho que ele fez na rua e logo depois foi quando eu descobri que estava grávida. Ele já tinha me traído, e essa pessoa com quem ele me traiu estava grávida dele. Foi ela tendo a criança e eu descobrindo que estava grávida também. Aí eu disse: Beleza, tranquilo. Você faz, continue fazendo porque eu já dei um basta nisso. A minha gravidez não vai ser motivo de querer continuar com você, porque estou esperando um filho seu e você continuando nas</p>	<p><b>Traição e brigas</b></p> <p><b>Violência física</b></p>
---	---

<p>traições. Eu falei pra ele: Tudo bem, eu vou seguir a minha gestação sozinha. E cada um segue a sua vida. Eu vou ficar tranqüila. <b>Ele fazia agressões verbais também. O que mais machuca em uma mulher, é você ter um relacionamento com um cara de uma ano e nove meses e escutar da boca dele que a criança não é dele, sendo que é dele. Pior do que isso não tem outras palavras não. As outras que vinham de momento, que estava com raiva e falava, mas isso aí pra mim era mais forte.</b> Eu sentia raiva. Depois que estava sozinha dentro de casa, que vinha, <b>sentia pressão baixa, sentia certas dores na barriga, que até fiquei com medo de perder meu filho por isso. Tive dor de cabeça também. Isso era consequência da discussão. Mas, Graças a Deus não perdi.</b> Veio com muita vida e saúde. <b>Não procurei unidade de saúde porque não via necessidade.</b> Eu sabia que eu estava sentindo aquilo porque eu estava com raiva, então automaticamente você com raiva, você está transmitindo para a sua criança. E, o momento dela te responder é sentir o que estava sentindo que era dor. Eu sabia que o motivo era a raiva, aí eu procurava me acalmar, tomava um remédio, dormia, quando acordava estava melhor. Pelo menos as dores passavam, mas o emocional não porque é outra coisa. Mas, o físico ficava tranqüilo. <b>O emocional eu ficava em depressão. Eu ficava sem comer, em cima de cama, sem me alimentar, sem beber água, no mínimo do mínimo.</b> Era o pior. Chorando.. <b>Só fazia chorar porque era uma coisa que eu tinha sonhado junto com uma pessoa, eu tinha sonhado minha vida com uma pessoa, em constituir minha vida com uma pessoa que me respondia do mesmo ato.</b> Mas, longe de mim, se mostrava outra pessoa. Resumindo, eu não conhecia. Eu</p>	<p><b>Agressões verbais</b></p> <p><b>Sofrimento pela negação da paternidade</b></p> <p><b>Consequências da violência</b></p> <p><b>A não procura pelo serviço de saúde</b></p> <p><b>Depressão</b></p>
--	---

não conheço o pai da minha filha. Eu achava que eu conhecia, mas eu não conheço ele. Ele se mostrava ser um rapaz calmo, então, eram muitas coisas acontecendo e ele se fazendo de santo e eu a inocente da história. Mas, o sangue na hora que sobe pra cabeça pronto, você fica cega. Ele me jogou uma vez no chão. Eu machuquei um pouco a perna e o braço pelo empurrão que ele me deu, eu acho que eu já estava grávida e não sabia. **Eu não fui para a Delegacia. Não pensei e mesmo se tivesse pensado não teria ido. Até porque meu negócio sempre foi resolver, nunca gostei de ninguém resolvendo as minhas coisas. Polícia, pai, mãe, irmão etc e tal, sempre foi eu. Eu vou lá, resolvo e acabou. A justiça quando quer ela faz, mas eu não sou muito dependente de justiça não. O que eu tenho pra resolver, eu vou e resolvo. Eu sou muito curta e grossa, eu não espero por ninguém, o que eu tenho pra fazer, eu faço. Eu não vi nenhum motivo ao ponto de que eu fosse para a Delegacia, denunciar, prestar uma BO alguma coisa do tipo. Até porque não foi essa agressão. Ele me jogou no chão, eu levantei, olhei pra ele e digo: Tá, beleza, tudo bem, vá embora que eu vou descer pra minha casa. Agora, se fosse uma coisa pior do que isso, como um tapa ou uma sei lá, logicamente que ia pra justiça, até uma autoridade para que a justiça fosse feita. No comecinho da gravidez meus pais não me apoiaram tanto, justamente pelo pai da criança, mas depois de muitas coisas acontecerem, eles se viram, vamos dizer meio com a obrigação de me ajudar. Mas, uma coisa que sempre deixei pra eles que lógico que não são obrigados a nada. Mas, como pai e mãe apoiaram tranquilo. **Eu nunca falei pra meu pai e minha mãe, porque meu pai é muito protetor, então eu acredito****

**A não procura pela justiça**

**Silêncio**

**que se ele tomasse as dores, as minhas dores, a coisa ficaria pior do que já estava. Então, eu sempre procurei separar meus pais. Meu pai ia querer procurar ele, brigar, sair na mão, brigas físicas ou até coisa pior.** No momento de raiva o ser humano é triste. Meu pai gostava dele no comecinho, mas depois que ele se mostrou a ser, meu pai desgostou aí não apoiava mais. Mas, quando filho quer, você como mãe e como pai não interfere muito, foi o que aconteceu. Meu pai nunca procurou se meter muito não. Mas, quando a coisa fosse para uma agressão física ou alguma coisa que atingisse a mim, logicamente meu pai iria me apoiar e iria se meter. Minha mãe sabe as coisas que ele fez comigo, porém essa agressão que ele me jogou no chão, minha mãe nunca soube, eu nunca contei pra ela. Agora, uma briga que teve, ela soube porque ela estava no momento do qual ela separou a briga, que eu te falei no começo que se ela não tivesse, ia ser pior. Ela estava com a gente, e ela conteve a situação toda. Aí, ele foi pra casa dele e ela ficou comigo conversando, aí tudo se amenizou. Meus irmãos são casados, moram no interior, cada um tem sua vida, não procuram se meter muito não. O único que mora perto da gente, ele nunca se meteu, mas ele procurava se estava bem, se eu estava tranqüila, se ele estava fazendo alguma coisa comigo por ligações mesmo, nada pessoalmente. Tem sete meses que não o vejo. Fiquei sabendo que ele foi embora, me falaram que ele estava em um Estado e depois descobri que não era o Estado que ele realmente se encontrava. Também, não procurei saber porque também não me interessa. Não tenho nenhum tipo de ligação com ele. Eu saí do trabalho, em questão de 4 – 5 meses, eu descobri que estava grávida. **Hoje eu penso em criar a minha filha e trabalhar. É a**

**Trabalho como potência**



<p><b>única coisa que tem na minha cabeça.. trabalhar. Só isso. Não vejo a hora. Não penso em relacionamento agora.</b> Lógico e evidente que você quer ser feliz com alguém, como todo ser humano tem esse direito, mas eu ainda não parei pra pensar nisso assim, diretamente, foco relacionamento. <b>Eu só penso no momento em minha filha, meus pais e meu trabalho.</b> Quero criar a minha filha, quando ela chegar em certa determinada idade que eu possa colocar ela em uma creche e trabalhar. <b>Ajudar quem mais me ajudou quando eu mais precisei, que foram meus pais.</b> Fora isso, eu não penso em homem nenhum. Não quero saber de homem tão cedo na minha vida. Eu acho que todos são iguais. Se um não faz, o outro que vem faz. De alguma forma, mas acaba fazendo, te atingindo, te magoando. E é disso que eu estou correndo. Eu não penso nem nunca pensei em correr atrás da pensão, as pessoas chegam e falam que é um direito da minha filha, etc e tal. Eu sei que é um direito da minha filha. Eu acho que a justiça não precisa dizer pra você, o que você sabe que você tem que fazer. Você como um homem que sabe que tem uma filha no mundo, que depende de você até certa idade, então porque a justiça? Eu acho que a coisa melhor que tem é a mente tranqüila, e eu garanto que ele não consegue dormir sabendo que a filha dele nasceu ou está perto de nascer e saber que não tem nenhum tipo de afeto, de ligação, nenhuma. Então, eu vou correr atrás de justiça pra mostrar pra ele o que ele tem que fazer? Sendo que ele sabe o que ele tem que fazer? Não. O tempo que eu vou perder com a justiça, eu estou trabalhando pra dar a minha filha tudo que eu tive em dobro. No dia se ele quiser aparecer, que eu também não corro atrás. Se ele quiser aparecer, a gente vai sentar, espero que, se esse dia acontecer, que ele esteja com a</p>	<p><b>Família como apoio e fortalecimento</b></p> <p><b>Apoio da família</b></p>
--	--

<p>mente mudada e saiba conversar como ser humano para que eu também sente como ser humano, porque eu também sou uma pessoa assim, da forma que você vier, eu vou tratar você. Se você vier com ignorância, estupidez, eu vou te tratar do mesmo jeito. Eu acho que pra a gente conversar, assim, ele tem que mudar muito. Se esse dia acontecer, a gente pára, conversa, a filha dele está aí. Ele sabe que é dele. E a vida continua. Sem muitas ligações. É pai... É filha... Eu jamais vou dizer o que ele tem ou não o que fazer. Ele sabe, ele é homem, ele é pai. Não é a primeira filha dele, é a terceira. <b>Eu vejo para daqui pra frente trabalho... A minha filha e trabalho. Aí o que vier pra mim, está sendo lucro. Fora isso... Nada de muito esperançoso em relação a homem.</b></p>	<p><b>Possibilidade de mudança</b></p>
--	--

<p><b>ENTREVISTA 3</b></p> <p><b>Possui 19 anos, preta, não tem religião, estudou o ensino fundamental incompleto. Solteira, mora com familiares. Estudante, totalmente dependente dos familiares (avós) e vive de rendas de programas sociais: bolsa família. Teve dois companheiros, o atual possui 25 anos e está desempregado. A primeira relação teve com 13 anos, tendo engravidado duas vezes, não teve aborto. Não realizou o pré-natal, pois referiu ter descoberto tarde com quatro meses de gestação. Intercorrências obstétricas: parto prematuro, diabetes gestacional, DST; anemia crônica. Nega uso de drogas lícitas e ilícitas, mas refere uso de drogas lícitas por familiares, com frequência do uso de até três vezes por semana.</b></p>	
---	--

<p><b>A relação com a minha família era briga o tempo todo. Eu engravidei com treze anos e minha mãe, com treze anos, me botou pra fora de casa e eu fui morar com a minha avó. Com minha avó é tranqüilo. Eu não conheci meu pai. Depois, eu tive filho com quatorze anos, agora que engravidei de novo. Minha relação com o pai do primeiro filho era de brigas, ele ficou comigo até os sete meses. Ele fazia isso por causa da mãe dele que influenciava, a mãe dele falava coisas e ele acreditava, aí chegava lá e tinha brigas. A mãe dele falava: Você vai ficar com essa mulher? A mãe dele não gostava de mim, por ele ser filho único. Ele morava com a mãe, aí depois que me conheceu só queria ficar lá em casa. Aí ela ficava com raiva, fazia isso para ele se separar e voltar pra casa. Na gravidez, eu fiquei um tempo morando com ele. Eu ficava porque não tinha pra onde ir. Minha relação com ele era só briga quando a mãe dele chegava, que fazia a mente dele e a gente brigava. Ele me xingava de puta, vagabunda, e eu xingava ele também. Ele não queria dar as coisas do bebê, aí eu fui e coloquei ele na pensão alimentícia, aí ele começou a dar. Eu sentia minha barriga endurecer, dor de cabeça. Mas, não fui para unidade de saúde. Quando eu dei queixa na delegacia, a gente se separou definitivamente. Esse atual é mais complicado do que da outra. Porque esse me batia, acabou agora porque a menina nasceu, mas antes era pior. Minha relação com ele antes era flores, tudo o que eu queria ele me dava, ficava no maior amor comigo. Depois que engravidei, ele era muito ciumento, ele começou a brigar, ele me batia. O ciúme dele era muito doentio. Acha que eu estou procurando frete. Ele é doente às vezes. Porque era briga atrás de briga. Ele desconfiava de</b></p>	<p><b>Violência familiar</b></p> <p><b>Gravidez na adolescência</b></p> <p><b>Violência conjugal com primeiro companheiro</b></p> <p><b>Agressão verbal</b></p> <p><b>Ida a delegacia</b></p> <p><b>Violência conjugal com o companheiro atual</b></p> <p><b>Ciúme</b></p>
--	--

<p>mim, eu não podia falar nada que ele ficava com raiva. Não teve motivo não, de uma hora para outra ele começava a bater, do nada. Se eu tivesse em casa e ele percebesse alguma coisa, ou eu conversando demais com minhas amigas, ele começava a me bater. Não posso ir pra lugar nenhum. Eu me sinto presa, porque eu não posso ir pra lugar nenhum mesmo. Presa, imagine você ir pra algum lugar e a pessoa aparecer dizendo vamos pra casa. Vou ficar em casa mesmo, porque sei o que ele vai fazer, armar o circo dele. No aniversário mesmo que a gente foi, ele chegou fechando dizendo: umbora pra casa. <b>Eu sentia morta de vergonha. Porque estava no lugar e tinha que ir pra casa, ele não queria saber quem estava lá e puxava meu cabelo dizendo: umbora pra casa. Ele puxa o cabelo, bate, dá murro. Onde eu estiver, ele bate. De repente, se ele cismar com alguma coisa ele faz. Teve um dia que ele quebrou a minha boca.</b> Eu queria ir pra casa e ele não queria que eu fosse pra casa, eu estava na casa dele, aí foi quando a briga começou e ele quebrou a minha boca. <b>Ele me persegue.. E onde estiver, ele me bate. Eu já me acostumei já, por isso que eu não saio mais. Ele quebra meus celulares. Se ele vê mensagens, ele quebra. Ele fica com os amigos na porta de casa bebendo, mas não sai não. Ele começava com xingamentos e depois me agredia...Eu sentia dor no pé da barriga, dor de cabeça. Mas sentia mais dor no pé da barriga. Não fui pra unidade de saúde. Sempre foi ciumento. Ele vê traição em tudo e eu não sei porque.</b> Se eu tiver sentada na porta, ele diz: você tem que entrar agora, na hora que eu mandei você entrar. Ele falava que quem manda aqui sou. Eu me sinto mandada (atendeu o celular). <b>Eu estou aqui na maternidade e ele está</b></p>	<p><b>Agressão física</b></p> <p><b>Sentimento de vergonha</b></p> <p><b>Agressão física</b></p> <p><b>Perseguição</b></p> <p><b>Consequências da violência na gestação</b></p>
---	---

<p><b>pensando que outro homem está ligando (sobre a ligação dele). Minha colega mandou recado pra mim, perguntando como eu estava, ele disse foi ela mesmo que ligou ou foi outro homem que estava falando. Eu falei a ele que se ele não mudar eu vou largar dele e ele disse: nunca. Não procurei delegacia. Eu acho que eu não tenho sorte pra homem, saí de um achando que ia pra um melhor e fui pra outro pior. Não tenho sorte. Agora vem outra tribulação. Não penso em fazer nada porque quem tem que mudar é ele. Eu falei a ele pra ele mudar. Agora eu vou ver daqui pra frente se ele vai mudar. Agora que está melhor porque a menina nasceu. Eu moro com a minha avó agora e vou continuar a ficar lá. Agora que ele está mudando porque antes ele ficava falando que ia bater e ia fazer isso, agora está falando que vai mudar, vai cuidar de nossa filha. Porque o que ele mais queria era a menina. Vamos ver se ele vai mudar. Ele falou que vai mudar. Eu acho que ele vai mudar por conta da menina..</b></p>	<p><b>Violência na maternidade</b></p> <p><b>Possibilidade de mudança</b></p>
--	---

<p><b>ENTREVISTA 4</b></p> <p><b>Possui 39 anos, parda, evangélica, estudou o ensino primário completo. Casada, mora com marido e filhos. Dona de casa e ser totalmente, dependente do marido e vive de rendas de programas sociais: bolsa família. Teve três companheiros. Companheiro atual tem 35 anos e possui emprego fixo. A primeira relação teve com 17 anos, tendo engravidado nove vezes, teve um aborto espontâneo. Realizou o pré-natal, iniciando no terceiro trimestre, com duas consultas. Intercorrências obstétricas: síndromes hipertensivas, infecção urinária, vulvovaginites, anemia crônica,</b></p>	
--	--

**amniorrexe prematura, parto prematuro, DST. Nega uso de drogas lícitas e ilícitas, refere uso de drogas lícitas por irmãos, companheiro (álcool), com frequência do uso até três vezes por semana e por ex-companheiro (álcool e cigarro), com frequência do uso diário.**

Minha mãe sempre me trata bem né, quando eu preciso de alguma coisa, ela vai lá em casa, quando meu marido viaja assim, acaba de viajar, aí ela vai compra e aí depois meu marido vai e paga tá entendendo? É assim. Meu pai também é a mesma coisa. Quando é pra fazer alguma coisa, ele vai lá, leva o dinheiro e compra o que estou precisando. Se não, eu vou lá pra casa deles, fico lá na casa deles e aí depois quando resolvo meu problema eu vou pra minha casa. Sempre assim. Todo mundo gosta de mim. Minha mãe gosta muito de mim, tinha uma relação boa de conversar, eu sou a mais velha. **A minha primeira relação foi com dezessete anos, com um rapaz lá de Feira de Santana, que eu morava em Feira. Eu sinceramente eu tava pensando outra coisa, mas foi tipo a força.** Eu não queria não. Eu nunca namorei. Ele queria namorar. Mas, só que ele me levou para o motel, só que eu pensei que ele não ia fazer nada. Eu era muito besta, boba. Aí eu peguei e fui, chegou lá ele pegou e fez comigo. Eu andava em todo lugar, eu ia muito pra festa, mas só que eu não perdi minha virgindade pra ninguém não. Eu não queria não, foi uma coisa forçado. Eu fiquei chorando, tipo com nojo. Foi uma coisa muito feia, forte assim, ele colocou demais forte em mim, tipo estupro, aí depois que satisfez a vontade, sangrou naquela hora, aí ele pegou e parou. Não ficamos juntos. Ele só fez me tirar a virgindade. Eu fiquei uns dois dias com ele só. No primeiro dia que eu saí com

**Primeira relação  
Violência sexual**

<p>ele, não teve nada não, mas no segundo dia teve. E pior que eu descobri que ele era casado, tinha mulher. Não falei pra ninguém. <b>Depois eu conheci o pai do meu primeiro filho (2º companheiro), com dezenove anos, que é Mateus, que mora em Feira de Santana também, a gente começou a namorar e eu engravidei dele, eu tinha um mês de namoro com ele.</b> Ele me tratava bem, eu ia pra casa dele e ficava com ele lá, depois eu ia pra minha casa. Assim me considerava, me tratava com carinho, como uma mulher quer ser tratada. Aí depois que eu descobri a gravidez, ele falava bem assim comigo: Você escolhe ou suas amizades com suas colegas ou as suas festas. Aí eu disse: Eu escolho a minha festa, aí ele não ficou comigo por causa disso. <b>Depois que ele soube que eu engravidei, ele não quis mais saber de mim.</b> Eu pari e fui morar com a minha mãe, aí minha mãe começou a brigar, aí eu peguei e fui levar ele para o pai. <b>Minha mãe começou a brigar porque eu engravidei e que era pra procurar o pai do menino, que ela não ia sustentar o meu filho.</b> Aí eu peguei e fui lá, aí eu coloquei o menino pela janela do quarto dele, em cima do colchão, saí e deixei a bolsa do menino com ele e fui pra casa chorando com uma dor no coração. Chorei porque deixei meu filho lá. Ele botou o menino pra fora de casa na chuva, na trovoada. <b>Quando o menino tinha uns seis meses. Aí a moça (vizinha) pegou pra ela, aí levou para o Conselho Tutelar e ficou pra ela, o menino.</b> Aí botou o nome do menino de Augusto, o menino já tinha nome já, já estava registrado. <b>Pra tomar esse menino, só na justiça. Aí mainha se arrependeu e foi comigo.</b> Aí a juíza perguntou assim: A senhora tem condições de sustentar esses dois, mainha respondeu: eu tenho. Mainha teve uma</p>	<p><b>2º companheiro</b></p> <p><b>Abandono do companheiro após a descoberta da gravidez</b></p> <p><b>Falta de apoio da família</b></p>
--	--

<p>nenenzinha também, uma menina também do tamanho de Mateus, aí mainha pegou botou pra morar junto com ela. Mainha ficou com os dois, a minha irmã e meu filho morando junto. Ela que cria ele. Ele tem 21 anos agora. Até hoje mainha criava ele, mas agora ele está trabalhando, e ta lá em casa agora, mora comigo. Ele trabalha até com meu marido hoje, porque meu marido é metalúrgico, aí trabalha lá com ele. <b>Depois eu conheci meu companheiro aqui em Salvador (atual), esse que eu casei, mas era muito difícil, ele me tratava muito mal. Assim, me agredia, me puxava pelo meio da rua, me batia pelo meio da rua, dava murro na minha cara, quando eu estava com seis meses de gravidez ele me deu um bocado de porrada em mim no meio da rua, de meu outro filho. Eu senti uma mulher rejeitada, uma mulher triste, mal amada.Às vezes quando eu tentava ligar para a delegacia da mulher, ele pegava meu celular e tirava meu chip, fechava os portões e as portas, com a porta fechada e ia me engarguelar e eu gritava socorro. Ia me matar engarguelada.</b> Quando morava na Boca do Rio, ele me agredia muito. Parece que a família dele começa a encher a cabeça dele. Aí quando ele vem da casa da família dele, aí vem estressado. Aí fica me dizendo um bocado de coisa: Ah eu quero me separar de você, não está dando mais certo. A família dizia pra ele me largar, que eu não prestava, falava um bocado de coisa, que eu não sou pra ele. Eles fazem ele me bater. Eles fazem a cabeça de meu marido tanto que ele chega lá agressivo em casa pra me bater por causa deles. A família de meu marido é assim. Ele fazia não era bebendo não. Era sã. Às vezes quando ele chegava do trabalho em casa, ele já chegava já pra perturbar a minha mente. Eu tomava era susto. Muito</p>	<p><b>Agressão pelo companheiro atual</b></p> <p><b>Sentimento de rejeição</b></p> <p><b>Impedida de ligar para a delegacia pelo companheiro</b></p> <p><b>Violência física</b></p>
--	---



susto. Um dia ele pegou a cesta básica, que eu pegava na bolsa família. Aí ele me veio cobrar, mas era dia 25, às vezes muda a data, aí ele se retou, pegou e me deu um chute na vagina. **Aí eu fui pra Delegacia e dei uma queixa dele, ele ficou preso, aí ele pegou e falou com um pessoal lá que é Sargento, e soltou ele. Ele ficou de três horas da tarde até umas oito horas da noite na delegacia preso. O delegado disse que não era pra ele fazer isso comigo não, que não era pra ele bater em mim não. Que era pra procurar um do mesmo meio dele para ser apanhado. Eu já tinha ido duas vezes só. Mas, eles não resolveram assim não. Eles disseram pra ir pra delegacia da mulher, mas eu não cheguei ir porque não sabia onde era. Só sei dizer que era pra o lado de Brotas.** Quando eu morava em uma casa, que a gente morava de aluguel, ele pegou e fechou os portões. Me prendeu dentro de casa, fechou tudo, me batia, me xingando, me chamando de vagabunda, dava tapa na minha cara. Fechou a porta e quando eu ia ligar pra delegacia da mulher, ele pegou e tirou o chip do celular pra eu não ligar. Pegou meu celular e jogou na geladeira e quebrou meu celular todo. De uma hora pra outra ele discutia comigo e fazia isso. Ele me agredindo e as pessoas tudo olhando, e eu gritando socorro, socorro. **Meus filhos via tudo.** De vez em quando, ele chegava de madrugada, ele foi chegando agressivo já, querendo me bater, dizendo um bocado de coisas, que ia embora, que era uma vagabunda, prostituta de orla, que não queria mais eu, me esculhambava toda. **Meus filhos ficavam tudo chorando. Tinha um que falava: minha mãe eu vou trabalhar, vou tirar a senhora dessa vida, vai morar eu e a senhora e a neném que vai nascer viu minha mãe? Dizendo que ia tirar a gente dessa**

**Atendimento na delegacia**

**Presença dos filhos na situação de violência**

**Violência familiar**

<p><b>situação.</b>Minha irmã mesmo, o marido dela batia nela direto grávida. E ela nunca deu queixa. Agora esses dias mesmo, separou da mulher dele, pegou ela e encheu ela de porrada no rosto. Ex-sogra ia dá um chute nela. Ele adora bater em mulher. Ela nunca deu queixa dele. Quem sobra com essas coisas é mainha, porque liga pra mainha e fica pertubandomainha. Mainha disse que vai até mudar de telefone. <b>Eu sofri nessa gravidez de chute, de murro, de empurrões.Eu sentia dor na barriga, contrações, essas contrações.</b> Um dia ele me empurrou em cima da cama, foi muito forte, eu estava grávida de meu outro menino. <b>Ele gosta de falar as coisas com as pessoas, maltratar as pessoas, xingamentos, gosta de esculhambar as pessoas. Xinga minha mãe de puta de orla, minha mãe é cristã, esculhamba minha mãe toda, de tudo que for nome.</b> E minha mãe trata ele bem e ele faz isso com minha mãe. Não entendo porque ele faz isso, eu só ando certa lá em casa. Ando da minha casa pra Igreja. Não saio pra lugar nenhum. Tem horas assim que eu acho ele meio estranho. Eu acho ele meio estranho, sem amor, sem amor com os filhos assim sabe? Eu acho. Pelo jeito. <b>Sei lá, falta carinho com os filhos, não é carinhoso com os filhos, é agressivo, xinga os filhos de desgraça, de tudo que for nome e bate. E bate pra valer mesmo, forte. Meu menino diz: eu tô doído pra ir me embora dessa casa minha mãe, eu vou me embora dessa casa, o de oito anos. Um dia ele pegou a cabeça dele e meteu na parede. Ficou com a cabeça, fez um calombo assim. Eu já me separei três vezes dele, mas ele vai atrás de mim. Ele vai na minha casa, vai na casa de minha mãe, fica esperando no ponto de ônibus, me persegue. Ele fala: se você se separar de mim, eu vou atrás de você onde você for.</b></p>	<p><b>Violência física na gestação atual</b></p> <p><b>Agressão verbal do companheiro</b></p> <p><b>Violência familiar</b></p> <p><b>Violência física do companheiro contra os filhos</b></p>
--	---

**Ele disse que vai me tratar bem, que vai ser outra pessoa, que não vai fazer mais isso, aí eu pego e volto.**

**Aí volta tudo de novo.** Um dia eu estava grávida de quem, acho que foi de Helena, saiu pela ladeira me empurrando, me dando porrada, e eu gritando: socorro..socorro **e ninguém me socorria.** Eu grávida da minha outra menina. E ele me empurrando no meio da rua, na ladeira, do nada. Eu estava em casa e ele já me batendo, eu corri pra ele não me bater. Aí ele foi atrás de mim: não adianta que eu te pego, aí ele começou a me empurar, me empurrar e eu caindo e me levantando e ele me empurrando e me batendo. Eu pedia socorro, mas ninguém me ajudava não, eu: socorro, socorro. Lá em casa tem uma faca que é grande. Eu já escondi essa faca várias vezes com medo dele me matar com essa faca. Um faca branca que ele trouxe de lá onde ele trabalha. Do restaurante lá, **ele já me ameaçou várias vezes de me matar. Ele falou bem assim dessa menina mesmo: tomara que você morra no parto.**Eu disse: **está reprechendo tua língua em nome de Jesus, não vou morrer não.** Falou bem assim comigo. **Aí eu começava a chorar, que estava grávida dela.** Ele dizia que não queria mais eu, que não dava certo. Falava um bocado de coisa comigo e eu grávida da menina. Que ia embora, ia me largar. Eu liguei pra ele, ele estava em Feira de Santana, aí eu falei: Eu também estou com saudade e os meninos também estão com saudade de você falando seu nome direto. Aí ele falou: eu não quero mais ficar com você não. Aí falou um bocado de coisa, depois falou: é mentira, estou brincando. Eu falei assim: Pelo amor de Deus.. agora que eu estou cheia de filhos, você quer me largar é? Ele disse: estou brincando sua abestalhada e começou a dar risada. Outra vez, ele estava me agredindo

**Falta de apoio**

**Agressão verbal na gestação**

com nomes, meu filho estava em tempo de explodir. É uma coisa muito estranha, ele já chega xingando com os meninos, que os meninos não prestam. Dá tapa nos meninos, bate nos menino, tapa que não é pra dar. Meu filho tem 21 anos, está morando comigo agora, ele é cristão, ele disse que vai meter a porrada no meu marido. Ele disse que se ele vê, falar alguma coisa comigo ele vai fazer arte com meu marido. Ele disse: eu me controlei, mas me deu uma vontade de pegar a faca e meter nele, pra ele não ficar maltratando a minha mãe. É assim.... **Eu me sinto triste. Fico com a sensação muito ruim, de tristeza, de não querer ser mulher, uma amargura no coração assim. Dá vontade assim de me matar também. Assim uma coisa estranha, uma angustia que entrava em mim. Eu estava querendo mesmo que me matar.** Quando eu tava grávida dos meus outros filhos, eu chorava, chorava, dava um nervoso, chorava muito, chegava a tremer das coisas que ele fazia. Ele tem uma cara muito sonsa, mas deve pegar um monte de mulher na rua. Eu nunca vi não, mas eu desconfio. Porque dos outros filhos eu nunca tive essa enfermidade assim em mim não, com ele, dos primeiros filhos, eu nunca fiquei com esse negócio, essa doença HTLV, eu descobri aqui. Quando eu estava com infecção urinária, a médica me chamou e chamou ele. Olha você vai ter que se tratar. Ela vai se tratar, mas você também vai ter que se tratar, se não vai ficar difícil. Aí passou amoxicilina pra ele e ele não comprou não. Eu falei com ele ontem, quando ele veio aqui, eu disse: olhe eu vou me tratar, e você vai ter que se tratar. Eu não vou me tratar sozinha não, pra depois você passar pra mim de novo. Ontem mesmo (na maternidade), porque eu dei o endereço lá da Itinga pra colocar no registro da criança, aí ele se retou: Eu não vou

**Consequência da violência**

registrar mais essa menina não. Registre essa menina sozinha agora, porque eu não vou registrar filha nenhuma. Com esse endereço aí não registra não. Aí ele pegou o papel do registro, botou dentro do bolso e carregou. **Minha religião eu tenho apoio. Amanhã mesmo, minha pastora vai arranjar um carro pra me levar pra casa amanhã. Esses tempos que eu estava com dor, ela ficava direto comigo na maternidade. Ela me dá apoio mesmo.** Eu não falo nada sobre isso, das agressões na minha religião. Eu falo pra minha mãe. Eu me sinto uma pessoa muito rejeitada. Eu já sofri muito com esse homem, muito, muito, muito mesmo. Minha filha já tem doze anos, doze anos de casada, doze anos de sofrimento. Acho que se não fosse Deus, eu já tinha me separado dele. Agora que ele ta viajando é que está melhorando pra mim. Quando ele viaja é que melhora pra mim. Eu fico em casa cuidando dos meus filhos e ele trabalha, ele trabalha de viajar. Esses dias que ele está aqui em Salvador, mas ele trabalha de viajar. Quando está em casa, ele fica me agredindo. Ele é assim, ele é legal, ele me ajuda a fazer as coisas, arrumar a casa, com os meninos, pra fazer comida, lavar as roupas também. Mas, tem dias que está um estresse assim, aí começa. **Eu acho que só Deus mesmo pra mudar. ...**porque eu ir pra casa de mainha com um bocado de filhos, não podia ir. Aí eu tinha que ficar com ele desse jeito mesmo. Eu queria ter uma ajuda assim sabe, uma ajuda de uma pessoa assim da delegacia da Mulher. Uma ajuda pra ser acompanhada, porque eu fui na delegacia, mas não tive apoio não. Na outra vez ele não foi preso não. Mandou eu ir pra delegacia da mulher. Quando eu me mudei pra Itinga, eu estou achando bem melhor o tratamento dele. **Agora nessa gravidez dessa menina agora, estou**

**Apoio da religião**

**Deus como possibilidade de mudança**

**Mudança pela religião**

<p>até achando que ele está melhorando mais, ele está indo pra igreja agora né? Ele agora que melhorou, mas ele era muito agressivo, muito mesmo, ele tem o estresse dele. Esse negócio de maus tratos. Ele me ajuda muito, agora só esse nervoso, esse estresse que ele tem. Se não fosse isso, ele é uma boa pessoa. <b>Ele parou de me bater, depois que engravidei dela, agora ele só fica agressivo só, me xingando, só faz xingar, mas não bate.</b> Ele está tratando melhor eu e meus filhos. <b>Quando ele chegou aqui, antes de ontem, ele pegou a minha filha e segurou, me ajudou a ficar com ela. E, ele não era assim não, de segurar um pouquinho, me ajudar, diferente.</b> Eu queria que ele me tratasse assim sem xingamentos, sem maltratar, sem bater, me amar mesmo de verdade, me tratar bem mesmo como mulher, como uma mulher quer ser tratada, com carinho. Agora ele tá. Ele está esperando eu ir pra casa pra ficar os cinco dias. <b>Eu vejo a possibilidade de mudar. Assim, eu vejo mudar indo pra a Igreja só.. Ele está indo pra Igreja.....</b></p>	<p><b>Continuidade das agressões</b></p> <p><b>Percepção de mudança com o apoio do companheiro</b></p> <p><b>Possibilidade de mudança</b></p>
--	---

**ENTREVISTA 5**

Possui 34 anos, parda, evangélica, estudou o ensino médio completo. Em união estável, mora com companheiro, tia e filha. Trabalha em casa como autônoma (vendedora e cabeleleira), parcialmente dependente do companheiro. Teve três companheiros. Companheiro atual tem 34 anos, é autônomo. A primeira relação teve com 15 anos, tendo engravidado seis vezes, teve três abortos: sendo um aborto espontâneo e dois provocados (Motivo: Tinha 16 anos e não queria ter filhos, tendo engravidado duas vezes no mesmo ano). Realizou o pré-natal no primeiro trimestre, tendo realizado mais de sete consultas. Intercorrências obstétricas: descolamento prematuro da placenta, DST: Sífilis. Nega uso de drogas lícitas e ilícitas, mas refere uso de drogas lícitas e ilícitas por pai, mãe, irmãos, familiares (álcool, cigarro) e companheiro (álcool, cigarro, cocaína, maconha). Com frequência do uso de álcool por até três vezes por semana e do fumo diariamente.

Eu não tive mãe para me criar. **Quer dizer, minha mãe me botou pra fora de casa por causa do marido dela.** Minha mãe me botou pra fora, porque na época ela tinha um marido e era apaixonada por ele. Só que entre eu e ele, ela escolheu o marido dela. **Eu não tinha uma boa relação com o marido dela, porque ele espancava ela. Ele também era alcoólatra.** Ele batia nela. Tirava sangue dela. Esfaqueava ela. E a mim não. Ela nunca deu queixa, ela não gostava nem que os filhos se metessem. Eu me sentia revoltada, porque assim eu tenho isso na minha mente, no meu coração. A mãe pode ser a pior

**Abandono familiar**

**Violência familiar e uso de álcool por familiares**

mãe, mesmo ela não me criando, mas é a minha mãe. Não tinha como não defender. Mesmo ela me rejeitando, mas é minha mãe. Então teve um dia que eu revidei e dei uma garrafada na cabeça dele, por causa dela e ela ainda ficou contra mim. Uma dessa que ele foi pra matar ela, eu tomei a frente, a faca de mesa me cortou, passou de raspão. Mas, eu botei na minha mente que ela é a minha mãe. Pode ser o que for, mas é a minha mãe. Não me aceitar como filha. Mas, eu estou aqui pra defender a minha mãe. Depois, ela me botou pra fora. Eu fui criada a toa, na rua. Meu pai não me registrou, conheço ele, me dou com ele, mas não me registrou porque foi um caso que minha mãe teve e nisso ela engravidou, pariu, e foi viver a vida dela curtindo. Eu morava com a minha mãe, quando ela me botou pra fora de casa, fui morar com a minha avó. Eu me lembro que foi a minha avó quem me criou, até uma certa idade, depois ela morreu e eu tive que crescer sozinha, eu e Deus. Quando minha avó morreu, eu continuei morando na casa de minha avó e estou lá na casa até hoje. Minha avó foi quem criou meus irmãos mais velhos. A minha avó, não sei, eu acho que Deus fez ela separado. Mas, aí faleceu, vivi com a minha tia. **A relação não era boa, nunca foi boa, porque o povo bebia muito, cachaça mesmo, eram alcoólatras, hoje saiu da cachaça para o litrão.** Mas, continuam bebendo. A relação era conturbada, perturbada. Ninguém respeitava ninguém. Conturbada assim, você viver em uma casa, no caso, vivia eu, minha tia, minha irmã, o marido dela, aí os cômodos eram separados. Então se eu saísse, minha irmã não queria abrir a porta. Se eu chegasse tarde, o marido dela não abria a porta, minha tia bebia e me botava pra fora. Então era assim muito conturbado, não tinha assim, como é que fala assim..

**Uso de álcool por familiares**



<p>Harmonia na casa. Nunca teve. Então eu tive que correr atrás. <b>Eu nunca tive minha mãe pra me botar na escola, eu só escrevi meu nome porque uma vizinha me colocou na escola, eu já com treze anos.</b>Eu nunca achei um irmão pra me botar na escola, quem me matriculou assim no ginásio foi a própria professora da escola que eu estudava. Na minha reunião dizia que não podia ir, não tinha ninguém pra ir. <b>A minha professora, assim, antigamente era pré. Hoje é jardim. Deixava merenda pra eu merendar porque eu passei muita fome.</b>Eu nunca achei uma mãe pra ir no hospital. <b>Mas, mesmo assim, eu procurei o caminho do bem.</b> Não quis me entregar as drogas, não quis me entregar a prostituição. Eu vi que isso não valia nada. Não vale a pena. E aí fui crescendo, fui vivendo com pé no chão sabe? Com fé e a realidade da vida. Se a gente não lutar, não conquistamos nada. E olhando sempre pro alto. Que é Jesus Cristo.Eu sempre fui independente. Eu sempre me sustentei. Eu sempre trabalhei na casa dos outros pra me sustentar. Eu fui criada assim a toa, não dei pra qualquer uma porque Deus não permitiu, eu procurei o caminho do bem. Até o dia que eu cresci, fiquei sobre mim, procurei o caminho bem. Talvez seja por isso que eu perdi minha virgindade. Eu disse que queria dar a virgindade pra saber como era e dei. Dei por dar. Não foi por amor, por gostar, foi pra saber como era. Eu não tinha ninguém para me controlar. A minha primeira relação, no caso, não foi com o pai da minha filha, foi com outra pessoa. Eu vivi com ele (segundo companheiro) uns três a quatro anos, os filhos que perdi e essa menina que tenho hoje foi com ele também.Quando tive minha filha, ele achou uma mulher. Essa mulher perturbava a minha gravidez toda. Aí eu me separei. Ando na justiça até hoje pra ele dar a pensão</p>	<p><b>Escola</b></p> <p><b>Apoio da professora</b></p>
--	--

dela. Ela (filha) já esta com quatorze anos. Meu segundo companheiro, o caso dele, era mulher, mulher. Não me batia. Não me xingava. A gente se dava bem né. Menina nova com homem velho. Ele me tratava bem, depois apareceu uma amante, aí virou a cabeça dele . A gente viveu junto na casa dos pais dele. Ele me levava pra sair, a gente curtia normal. Era carinhoso. Só quando assim eu agredia ele, talvez eu agredisse mais ele do que ele a mim, com palavras, verbal, xingava, xingamento mesmo porque ele tava com outras mulheres. Ele falava: Vá arranjar outro homem. Mandava eu arranjar outro homem. Era uma humilhação. Você gostar de uma pessoa e a pessoa dizer: Vá arranjar outro homem, procurar outra pessoa, que eu não quero você não. Foi aí que eu conheci este (companheiro atual), por causa dele, pra me vingar dele. Eu conheci ele perto da minha casa. Aí minha colega disse que ele estava afim de mim, aí rolou o namoro normal, questão de três a quatro meses a gente foi morar junto na minha casa. Nessa casa, quem mora lá sou eu, minha tia, e o rapaz que vivo hoje, que era a casa da minha avó. Ele está lá até hoje. A gente namorava, transava. **Ele era carinhoso até os três meses, aí depois disso, ele mostrou quem ele era. Começou a me xingar, me esculhambar, me agredir. Aí eu descobri que ele usava drogas, aí eu botei ele pra fora. Aí ele saía, voltava, vinha e chorava, dizendo que ia mudar. Nisso o tempo foi passando, os anos foram passando. Nunca mudou. E está aí até hoje.** Hoje, eu sou evangélica, não me arrependo de ter conhecido o pai de minha filha (ex-companheiro) que é uma pessoa boa. **E hoje, depois desses anos todos que eu estou com ele, com esse rapaz aí (companheiro atual). É aquele negócio assim, procurando um príncipe encantado.**

**Agressões verbais**

**Uso de drogas por  
companheiro**

**Continuação da violência**

<p>Assim, procurando um refúgio, um lado de apoio. Aí, eu encontro esse jovem, que já estou com ele há sete anos. Aparências era uma coisa, mas eu vi que ele era uma pessoa assim: poxa uma pessoa trabalhadora, vai me ajudar. No entanto, não foi nada disso. O que eu passei está acontecendo a minha filha passar. Eu digo: <b>Meu Deus isso é maldição, só pode ser hereditária.</b> Na minha casa, ele não gosta dela e ela não gosta dele. Ele bebe, ele cheira (droga ilícita). Ela implica com isso. Aí um não gosta do outro. Mas entre ele e ela, eu estou do lado dela. Mesmo ela fazendo alguma coisa de errado, eu estou do lado dela e contra ele. Aí sempre tem uma briga. <b>Quando não é isso, ele entra em casa e procura briga sem nada, porque usa droga, pessoa drogada. Principalmente final de semana. Então, minha gravidez toda foi assim. Ele fica me agredindo, aí a gente saí na mão. Tem horas que eu deixo Deus agir, e tenho horas que não aguento deixar Deus agir. Desde o meu primeiro mês. Não teve um momento melhor. Não teve um momento de felicidade. Um momento de paz. Ele é muito ignorante, muito agressivo. Celular, eu não tenho mais um celular, porque ele quebra todos meus celulares. Isso não é ciúme não. É descaração, é ruindade .Ele faz isso porque ele gosta, ele tem prazer.</b> Até onde eu moro, todo mundo gosta dele. Todos os momentos me marcaram. Ele comprou um terreno, aí fez uma casa no terreno. Ele quando ele briga bate a casa na minha cara. <b>O negócio é dentro de casa. Ele me xinga, xinga minha filha, minha tia, Xinga todo mundo. Ele me agride fisicamente, de tapas, um saí na mão, um bater no outro. Pega a faca pra meter. Ele pega a faca pra meter em minha filha também.</b> Meus irmãos já foram, bateram, colocaram pra fora, mas,</p>	<p><b>Violência companheiro atual</b></p> <p><b>Uso de drogas</b></p> <p><b>Agressão na gravidez</b></p> <p><b>Agressão verbal e física</b></p>
---	---

<p>ele volta. Eu me sinto assim que minha filha está passando, o que eu passei. A mesma história. <b>Me sinto mal, me sinto culpada por ela está passando isso. Porque, o que eu passei, eu não queria que ela passasse. Em termo desse lado eu não queria que ela passasse. Eu me senti muito culpada.</b> Porque no caso é assim, pra comer uma galinha. Eu fico sem comer, mas é uma coxa dela e uma minha. Sempre faço assim. Sempre quero tratar ela bem. Eu dou a ela, o que eu não tive. Dou amor a ela. Eu mato e morro por ela. Então, por esse lado, eu procurei uma coisa e estou pagando o preço. Eu me culpo muito. Porque ela não merecia isso. Parece uma maldição hereditária na minha vida e minha filha está passando. Isso eu não desejo pra ela. Isso eu não desejo pra ninguém. Nem pra meu pior inimigo. Ele é muito grosso, muito ignorante entendeu? Na sua frente, ele vai me tratar ótimo, como uma pessoa maravilhosa, mas a pessoa dá as costas. Se eu falar alguma coisa, ele já vem com sete pedras. Aí eu já me sinto incomodada. Ou então se alguém ligar pra falar comigo. Ele: Ah, Umbora logo, desligue.. desligue logo. Aí eu fico incomodada com isso. Isso me fere, me magoa. Uma pessoa com dupla personalidade. <b>Eu chamo ele, converso. Ele disse que vai mudar.</b> Ele saí,curti, brinca com todo mundo, chegou dentro de casa acabou. Já começa xingando: sua puta, sua vagabunda, desgraçada sem nada. Aí faz o quê? Todo mundo se cala, ninguém dá mais atenção pra ele. Aí quando não dá atenção, ele pira mais ainda. <b>Aí a gente fica calado, bota outra conversa no meio e deixa ele lá esculhambar. Agora a gente está fazendo assim. Desprezando. Não caímos na dele mais. Às vezes saio com minha filha, vou pra casa da vizinha fico lá. Ele fala.. fala.. fala.. Se não dá atenção ele se cala.</b> Eu</p>	<p><b>Sentimento de culpa</b></p> <p><b>Arrependimento do companheiro</b></p> <p><b>Enfrentamento</b></p>
---	---

<p>agora estou fazendo assim. <b>Não tem diferença se ele não bebe, só é mais controlado, ele bebendo ele vira o diabo. Tem força, já está com a bebida na cabeça, quer agredir. Como sou evangélica hoje, estou na dispensação de Deus entendeu? Eu creio que Deus vai fazer algo na minha vida.</b> Eu não sei se a Senhora acredita ou se você crê. Mas, Deus me mandou uma pessoa que eu não conhecia e disse que através dessa criança, que Deus me concedeu, que ia fazer um grande rebuliço na minha vida. Foi uma pessoa. Essa pessoa não me conhece no caso, ela é evangélica também. <b>Como conheço a palavra, eu tenho que me apegar a Deus, porque só Deus pode fazer as coisas impossíveis, só ele.</b> Ele fala que Ele que mata, Ele que faz viver. Ele que fere, Ele que cura a ferida entendeu? Apesar de tudo, Deus tem me dado grandes livramentos. <b>Hoje eu poderia não estar aqui. Mas Graças a Deus, nenhum mal chegará a mim e nem a meu filho. E ele quase me matava e Deus não permitiu.</b> E a da minha Congregação não precisa conversar (sobre a violência) porque eles falam abertamente. Não precisa eu falar para o pastor porque o pastor mora onde eu moro. Então eu não vou precisar falar para o meu pastor. O Pastor fala com ele, chama, mas ele entrou na Igreja e quebrou as cadeiras, as coisas tudo. <b>Já chamei a polícia, dei queixa. Aí quando dei queixa na delegacia das mulheres, disseram que eu não estava com ferimento nenhum então.. Fizeram a BO e pediram pra eu ligar pra lá. Eu liguei pra saber da data da audiência, no ano passado, a mulher do telefone só faltou me bater e não me deram informação nenhuma. Eu perguntei sobre a Maria da Penha, ela disse que é assim mesmo. É um processo que abre. Mentira que eu vejo na televisão,</b></p>	<p><b>Uso de álcool pelo companheiro</b></p> <p><b>Confiança em Deus</b></p> <p><b>Denúncia</b></p> <p><b>Atendimento na delegacia</b></p>
--	--

**que passa né. Notificou, mas não chamou pra audiência. Até hoje espero. Isso foi no ano passado.**

Foi a primeira vez. Eu já chamei a polícia, liguei, eles foram, mas ele é tão perturbado que ele enfrentou, mas não chegou a ser preso. Mandaram ele pra fora de casa.

Ele saiu, quando menos espero, que eu vou pra casa, ele tava lá. A polícia não chegou a prender, só mandou ele sair de casa. O povo da minha Igreja que conversa comigo, que me entende, não me critica, não me apedreja, sabe a minha história. Nem na minha família mesmo eu não acho assim. Nem na delegacia. Uma vez eu fui na delegacia, não fizeram nada. **Na minha gravidez, eu senti muitas contrações porque a minha placenta estava descolada. Tive deslocamento. Então, eu estava sentindo muitas cólicas então a médica dizia que era normal.** Porque eu fiz o pré-natal normal. Ela disse que era normal. Eu não tive sangramento. Eu fui pra maternidade nova, mas a nova disse que não era caso de risco não. Aí eu fiz tudo particular, durante uns quatro meses. Pra conseguir uma vaga porque demora, saí da particular e fui pra nova e vim pra cá. Mas, a médica disse que estava tudo normal, deu tudo normal na minha gravidez toda. Os exames de sangue, USG, tudo normal. Aí, minha gravidez toda foi conturbada, perturbada, tribulada. Nessa gravidez a mesma coisa, não mudou nada. **Até hoje é a mesma coisa e não mudou nada. Até aqui (maternidade) não mudou. Ele me trata na ignorância. Eu não posso falar um aí. Ele fala: Essa desgraça. Ele dorme e acorda com a pelada. O nome da pelada na boca, desgraça.** Ele falou porque a menina telefona pra mim, pra saber de mim. A loirinha (amiga) que chegou aqui. **Desde quando eu tive meu neném, que ele veio dormir comigo, eu não sei se meu leite**

**Consequência da violência na gestação**

**Violência na maternidade**

<p><b>não está saindo. Não sei se foi porque a gravidez toda perturbada, não sei lhe explicar. Aconteceu isso.</b></p> <p>Porque a minha filha eu tive ela demorou um pouquinho e saiu o leite. E esse, não tenho nada, não está saindo nada. Não saí colostro. Não saí nada, nada, nada. <b>E eu fiz tudo direitinho. Tomei todos os remédios, fiz tratamento que a médica passou, tomei vitamina, me alimentava. E não tem nada. Não sei porque não tenho leite pra dar. Eu estou preocupada, porque queria dar de mamar pra ele e não estou conseguindo.</b></p> <p>Tem 24 horas que ele nasceu não teve leite. Agora que o neném nasceu, ele está parecendo que é o primeiro filho com o menino. Ele tem dois filhos com outra pessoa. Mas, comigo é o primeiro, com nós dois. Mas, está parecendo que é o primeiro filho dele, está abestalhado. Ontem chorou. Não sei se hoje ele vai chorar de novo entendeu? (rsrs) <b>Aí só Deus e o tempo pra dizer. Só Deus e o tempo pra dizer essa parte....</b></p>	<p><b>Preocupação com a amamentação</b></p> <p><b>Deus como Possibilidade de mudança</b></p>
---	--

<p><b>ENTREVISTA 6</b></p> <p><b>Possui 28 anos, preta, evangélica, estudou o ensino médio incompleto. Em união estável, mora com companheiro e filha. Trabalha fora de casa com emprego fixo, independente do companheiro. Teve</b></p>	
--	--

**dois companheiros. Companheiro atual tem 3 anos e possui emprego fixo. A primeira relação teve com 16 anos, tendo engravidado três vezes, teve um aborto espontâneo. Realizou o pré-natal com início no segundo trimestre, tendo realizado mais de sete consultas. Intercorrências obstétricas: infecção urinária. Nega uso de drogas lícitas e ilícitas, mas refere uso de drogas lícitas pelo companheiro (álcool), com frequência do uso de uma vez por semana.**

A minha relação com minha mãe e meu pai era bem, normal, não tinha problema em casa não. Era tranquilo. Em casa a gente nunca teve aborrecimentos nenhum não. Sempre foi, como é até hoje tranquilo mesmo. Eu tenho dois irmãos por parte de pai agora, uma menina e um menino. Por parte de mãe, eu sou a filha única. Eu morava com a minha mãe, mas tinha convivência bastante com meu pai também. A convivência era tranquila, normal, sem aborrecimentos, sem brigas dentro de casa. Minha primeira relação foi com dezesseis. Foi com um menino da rua que eu conheci, aí ele gostava e aí a gente ficou um tempinho e aí eu tive a minha primeira relação com ele, foi com dezesseis anos. Aí minha mãe foi que quando descobriu foi que não gostou muito. Ela se zangou porque ela achou que pela convivência que a gente tinha e tudo, que eu não ia ter relação com dezesseis anos. E ela descobriu, não foi uma coisa que eu contei. Minha prima que contou. Aí quando ela descobriu, ela ficou um pouco zangada, aí o clima ficou meio chato em casa, aí eu fui morar com meu pai, fiquei lá uns cinco meses, depois voltei pra casa de novo pra morar com ela. Eu decidi sair até ela melhorar um pouquinho. Eu fiquei com ele por uns sete a oito meses,



<p>depois eu terminei. Até porque não dava mais, porque minha mãe ficou muito zangada e ela não gostava dele, porque dizia que conhecia a família e que a família não era uma família boa. Aí com um tempo fui desgostando. Teve muito aborrecimento, aí a gente terminou. Ele era carinhoso, mas foi mais por causa de minha mãe mesmo que terminou. Eu conheci meu companheiro (atual), depois que terminei com este namorado, já tinha voltado pra casa, já estava tudo bem em casa. Estava bem com minha mãe. Aí depois de um tempo, eu conheci meu companheiro, a gente ficou foi através dos colegas, coisa de bar, de beber, e aí aquela coisa eu novinha, ele era mais velho, era oito anos mais velho do que eu. Eu tava com dezoito anos e ele tinha 29 para 30 anos, ele era bem mais velho do que eu. E aí ele foi conquistando, aquela coisa de sair, de ir a praia, e aí a gente foi se conhecendo e acabou conquistando nesse lado de sair, de ir pra balada, ficamos junto. Depois, ele me chamou pra morar lá na rua, aí me chamou pra morar lá com ele. Foi rápido, depois de uns quatro meses. <b>No começo era um amor, fazia as minhas vontades. Eu era mais um bibelô dele porque eu era novinha bonitinha, ele era bem mais velho. Eu já estava morando com ele, ele era bem carinhoso. Aí a gente ficou, no começo era tudo bem, depois veio os ciúmes, sempre ciumento, grosso e agressivo. Quando eu fui morar com ele, a gente discutia e até tinha a agressão. No começo, eu achava que era porque ele gostava, porque ele queria cuidar, depois eu vi que não, que era porque ele queria mandar, controlar, até em termos de trabalhar e tudo porque eu arranjei um estágio na Pituba. Aí eu fiquei dois meses, ele começou a implicar que o chefe era homem. Que eu só estava lá porque ele (chefe) queria</b></p>	<p>Ciúme</p> <p>Agressão</p> <p>Agressão e trabalho</p>
--	---

**mexer, que eu não fazia nada. Aí ele pedia pra eu sair, eu saí. Só fiquei dois meses. Eu só podia sair com ele, roupa tinha que ser bem folgadinha, apertada não podia, shortinho nem pensar. Sair com as colegas também não podia, só podia sair com ele. Mas, no começo era aquele ciúmes que: Ah, eu faço isso porque eu gosto de você, quero ficar com você (fala do ex-companheiro). E depois, aí ficava grosso, depois ficava calmo de novo, aí pedia desculpa, pedia pra voltar de novo quando eu ameaçava ir embora. Ele me forçou a fazer sexo várias vezes. Ele me impedia de usar anticoncepcional porque ele não comprava e eu não tinha dinheiro, acabava não usando. Aí eu acabei engravidando da minha primeira filha. Aí, é difícil de falar isso..(silêncio). No começo foi verbalmente: Ah você quer ficar igual as mulheres da rua, safada. Aí depois foi agressão mesmo. A primeira agressão mesmo de bater, foi, eu já grávida. Eu fiquei grávida da minha primeira filha, aí começou a agressão. No começo ele gostou aquela coisa que ia ser pai e tudo. Aí depois começou a sair de noite, a não voltar pra casa, aí a gente brigava. Quando ele chegava a gente brigava. Aí ele começou a me agredir. Porque ele saia e quando ele chegava, ele achava errado eu reclamar porque eu não saia porque eu estava grávida e isso e aquilo outro. Porque como é que eu ia de noite, grávida, porque eu estava passando mal, eu estava enjoando e que eu não podia beber. Aí ele começava a reclamar, implicar, eu dizia que ia me embora, aí começou. Ele dava tapas e empurrões, com meus três a quatro meses de gestação, ocorreu a primeira agressão dentro de casa, aí depois, com o tempo foi piorando. Aí, quando eu estava com sete para oito meses, ele me**

**Violência sexual**

**Violência física na gestação**

**Intensificação da violência na gestação**

<p>agrediu muito, foi bem violenta, ele me empurrou, eu já estava com a barriga bem grande, eu gritei socorro, e foram (vizinhos) chamar minha mãe. Eu desmaiei, cheguei a desmaiar. Eu saí da casa carregada. Aí, eu voltei pra casa dela e fiquei lá até eu ter a minha filha. Mas, não cheguei a dar queixa, porque até a minha mãe ficou com medo na época dele fazer alguma coisa. Dele ficar com raiva. Aí não dei queixa. Ele conversou com meu pai e minha mãe que não ia mais fazer isso, aí a gente voltou a morar junto. A minha barriga endurecia, eu sentia dor, mas eu desmaiava muito, eu me sentia muito tonta porque eu ficava sem apetite, porque eu chorava muito. Mas, assim de perder sangue, essas coisas não, mas de eu passar mal e desmaiar era constantemente. Era muito estressante. Ele voltou a ficar calmo, pediu desculpa, perdão, disse que foi muita coisa, que eu fiquei enjoada por causa da gravidez aquela coisa toda. Aí, me pediu pra voltar de novo. Como a minha mãe é evangélica, aí deu conselho, conversou com ele, meu pai conversou com ele, aí deu conselho que primeiro filho, eu tinha que ficar com o pai da minha filha. Aí voltei a morar com ele de novo, com três pra quatro meses que a minha filha já tava, aí eu engravidei de novo. Ele agravou mais a situação. Ele batia quando bebia. Eu ficava em casa cuidando da minha primeira. Ele saía, quando voltava bebendo, aí sempre tinha uma coisa pra reclamar e acabava me agredindo. E eu tive a segunda gravidez, perdi por conta das agressões. Ele chegou lá muito violento. Eu tinha ido pra praia com a vizinha, aí quando ele chegou eu estava nervosa, xinguei ele, comecei a xingar. Aí ele me bateu, me bateu muito que depois, de noite começou o sangramento, sangrar</p>	<p>A não denúncia</p> <p>Consequência da violência na gestação</p> <p>Construção familiar: apoio para retorno da relação</p> <p>Agressão/ Perda do filho</p>
---	--

<p><b>muito e eu acabei perdendo. Eu não fui pra o hospital porque ele não deixou.</b> Eu fiquei com hematoma no corpo. Aí eu curei em casa em mesmo, minhas colegas me deram medicação. Eu não cheguei ir pra unidade não. Eu não ia pra hospital porque ele não deixava e <b>eu também tinha vergonha de chegar e falar que eu apanhei. Eu vi a hora de ele me matar de porrada.</b> Tinha uma vizinha, que era evangélica aí ela conversou comigo: tome uma decisão, você está nova, você é bonitinha, vai viver a sua vida, se cuide... Aí, numa sexta-feira que ele saiu, ele bebeu, aí ele chegou em casa procurando zuada, eu também fiquei quieta. <b>Aí, quando ele foi trabalhar no sábado, eu peguei as coisas coloquei na casa dela, tirei o resto e fui embora. Esperei ele trabalhar e fui embora. Quando ele chegou em casa, eu não estava mais. Aí eu peguei e fiquei na casa de minha mãe. Aí minha prima conseguiu um trabalho pra mim. Aí eu fui trabalhar, ele descobriu que eu estava trabalhando e começou a ir pra meu trabalho. Aí meu pai ficou duas semanas me levando para o trabalho.</b> Eu vi que ele não estava indo, que estava tudo calmo. Quando eu fui uma vez só, ele pegou e me bateu no ponto. Aí, eu fui pra casa, quando meu pai chegou dá queixa e tudo, mas não resolveu nada. <b>A gente é muito criticado, mas quando a gente vai procurar ajuda ninguém resolve nada.</b> Minha filha estava morando com a minha mãe. Aí eu aluguei uma casa pra morar sozinha. Aí, ele descobriu, foi um período pra ele me deixar em paz. Eu não sabia o motivo porque cada vez era uma coisa. Ele queria sair, eu não queria sair, aí ele ia sozinho, quando ele chegava eu falava que não gostava, dizia que não podia porque eu estava grávida, eu ficava dentro de casa. Era assim</p>	<p><b>Sentimento de vergonha</b></p> <p><b>Separação/Trabalho</b></p> <p><b>Sendo julgada</b></p>
---	---

<p>sempre. Nunca tinha motivo. <b>Eu cheguei a dar queixa duas vezes na segunda. E a última, eu dei na delegacia das mulheres porque ficou bem agressivo.</b> Quando saí de casa, que estava grávida, ele descobriu. Ele não reagiu nem nada, ficou normal, a gente até pensou que ele tinha aceitado. Aí depois <b>ele começou a ficar indo para o ponto de ônibus, ficar me olhando.</b> Meu pai, me levou umas duas semanas para o trabalho, que foi aí que ele resolveu dar queixa, porque <b>ele chegou me agredir de manhã cedo no ponto. Aí eu não pude trabalhar.</b> E eu fui dar queixa com meu pai à noite, <b>na Delegacia das Mulheres. Nunca resolveu, porque eu dei a queixa, mas depois não teve mais nada.</b> Eu só fui dar queixa mesmo. Não teve nada. <b>Eu fui pra Delegacia Comum, na segunda,</b> fica na Liberdade, <b>chegou os policiais que estavam lá de plantão que foi à noite também, chegou a conversar com ele porque pegou ele dentro da minha casa.</b> Porque <b>ele tinha lascado meus documentos,</b> os policiais desceram, aí viu que ele tinha rasgado roupas, documentos, <b>me liberou, depois liberou ele, normal. Não foi preso.</b> E aí, ele tinha puxado meu cabelo, <b>tinha rasgado meus documentos, tinha rasgado roupas,</b> porque eu já estava morando só. Eu já tinha largado ele, já tinha ido embora. Aí, ele aceitou tudo bem, aí depois ele ficou indo pra minha casa, pra me esperar, pra a gente voltar, e eu não aceitava. Aí que ele começou agredir. <b>Eu não ia fazer o pré-natal por causa das agressões, sentia vergonha.</b> No começo, eu pensava quando a menina estiver maior eu vou largar e vou viver a minha vida que eu não agüento mais, que eu não suporto. Aí eu escondia dentro de casa assim, quando a agressão era muito. <b>Aí ficava levando pra ver se melhorava. Quando era muito forte eu escondia,</b></p>	<p><b>Denúncia</b></p> <p><b>Perseguição</b></p> <p><b>Descrédito na justiça</b></p> <p><b>Atendimento na delegacia</b></p> <p><b>Pré-natal</b></p> <p><b>Silêncio</b></p>
---	--

**quando ele me batia muito, aí ficava mais dentro de casa, recuada, aí depois até que eu resolvi contar já estava em um grau muito alto.** Da vez que ele me bateu, que minha mãe e meu pai conversou com ele. Aí eu não contava para ninguém que a violência estava demais não. Que ele me batia muito. Na época, ele pedia desculpas, pedia pra voltar pra casa. Ela (mãe) dizia que vai melhorar. Na última vez mesmo, eu peguei saí depois eu voltei de novo e eu contei que tive o aborto, contei tudo que tinha acontecido. Aí voltei pra casa dela, arranjei um trabalho e fui morar só, tanto que é por isso que minha filha até hoje mora com ela porque são muito apegadas as duas. E aí, eu ia trabalhar, ele dizia que ia pegar ela, eu ficava com medo dele pegar ela. Ele ameaçava. **Eu dei queixa na Defensoria que ele me agredia, que eu tinha dado queixa na Delegacia das Mulheres, na segunda delegacia e que ele ameaçava pegar a minha filha. Fui no Fórum também, mas não adiantou.** Aí foi que ele foi no Fórum e disse que queria ver pelo menos a menina. Teve a primeira audiência porque se tivesse alguma coisa, eles estavam responsáveis. Ele pegou a menina só três vezes, era mais coisa pra me afrontar mesmo. Graças a Deus até hoje ele sumiu. Ele pegou três finais de semana só, pegou no domingo, só no domingo e voltava pela responsabilidade do Fórum, por isso que eu deixei. Ela era pequeninha. Eu fiquei uns dois anos com ele, indo e vindo. E vai fazer nove anos que eu estou separada dele. Porque quando eu larguei ele, ela estava pequeninha ainda (filha). Ele sumiu, desapareceu Graças a Deus. **E até porque também, da última vez, ele foi agredido, ele tomou um tiro pra me deixar em paz. Porque na Delegacia não deu jeito. Aí, eu conversei com um tio meu que é**

**Denúncia**

**Justiça pelas próprias mãos**

**policial, e aí ele passou na rua. Quando eu passei que vinha do trabalho, ele já vinha pra me bater, mas só que meu tio já sabia, já tinha conversado e tudo até que ele tomou um tiro.** Eu falei com meu tio que quando eu passasse, que ele ia me bater. Aí eu passei, ele veio atrás de mim, e tomou um tiro. Aí ele deu queixa de mim também, mas não resolveu nada também. Que eu não agüentava mais. Sumiu..Graças a Deus. Se ele não sumisse, eu acho que eu estava era morta. Acho que só me deixou mesmo, porque eu resolvi. Por causa da agressão. A decisão que eu tomei de falar pra meu tio. Se não, ele não tinha me deixado não. **Porque eu já tinha ido na segunda, na delegacia da mulher e nada. E A aí, eu resolvi, tomei a decisão.** Eu sabia que podia me complicar. **Eu de certa, estar errada, mas, foi o único jeito que tinha.** Na Igreja, naquela época só quem ia era a minha mãe porque eu estava afastada, hoje eu estou indo, mas não estou totalmente. Porque eu comecei a namorar com o primeiro, ai eu larguei, não ia pra Igreja. **Eu nem sei como explicar, como eu sempre tive tudo, não sei como fui me arranjar com ele. Eu comecei a chorar de arrependimento. De ter ficado com uma pessoa que não gostava de mim, mas como eu já tinha decepcionado a minha mãe, não queria decepcionar de novo, aí eu tentava, mas eu sentia mais pena de mim.** Hoje, serviu muito. Até pra impor algumas situações com este que eu estou. Eu sou mais dura, eu tenho mais minhas opiniões, é mais do meu jeito, eu controlo mais a situação, eu tenho mais opinião própria. Consigo ser dona de mim. Graças a Deus, hoje eu consigo ser dona de mim. Eu vivo minha vida. Eu preciso estar bem e feliz pra eu fazer alguém bem e feliz. Se eu não estiver bem, não estiver feliz. Então tem alguma

**Descrédito na justiça**

**Arrependimento da relação**

<p>coisa errada, umbora ver.. Mas, é possível ser feliz. É isso que eu aprendi. Eu preciso estar bem, Graças a Deus tenho uma relação boa (com companheiro atual), de conversa, tudo. Até porque eu imponho (rsrsrs). Graças a Deus, ele é calmo. Mas aquela coisa, eu tenho que estar bem. Até em casa, se eu quero comer o feijão e ele quer comer o arroz, então vamos fazer os dois. Que eu não vou fazer o seu feijão pra poder você estar bem e eu não estar bem. Então eu estou mais assim, agora é a minha vez.. (rsrs)</p>	<p><b>Esperança de mudança</b></p>
---	------------------------------------

<p><b>ENTREVISTA 7</b></p> <p>Possui 16 anos, preta, não tem religião, estudou o ensino fundamental incompleto. Em união estável, mora com companheiro. Trabalha fora de casa como autônoma, independente financeiramente do companheiro. Informa ter tido um companheiro (atual), que tem 20 anos e possui emprego fixo. A primeira relação teve com 14 anos, tendo engravidado uma vez, não teve aborto. Realizou o pré-natal com início no segundo trimestre, tendo realizado mais de sete consultas. Intercorrências obstétricas: infecção urinária. Nega uso de drogas lícitas e ilícitas, mas refere uso de drogas lícitas pela mãe, irmãos e familiares(álcool), com frequência do uso de uma vez por semana.</p> <p>A minha relação com minha mãe era tudo bem, mas era mais com minha avó. <b>Eu morava com a minha mãe, minha avó, meus parentes. Ela não gostava muito de mim.</b> Quando eu era pequena também, ela gostava da</p>	
--	--



<p>minha prima mais do que de mim. Minha prima também morava comigo. Meu pai foi embora quando eu era pequena. Só morava com minha mãe, minha irmã, meu avô, minha avó. Eu conversava com meu avô, minha mãe e minha irmã. Minha avó me botava pra fazer tudo dentro de casa, aí eu não dava conta de fazer tudo, aí quando minha vinha, era ela me batendo. Minha mãe encontrava ela me batendo já. <b>Dava de pau e sola de sapato. Ela me deixava presa em casa.</b> Na frente de minha mãe ela fazia e minha mãe não gostava. Antes da Gravidez, ela me batia, me empurrava, me chutava. <b>Depois que eu e minha irmã começou a trabalhar, eu trabalhava olhando criança, a gente tirava R\$ 250, 00, aí deu pra alugar uma casa pra minha mãe.</b> Aí, minha mãe começou a trabalhar em um lugar. Aí começou também a pagar a casa. Minha primeira relação foi normal. Foi o pai da minha filha. Eu comecei a namorar com ele com doze anos. Ele me trata bem, não me trata mal. Não me bate, como vejo muitos aí batendo. Normal. Tem carinho. Quando estava grávida, fui morar com ele. <b>Minha avó me batia também porque ela não queria que eu ficasse com ele, ela não gostava dele. Até grávida, ela me xingou muito.</b> Minha mãe estava conversando aí chegou e falou pra meu avô.: Milena está grávida. Aí ela chegou (avó): Ah Vai ter que dar remédio a ela. Vai ter que tirar porque ela não tem idade pra ter filho. Aí minha mãe chegou e falou: Eu tive foi com doze anos. Não é com ela que eu vou tirar que tem dezesseis. Minha irmã também falou que teve com quinze anos e ela também falou que não pra tirar. Porque não tirou da irmã também? Ela disse (avó): Ah porque não é certo ela engravidar desse menino. E ele não é errado, nem nada, trabalha. Não sei porque isso. Aí</p>	<p><b>Violência familiar</b></p> <p><b>Trabalho infantil</b></p> <p><b>Agressão na gestação</b></p>
---	---

<p>minha mãe falou que não ia me dar (remédio) não, que eu ia ter a menina. <b>Ela me ameaçava, disse que ia meter a faca, ia me matar.</b> Aí depois, passou um tempo, <b>ela queria meter uma faca em mim, quem tomou a frente foi meu avô, que não deixou.</b> Eu fui lá falar com meu avô, porque meu avô queria me dar um dinheiro. Quando eu estava na cozinha, eu só vi a faca passando direto. Ela jogou.. Aí Meu avô botou a mão, aí tem até um corte nele. Uma vez ela ia meter novamente, ia meter a faca em mim, na minha barriga para tirar a minha filha, aí meu avô botou a mão também. Ela meteu e passou fino, bateu no meu pé. Eu estava grávida. Aí eu falei que foi a escada que tropecei, para não falar que foi ela, eu falei isso da escada pra minha mãe. Eu não falei, pra minha mãe não fazer arte, porque eu estava grávida e minha mãe já sabia. Porque minha mãe não é flor que se cheire, eu conheço a minha mãe. Que ela podia fazer alguma coisa com a minha avó. Aí, eu não falei com ela, fiquei um tempo sem falar com ela. Depois, ela veio falar comigo de novo. <b>Ela tentou me dar comida envenenada.</b> Eu tava em casa, ela mandou eu descer pra comer um pirão, que eu tava com uma vontade. Aí, meu avô falou: Não coma não. Aí eu fiz: Oxe painho ela me chamou. Ele disse: Não coma não. Também porque teve gente que meteram macumba pra ela, quando chega em setembro/ outubro, ela fica azuada e faz um bocado de coisa. Um dia ela ia se jogar da laje, no Dia Internacional da Mulher, quem não deixou foi minha mãe. Minha mãe ficou embaixo aí pedindo pra ela não se jogar, aí minhas tias tudo falando: Se jogue. Porque não gostam dela. Teve uma conversa com minha avó. Ela ia até vir (maternidade), mas eu não queria ela aqui não porque ela disse que não fazia questão nem de tocar em minha filha. Disseram que ela ia fazer</p>	<b>Ameaça</b>
---	---------------

<p>alguma coisa com minha filha, aí eu disse a ela que não queria ela aqui não. Aí, só quem veio aqui foi minha irmã que dormiu comigo, minha irmã, minha prima, meu primo que estava lá, e ele (companheiro) que vem agora de tarde pra dormir. <b>Ela me xinga ainda. Ela me xinga de vagabunda, de puta. Me dava um aperto no coração, querendo ir pra cima dela, bater nela. Matar ela, fazer alguma coisa por causa da minha filha, ela queria matar a minha filha. Mas, como vai que é vó. Vó é assim, igual a mãe</b> Eu falava a todo mundo: Não fique pensando que ela me estressa não. E o povo falava: Não é assim não Milena, chame ela pra conversar. Porque o povo fala que a gente se estressa e passa mal. Mas, das discussões que tive com ela, não me estressava não, só me dava aquele negócio no coração. Um aperto, eu querendo fazer alguma coisa nela, mas como é que faz. <b>Eu sentia dor de cabeça forte. Eu sentia muita tristeza. Meu neném fazia chutar de lá pra cá, mas não fui pra unidade de saúde.</b> Não procurei delegacia. Eu contei só pra minha mãe, meu avô e minha irmã que eu conversei muito. <b>A igreja me revelou um bocado de coisa que ela ia fazer. O pastor me chamou, na frente de ninguém, ele me chamou e falou, que estavam arrumando macumbaria para matar eu e a minha filha na sala de parto. Aí eu fui e entreguei a minha vida, aí eu estou na Igreja agora. Aí eu fiquei indo pra Igreja, aí veio outro pastor de outro lugar e falou a mesma coisa. Eu estou abençoada. Eu falei, aí minha mãe começou a ir pra Igreja. Todos meus parentes agora está indo pra Igreja. Minha mãe me ajuda.</b> Ontem minha avó estava comemorando porque eu ia vir ter. Estavam lá comemorando. Minha mãe ligou falando, aí começaram a comemorar. Eu falo pra minha mãe,</p>	<p><b>Agressão verbal</b></p> <p><b>Dor física e psíquica</b></p> <p><b>Apoio da Igreja</b></p>
--	---

<p>conto tudo. Ela (mãe) falou já pra meu avô, falou também que ia internar ela (avó). Até uma vez que ela ficou doente, quem ficava com ela era eu. Ela me tratou bem. Quando ela ficou doente, ela me tratou bem. Chegou a me dar comida, eu ia, cuidava dela, ela ficava só na cama. Dava vontade de chorar, chorava que eu via ela ali na cama. Eu não gosto de deixar ninguém precisando, eu também ajudo. Acho que ela é a mesma coisa. Como ela era antes. Ela sempre foi assim comigo. Não vai ser agora porque eu não vou dar ousadia a ela.....</p>	
---	--

<p><b>ENTREVISTA 8</b></p> <p><b>Possui 20 anos, preta, católica, estudou o ensino fundamental completo. Solteira, mora com familiares. Trabalha em casa como autônoma (manicure), parcialmente do pai/mãe. Teve três companheiros. Companheiro atual tem 33 anos, é autônomo. A primeira relação teve com 15 anos, tendo engravidado uma vez, não teve aborto. Realizou o pré-natal com início no segundo trimestre, com seis meses, tendo realizado três consultas. Intercorrências obstétricas: síndromes hipertensivas. Nega uso de drogas lícitas e ilícitas, mas refere uso de drogas lícitas pelo companheiro, ex-companheiro, irmãos, pai, mãe e familiares (álcool), com frequência do uso de até três vezes por semana.</b></p> <p>A minha relação com minha família era boa, conversava, tinha carinho. Até hoje tem. Tudo normal, não tenho o que me queixar da minha família não. A minha primeira relação foi boa. Eu tinha quinze anos, eu ia fazer dezesseis quando eu perdi minha virgindade. Eu fiquei</p>	
--	--

dois anos com ele. Ele era carinhoso, tratava bem, nunca me maltratou. Até hoje ele fala com minha mãe ainda. **Eu conheci outro namorado, o último agora foi o pai do meu filho. Eu tinha dezenove anos quando eu conheci ele. A relação era boa, ele me tratava bem, nunca tinha feito o que fez comigo agora não entendeu? Ele era carinhoso, nunca foi agressivo, nunca, não tratava com ignorância comigo. Ele tinha um pouco de ciúme, mas nunca teve briga por causa de ciúme não.** Ele ficava com ciúme quando alguém falava comigo, brincava, sei lá, mais homem entendeu? Ele não falava muita coisa não: Ah não estou gostando não, não sei o quê. Mas, nunca me bateu, nunca me xingou. Depois de dois anos de relacionamento, eu saí da casa de minha mãe e fui morar com ele. Eu saí de casa antes de engravidar. Quando a gente estava em casa, a gente brincava, ele não era de briga. Ele trabalhava quando eu estava em casa. **Eu trabalhava em casa, mas ele não queria que eu fizesse unha de homem, ele não deixava de jeito nenhum, mas eu fazia. Eu acho que isso não é ciúme não, é descaração mesmo. Se ele tivesse ciúmes mesmo de mim, ele não fazia isso, se ele gostasse de mim mesmo, ele não fazia o que ele fez.** Ele não me empatava não porque eu fazia. Oxe.. Aí ele também calava a boca, não falava mais nada. No meu ver quando a pessoa erra, acha que todo mundo vai errar igual a ele né? Pra mim é isso. Porque ele achava que porque eu fazia unha de homem, eu ia trair ele. Porque ele erra, o que ele fez, ele acha que todo mundo vai fazer igual a ele. Eu acho que ele arranjou uma mulher que ele está aí hoje. **Depois que eu descobri a gravidez com seis meses, aí ele mudou. Já me xingou, já me empurrou, me deu um tapa. Quando eu falava alguma coisa com ele, ele**

Ciúme

Ciúme

<p><b>falava grosseria, me xingava.</b> Quando eu perguntava algumas coisas a ele, aí ele não queria responder. Em relação a mulher mesmo, entendeu? A mulher que ele está hoje. Aí ele não queria responder, aí ficava xingando de puta, vários outros nomes. A gente não brigava todos os dias. Demorava de brigar, era um mês mais ou menos. <b>A gente brigava por causa de mulher, por causa de bebida, porque ele saia, me largava sozinha. Depois que eu engravidei, dormiu fora de casa, aí começava a briga.</b> Quando eu falava, ele não gostava, fazia hora com a minha cara. Dava risada, ficava rindo. Dizendo: Sabe de nada inocente. <b>Primeiro ele começou com xingamentos, depois ele veio pra cima de mim, me empurrou, me deu um tapa. Aí eu pedi separação. Isso teve uma vez só, porque minha mãe interviu no meio. Chamou ele, conversou. Meu pai também, chamou ele e falou com ele. Aí eu entreguei as coisas dele a mãe dele. Ele só saiu de casa, porque eu arrumei as coisas dele e entreguei a mãe dele. Mas, por ele, estava até hoje lá dentro. E hoje eu não estou com ele mais. Agora, eu estou morando só. As brigas... Às vezes eu passava por tanta coisa, nem desabafa, ficava pra mim. Não falava pra ninguém, nem pra minha mãe. No começo eu não falava. Mas era besteira. Não era nada grave. Só falava algumas coisas grave assim... que me sentia ameaçada, quando não me sentia, não falava não. Só no dia que ele me empurrou, eu falei com minha mãe. Eu me bati na parede. Aí eu liguei pra ela, ela foi lá. Eu me sentia triste. Não brincava mais. Minha mãe perguntava eu dizia: Nada. <b>Quando a mulher está grávida, fica frágil né. Fiquei chorando. Até hoje eu ainda sinto. Eu me sentia uma mulher rejeitada. Eu me sentia uma mulher rejeitada porque eu via outros</b></b></p>	<p><b>Início da agressão na gestação</b></p> <p><b>Uso de álcool pelo companheiro/ Brigas</b></p> <p><b>Agressão verbal/física</b></p> <p><b>Separação/Apoio dos pais</b></p> <p><b>Silêncio</b></p> <p><b>Fragilidade da gestante</b></p>
--	--

<p>pais indo até o para o pré-natal com as mães, e não tinha isso, eu ia mais com a minha mãe. Nas horas que eu mais precisei dele, não achei apoio nele. Eu sentia tontura, enjôo demais, dor de cabeça, várias dores no pé da barriga também. Eu cheguei na maternidade nova com a dor, aí o médico disse a mim: Eu vou ter que dar uma injeçãozinha em você, porque você já está tendo contrações. Aí, me deram duas injeções. Uma pra segurar ele, e a outra pra poder amadurecer o pulmão dele. Se ele viesse a nascer prematuro, aí não tinha risco de morte. Minha mãe que me levou pra maternidade. Antes, eu tinha discutido com ele. Eu não lembro direito da discussão não, porque eu tentei esquecer um pouco. E no mais por causa das coisas do menino pra ele comprar, aí ele pirraçava. Porque já tava chegando perto do dia dele nascer também, eu ligava, pedia o dinheiro e ele não queria dar. Mas, ele comprou. <b>Eu tive medo de causar a perda dele e tudo. Medo dele vim pra me bater e eu chegar e perder meu filho.</b> A mulher grávida, o homem chegar e agredir. Ela não tem força pra poder brigar com ele. Mulher não agüenta com homem né. Por passar tudo isso na minha vida eu pensei isso, será que eu vou perder perguntava a minha mãe. Eu sentia medo. Tanto que ele nasceu com um pouquinho de insuficiência respiratória. Mas, Graças a Deus já está melhor. É por isso que estou aqui até hoje. Eu tive na terça... Estou aqui esperando o resultado do exame pra poder ir embora. Na hora mesmo, quando eu vi aspirando ele mesmo, eu fiquei com medo. Eu disse: Mãe vai vê o que está acontecendo. Aí mãe foi ver. Porque eu passei por tanta coisa na minha vida, e poderia afetar meu filho e chegar a óbito. Tanto que minha pressão não baixou, ficou alta, porque eu tive medo. Estava alterando</p>	<p><b>Sentimento de rejeição</b></p> <p><b>Consequências da violência na gestação</b></p> <p><b>Medo de perder o filho pela violência</b></p>
--	---

no aparelho aí tava 16x10, 15x9, não baixava não. Aí só baixou depois, quando eu peguei ele (filho), fiquei com ele no quarto, aí foi que baixou a pressão. Eu vim adquirir pressão alta agora, no finalzinho da gravidez. Eu ia me separar logo dele mesmo. Eu vou ficar com um homem do lado e não sentir nem mais nada por ele assim. Não ter respeito, se terminar o respeito entre uma relação, não adianta estar mais. **Eu encontrei apoio com minha mãe, meu pai e minha avó, que estão do meu lado até hoje.** Eu dei só uma queixa dele, ele achava que ele não tinha obrigação de me sustentar mesmo, em termo de alimentação. Aí eu fui no Conselho Tutelar. Aí eu cheguei e prestei uma queixa dele, pra a gente entrar em um acordo e ele poder dar dinheiro pra mim, pra alimentação. Só que no dia que ia ocorrer a audiência, foi o dia que ele nasceu, foi dia cinco agora, aí eu peguei e não fui. Aí não teve a audiência. **Agora ele está ótimo, está melhor do que estava antes. Ele dá mais atenção. Antes, eu ligava dizia que tinha ultrassom pra fazer, ele não dava importância. Agora não, ele dá mais atenção. Agora ele está melhor, dando as coisas. Liga mais com frequência pra perguntar dele (filho). Veio aqui já hoje. A gente, ele não toca no assunto, nem eu. Agora ele não faz mais não. Agora o que eu tenho com ele é só o filho, agora é só isso que tenho com ele.** Quando a mulher está grávida precisa de mais atenção. Eu tive mais atenção de meus pais, minha avó e dele não. Hoje eu vejo que tinha que passar por isso. A gente tem momentos bons e momentos ruins. Chegou a hora de passar.. **Agora estou me sentindo feliz. Agora que acabou essa fase da gravidez. Agora eu vou trabalhar, criar meu filho e pronto, não tenho mais o que me queixar não. Vou criar meu filho. Minha mãe está me**

**Apoio da família**

**Mudança do  
companheiro**

**O hoje**



<p><b>ajudando, me apoiando.</b> Só minha gestação mesmo que marcou a minha vida. Coisa boa.. Meu filho que curti muito. Coisa ruim, eu já esqueci da minha vida. Tive momentos bons, agora passou minha fase ruim. Eu estou vivendo a fase melhor da minha vida agora. Eu quero esquecer os problemas e só viver o presente agora, curtir o meu filho. E ficar guardando essa mágoa, não vai me fazer bem.<b>Agora não vou permitir ser maltratada por mais ninguém. Já tive a experiência, não quero ter mais. Eu não quero homem mais, quero viver só. Quero trabalhar e criar meu filho e pronto.</b> Não quero homem mais do meu lado. Antes só do que mal acompanhada. Você está com um homem do lado, passando por um bocado de coisa, e viver infeliz, eu não quero viver infeliz. Eu não quero mais passar por isso. Não é todo mundo que é igual, pode ter um homem que me trate melhor do que ele, trate meu filho bem. Por agora eu não quero. Quem sabe depois eu arranjo alguém..</p>	<p><b>Possibilidade de mudança</b></p>
---	--

<p><b>ENTREVISTA 9</b></p> <p><b>Possui 29 anos, preta, católica, estudou o ensino médio completo. Solteira, mora com familiares. Encontra-se desempregada, totalmente dependente do pai/mãe e programas sociais: bolsa família. Teve quatro companheiros. A primeira relação teve com 14 anos, tendo engravidado cinco vezes, não teve aborto.</b></p>	
---	--

<p><b>Realizou o pré-natal com início no segundo trimestre, tendo realizado entre quatro e seis consultas. Intercorrências obstétricas: hemorragias, ameaça de aborto. Nega uso de drogas lícitas e ilícitas, mas refere uso de drogas lícitas pelo companheiro, ex-companheiro, irmãos, e familiares (álcool, cigarro). Drogas ilícitas pelo ex-companheiro.</b></p> <p>Foi ótimo, minha infância foi boa até agora. Minha relação com meu pai e minha mãe, eles sempre foram assim desses pais de filho não sair pra festa, até hoje não éramos de conversar não. <b>Minha mãe, quando a gente era mais nova, quando a gente abraçava ela, ela dizia que a gente queria alguma coisa, algum dinheiro. Só que não podia abraçar uma mãe, pra ela ficar falando isso. Minha mãe nunca foi carinhosa, até hoje. A minha primeira relação foi com 14 anos, eu não gostei, não me senti bem, o rapaz que eu tava a gente tentou, mas por ser nova ele disse: Oh Mari você é muito nova. Ele não terminou de fazer não (relação sexual). Ele foi embora para o Rio e queria que eu fosse com ele, mas eu não ia largar a minha família pra ir morar com ele. Ele era carinhoso, mas a gente terminou não ficando junto. Foi com o pai do meu filho mais velho (segundo companheiro), aí foi que a gente teve. Por gostar dele, eu sempre ia atrás dele. Eu sempre ficava junto. <b>Eu não procurei a usar nenhum método, porque não sabia nada a respeito desses negócios, que hoje em dia eu sei. Antigamente, não sabia dessas coisas, e meu pai e minha mãe sempre foram daquelas pessoas que preservava, não falava a respeito. Então, eu nunca presenciei meu pai e minha mãe se dando beijo. Não procurei unidade de saúde, nunca me cuidei em</b></b></p>	<p><b>Falta de afeto da mãe</b></p> <p><b>Primeira relação</b></p> <p><b>Uso de métodos contraceptivos</b></p>
--	--

**respeito disso. Não usei método, porque não entendia dessas coisas e tinha receio de conversar com a minha mãe. Porque uma pessoa que não aceita um abraço, ia conversar a respeito de remédio, essas coisas, não ia.**

Eu fiz até o terceiro ano (ensino médio). Depois, que eu fiz 14 anos, eu conheci o pai do meu filho mais velho e ficamos cinco anos juntos namorando. Eu tava tomando conta de meu primo, que minha tia foi ligar, até minha tia falou: Fique com ele mesmo, ele é gente boa. Mas, ela não sabia se ele era gente boa ou não. Ele era conhecido de uma tia minha de São Sebastião. Aí ela mandou, eu fui ficando, ela empurrando,. empurrando, a gente foi e ficou. Ele chegou a mim com proposta de casamento, menina nova, aí ficava me iludindo com muitas conversas bobas. Que queria morar e viver comigo. Só conversa. Hoje em dia no meu entender o homem tem que dar carinho a mulher e ele não vinha com carinho me tratar bem. Um dia quando ele trabalhava e morava em um bar, eu estava indo pra escola, eu cheguei lá a gente conversou, aí ele queria porque queria fazer alguma coisa e eu acabei aceitando. Ele me tratava como se eu fosse um objeto dele. Se eu chegasse, eu tinha que ficar com ele, ele fazia o que bem queria e depois saía. Não foi como hoje. Se eu conhecer uma pessoa que te trata bem, com carinho, não chegar assim não. Nunca teve carinho, cuidado com a pessoa. Eu como não entendia dessas coisas. Pra mim era normal. Mas, hoje em dia, eu já entendo e vejo que não é normal. Eu não quero que a minha filha se envolva com qualquer homem, pra fazer besteira, maltratando. Eu fiquei cinco anos e tive um filho. **Quando eu fiz 15 anos, perto dos 16, que ele percebeu que eu estava grávida, aí ele se afastou, foi embora. Ele me deixou grávida de cinco meses. Eu**

**Abandono pelo  
companheiro após  
descoberta da gravidez**

**Trabalho na adolescência**

<p><b>comecei a trabalhar com 15 anos, eu botava cabelo, fazia faxina na casa das outras pessoas.</b> Minha mãe não gostava não. Porque era muito humilhante. As pessoas gostam muito de humilhar e pisar nas pessoas. Meu pai e minha mãe que sempre estava do meu lado, me ajudou a criar esse menino. Hoje, ele esta com 13 anos. Depois que tive o menino, ele teve lá em casa, viu que era dele, ele registrou, a gente voltou novamente. Ficamos ainda uns três anos juntos. <b>Aí, ele começou a se envolver com outra mulher.</b> Porque essa mulher tinha casa, passava lá em frente de casa. Depois que passou a gravidez, ele começou a voltar e queria que eu morasse com ele. Só que eu não queria morar com ele, porque eu sabia da fama dele. Que era batedor de mulher, ele gostava de bater mesmo, agredia as pessoas na rua, batia na ex-mulher. Agredia muito as pessoas. Aí, por medo, eu não queria nem chegar perto. A gente ficava. Ele era uma pessoa violenta. Mas, comigo nunca me agrediu, nem falou nada. Não maltratando de um jeito e maltratando né. Ele não era carinhoso, antes eu não sabia, então pra mim era normal. Ele fica de frete com mulher na minha frente, fazendo gaiatisse. Nunca me respeitou não. Eu me sentia humilhada, parecia que eu não servia pra nada. Até que quando fez dois anos a gente ainda ficou, mas, depois nunca mais. <b>Eu conheci o pai do meu primeiro filho com 14 anos, só foi um sair e o outro aparecendo, parecendo coisa errada, conheci o pai da minha filha (segundo filho; terceiro companheiro).</b> Sempre morei na casa de meus pais, depois dos vinte anos que eu saí de lá por causa de um rapaz (3º companheiro) também que eu achei que ia dar certo, mas não deu certo também porque ele começou a usar drogas. <b>Viver assim.. Eu prefiro ficar na casa de meu pai. Ele</b></p>	<p><b>Traição</b></p> <p><b>Uso de drogas pelo companheiro</b></p>
---	--

**é uma pessoa boa, mas começou a se envolver com drogas.** Mas, eu não sabia. Eu vi um pacote de maconha em casa e eu perguntei o que era, e ele disse que não sabia, que era de um colega dele que deixou em casa. Eu comecei a suspeitar porque todo dia ele saía de casa, saía cinco e chegava onze da noite, só pra comer e dormir. Aí, eu pensei: está acontecendo alguma coisa, traição não é, então ele está se misturando com alguém. **Conversava com ele, teve uma vez que fui conversar com ele, ele deu uma de brabo. Veio e me deu um tapa. Na hora que ele me deu um tapa, eu fui e dei outro nele. Foi a primeira e última vez. Nunca mais ele tocou a mão em mim.** Eu não estava grávida, já tinha tido o menino dele. **Depois dessa briga, eu me separei.** Depois que eu vi essa droga em casa, eu saí de dentro de casa. Quando foi uma semana, uma, duas, que eu saí de dentro de casa, vieram os homens que ele andava, botaram fogo dentro de casa. Iam matar ele, mas ele fugiu. Mas, também se misturou com gente ruim. E, nunca mais eu soube dele. Ficamos, mais ou menos um ano namorando. **Nesse tempo eu tomava anticoncepcional. Depois que tive meu primeiro filho, fui no posto e comecei a tomar. Só que eu tomava depois que eu afastei do pai do meu filho mais velho, e acabei engravidando do meu segundo filho.** Disseram que era ruim esses remédios do posto, mas mesmo assim eu tomei. **Eu tomava todo dia direitinho,** porque se a gente deixasse um dia, engravida né? Mas, não acredito não, porque eu estava tomando certo **e acabei engravidando.** Sempre que eu passava mal, eu conversava com a médica e ela passava outro. Depois que me afastei dele, fez um tempo ainda, que conheci o pai das minhas filhas (4º e atual companheiro). **Eu sempre trabalhei, corto cabelo, faço**

**Violência física**

**Uso de métodos contraceptivos**

<p>unha, sempre faço uma coisa e outra, faço faxina também, sempre faço as coisas dentro de casa. Mas, uma pessoa já com filho tem que correr atrás de alguma coisa. Comprei o enxoval de meus filhos todos trabalhando. Meu ex-companheiro sempre ajudava. O pai do primeiro, o pai do segundo, sempre me ajudou. Até hoje o pai do primeiro filho me ajuda, o outro não mais por eu não correr atrás nem querer saber dele, não sei onde está, nem a família dele sabe onde ele está. Depois conheci o meu companheiro atual. Quando eu conheci (companheiro atual), eu estava trabalhando em Salvador. Só tinha dois meninos. Eu vinha trabalhar e voltava pra casa. Uma colega me chamou pra conhecê-lo, eu disse que tinha que trabalhar, foi um dia de sábado, porque minha mãe ia chegar. Eu fui em um bar próximo de onde eu moro com ela, aí quando chego lá, estava ele e outro amigo dele. Jesus perdão, mas se arrependimento matasse, eu estava morta. Depois que conheci esse cidadão, a gente marcou de sair, de ficar. Aí a gente começou a namorar, no início ele ficou mostrando o que ele não era, uma pessoa boa. Ele mostrava ser carinhoso. Quando a gente se firmou mesmo. Eu acabei engravidando logo. Não estava usando anticoncepcional nesta época porque eu estava só trabalhando, não estava pensando nessas coisas. Acabei engravidando, ele falou: Tudo bem, não é pra tirar que a gente assume. Eu assumo, registro, faço as coisas que tenho que fazer. Ele passou, correu atrás de tudo. Eu trabalhando, cortando cabelo aqui e ali pra dar as coisas ao menino. Quando eu estava com sete meses de gravidez, a gente saía muito, aí a gente saiu pra comer uma pizza fora e levar uma pra casa. Meu pai e minha mãe não estavam em casa, estavam na roça. Eu fui comer</p>	<p><b>Trabalho</b></p> <p><b>Apoio do ex-companheiro</b></p> <p><b>Relação companheiro atual</b></p>
---	--

<p>a pizza, aí em um lugar, próximo a igreja a gente encontrou um colega dele. Esse colega era dele e meu também, ele sempre gostou de humilhar as pessoas na escola. Eu estudei com ele. E ele é bem mais escuro do que eu, e me chamava de negra preta na escola. Eu não sei, porque uma pessoa que é mais escura que você, não deve falar nada. Acho que isso é preconceito besta mesmo. Mas também, eu não dava muita importância não para o que vem de baixo. Quando chegou, a mesma menina que ele gostava estava grávida de gêmeos. Ele falou assim: Poxa a menina que eu gostava, está grávida. <b>Ele (companheiro atual) achou que fosse eu porque eu estava grávida. Foi só isso pra ele se transformar. Não fez nada na frente de ninguém. Quando estava voltando pra casa, eu perguntei: O que foi? Só recebi um murro. Que eu não sei da onde estava vindo. Eu cai. Estava gestante. Na hora que eu cai, só vi o chute na minha barriga.</b> Ele disse: levante! Se não eu mato você aqui na frente de quem estiver passando. Não tinha ninguém na rua, estava tudo escuro. Ele me agrediu. Eu disse: Vem cá, o que está acontecendo? Ele disse: Você acha que sou o que? Besta? Você gosta mesmo de dar lugar. Eu falei: Dar lugar a quem? Não sei nem o que está acontecendo. <b>Ele começou a me agredir, quebrou até um dente meu.</b> Ele disse: Você vai ver, vou dar um chute e você vai perder o bebê e ficou xingando o nome ruim na criança. Eu levantei. Ele disse: pode ir embora. Eu peguei, levantei e saí. Ele pegou e veio atrás de mim, me levou até chegar em casa me xingando. <b>Logo depois que ele fez (bateu), eu ficava sentindo muita dor na barriga. No outro dia, eu senti dor, dor na barriga. Eu estava sentindo muita dor, e tive que procurar o médico. Eu procurei a unidade de saúde, mas não falei</b></p>	<p><b>Violência física na gestação</b></p> <p><b>Violência física na gestação</b></p> <p><b>Consequências da violência na gestação</b></p> <p><b>A procura da unidade de saúde</b></p>
--	--

<p><b>o que aconteceu. Eu falar pra depois ele vir atrás. Deus é mais. Eu não falei o que aconteceu não.</b> Ela (médica) perguntou: Aconteceu o quê? Você caiu foi? Eu disse: não. Aí ela disse: Você está toda machucada. Eu disse: Não é nada não. Aí não falei a ela o que tinha acontecido. Mas estava tudo bem. <b>Eu não falei a meu pai o que aconteceu não, pra ninguém.</b> Depois, ele falou para uma conhecida dele o que tinha acontecido, achando ele que eu tinha ficado com este rapaz, que esse rapaz estava dando sugestão pra mim, e a moça falou que não, que ele que era assim mesmo, gostava de humilhar e falar das pessoas, mas que ele não estava falando de você não. <b>Aí, depois ele me pediu desculpa. Mas você acha que eu me importei com a desculpa, eu fiquei foi com medo dele. Desse dia em diante, ele não podia me falar nada que eu tinha medo. Ele não me agredia, só falava, ele ficava com tanto ciúme que se ele chegasse lá perto de casa, e a porta estivesse encostada ou aberta, ele achava que fosse logo homem dentro de casa. Do ciúme. Eu não acho que ele gosta. É querer ser dono, ter posse. Porque uma pessoa que diz ter ciúme que gosta, ele não trai.</b> Ele me xingava de vagabunda, descarada.. Ele sempre falava coisas que me aborrecia, eu tinha muito ódio dele, tinha vontade de matar ele, mas eu pensava em meus filhos. E não ia fazer uma coisa dessa com ele, pra depois ser presa. <b>Eu ficava mais com ele por medo, por causa da ameaça que ele sempre me fazia de morte.</b> Se eu largasse ele, que ele ia me matar. <b>Eu não dei queixa por medo. Eu não tentei dar. Lá na delegacia só registra queixa se você tiver prova. Alguma foto, ou alguém se tiver ameaçando, só se tiver testemunha entendeu? Ninguém é de testemunhar a favor de mim e contra ele, porque o</b></p>	<p><b>Silêncio</b></p> <p><b>Arrependimento do companheiro</b></p> <p><b>Ciúme</b></p> <p><b>Percepção da mulher pelo ciúme do companheiro</b></p> <p><b>Medo / Ameaça</b></p> <p><b>Denúncia</b></p>
--	---



<p><b>povo tem medo dele.</b> Ele agredia a ex-mulher dele tanto. A mulher atual que ele está agora, ele agredi. Comigo agora, ele diz que vai me matar, mas eu não tenho medo dele como antes. Eu já tive, mas agora não tenho mais. Meu pai agora me pressiona pra colocar ele na justiça. Só pra alimentação, pensão. Eu corro atrás. <b>Mas, se prestar queixa, ele faz arte com minha família ou então comigo. Que ele disse que ele é capaz de fazer. E, ele é capaz de fazer.</b> Não por mim, mas tenho medo de ele fazer alguma arte com a minha família. <b>Eu já contei a meu pai, mas ele disse não, isso é mentira, ele disse: Você já viu um homem ameaçar uma mulher e você ainda continuar com ele.</b> Ele aprontava, mas ele não se envolvia com outra mulher, agora que ele está fazendo isso. Eu engravidei cinco anos depois da minha segunda filha. Camisinha tinha vez que a gente usava. Tinha vez que não. Na segunda gravidez, outra menina, ele não chegou a me agredir não. Aí, eu tive Jaqueline, que ele não me agrediu. Quando eu estava grávida de quatro meses, eu falei com ele. Ele perguntou: E a gente? Como é que a gente vai ficar. Eu disse: A gente não existe não, a gente não dá certo, cada um para o seu lado. Aí ele: Tá bom. Mas a gente assume e tal. <b>Mas, assumir pra ele, é só registrar que está bom, a criança não come e nem bebe não. Ele não ajuda não.</b> Depois da segunda gravidez a gente se afastou, porque ele mudou um tempo sabe. Ele não ficou agressivo. Ele ficou uma pessoa tranqüila. Ele não chegava perto de mim pra me agredir. Ele mudou totalmente. Ficou uma pessoa diferente. Parecia ser gente boa. Todo mundo gostava dele, tratava bem, meu pai que nunca foi com a cara dele, nem minha mãe. Não digo que estão errados não. <b>Eu orava todos dias pra Deus me afastar dele de vez. Tanto quando a</b></p>	<p><b>Medo de denunciar</b></p> <p><b>Falta de apoio da família</b></p> <p><b>Falta de apoio do companheiro</b></p> <p><b>Confiança em Deus</b></p>
--	---

<p><b>segunda filha dele nasceu, quando ela estava com um ano, eu comecei a trabalhar em Camaçari em minha casa minha vida, pinturas, rejuntas, fazia tudo que aparecia. Passei um tempo trabalhando lá e orando a Deus pra tirar esse homem da minha vida. Porque quando eu ia para o trabalho, ele ia. Não fazia nada, mas ficava me vigiando.</b> Quando eu voltava do trabalho, ele ficava me vigiando. Não falava nada, mas, não se aproximava, mas só <b>ficava cercando.</b> Ah se ela arrumar outra pessoa, eu vou fazer e acontecer, como ele já me falou. Ele ficava indo atrás. Onde eu ia, ele ia atrás, até em Camaçari. Uma vez, eu estava trabalhando, ele passou no meu trabalho. Eu vi ele passando, ele e um colega dele me procurando, eu peguei e me escondi. Minha tia pegou e falou pra meu pai, só que meu pai já está com problema de saúde, pra ficar se aborrecendo comigo não. Eu falei: Deixa meu pai em paz. Aí painho ia todo dia me encontrar no ponto de ônibus. Ele dizia: Está pensando que eu só besta. Está pensando que eu não sei que o pai de seus filhos está indo lá te procurar? Eu disse: Quem te contou, falou errado, porque ele está indo me procurar, mas não está me encontrando. Ele disse (pai): Eu não quero nem saber, eu venho todo dia te buscar aqui. Aí todo dia painho ia me pegar no ponto. Aí ele parou de me perseguir. <b>Quando a gente resolveu voltar, a gente nem passou três meses juntos, pra tentar novamente, eu engraviei desse menino. Eu me senti forçada. O medo que a pessoa tem, eu acho já é o modo de.. já é o jeito de você não ser feliz, de você ser forçada (ter relação sexual) por medo. Eu tinha raiva de mim mesmo, não dele. Você sabe o que é sentir medo de uma pessoa, você não querer estar com ela e você ser obrigada a estar com aquela pessoa. Na hora</b></p>	<p><b>Apoio da Igreja</b></p> <p><b>Retorno</b></p> <p><b>Violência sexual</b></p>
--	--

<p>que você fala, ninguém acredita em você. Eu não tinha apoio de ninguém. Até hoje, quando eu engravidei desse menino, a vizinhança toda se afastou de mim. Elas diziam que cinco filhos, ninguém ajuda, só quer ficar dentro de casa cuidando dos filhos. <b>Muitas pessoas ainda aconselharam meu pai a me mandar embora de casa.</b> As pessoas que disseram que era minha amiga mesmo, mas meu pai não disse quem é não. <b>Sei lá, eu me sinto tão estranha. Porque eu não tenho apoio de minha família, nem das amizades, nem de ninguém. E muito menos do pai dos meus filhos, dessas crianças. Aí as vezes eu me sinto uma estranha...(choro). Eu trabalhei até pouco tempo, tava botando cabelo. Agora tenho que trabalhar mais ainda. Moro na casa de meus pais, mas sempre trabalhei.</b> Depois que voltei com ele, eu soube que a minha vizinha disse que ia fazer de tudo pra ela ficar com ele. Que ela ia tomar ele. Eu disse: Por mim toma. <b>Eu já estava grávida desse filho.</b> Ela ficou, eu disse: Quem não quer mais nada com ele sou eu. <b>Quando estava com dois ou três meses de gravidez, ele estava me traindo com a vizinha.</b> Eu disse assim pra ele: pegue uma mulher que seja ou melhor do que eu, ou então uma pessoa que não precisa ser na sua cara. <b>Tanto que agora, eu peguei e me afastei dele. Eu me sinto encurralada. Ele já chegou em casa, quando estava grávida desse menino, dizendo que ia quebrar o portão,</b> que ele queria só conversar, que agora eu estava tirando onda, chamando ele de cachorro. Eu disse: Eu não estou chamando você de cachorro. Eu só não quero você perto de minha casa, eu não quero conta com você. Pra que todo dia vir pra aqui, pra me humilhar? Vá embora, vá cuidar de sua vida. Ele disse: Ah, mas eu não estou com</p>	<p><b>Falta de apoio</b></p> <p><b>Traição</b></p> <p><b>Sentimento de estar presa</b></p> <p><b>Ameaça</b></p>
---	---

<p>ninguém. Eu disse: Eu não estou nem aí se você está, eu não quero nem saber de sua vida não. Ele disse: Ah eu vou matar você, se você não abrir o portão. Eu disse: Quer matar, mate. Mentira.. <b>Eu ficava com medo, não por mim, mas meus filhos que estavam dentro de casa dormindo</b>, poderia acordar e escutar aquele negócio. Um dia, meu filho mais velho ouviu ele falando essas merdas, essas coisas que ele fala. Ele disse (filho): Minha mãe, só vou dormir na hora que ele for embora. Eu disse: Não precisa isso não, porque aí pode piorar tudo. Os outros filhos não sabem não. A segunda filha dele, ela não gosta dele não. Nunca gostou. Hoje ela está com cinco anos. Ela não quer conta com ele. <b>Eu sempre voltava pra ele por medo</b>. Até hoje... Eu digo eu não tenho medo, não tenho medo? <b>Se ele chegar bebendo ou então não sei, se ele está usando droga, porque não é possível que quando é a bebida a gente percebe, ele fica todo estranho, parece que você está vendo duas pessoas dentro daquela pessoa. Na mesma hora que ele está te esculhambando, te xingando toda, ele fica tipo arrependido.</b>Ele diz: Não vou fazer nada com você não porque você é correria, você não me dá nada lugar pra fazer nada com você não. Você sempre foi a minha amiga, pra qualquer coisa você sempre foi minha amiga. Mas eu disse: às vezes eu tenho medo de você. Aí eu começava a falar as coisas com ele. <b>Eu sempre falava com ele, ao invés de alterar, brigar com ele... eu não, sempre conversando pra ver se ele se acalmava, aí quando ele se acalmava ele ia embora. Sempre foi assim. Ele se estressava, eu sempre conversava com ele, e ele ia embora.</b> Eu tenho medo dele fazer alguma coisa. <b>Nessa gravidez, ele não me agrediu não, que eu já tinha dito que não queria mais ficar com ele. Só que</b></p>	<p><b>Sentimento de medo</b></p> <p><b>Retorno à relação por medo</b></p> <p><b>Uso de álcool pelo companheiro</b></p> <p><b>Tentativa de Diálogo</b></p> <p><b>Ameaças</b></p>
---	---

<p>as ameaças sempre continuam. <b>Dizia que ia me matar se eu não voltasse.</b> Quando meu pai saía, ia pra roça, eu sempre ficava com medo dele chegar e fazer alguma coisa. <b>Todo dia Orando a Deus pra Deus tirar ele da minha vida.</b> Deus irá tirar. <b>Eu tinha raiva e ficava perdendo líquido direto ficava perdendo líquido nessa gravidez. Eu não podia me enraivar não por causa da perda. Sentia muita dor. No outro dia não andava. Ficava só deitada na cama, não andava, ficava dentro de casa por raiva... Eu me sentia encurralada. Não sabia o que fazer, com medo. Você sabe o que andar na rua e pensar que está todo mundo atrás de você querendo fazer uma arte com você. Era assim que eu andava na rua, com medo de tudo, de todos.</b> Porque ele é muito conhecido. Ele conhece muita gente ruim entendeu. Só que ele não vai pagar pra ninguém fazer nada. Ele mesmo é capaz de fazer. <b>Ele bebe muito. Ele é muito de beber.</b> Eu conversava com ele: Pare de beber, em pleno dia de semana você bebendo. Ele falava: Eu vou parar. Era assim que conversava com ele. <b>Ele me batia, tinha vez que estava bebendo, tinha vez que estava em si.Sem estar bebendo, sem nada.</b> Mas, de ameaça era sempre. É o jeito dele mesmo. Eu não vejo ele brigar com homem. Homem que gosta de brigar com mulher, briga com homem também. Mas, não, só vejo ele brigar com mulher. <b>Antigamente, eu não via saída não. Mas, hoje em dia eu acho assim, se eu falar e ele não ouvir, eu vou ter que prestar queixa dele. Vindo acontecer qualquer coisa comigo ou não. Vou ter que prestar queixa dele. Eu estou pensando em prestar queixa. Eu tenho medo, mas eu tenho que pensar como vou ficar a vida toda e não enfrentar esse homem com medo. Eu vou conversar com ele, a</b></p>	<p><b>Confiança em deus</b></p> <p><b>Medo</b></p> <p><b>Uso de álcool pelo companheiro</b></p> <p><b>Violência física</b></p> <p><b>Enfrentamento</b></p>
---	--

<p><b>pensão dos meus filhos também, que é um direito dos meus filhos e ele não dá. Eu vou ter que correr atrás também.</b> Ele não dá porque não quer. As pessoas chamam ele pra trabalhar. O pai dele dá trabalho pra ele. A família dele tem condições, moram em Feira de Santana, porque não faz? Só a minha família que tem que dar? Ele está trabalhando. Ele é daquelas pessoas preguiçosas que não querem fazer nada. Só querem achar emprego fácil, pra mim não dá certo. E eu estou pensando sim. Vou dá um tempo pra ele dois meses, é o tempo pra ele pensar e querer ajudar. Dessa última vez eu conversei com ele: Olhe independentemente de que eu esteja com você ou não com você, eu quero saber como vai ficar agora com mais um filho seu. <b>Ele falou que iria dar. Desde o seis meses que eu espero ele dar alguma coisa para o bebê e nada. Aí eu vou esperar mais um pouquinho.</b> Depois, dizem que sou ruim. <b>Das ameaças acho que não vou dar queixa não. Eu estava pensando em dar queixa na justiça. Porque se eu só em dar queixa na justiça (pensão) eu vou correr risco. E se eu der queixa de tudo, eu vou parar nos sete palmos da terra.</b> Se eu bater o pé firme e dizer que eu não quero mais, eu tenho certeza que pegar a pulso, ele não vai. Se eu der um basta nisso, ele vai ter que parar. Se ele não aceitar, vai ficar a vida toda ameaçando, ele não fazendo pra mim está bom. Deixe ele ameaçar. Mas, hoje em dia eu digo que ele não dá valor aos filhos que tem. <b>Hoje, ele parece que está bem, estava ligando pra saber como estava, perguntando pelo bebê. Ele procurou saber, durante a gestação ele estava sempre perguntando, procurando saber, se não por mim, pelo meu outro filho. Ele não veio aqui não. Ele antes não queria registrar esse filho, agora já está pensando em</b></p>	<p><b>Possibilidade de mudança</b></p> <p><b>Denúncia/Medo</b></p> <p><b>Hoje</b></p>
---	---

<p><b>registrar tudo direitinho. Ele pode até mudar, parar, mas, mudar pra a gente ser uma família, isso não.</b> Ele não muda não. Esses tempos ele não está ameaçando não. Tem uns dois ou três meses. Eu estava indo pra Igreja assembleia. E frequentava a católica, gosto muito, sou batizada e crismada. Mas, <b>Quando ele começou as ameaças, eu vi que estava sério mesmo, fui pra evangélica, eu conversei com o pastor, ele fez uma corrente de oração e ele quietou.</b> Mas, durante a gravidez eu estava sentindo muita dor. Aí Eu parei de ir pra lá. Parei um tempo de ir. Mas, você sempre tem que estar orante né. Meu pai quer que eu dê queixa dele da pensão, das ameaças ele diz que é mentira, e minha mãe fica do lado dele. Mas, sabe o que queria fazer mesmo? <b>Eu queria arrumar um lugar bem longe de São Sebastião mesmo, pegar meus filhos e sumir. Ir pra esse lugar bem longe, não queria ficar na casa de meu pai. Queria estar bem longe desse rapaz. Se eu tivesse como eu faria. Eu pegaria meus filhos e ia sumir. Eu ia dizer a meu pai e minha mãe onde eu tava, claro. Eu não me vejo mais fazendo isso, porque o que recebo da bolsa família é pouco, o dinheiro que eu recebo do cabelo é pouco, não tem como fazer isso, não tem como, tenho que agüentar as conseqüências agora. Hoje, eu não vejo nenhuma possibilidade..</b></p>	<p><b>Apoio da igreja</b></p> <p><b>Desejo de mudança</b></p> <p><b>Possibilidade de mudança</b></p>
--	--

**ENTREVISTA 10**

Possui 17 anos, amarela, não tem religião, estudou o ensino fundamental incompleto. Em união estável, mora com companheiro. Trabalha em casa, é autônoma (vendedora), parcialmente dependente financeiramente do companheiro. Teve dois companheiros, que tem 23 anos, é autônomo. A primeira relação teve com 15 anos, tendo engravidado uma vez, não teve aborto. Realizou o pré-natal com início no primeiro trimestre, tendo realizado mais de sete consultas. Intercorrências obstétricas: hemorragias, anemia crônica, infecção urinária. Nega uso de drogas lícitas e ilícitas, mas refere uso de drogas lícitas pelo companheiro, pai, mãe, irmãos e familiares (álcool), com frequência do uso ocasionalmente, exceto o pai que faz uso diário.

Minha relação com a minha mãe sempre foi boa, **agora meu pai sempre vivia dizendo que eu não era a filha dele, que eu não prestava, que eu ia dar pra ruim, e sempre ele jogava isso na minha cara todo dia.** Era muita briga dentro de casa que só me dava vontade de ir embora de lá. A gente não se fala até hoje. Ele não fala comigo, nem eu falo com ele. Nem ele olha pra minha cara, nem eu olho pra cara dele. Eu morava com ele, minha mãe e minhas irmãs. **Do jeito que ele me tratava, ele nunca tratou minhas irmãs. Porque eu era preta e ele era branco.** Aí, ele ficava olhando pra minha cara e dizia que eu não era filha dele não. Que eu não tinha nada dele. Aí, eu tomava raiva da cara dele e não falava mais com ele. Minha mãe sempre me defendeu, ela sempre tomou a frente. Sempre ficou do meu lado. Me ajudou

**Violência familiar**

**Agressão verbal pelo pai**



<p>em tudo ela. <b>Agora meu pai, ele bebia e jogava tudo na minha cara. Ele bebia, chegava em casa e procurava briga com todo mundo e terminava em mim. Eu me sentia mal. Qual a filha que vai gostar de ouvir do pai que não é filha dele?</b> Eu me sentia muito mal, eu me sentia deprimida. Senti que não tinha razão de viver. Sei lá, hoje eu posso dizer a você que eu só estou viva por causa de minha mãe. Ele já queria me botar pra fora de casa, quando eu era pequena. Sei lá, ele tinha preconceito de mim. Porque minhas outras irmãs eram todas mais branquinhas do que eu. Eu fui a mais escura, porque eu puxei a minha avó. Ele falou que eu não era filha dele não, porque ele era branquinho também. Ele ficava dizendo que eu não era a filha dele e ficava me esculhambando de tudo quanto era jeito que ele podia. Tudo que ele podia fazer pra me ver chorar, ele fazia. Era sempre assim. Eu era nova, devia ter uns sete a oito anos. Hoje em dia que ele diminuiu mais porque eu comecei a tomar a frente, comecei a não ter medo dele. Hoje em dia, não tenho mais respeito não. Eu posso dizer a você que eu não considero ele como meu pai. Tenho pai só no nome, mas pessoalmente eu não tenho. Ele me registrou como filha, mas só no nome mesmo. Como pai, eu nunca tive não. A gente não se fala. Normalmente, só se for um bom dia, boa tarde só. Se eu tiver morrendo, ele não pergunta. Se ele tiver morrendo, eu não pergunto. Não estou nem aí. Ele não fala porque eu não convivo mais com ele, e se ele disser alguma coisa eu também vou dizer a ele. Mas, a gente continua do mesmo jeito, um sem olhar pra cara do outro. Ele nunca chegou pra mim, pra me dar conselho. Só sabia me xingar e dizer que eu não era a filha dele, só isso. Nunca foi pai de verdade. Ele brigava com a minha mãe, batia muito em minha</p>	<p><b>Uso álcool / Violência familiar</b></p>
---	---

mãe. Ele acabava brigando com minha mãe por causa de mim, batia nela. Às vezes eu tinha que separar também a briga deles. É estranho. Ele é muito fechado, ele não compartilha nada com ninguém, ele não fala nada, não diz o que está sentindo. Ele conversa com as minhas irmãs, saí com as minhas irmãs, mas comigo não fala um bom dia, uma boa tarde, nada. Ele nunca chegou a me bater não, minha mãe nunca deixou não. Eu estudei, parei na sétima série porque eu engravidei e também trabalhava. Aí, eu comecei a trabalhar cedo logo, pra não depender dele pra nada. Eu comecei a trabalhar com 13 anos, no quiosque de sorvete com minha irmã na Ribeira, aí saí porque fiquei grávida. Eu comecei a trabalhar porque minha irmã me pediu pra ajudar a ela, eu fui, comecei a ajudar ela todos os dias. Quando parei de trabalhar, estava com dezessete já. Eu ia pra Santa Catarina, eu ia embora, já estava tudo certo já. Até o papel da escola eu peguei na escola, pra quando fosse pra lá, estudar de novo, pra continuar estudando. Eu sou apaixonada pelo meu irmão, aí ele foi pra lá, me chamou, eu ia. Eu ia viajar porque eu só tenho ele de irmão, o resto tudo é mulher. Eu ia pra lá, ficar mais ele e a namorada dele. Mas, eu acabei engravidando e não fui. Quando eu descobri que estava grávida foi pior ainda, que ele (pai) me botou pra fora de casa. Aí foi a maior confusão da minha vida que passei com ele. Eu me senti muito mal, me deu vontade só de morrer mais nada. Me deu vontade de tirar meu filho, de não ter ele. De me jogar de uma ponte. Sumir da vida dele. Foi aí que fiquei com mais raiva da cara dele mais ainda. A minha primeira relação foi com 15 anos, eu achei que foi apulso, forçado. Eu conheci ele, eu tinha quatorze, comecei a namorar ele, minha mãe não conhecia nem meu pai porque meu pai

nunca aceitava. Aí quando eu fiz quinze, ele começou a insistir porque eu gostava dele muito e ele era mais velho do que eu uns dez anos. Ele tinha 25 anos e eu tinha 15 anos, e eu acho que ele forçou porque ele dizia na minha cara: Ah se fosse outra, já tinha me dado há muito tempo e você não. Todo dia você me faz gastar dinheiro, dinheiro e não quer. Quando ele começou a falar isso, que se fosse outra menina dava pra ele, eu peguei fiquei com raiva e acabei dando. Foi praticamente forçado, quando você faz uma coisa sem pensar. Eu tenho pra mim que foi apulso, porque depois eu tomei raiva da cara dele e não quis mais. Eu fiquei com ele um ano. Minha relação com ele tinha carinho, mas eu não gostava de ter porque eu sentia muita dor. Ele fazia carinho em mim, mas eu sentia muita dor porque ele queria me botar em todas as posições. Eu era nova, acho que era por causa disso. Aí a gente acabava brigando porque ele queria e eu não queria. Aí ele ficava dizendo que eu estava com outro. Eu me sentia mal, porque às vezes você quer fazer a vontade, mas por ele te tratar mal você acaba perdendo a vontade de fazer algo por ele. Porque quando você gosta da pessoa, você quer fazer a vontade dela, você quer ver ela feliz. Eu queria fazer a vontade dele, mas como ele ficava passando na minha cara que ele podia arranjar qualquer mulher a qualquer momento, aí eu não gostava. Terminei com ele mais por causa da pressão mesmo. Eu fiquei abalada com meu relacionamento com ele, quando terminei. Eu fiquei muito triste. Eu ficava sem comer, sem beber. Ficava sem ânimo pra fazer as coisas. Depois conheci meu companheiro (atual). No início foi muito difícil porque a gente ficou junto e a gente ia muito pra festa, dormia muito fora. Só que pra ele não era nada sério, só que a gente se via toda semana,

<p>quase todos os dias praticamente e eu dormia com ele direto. Só minha mãe que sabia. Ele vivia dizendo: Eu vou na sua casa, vou falar com a sua mãe. Mas, só assumiu mesmo depois que eu fiquei grávida, aí ele assumiu o relacionamento comigo e foi depois de seis meses que ele foi falar com a minha mãe. <b>Eu não tomava anticoncepcional porque a ginecologista que eu ia, ela falava pra mim que eu não tinha condições de engravidar. Ela falou pra mim que eu tinha um negócio lá, que eu não podia engravidar. Como eu não podia engravidar, eu não me importava, também porque eu tinha relação com meu ex e não engravidei dele. Aí eu acabei tendo relação com ele (atual) e engravidando, quando eu descobri estava com três meses. De pensar em usar camisinha, eu pensei, mas ele não gosta, aí a gente acabou se envolvendo. Eu também bebia, aí a gente acabou se envolvendo assim.</b> Conheci ele no trabalho, ele me chamou pra sair, a gente foi pra um aniversário. Do aniversário, a gente ficou um tempo junto. Depois, eu tive relação com ele. Aí ele me pediu pra ser a primeira dama dele. Só que a primeira dama, na linguagem dele naquela época, era a mulher que mais sai com ele, que vai pra festa. E pra mim, eu pensava que era namorada. A gente só vivia saindo, depois ele começou a ficar com ciúme de mim, que não sabe pra onde eu ia, o que eu ia fazer. O que eu ia deixar de fazer ou não, tipo como se fosse me prender. <b>Depois que a gente assumiu a relação mesmo, ele começou a pegar no meu pé. Ficava com ciúmes, a roupa que eu vestia, eu não podia vestir mais porque ele não gostava que outro cara olhasse pra mim. Então sempre foi assim.. Eu me sentia muito presa, porque às vezes você se sente confortável naquela roupa, e</b></p>	<p><b>Uso de métodos contraceptivos</b></p> <p><b>Ciúme</b></p>
---	---

<p><b>você não pode vestir porque ele não gostou. Você não pode falar com um amigo seu porque ele não gosta.</b></p> <p>Meu ex-namorado mesmo, ele só falta me matar quando eu falo com meu ex-namorado. Meu ex-namorado, eu tenho amizade com ele, eu não deixei de ter amizade com ele não, porque não é só porque é meu ex-namorado que eu vou ter raiva, ódio. Aí eu falo com ele. Quando eu falo com ele, é motivo de briga. Ele fala: Ah você está com ele. É motivo de me matar. Ele não gosta não. <b>Ele me xingava de puta, de vagabunda, que eu saia distribuindo meu rabo pra Deus e o mundo. Ele falava assim comigo. Eu me sentia mal, porque só ficava dentro de casa, ainda saí pra conviver com um homem que ele não presta pra você, que naquele momento ele não é a pessoa certa.</b>Eu descobri que estava grávida e falei pra ele. Eu falei: Vai tirar? Ele falou: Você é quem sabe. Por mim tira. Eu disse: Tá. Quando eu tomei a decisão de tirar, ele pegou e falou assim: Não tire não, que eu vou assumir meu filho. Aí eu peguei e falei: Tá. Aí eu falava com ele se ele ia pra casa de minha mãe, falar com minha mãe, falar com meu pai. Só que ele dizia que não ia não. <b>Como eu estava grávida, e eu sabia que quando meu pai descobrisse, ia me botar pra fora de um jeito e de outro. Eu fiquei com medo, porque eu não tinha pra onde ir, não tinha onde ficar, eu ia fazer o quê? Aí eu fiquei com medo.</b> Aí, a gente ficou na casa da mãe dele um tempo. Eu tive que aturar tudo que passei com ele. <b>Ele (companheiro atual) me xingava, ficava dizendo que o filho não era dele, que quando nascesse ia fazer o exame de sangue pra ver se era dele mesmo. Eu chorava muito, quieta no canto, depois que a barriga começou a crescer, ele não deixava eu sair mais com</b></p>	<p><b>Agressão verbal</b></p> <p><b>Medo de não ter para onde ir</b></p> <p><b>Negação da paternidade</b></p>
---	---

<p><b>ele. Ele saia, só chegava no dia seguinte e queria que eu ficasse em casa, trancada o dia todo.</b> Ele só vivia dizendo que ia alugar uma casa pra gente ficar. E não via resultado de nada. Quando eu fiz seis meses de gravidez, eu peguei, sei lá, revirei minha cabeça. E falei: Eu vou sumir, não vou ficar nessa não. Porque ele não queria sair da casa da mãe dele, só queria ficar lá. E lá, ele não queria saber de trabalhar. Não queria saber de nada. Não queria saber de ter responsabilidade porque ele ia ter tudo na mão. A mãe dele ia ver a barriga crescendo, ele ia ter tudo na mão. Aí eu peguei e fiquei retada com a cara dele porque ele saiu uma semana seguida, um dia atrás do outro, saindo e chegando tarde, chegando cinco, seis horas da manhã. E olhava pra minha cara e ainda dizia: Amanhã não venho não. <b>Chegava bêbado, sem noção e me xingava toda porque eu ficava reclamando porque ele tinha saído e me deixava sozinha com a mãe dele.</b> Aí ele ficava reclamando, reclamando... Quando foi no dia seguinte, eu peguei e me retei e disse: Não dá pra mim não. Peguei e fui embora. Não avisei nada a ele. <b>Eu sentia dor na barriga, eu tive sangramento por causa dele, por causa de estresse, raiva que ele me causava muito. Cheguei a ter risco de perder o bebê. Eu fui pra unidade de saúde, a mãe dele que me levou.</b> Essa semana que ele estava saindo, um dia atrás do outro e chegando só tarde. Eu acabei passei mal, com dor na barriga, muito forte, aí eu peguei e fui pra o hospital, a médica disse que foi motivo de raiva, estresse, aí tava alguma coisa lá no bebê, que eu não podia me irritar muito e eu já estava muito irritada. Foi logo no começo que a gente voltou de novo, meu filho com sete meses, aí a médica disse pra mim que eu estava tendo sangramento. Aí, ela falou pra mim que se eu não ficasse calma, que eu</p>	<p><b>Uso de álcool pelo companheiro</b></p> <p><b>Consequência da violência para a gestação</b></p>
--	--

<p>estava muito nervosa. E, eu já tinha tomado duas quedas na escada, brigando com ele. Ele chegou em casa no mesmo horário que eu tinha acabado de chegar no hospital. Ele nem perguntou como eu estava, não disse nada. Chegou lá, ele começou a tirar onda com a minha cara, me dando o dedo. Ele falou: Ah você tem que é mais se lenhar mesmo. Disse que eu tinha que passar por isso mesmo pra ver o que era bom pra tosse. Aí eu peguei fiquei com tanta raiva, que fui pra cima dele, bati nele. Ele subiu a escada correndo, quando ele subiu a escada correndo, eu fui atrás dele correndo e caí da escada. <b>Eu não procurei a delegacia, porque não teve necessidade não. Porque ele me xingava, podia me maltratar, agora me bater, nunca me batia não.</b> Nunca fez isso. <b>A gente ficou dois meses separados porque eu não agüentava mais, ele me magoava muito. Eu peguei, aluguei uma casa, a minha família me ajudou a pagar, me ajudou a fazer tudo. Tanto que a maioria das roupas do meu filho quem comprou foi a minha família. Quem comprou as coisas de Pedro Henrique foi a minha mãe, minhas irmãs. Quem ajudou mais foi a minha família. A família dele veio ajudar depois que ele nasceu.</b> Quando descobri o sexo (bebê), ele começou me ligar, porque ele viu que eu não estava mais dando atenção a ele, não estava dando ibope. Pra mim a gente já tinha terminado. <b>Eu fui morar sozinha, eu aluguei uma casa, aí eu comecei a fazer CD pra meu cunhado porque meu cunhado trabalha vendendo CD, aí eu comecei a trabalhar pra ele. Eu também fazia faxina pra poder juntar um dinheiro pra poder fazer a morfológica, a ultrassom, e ele não e ajudava em nada. Só minha mãe e minhas irmãs.</b> Depois que ele viu que eu não estava dando mais atenção, que eu não</p>	<p><b>Denúncia</b></p> <p><b>Separação</b></p> <p><b>Apoio da família</b></p> <p><b>Trabalho</b></p>
--	--

<p> <b>tinha mais interesse nenhum nele, ele começou a me ligar. Aí, ele foi atrás de mim, disse que ia mudar. Que não agüentava mais viver sem mim, que queria ficar comigo e com meu filho, que ia me ajudar em tudo e que não ia fazer mais o que estava fazendo. De tanto que, eu ainda pensei nem voltar para ele. Mas, minha mãe ficou: Ah ele é o pai do seu filho, você tem que voltar pra ele, você gosta dele. Aí acabei voltando pra ele.</b> Eu voltei pra casa da mãe dele de novo, larguei minha vida toda lá. Voltei pra casa da mãe dele de novo. Só que ele saia. Mudou um pouco. Saia, me dizia que horas ia voltar, me dava satisfação. Aí depois disso ele morava em Cajazeiras e eu na suburbana. Eu tinha que voltar porque eu fazia meu pré-natal na suburbana. Eu ia e dormia na casa de minha irmã. Aí eu tomei raiva e comecei a trabalhar de novo no negócio de CD do meu cunhado. Porque eu fazia isso todos os dias, só parei agora por causa de Pedro Henrique (filho). Eu faço isso todos os dias, só sábado e domingo eu não fazia. Como eu fiquei na casa da mãe dele, eu não tinha como fazer. Aí, eu peguei e comecei a fazer CD com meu cunhado e não quis voltar pra casa da mãe dele. <b>E eu peguei o dinheiro e aluguei outra casa e ele decidiu morar comigo. Aí nos primeiros dias foi tudo ótimo, nos outros ele ficava dizendo que eu não era a mulher certa pra ele, que eu tinha que ficar sozinha, que eu não mereço homem nenhum porque eu sou muito ignorante, porque eu sou insuportável. Ele ficava me esculhambando toda. O que mais me doía era ele dizer que esse filho não era dele, que era de outro cara, que eu dava corno nele. Que ele não ia criar filho de outro homem, era o que ele ficava me dizendo.</b> Agora que ele mudou mais. Agora que ele viu </p>	<p> <b>Arrependimento do companheiro e retorno à relação</b> </p> <p> <b>Construção familiar</b> </p> <p> <b>Continuação das agressões</b> </p>
---	---



<p>mesmo. Agora que ele está fazendo tudo direitinho, mas antes ele não queria saber de trabalhar, ele não queria saber de nada. Ele é aquele tipo de homem de não demonstrar que está com ciúme, mas tudo é você que está errada. Ele é assim. Se eu pegar o telefone dele, é motivo dele me matar. Agora ele pode pegar meu celular, pode olhar meu contato, pode olhar minha agenda, pode olhar minhas mensagens e se eu dizer alguma coisa é porque eu tenho macho pra esconder pra ele. É porque eu tenho outro na rua, é porque eu não presto. Não sei porque ele é ciumento, se é o jeito dele mesmo. Porque eu nunca dei ousadia pra ele, nunca fiz questão de pegar no celular dele, e meu celular eu nunca disse não pra ele pegar. <b>Ele me deixava muito nervosa. Uma besteirinha que eu falasse era motivo de uma briga enorme pra ele. Pra ele, eu nunca prestei. Quando ele fazia essas coisas comigo, eu não sentia vontade de comer, eu ficava muito triste, eu cheguei até falar com ele que.. sei lá, eu sentia vontade de morrer, de me jogar debaixo de um carro e de morrer, porque eu ficava muito deprimida. Você passa dificuldades a sua vida toda, ainda chega assim.. Porque tudo que você quer é um homem que te apóie, um homem que fique do seu lado, e quando você não acha isso, ainda você grávida, você fica emotiva, tudo você chora, você fica com medo. E foi o que tive, eu tive muito medo. Eu ficava com medo de perder meu filho. Tinha horas que eu não queria ter ele. Tinha horas que eu queria voltar a minha vida atrás.</b> Porque você já desde nova corre atrás do que é seu. Aí do nada, chega um homem que não quer saber de trabalhar, sei lá, um homem que não quer saber de trabalhar é estranho. Porque ser preguiçoso é uma coisa, agora não gostar de dinheiro é outra, que hoje em</p>	<p><b>Consequências da violência para a saúde da mulher</b></p> <p><b>Falta de apoio do companheiro</b></p> <p><b>Fragilidade da gestante</b></p> <p><b>Medo de perder o filho pela situação de violência</b></p>
--	---

<p>dia a gente precisa de dinheiro pra tudo. E ele não gostava mesmo. Só queria saber de farra e amigos. <b>Eu pensei em tirar, mas não cheguei a tentar. Só pensei só. Porque minha irmã ela conversou comigo, ela falou: Ele vai te ajudar em tudo (filho), seu marido não pode estar do seu lado nem meu pai, mas mainha está, a gente está, e quando seu filho nascer , você vai ver que tudo isso vai mudar. Seu filho vai te dar tudo que você quer, atenção, carinho.</b> Porque minha irmã passou a mesma coisa, só que o marido já chegou a agredir ela e o meu não.. Aí, ela sempre conversou comigo. Ela conversou comigo que, o filho dela é super carinhoso com ela. Aí, ela falou que do marido dela, ela não precisa de mais nada. Só o filho estando do lado dela, é a coisa mais importante pra ela. Aí, eu me coloquei no lugar de mãe e me senti assim. Porque eu falava com ele na barriga, e ele respondia chutando, aí eu me sentia feliz. Quando eu estava triste, eu falava com ele, aí ele chutava, ficava mexendo. Eu me emocionava com aquilo, eu ficava feliz, porque ele sentia que eu estava falando com ele, ele sentia que eu estava ali do lado dele. Era muito bom isso. Desde que a gente começou a morar junto em casa, ele mudou totalmente. <b>Ele começou a trabalhar. Não sai todos os dias. O filho dele é a cara dele. Não tem como dizer que não é (risos). Ele fica babando. Ele tem cuidado tanto com o filho, como comigo. Tudo que eu peço ele dá, ele me ajuda. Dentro de casa mesmo, quando vou fazer comida, ele me ajuda. Ele mudou totalmente pelo que ele era. Não vai para as festas, fica só dentro de casa. Se preocupa comigo mais. Antigamente, ele não era assim não. Na casa da mãe, ele fazia o que queria, e eu não podia brigar porque eu não tinha autoridade, por causa eu tava na</b></p>	<p><b>Pensamento no aborto</b></p> <p><b>Apoio</b></p> <p><b>Mudança do companheiro</b></p>
---	---

<p><b>casa da mãe dele, com as irmãs dele, com o pai dele. Eu não tinha conforto</b>, agora não, se eu tiver que dizer alguma coisa a ele, eu vou dizer porque a mãe dele não vai estar lá pra se meter. A gente sente quando a pessoa gosta de você, e eu senti que ele gostava de mim. E eu vi que ele tinha condições de mudar. Ele é do tipo assim. <b>Ele pode mudar, mas ele tem que ter alguém pra ficar atrás dele empurrando ele. Então, ele sempre precisa de alguém do lado dele, e essa pessoa que ele precisa sou eu. Porque eu gosto dele e ele gosta de mim. A gente tem um filho agora, a gente queria ficar junto.</b> Aí eu conversei com ele agora: seu filho está vindo, o dinheiro que você gasta em farra, você tem que comprar isso, você tem que comprar aquilo. <b>Aí ele mudou totalmente, ele não gostava de trabalhar, aí agora ele acorda cedo, vai para o trabalho, chega em casa, fala comigo. A gente conversa, brinca. Ele ficava alisando a minha barriga, conversando com Pedro Henrique. Um pai assim carinhoso, atencioso. Eu não tenho o que dizer dele agora.</b> Mas, antigamente sim. A gente conversando, a minha mãe não teve como vir e minha irmã só pôde vir uma noite. Ele odeia hospital. Aí ele disse: É amor, o jeito é eu ficar aqui mesmo, porque sua mãe não pode vir, e suas irmãs também não vai poder vir, então a mulher é minha, o filho é meu, então quem tem que assumir sou eu. Ele é uma ótima pessoa, agora você tem que saber levar ele. Ele arruma a casa, ajuda a fazer a comida, faz tudo e, não reclama não. Se eu não puder lavar a roupa dele, ele vai lá e lava. Ele me pede assim, mas se eu falar: Ah amor, não tenho condições de fazer, ele vai lá e faz. Arrumar a casa mesmo, se eu sair, e ele tiver em casa, ele vai lá e arruma. Não tem essa comigo não. Antigamente era tudo na mão, comida só faltava</p>	<p>Possibilidade de mudança de</p>
--	------------------------------------

botar na boca. **Mas, também eu mudei muito depois que a gente terminou, eu comecei agir diferente com ele. Porque eu tinha muito ciúme dele também. Então, eu não me importava mais, quando ele saía eu fingia que não estava nem aí. Eu não tinha mais ciúmes dele como antes. O que ele me pedia, eu dizia a ele que eu não podia fazer. Comecei a tratar ele indiferente. Do mesmo jeito que ele me tratava, para ele ver como era bom. Aí ele começou a ver como eu me sentia, aí eu acho também que foi por causa disso que ele mudou.** Meu pai nem perguntou pelo bebê, eu até perguntei a minha mãe. Ela falou pra ele (pai): Você não vai ver seu neto não? Ele falou: Ah, você me deixa com fome pra ver ele, seu príncipe. Ele não vai ver Pedrinho tão cedo, porque eu também não vou lá. Daqui eu vou pra casa se Deus quiser. **Agora melhor ainda porque ele nasceu.** Hoje eu me vejo totalmente, sei lá, eu ficava assim: Aí meu Deus, eu não tenho condições de ser mãe, eu não tenho cabeça pra isso, como vou fazer isso, como vou fazer aquilo. Agora, só em pegar ele já me deixa feliz. Eu já fico toda besta com ele já... Ele olha pra mim, começa a dar a risada, é a coisa mais linda do mundo. Se algum dia acontecer alguma coisa com ele, não sei o que fazer porque eu amo, sei lá, inexplicável. É muito importante ele pra mim. Ele (companheiro) está até com ciúmes. Ele sabe que eu sou ciumenta, ele fica dizendo: Eu vou atrás das minhas novinhas. Eu digo: Vá lá boa sorte, não estou nem aí, você não levando meu filho está ótimo. Faça o que quiser. **O homem que eu queria já está ao meu lado.....**

Mudança

**ENTREVISTA 11**

Possui 37 anos, preta, cristã, estudou o ensino médio completo. Solteira. Trabalha fora de casa, é autônoma, independente financeiramente. Teve três companheiros. Companheiro atual tem 32 anos, é autônomo. A primeira relação teve com 18 anos, engravidou duas vezes, não teve aborto. Realizou o pré-natal com início no primeiro trimestre, realizou mais de sete consultas. Intercorrências obstétricas: vulvovaginites, anemia crônica, DST: Sífilis. Nega uso de drogas lícitas e ilícitas, mas refere uso de drogas lícitas pelo companheiro, ex-companheiro, mãe, irmãos e familiares (álcool). Com frequência do uso de até três vezes por semana.

Eu não tive relação com meus pais, eu fui criada por alguém. Eu fui dada quando era pequena pela minha mãe. Não conheci meu pai. Convivi no interior quando criança, eu vim pra aqui pra Salvador com 12 anos, onde convivo até hoje. Mas, nunca convivi com os meus pais. Com a minha mãe agora depois de já mãe de família. Eu sabia quem era a minha mãe desde pequena. Ela me deu pra minha avó tomar conta. Depois que ela me deixou na casa da minha avó, veio pra Salvador trabalhar. Como minha mãe já tinha dado também as minhas outras irmãs para a minha avó, minha avó não tinha condição de criar três irmãs. Eu e mais minhas duas irmãs. Então, minha avó me deu a alguém e criou duas das minhas irmãs. Eram parentes distantes. Fui dada para parentes no mesmo interior que a minha mãe residia. Na época que fui dada, eu tinha três anos. Minha mãe soube, mas minha mãe nunca ligou pra isso não. Ela não tem assim amor

**Relação familiar**

<p>afetivo por filho não. Ela não liga muito pra isso. Não tinha contato com a minha mãe. Eu sempre soube. Nunca me foi escondido que eu era criada por outras pessoas e que a minha mãe morava em Salvador. <b>Minha relação com ela (mãe de criação)..Ela não era carinhosa, eu apanhei muito quando era pequena, não gosto nem de lembrar disso (choro), ela tinha marido, eu tinha boa relação com ele, era normal, ele não era carinhoso, mas também não me maltratava (choro).</b> Porque a criação das pessoas do interior é muito severa (choro). Só que ela também, chegou um limite que não tinha condições de ficar comigo. Então eu vim pra Salvador no intuito de trabalhar, eu ainda era adolescente. Na época eu tinha onze anos. <b>Eu fui acolhida por uma família aqui. Outra pessoa me trouxe. A pessoa da casa que eu ia ficar mesmo. Então, eu tomando conta de criança nessa casa.</b> Eu trabalhei nessa casa também, e também fui maltratada nessa casa. Não pelas pessoas que me acolheram, mas por pessoas que estavam dentro da casa. Pessoas da família da pessoa, só que como eu era adolescente, e elas eram pessoas de idade, então era o que eu falava contra o que o mais velho estava falando. Então, muitas vezes as pessoas não dão ouvidos ao que um adolescente fala, prefere acreditar nos mais velhos do que o que um jovem fala. Eu chegava a falar o que teria acontecido, a forma real e verdadeira, só que sempre prevalecia o que as pessoas falavam e não o que eu dizia. <b>Eles me agrediam não fisicamente, mas por palavras, por atos, mas só verbalmente mais, nunca tive agressão física. Fazer algo e dizer que foi eu que fiz. É,</b> as pessoas que me trouxeram, queria que eu estudasse em escola particular, queriam me dar um bom estudo, e essa pessoa disse pra quê eu queria bom estudo, essa pessoa</p>	<p><b>Violência familiar</b></p> <p><b>Trabalho infantil</b></p> <p><b>Agressão verbal</b></p>
--	--

tinha um pouco de racismo em questão da cor negra, e me deixava bem claro isso. Então ela achava que eu não deveria estudar, que eu não deveria ter a oportunidade de estudar. **Eu estudei no colégio público, quando eu saí dessa casa, eu ainda era de menor, 15 anos. E eu só consegui concluir o primeiro grau, quando eu saí dessa casa. Muitas vezes eu tive que pedir a estranhos para assinar por mim... (choro).** O termo de responsabilidade do meu colégio. Porque eu era de menor, e não tinha familiares que poderia assinar (choro). Então, eu pedi pra pessoas conhecidas, que fossem de maior, para assinar, pra que eu pudesse estudar. Pessoas, que eu conhecia e que eram mais velhas. Quando eu saí dessa casa, eu procurei um trabalho, onde eram umas estudantes de faculdade do interior, elas me deram oportunidade de trabalhar com elas, eu trabalhei um bom tempo com elas. Foram pessoas muito importantes pra mim. E elas sempre me incentivavam no estudo, diziam que era pra estudar mesmo. Aí eu trabalhei um bom tempo com elas, depois eu saí, pelo fato delas serem estudantes de faculdade ainda, não tinham condições de me manter, de me dar um salário. Eu não recebia um salário, eu recebia um dinheiro. Elas me ajudavam e eu também ajudava elas. Mas, eu recebi um valor, um valor simbólico na época. Mas, eu não pude ficar muito tempo pelo fato delas serem estudantes e os pais que arcavam com aluguel e as coisas todas pelo fato delas serem estudantes ainda. Depois disso, eu fui obrigada a voltar, aí eu encontrei onde minha mãe ficava aqui em Salvador, ai fui morar com a minha mãe. **Eu devia ter uns 16-17 anos. Como disse antes, a minha mãe não tem amor afetivo por filho, não tem muita coisa.** Mas, conviveu comigo assim mesmo. **Ela bebia, então a convivência**

Escola

Falta de afeto pela mãe

<p><b>nãovera fácil porque ela bebia e eu nunca suportei bebida, era o oposto.</b> Totalmente o oposto dela. Então era difícil também. Ela se comportava de forma que eu não gostava. Aí, eu fiz o primeiro grau, concluí o segundo e já estava grávida do meu primeiro filho que atualmente tem treze anos. Eu engravidei com 24 anos e tive com 25 anos. <b>A minha primeira relação sexual foi normal, foi um momento que eu quis e foi com alguém que eu quis, não tenho. Foi com 18 anos, era namorado, eu tinha um ano e meio com ele. Ele era carinhoso, foi uma pessoa que me deu segurança no momento.</b>No momento eu senti segurança de me entregar. Nós ficamos dois anos e meio, mas não deu certo. <b>Eu usava anticoncepcional com ele. Eu comprava por conta própria, mas já participei de palestras, que na escola sempre tem palestras. Eu não ia ao posto de saúde, eu acho que essas coisas que tem no posto de saúde, deveriam ter menos burocracia pra que os jovens fossem mais. Eu tinha dificuldades assim, é muita fila, demora demais pra resolver, às vezes você tem que assistir palestras para poder pegar. Deveria ser mais organizado pra que a gente não perdesse tanto tempo.</b> Na época do posto que eu ia, a gente tinha que marcar, depois tinha o dia de ir assistir a palestra e pegar o remédio. Mas, não era fácil pra marcar. Demora pra marcar. Era mais de 15 anos atrás, mas eu não sei como é hoje. Porque hoje, eu tomo por conta própria e não vou no posto. Eu vou no ginecologista. Depois, eu conheci o pai do meu primeiro filho. O relacionamento foi bom. A gente se conheceu. Não demorou muito tempo, a gente foi morar junto, e eu convivi com ele cinco anos. <b>Ele não era muito carinhoso não e também depois que a gente se</b></p>	<p><b>Uso de álcool pela mãe</b></p> <p><b>Primeira relação</b></p> <p><b>Uso de métodos contraceptivos</b></p>
--	---



<p>conheceu, depois de um tempo que eu já conhecia ele, ele se demonstrou uma pessoa muito ciumenta. Muitas vezes, comparecia em lugares que eu estava, trabalho pra me buscar ou colégio de forma surpresa. Pra ver se me encontrava em algum ato que ele achava que eu estaria traindo. Ele era ciumento, mas ele nunca me agrediu fisicamente, mas verbalmente muitas vezes. Com palavras muito duras que pra mim é mais duro que se fosse físico. Na minha opinião. Eu me sentia sufocada. Eu me sentia em um relacionamento sufocante. Você não tem prazer nenhum em estar com essa pessoa, é só desconfiança. Não tem um porto seguro, não tem uma confiança. A pessoa só demonstra desconfiança. Então, não tem como ter uma base no relacionamento, não tinha. Eu acredito que porque o pai dele era assim, a mãe sempre relatava. Então, eu acho que ciúmes não existe hereditário, é claro. Mas, a convivência é quase como hereditário. Às vezes, os filhos vêm como os pais se comportam, parece que quando crianças não estão prestando atenção. Mas, aquele resultado vai dar lá quando eles ficarem adultos. Eles vão se comportar da mesma forma que os pais. Por isso que a mãe dele dizia que ele era assim porque o pai dele também era assim. Então, quando ele era pequeno, ele via como o pai dele se comportava com a mãe e quando grande, ele fazia do mesmo jeito comigo. Talvez, ele não tivesse culpa. Criança não tem culpa do que faz, quem tem culpa somos nós os adultos. Porque sem querer a gente cria o mau adulto quando criança. Sem sentir. Porque às vezes, é a forma da gente ser com a criança, na frente de uma criança. Lá no futuro ele vai fazer a mesma coisa. Porque a gente sempre acha que a criança não está prestando</p>	<p><b>Ciúme</b></p> <p><b>Perseguição</b></p> <p><b>Agressão verbal</b></p> <p><b>Sentimento de estar presa</b></p> <p><b>Justificativa para o ciúme</b></p>
---	--

atenção, mas ela está prestando atenção. A atenção da criança está sempre no adulto. Até do que o coleguinha da mesma idade dele, ele não está prestando atenção, ele está prestando atenção no que o adulto está fazendo. Porque o adulto é pra ele como se fosse um herói, está sempre grande. A gente sempre olha para o grande. Criança é assim, no meu ver. Eu penso assim. Eu tenho um filho de 13 anos, e se eu for fazer algo de errado, sempre lembro que ele vai estar olhando pra mim como gigante. Ele vai estar olhando pra mim como exemplo. Eu sempre dou exemplo pra ele, digo: Sua mãe faz isso errado? Ele: Não. Então, não faça que está errado. Era pra nós sermos exemplos. Eu sempre trabalhei, eu trabalhava e ele (ex-companheiro) também. Eu trabalhava, na época, como doméstica e ele como autônomo. **Ele me maltratava, muitas vezes falava palavras de baixo escalão, falava coisas que me machucava, dizia coisas que me deixava pra baixo. Minha autoestima pra baixo. Tipo assim..Falava mal do meu trabalho, do meu profissionalismo, no que eu fazia. Nunca falava algo positivo como: Vá, você vai conseguir. Mas dizia: Não vai dar certo. Sempre palavras negativas pra diminuir e não pra me acrescentar.** Na época eu tinha vinte anos. **Depois de quatro anos de relacionamento eu engravidei, mas foi um deslize meu mesmo, eu estava usando anticoncepcional e aí eu saltiei na cartela e aí engravidei. Eu descobri que estava grávida, aí eu comentei com ele. Inclusive, a família dele queria que eu tirasse, e eu disse que não ia tirar esse filho. Como não tirei. Mas, foi uma gravidez bem atribulada, turbulenta. Uma gravidez difícil, uma gravidez com muita tristeza, sem apoio. Porque durante a gravidez,**

**Agressão psicológica**

**A gravidez**

**Conflitos na gestação**

<p>a gente fica muito sensível, então eu fiquei, não tinha assim o apoio dele. Ele saía, me deixava só. Então, eu ficava muito triste, passei uma gravidez muito triste. As palavras continuavam a mesma, ele só nunca me agrediu fisicamente. Mas, verbalmente. Ele bebia, mas pra ele fazer, não precisava ele beber. Já era do caráter mesmo dele ser assim. Então quando a pessoa tem o caráter assim, a bebida é só um aperitivo. Porque caráter, independente da bebida, se a pessoa tem, mesmo a pessoa bebendo ela vai continuar no seu nível de caráter. E quando a pessoa é mau caráter, ela bebe e mostra que ela é mais mau caráter ainda. Se eu falasse alguma coisa, reclamasse porque ele estava chegando tarde, ele não gostava, aí ficava falando que eu não tinha nada com a vida dele, que eu cuidasse da minha. Aí me xingava com nomes de baixo escalão. A gente se sente, pelo fato de estar gestante (silêncio) impotente. A gente se arrepende de ter engravidado. Passa milhões e milhões de coisas na cabeça. Passa pensamentos positivos, passa pensamentos negativos. Que não deveria ter engravidado, que não deveria (silêncio). Às vezes eu penso assim, às vezes penso que quando eu passar essa gravidez, eu vou dar a volta por cima. Passa muitos pensamentos durante uma gestação, principalmente quando a gestação é difícil. Talvez, não dá pra dizer com palavras, só sentindo mesmo. Não dá pra descrever com palavras, mas é difícil. A agressão não aumentou nem diminuiu na gravidez. Poderia ter diminuído pelo fato de eu estar gestante. Mas, pra ele tanto faz. Eu senti mal estar, ficava muito triste. Dá muita tristeza. A gente se sente com auto-estima muito baixa pelo fato de você não ter apoio do seu companheiro, é um momento muito difícil, eu não sei.. Parece que é</p>	<p>Uso de álcool pelo companheiro</p> <p>Fragilidade e impotência na gestação</p> <p>Arrependimento da gravidez</p> <p>Consequências da violência para a saúde</p>
---	--

<p>um bebê começando a andar, ele vai pisando e não sabe direito onde está pisando. É do mesmo jeito que a gente se sente, quando você engravida e não tem o apoio do companheiro. Não tem onde se apoiar. Então, você fica muito triste. Assim que eu fiquei gestante, eu saí do trabalho. Pelo fato de não estar me sentindo bem, eu saí logo no início da gravidez. Eu sentia muito mal. Eu nunca procurei ir a delegacia. Não procurei delegacia porque achei que não tinha motivos pra chegar até uma delegacia. Esse caso meu não é questão de delegacia, se não a delegacia vai andar mais lotada ainda. Isso é uma questão de saúde. Isso tem que ser junto com a saúde. Quando chega uma gestante, as pessoas mandam procurar logo um obstetra. Então, eu acho que um pré-natal deveria também ser acompanhado por psicólogos. Na minha opinião. Porque hoje em dia têm muitas jovens engravidando. Mesmo que não sejam jovens, são mulheres como eu, que já tiveram outros filhos, já tiveram outros relacionamentos difíceis. Às vezes, o primeiro foi difícil e o segundo também está sendo difícil. Muitas, no terceiro também. Já passou pelo primeiro, segundo, terceiro relacionamentos difíceis. Então, elas continuam sem apoios de certa forma. E um psicólogo poderia conversar. Puxar dessa mulher, o que ela está sentindo. O porque ela tem tristeza,o por que está tendo muita entrada de saúde durante a gestação com pressão alta, algumas com aborto espontâneo.Mas, nenhuma delas, muitas vezes não tem coragem de chegar no posto. E elas acham espaço para falar de agressão, porque parece que está fugindo do que foi (gravidez), e quando ele (profissional) pergunta, porque tem coisas que ele não pergunta. O obstetra deveria perguntar se você</p>	<p><b>Falta de apoio</b></p> <p><b>Denúncia</b></p> <p><b>Pré-natal</b></p> <p><b>A importância do psicólogo/escuta</b></p>
--	---

**se aborreceu, se elas estão com pressão alta por causa da gestação ou por aborrecimento. Eles não perguntam, só o básico mesmo. Porque o emocional também sobe a pressão. Os profissionais deveriam trazer o histórico da mulher como foi a primeira gravidez, você abortou, porque abortou, então é isso.**

Trazer um histórico de vida. Um auto-ajuda. No pré-natal mesmo, a obstetra pediu meu exame de sangue para saber o tipo de sangue, mas não do meu marido. E foi incompatível. Então eu poderia ter abortado, ter acontecido algo com meu filho, mas quando sair daqui eu vou falar com ela para não acontecer com outras pessoas. Porque eu fiz o pré-natal com um mês e meio de gravidez. E foi particular, só que o profissional independe do plano de saúde. Na primeira gravidez, eu não tomei a vacina, não me deram. Eu acho que o cartão da gestação da mulher, deveria também fazer parte o psicólogo. Porque eu passei raiva com meu companheiro, porque eu passei raiva com minha família, porque meus pais expulsaram de casa ou coisa parecida. Então, eu acho que é uma questão de saúde também. O judicial também ajuda, porque o ser humano só faz se for punido. O meu primeiro companheiro não dava pensão, e eu não corria atrás. A justiça pode obrigar o financeiro, mas não o afetivo, o amor. Por isso que hoje há adolescentes, crianças frias por conta disso aí. Fica como se a criança fosse um objeto. Ele só está indo porque sabe que se não der será preso. Então, dá o valor simbólico, porque o valor não dá nem pra criar, mas não dá o afetivo. O que a gente pode recorrer só o judicial pra dar nossos direitos que são poucos. Nos é mais apresentado deveres do que direitos. Eles (governantes) têm como sentar, estudar para ajudar a melhorar isso. Eu não era cristã, eu só tinha

**Percepção da mulher /  
Profissionais de saúde**

apoio da família dele. Não com conversas, mas assim, me apoiavam porque eu morava com eles e eles viam que ele não era aquilo que ele mostrava ser. Eles conversavam comigo: Ah ele é assim por causa do pai dele. Tentavam colocar na minha mente que é ele era assim por causa do pai. Eu tinha que entender que ele era assim por causa do pai. Eles não conversavam com ele porque ele não ia escutar mesmo. **Na época, eu não tinha condições de sair daquela situação. Eu não estava trabalhando, eu estava gestante, não tinha nenhum apoio. Algum valor pra receber, INSS, com auxílio maternidade, algo assim. Não tinha. Então, você fica a mercê mesmo daquele relacionamento pela parte financeira.** Nada mais que isso. E ele nunca assumiu o filho, nem quando eu morava com ele na verdade. É, porque na verdade, mesmo ele morando comigo, eu que arcava com meu filho. Ele só ajudava com as coisas de casa e achava que estava dando muito. Quando ele botava as coisas dentro de casa, achava que estava dando demais. Eu acho engraçado homem quando ele diz assim: Eu não já estou dando comida? Quer mais o que? Porque homem acha que a mulher só precisa de comida. Comeu, pagou luz e água pronto, não precisa de mais nada. Ela não precisa se arrumar, não precisa também elevar a sua auto estima, estar bem consigo mesma, se olhar no espelho e está bem consigo, comprar uma roupa de vez em quando. Ele acha que a mulher não precisa disso. **A gente já tinha muitas discussões, já discutimos intensamente, no final já era intensamente, já era direto, eu já fui ficando cansada. E aí, eu dei um basta.** Já tinha tido meu filho já. Meu filho já tinha três anos. Eu digo a você. Voltando ao assunto da criança, porque meu filho tinha três anos na época que eu me separei. E, eu briguei. Eu

Falta de apoio

Quotidiano de violência

<p>discutindo com ele, no momento de nervosismo, eu peguei a televisão e joguei no chão. E, meu filho viu essa cena e até hoje ele lembra. Hoje, ele tem 13 anos. Quer dizer, se passou dez anos e ele lembra. Então, é por isso que eu digo que a criança não liga para que o coleguinha faz e sim para o que a gente faz, porque somos os gigantes pra ele. Eles querem fazer igual ao que a gente faz. Aí, quando meu filho falou pra mim que lembrava disso, eu fiquei assustada porque pra mim ele tinha esquecido. E, ele não esqueceu, ele lembra (choro). <b>Eu comecei a ver que não era o eu queria pra mim. Eu não merecia nem precisava passar por aquilo. Depois da minha gravidez, passei um tempo procurando trabalho e encontrei. Como meu filho já estava com dois anos, eu comecei a voltar a trabalhar. Então, eu estava trabalhando em restaurante, como auxiliar de cozinha. Quando eu trabalhei, foi que minha auto estima elevou novamente, aí eu disse assim: Eu não estou precisando mais financeiramente, de estar com ele pelo fato financeiro. Então, se não tem sentimento, se não há respeito, então está na hora de acabar. Então, eu vi que dava pra levar a minha vida só, e assim eu fui. Então, simplesmente eu disse que não queria mais, e eu saí de casa. Eu que saí. Me separei.</b> Na época ele fez com que concordou, depois ficou pedindo pra voltar, mas eu não voltei mais. Depois que me separei, não voltei mais. <b>Fui morar sozinha com meu filho. Foi um momento muito difícil também. É outro momento difícil quando você tem um filho pequeno, você também não tem apoio, não tem avó, não tem parente por perto. Outra fase da vida difícil, não encontrar alguém pra tomar conta de seu filho, mas você sabe que tem que trabalhar por ele mesmo,</b></p>	<p><b>Enfrentamento</b></p> <p><b>Trabalho</b></p> <p><b>Separação</b></p> <p><b>A dificuldade de criar o filho sem apoio</b></p>
--	---

**pra poder dar uma vida melhor pra ele. Até você encontrar alguém pra tomar conta do seu filho pra você trabalhar, são momentos e momentos muito difícil na vida quando você é só.** Eu paguei pessoas pra ficar com meu filho em casa, e também não dava certo. Vizinhos diziam que essas pessoas até batiam no meu filho. Depois, eu botei na creche, quando eu chegava meu filho estava dormindo. Quando eu saía, ele estava dormindo, que às vezes a gente pega dormindo para levar pra creche. Eu trabalhei assim por um bom tempo, por uns bons anos. Trabalhava fora e meu filho ficava na creche escola. E, muito dessas creches escolas só coloca a criança pra brincar o dia todo, você paga como creche escola, mas eles não ensinam como escola. Foi daí que eu resolvi trabalhar pra mim, para que eu pudesse estar presente com meu filho, e eu queria trabalhar com algo que eu pudesse fazer as duas coisas. Que eu pudesse estar com ele, que eu pudesse levar pra escola, buscar, que eu pudesse estar mais presente com ele. E, também, tem meu financeiro, minha forma de criar. Aí, eu passei um bom tempo estudando o que eu ia fazer pra mudar isso. Saí do emprego e colocar algo pra mim, mas o que? Porque hoje pra você colocar algo, você tem que ter um capital de giro. Não adianta só sonho, tem que ter algo. Tem que ter dinheiro, alguma coisa. **Foi aí, que eu tive apoio da Igreja que eu congrego. Aí, eu comentei com a pastora da minha igreja se eu poderia estar colocando na porta da igreja algo pra vender, aí ela concordou que eu usasse o passeio da igreja pra estar colocando algo pra vender, algo de alimento e foi assim que eu fiz. Coloquei. No começo foi difícil, não dava certo, não vendia, mas eu continuei insistindo até que deu certo, as pessoas começaram a comprar. Eu**

**Apoio da Igreja**



<p>comecei a botar mais coisas pra vender, começou a aumentar. Saí de trabalhar para os outros de carteira assinada, e passei a ser autônoma. Então assim eu fiz, e hoje eu tenho uma pequena lanchonete. Saí de trabalhar na porta da igreja, e aí tive a oportunidade de abrir uma lanchonete pra mim. E hoje eu tenho uma lanchonete. Meu filho já estava com sete anos, e aí ele ficava só. Assim, em casa. Mas, como eu vendia só pela manhã, e ele estudava à tarde. Então, quando eu saía de casa pra vender, ele estava em casa dormindo ainda. Quando eu retornava, muitas vezes ele tinha acabado de acordar. Eu orientava ele, não pode sair pra rua e ele ficava em casa. Mas, aí eu já estava mais presente, eu sabia que ele estava em casa. E era perto da onde eu trabalhava. Era melhor do que antes, porque eu não via o dia todo, e eu não podia levar na escola, buscar, não podia acompanhar um dever, nada disso. <b>E quando eu trabalhava pra mim não, já dava pra levar na escola, buscar, participar do dever dele, dava participar da escola alguma coisa que tinha. E assim foi. Eu pago meu benefício, meu INSS. Agora mesmo eu tive neném, tenho direito a auxílio maternidade por causa disso.</b> Porque não adianta você trabalhar como autônoma e não ter segurança. Ah, mas o INSS é pouco, algumas pessoas falam, mas pouco é sim, mas não deixa de ser uma segurança. Eu vou parar de trabalhar quatro meses, eles cobrem no financeiro quatro meses, também se eu tivesse doente, alguma coisa, eu tinha como me encostar. <b>Eu conheci meu companheiro atual tem um bom tempo, já tem uns quatro anos que eu conheço. Mas, no momento a gente está separado, não deu certo, mas somos amigos. Não temos inimizades. Temos um bom contato. A gente tem um relacionamento muito amigo.</b></p>	<p><b>Apoio da Igreja/Trabalho</b></p> <p><b>Trabalho/conquista</b></p> <p><b>Companheiro atual/Apoio</b></p>
--	---

<p><b>A gente só não deu certo como marido e mulher, mas somos muito amigos assim, conversamos sobre tudo, temos muita comunicação.</b> Tanto ele tem liberdade de falar comigo, da vida pessoal dele, como eu tenho da minha vida com ele. <b>Ele me ajuda, apesar da gente não estar junto, mas ele me dá apoio pra meu filho e até para meu outro filho que não é dele, mas se eu precisar de alguma coisa, eu posso ligar. Com ele eu tenho apoio.</b> Nós moramos juntos por pouco tempo. A convivência era razoável pelo menos não tinha o que tinha no meu outro relacionamento. Porque relacionamento é assim, cada um tem uma forma de se relacionar, mas porém às vezes o apoio é tudo. Às vezes tem coisa da pessoa, que você fala assim: <b>É, mas pelo menos é uma pessoa que me apóia, que eu possa contar, que eu possa conversar.</b> Coisa que eu não encontrava no outro. Não tinha como conversar. Não tinha diálogo. <b>Eu hoje me sinto vitoriosa, das coisas que já passei, hoje eu me sinto vitoriosa. Eu acho assim que pra gente começar uma nova história, a gente tem que lasciar o livro velho. Não tem como você pegar o caderno novo, começar uma nova história e ficar lembrando do que passou.</b> Se ficar lembrando do que passou, você vai emendar a história que passou com uma nova história. Talvez até isso que não tenha dado certo no meu relacionamento. Quando a gente encontra um defeito no atual, a gente vai lembrar do passado. A gente volta para o caderno velho e quer fazer uma nova história com alguns capítulos do passado e a gente destrói o presente. Ou a gente escreve um novo presente e futuro e esquece do passado, ou se enquanto não queimar o passado, não consegue fazer uma nova história. <b>Hoje eu não olho mais pra esse passado com tristeza, porque eu acho</b></p>	<p><b>Apoio do companheiro</b></p> <p><b>Potência superando o limite</b></p> <p><b>Hoje</b></p>
---	---

**que eu precisava passar, me trouxe aprendizado. Eu olho para o meu passado, não fiquei prostrada diante de nenhuma das provas que me foram dadas no passado. Em todas, eu caí, mas levantei.** Se eu tivesse caído e ficado prostrada lá, talvez eu não teria tido uma história pra contar. Eu não teria saído de trabalhar para os outros. Não teria a ideia de colocar algo, não teria a ideia de pensar. Eu quero ver meu filho, eu quero estar mais presente com meu filho, eu quero poder levar pra escola e buscar. Então, eu procurei fazer algo pra mudar aquilo ali. Eu acho que a diferença é essa. É eu fazer valer o que eu quero ver, ver meus filhos criados, ver eles em bom caminho, poder contar a eles um pouco da minha história que foi difícil, mas eu venci. Que eu possa ser um pouco de exemplo. Só quero isso, ser bom exemplo para meu filho. Eu acho que a diferença é essa que eu fiz na vida. Não me arrependo de nada que aconteceu não, mesmo que me entristeceu. Hoje, que eu lembro que me entristece, mas só assim te contando que eu fui lá, é como se fosse um baú fechado que eu abri, então lembrei de coisas que me entristeceu aqui, que chorei. Mas, eu sou feliz. Hoje eu tenho uma lanchonete, e o meu filho, o qual me fez tanto motivo de sair pra procurar trabalhar pra mim mesmo por causa dele, hoje ele já me ajuda na lanchonete. Ele já vai fazer treze anos, estuda de manhã e de tarde me ajuda lá. Ainda tem essa benção. Na época que eu engravidei do meu filho, foi totalmente diferente dessa gestação. Na outra gestação, eu não tinha apoio nenhum. Como te falei, pela parte financeira eu tive que levar o relacionamento pra frente com ele, porque não tinha condições. E, hoje não. **Hoje eu tenho a minha casa, a minha casa é própria, hoje eu tenho a minha lanchonete do meu próprio sustento. Do meu próprio**

**O vivido**

**A mudança**

<p>suor. Essa gestação minha foi mais tranqüila. Eu tive apoio do meu companheiro. Apesar de não estar com o pai dele, eu sei que qualquer coisa que eu precisar, ele vai estar presente como pai e também eu tenho condições de botar alguém em um turno para trabalhar na lanchonete e eu já dar assistência o meu filho. Coisa que eu não pude fazer com meu primeiro. Já tive uma gravidez mais tranqüila, diferente da primeira. Eu acho que eu até curti a minha gravidez. Curti. Pude arrumar quarto de bebê, essas coisas toda que no primeiro não deu pra fazer. Como te falei, quando o relacionamento é atribulado, aquela coisa, você não consegue enxergar essas coisas, não dá valor a essas coisas. E desse filho não. Desse filho, eu fui na loja comprei as coisas, arrumei o quarto, confeccionei o quarto todo, eu mesma que fiz questão de fazer, colocar faixas. Porque já foi mais tranqüilo, não tinha um peso, não tinha algo me abafando como era no outro relacionamento. Mesmo eu estando só, que de certa forma eu estou só. Mesmo assim, está sendo bom. Como nós estamos em uma maternidade, eu gostaria só que essa não fosse a minha única história, que a saúde olhasse mais para as gestantes como eu estou te falando. Da forma de ter um psicólogo, alguém que pudesse ouvir a história dessas mulheres, não deixasse a mercer como elas vivem. É por isso que acho, que se tivesse um profissional pra ouvir, talvez não resolveria tudo, mas amenizava muita coisa. É isso que eu falo, às vezes entra todo dia pessoas na maternidade, na sala que eu estou tem duas que estão, uma com oito meses e a outra com sete meses, uma tem quatro meses, estão todas lá, mas.. Elas entraram, mas ninguém procuraram saber o motivo porque está com pressão</p>	<p>Potência</p> <p>Reflexão do vivido</p> <p>Serviço de saúde</p>
--	---

**alta, o motivo porque o açúcar subiu, porque essa queda, porque essa pressão sobe e desce. Então essas pessoas (profissionais) deveriam procurar saber o motivo, o porque aquelas pessoas estão tendo aquela saúde.** A saúde não está certa, esta desbalanceada a saúde daquela pessoa. **Então as pessoas (profissionais) deveriam procurar ouvir mais as pessoas que entram na unidade, principalmente as do SUS, são pessoas carentes.** Se você consegue chegar de cada leito e conversar com uma. Meu Deus você vai levar só lágrimas, porque elas irão fazer igual a mim, vão para seu passado. As minhas lágrimas foram lágrimas de coisas que eu fui lembrar do passado, que eu não estava lembrando mais. Claro que nem todas vão ser sensíveis, mas muitas vão ser. Muitas delas, não tem quem ouça. Muitas delas não tem família por perto, não se dá bem com a família. O marido não ouve, não tem com quem falar. Muitas vezes, ela fala com alguém que dá conselhos ao contrário. Dá conselhos que não vai edificar elas em nada. Então se encontrasse alguém que conversasse com ela... O processo mais difícil é depois da gravidez, porque elas se vêm feias. Porque passam nove meses sem poder se cuidar, o cabelo sem poder alisar. Tem mulheres que depois que têm os filhos, elas perdem a vontade de se arrumar. Perde tempo cuidando dos filhos, então perdem noite, é um conjunto de coisas. Quando a pessoa perde a noite direto, tem um limite e fica nervosa. O leite começa a empedrar. Se tivesse um profissional pra ouvir, talvez não resolveria tudo mas amenizava muita coisa. Pra mim ter falado é um desabafo. Eu estou sentindo desabafada, e sentindo que a minha história pode mudar outras vidas. Outras vidas podem estar passando pelo que eu passei, e podem estar

**Profissionais de saúde**

passando mais coisas que eu. **Porque eu não passei por agressão física, mas muitas passam por física também.** A agressão psicológica é uma agressão que você não esquece. Fica para o resto da sua vida. **Você pode botar no arquivo morto, mas é como você acabou de tocar no assunto e eu me entristeci, veio a minha lembrança.** Estava no meu arquivo morto, você me lembrou, as minhas lágrimas veio à tona. Assim, como é como muitas e muitas mulheres que estão gestante. Voltar lembrar desse passado, pra mim, é triste. Mas, agora é de alívio, é diferente. Agora eu falo com tranquilidade, com segurança porque eu sei que já passei e não vou passar mais. Porque a experiência não vai deixar mais passar por isso. Eu posso passar por outras coisas que ainda não passei, mas por essas eu não passo mais. **Eu não vou mais me ver desamparada pela experiência que tive com essas coisas todas, mesmo em outro relacionamento, porque a experiência fortalece.** A gente fica sempre olhando pra frente e não para trás. Hoje eu estou feliz, Hoje eu posso falar de tudo isso que eu já passei. Hoje eu estou realizada. **O importante é que eu estou realizada. Eu faço o que gosto, trabalho com alimentos, o que gosto, eu acho que o bom é isso. É fazer o que você gosta, trabalhar com o que você gosta. Isso é se realizar na vida. Ser realizada na vida é algo tão simples. É simplesmente fazer o que gosta, e não fazer o que é obrigada a fazer.** Eu faço o que eu gosto. **Tomo conta do meu filho, sou dona de casa e trabalho com alimento, faço lanches, é o que eu gosto de fazer.** É como se eu estivesse fazendo uma arte como alguém começa a pintar algo, um quadro, ele está fazendo o que gosta. Quando ele vê aquele quadro pronto, ele está bem. Quando eu pego um

**Percepção sobre a agressão psicológica**

**Possibilidade de mudança**

<p>alimento pra fazer, eu quero no final sentir o sabor que está gostoso, está bom. Então, isso é a satisfação, de fazer o que gosta. Quando você vê o negativo, tem que ter força de vontade para superar. Se não encontrar na vida o positivo, aí você se apega no negativo, que vai vir a tristeza, a angústia, acha que não está realizada com nada. Muitas pessoas com depressão não sabe separar os problemas delas, se tornam uma carga. Em vez de saírem, elas se entregam de vez. Se a gente não separar e misturar tudo.... Se misturar o que é ruim com o que é bom, não vai dar certo. Eu vou estudar é algo positivo e a separação é algo negativo. <b>Você não esquece, mas precisa deixar o pensamento negativo, e superar com o positivo, o que é bom, estudo, trabalhos, amigos. Superar o pensamento negativo com o positivo não é fácil, mas se esforçando chega lá. Será que eu não tenho tristeza ... Tem hora pra tudo...Mas, é hora de sorrir....</b></p>	
--	--

<p><b>ENTREVISTA 12</b></p> <p><b>Possui 22 anos, parda, Testemunha de Jeová, estudou o ensino médio completo. Em união estável. Trabalha fora de casa, é autônoma, parcialmente dependente financeiramente do companheiro. Teve dois companheiro. Companheiro atual tem 28 anos, é autônomo. A primeira relação teve com 18 anos, tendo engravidado duas vezes, não teve aborto. Realizou o pré-natal com início no primeiro trimestre, com mais de sete consultas. Intercorrências obstétricas: vulvovaginites, anemia crônica, DST: Sífilis. Nega uso de drogas lícitas e ilícitas, mas refere</b></p>	
---	--

**uso de drogas lícitas pelo companheiro, pai, mãe, irmãos e familiares (álcool e cigarro). Com uso de álcool até três vezes por semana, exceto pai que faz uso diário. Em relação ao cigarro, uso diário pelo companheiro.**

**Meu pai batia muito em minha mãe, aí minha mãe pegou e largou ele por causa disso.** Eu tinha quatro anos, e meu irmão era recém nascido. Eu via, lembrava. Até hoje eu lembro que ele tentou roubar meu irmão. Ele foi lá, pegou o carro, entrou lá em casa, bateu nela, pegou meu irmão do colo dela e saiu correndo. Ela pegou e levantou do chão, correu atrás dele, pegou uma pedra para meter no carro se ele arrastasse. O motorista pegou e falou pra meu pai que se ele não botasse o menino no chão, não ia andar com o carro. Ele botou meu irmão na pista e foi embora. Minha mãe pegou meu irmão. Minha mãe já tinha se separado dele, quando ele voltou para roubar meu irmão, porque ele gostava muito de filho homem. Mas, ele não conseguiu. A casa era de minha mãe, não era dele. Então, quem teve que sair foi ele (pai). Depois desse dia, ele sumiu. Depois, ele apareceu, mas está com outra mulher. Minha mãe não quis mais não. Meu pai... Eu nem chamo ele de pai. Eu não gosto dele. Porque desde de pequena, a minha mãe é minha mãe e meu pai. Porque ele não dava nada pra gente. Minha mãe que trabalhou pra dar as coisas pra gente, desde pequena. Ele não. Eu não chamo nem ele de pai. **Ele me batia porque ele gostava mais de meu irmão, porque meu irmão era homem e ele gostava de filho homem.** Então, ele nem ligava pra mim. Quando eu fazia alguma coisa, ele me batia. Minha mãe ia lá e batia nele. Brigavam por causa disso também. Eles brigavam muito por causa de

**Violência familiar**

**Agressão física**



mim. Porque ele gostava de homem e eu era menina. Eu ficava triste, chorava. Minha mãe conversava comigo. Ele brigava e saia pra beber. Aí, quando voltava vinha pra bater em minha mãe e ficavam brigando. Eu ficava chorando, chorando...Eu ia pra cima dele, pra ele não bater em minha mãe e ele me empurrava. Minha mãe ia pra cima dele porque ele me empurrava, aí eles ficavam brigando. Depois, ele saia e ia pra rua gastar o dinheiro dele com as piriquetes. Minha mãe se separou dele. Minha mãe falava que eu tinha que me abrir com ela, tudo que acontecesse que eu tinha que contar pra ela. Aí, tudo que acontecia, eu falava com ela. Se eu fizesse alguma coisa de errado, eu falava a ela, ela não me batia, me dava conselho assim. Quando eu comecei a namorar, eu contei logo a ela. Aí, ela falava: Quem é esse que você está namorando? Eu falei quem era. Ela: Se ele quiser alguma coisa sério com você, ele tem que pedir na porta, falar comigo. Se ele não quiser pedir na porta, é porque ele não quer nada sério com você, você deixe ele, que não presta. **A minha primeira relação sexual, eu tinha 18 anos, eu tava namorando com um menino, ele pediu minha mãe pra gente namorar na porta.** Aí, a gente ficou namorando, quase um ano, aí a gente pegou e resolveu fazer, a gente foi e namorou. Foi bom. Nem eu nem ele sabia fazer nada, ele também era virgem. Ele era carinhoso. Eu fiquei um ano e meio com ele. **A primeira relação eu não usei (método), porque minha mãe nunca falou nada sobre isso e também as pessoas de lá que passavam de casa em casa no posto, também não falavam nada. Depois, que eu fui pra tomar a injeção. Eu usava injeção e usava camisinha.** Eu tinha acompanhamento pelo posto. Eu estudava. Eu tava namorando, e passava por ele (companheiro atual), aí eu

**Primeira relação**

**Uso de métodos contraceptivos**

peguei e larguei esse, e fiquei namorando com ele (companheiro atual). A minha relação com o companheiro (atual) era boa, a gente saía, a gente ficava passeando para um bocado de lugar. Minha mãe não queria que eu ficasse com ele porque ela dizia que ele era errado. E eu falava: Por que? Só porque ele fumava, e eu não gosto de gente que fume. Eu falava: Não mainha, mas ele não é errado. Ela dizia: É sim, por causa do fumo. Eu falei: Se a senhora não quer deixar eu namorar com ele, então eu vou fugir. Ela pegou e ficava falando pra eu não fugir, eu peguei e fui morar com ele. Depois, ela aceitou. **Ele era carinhoso, até hoje. Mas, às vezes que ele é muito ciumento. Ele fica ciúmes e faz ignorância. Todo mundo pra ele está me olhando, todo mundo me quer na rua, não existe mulher nenhuma no mundo que os homens olham, só vão olhar pra mim entendeu? Ele é muito ciumento. Começou, quando eu fui morar com ele. Eu achava insuportável. Uma vez, eu fui embora pra casa de minha mãe, ele pegou e foi lá chorando, dizendo que ia mudar, que não ia fazer mais isso. Ele pediu pra me desculpar ele. Eu peguei e desculpei ele. Aí, ele parou. Depois, ele voltou tudo de novo. Eu ficava falando pra ele que se ele continuasse que eu ia embora. Ele parava, pedia desculpa. Aí, ficava um tempo sem fazer. Depois, voltava de novo. Era assim... Quando eu estava grávida desse filho também. Eu grávida, ele dizia que os homens na rua ficavam me olhando. Tinha roupa assim que se me desenhasse, que eu não podia vestir, porque os homens na rua iam me querer. Ele ficava com ciúmes. Eu ficava dizendo: Você é idiota, quem vai me querer ainda grávida? Ele: você é quem está dizendo que ninguém vai te querer. **Eu fazia a****

Ciúme

Arrependimento e promessa de mudança pelo companheiro

vontade dele pra não procurar briga. Se ele não queria que eu vestisse a roupa, então eu não vestia. Ele dizia que fazia isso porque me amava, gostava de mim e por isso que ele fazia isso, tinha ciúme por causa disso. Às vezes, eu achava que ele estava fazendo isso porque gostava de mim mesmo, porque se não gostasse não ia ligar. Aí, eu fazia: Já que não quer que eu não vista a roupa, então não visto. Às vezes, ele falava pode vestir, aí eu pegava e vestia. Quando ele via que eu não estava ligando, ele falava: **Pode vestir**. Aí toda hora ele ficava olhando e falando: abaixa a blusa. Porque a barriga ficava suspendendo assim a blusa, aí ele mandava abaixar um pouquinho. Eu abaixava, e a blusa suspendia. As brigas começavam por causa das roupas, ele ficava achando que as pessoas na rua, todo mundo ia me querer. Que eu tava vestindo as roupas para os outros na rua, para os homens na rua ficar mexendo comigo. **Ele me xingava de um bocado de nome ruim, eu ficava calada porque se eu fosse falar, eu ia me enraivar e eu pensava no meu bebê.** Eu ficava calada. Mas, se minha mãe tivesse, ele não xingava. Ele falava da roupa. Mas, não xingava não. Eu acha insuportável. Eu ainda falava pra ele, que ele era doente. Que isso era uma doença. Porque eu com ele, eu não sou assim. Ele tem moto, ele sai, chega a hora que quer. Só não dorme na rua. Mas, ele saí, vai pra onde ele quer, faz o que ele quer e eu não ligo. Eu trabalhava na OI, telefone fixo. Nós dois trabalhava. Ele perguntava como foi o dia, eu contava a ele como foi o dia. Eu falava que entrava em rua perigosa, que vinha homem com arma. Ele falava: Não, quando tiver assim, não vá. Ficava me dando conselho. Ele falava: Quando tiver assim, que você vê que está perigoso, não vá, fale com a sua

**Poder; controle do companheiro**

**Agressão verbal**

coordenadora pra você ir pra outro lugar que lá é perigoso. Ficava falando... Eu trabalhava das 8h às 14h. Tinha vez que ele nem ligava, tinha vez que ele acordava injuriado. Ele ficava falando, falando... E eu ficava calada. Ele falava: Cadê meu café. Eu falava: Espera, eu vou colocar. Ele falava: Esse café demorado. Que não sei o quê. Essa mulher fica demorando de fazer o café. Eu falava: Tá, então venha fazer. Ele falava: Quem tem obrigação de fazer é você, sua preguiçosa. Aí, começava a me xingar. Eu xingava ele. Ficava um xingando o outro. Um gritando com o outro. Ele me xingava de descarada, desgraça.. Era assim. Ele fazia isso várias vezes, mas ele tinha parado de fazer. **Quando brigava, eu contava a minha mãe, aí minha mãe ia e chamava ele pra conversar. Ela falava pra ele: Você não bata em minha filha. Enquanto você está xingando, você pode xingar, mas se você bater, eu chamo a polícia. E também, meu irmão falava a ele que xingar, ele pode xingar, mas se batesse em mim que ele ia bater nele, pra ele ver como bate em mulher.** Ele dizia: Eu não vou bater nela, em filhos dos outros, eu gosto dela. Aí meu irmão ficava falando pra ele, pra ele não me bater. Eu ficava pensando porque ele ficava me xingando daquelas coisas que eu não era. Eu ficava só pensando. Às vezes eu ficava triste. Ele via que eu estava triste, vinha e me pedia desculpas, ficava abraçando. Eu aceitava. Eu já me separei dele porque ele estava me xingando. Eu já tinha tido o primeiro filho. Ele estava me xingando, eu disse a ele que eu ia embora. Ele disse que eu não tinha coragem de ir embora não, que eu amava ele. Eu disse: eu te amo, mas eu tenho coragem de ir embora sim. Ele pegava e parava. Toda vez que eu falava isso, ele parava, depois ele continuava. Quando ele foi trabalhar, eu fui embora.

Agressão

Apoio da família

<p>Ele chegou, eu não estava mais em casa. Ele pegou e foi pra casa de minha mãe. Ele ficou chorando, chorando.. Pra onde eu ia, ele ia chorando atrás de mim (risos) no meio da rua, pedindo desculpas. <b>Ficava todo dia na casa de minha mãe, pedindo desculpas, mandando eu voltar, chorando. Eu peguei e falei: Ele gosta de mim mesmo. Eu peguei e voltei pra ele.</b> Desse bebê também. Dessa gravidez ainda foi melhor que a outra porque às vezes da outra ele me metia raiva e desse não. Tinha vez que eu estava impaciente, ele compreendia. Pra ele não brigar comigo, ele saía de casa, ficava um tempo na rua. Quando ele voltava, perguntava se eu estava melhor. Me dava água. Mas, tinha vezes que eu que xingava ele porque eu estava com raiva, não sei de quê. Ele ficava calado. Ele tinha uma outra mulher, tentava ter um filho, mas ela abortava. E o sonho dele era ter um filho. Aí, eu engravidei. Ele ficava besta com meu primeiro filho e com esse também. Tudo que eu tinha desejo de comer, ele saía pra comprar. Ele fazia a minha vontade. Tudo que falava que estava com desejo de comer, ele comprava tudo. Mas, ele não brigava muito porque ele ficava com medo do bebê. Quando ele começava, eu ficava calada, olhava pra ele e ele vinha pedir desculpa e parava. <b>Eu sentia dor, muita dor na barriga quando me enraivava. A barriga endurecia. Eu sentia raiva.</b> Quando dizia pra ele, ele pedia desculpa. Aí ele parava de ficar falando. Eu não procurei unidade de saúde. <b>No Pré-natal não falei nada não porque ninguém me perguntou nada. Não tive vontade não (falar da situação de agressões).</b> Não procurei delegacia porque <b>ele não me batia, só me xingava. Depois, ele vinha e me pedia desculpas. Se ele me batesse, aí sim.</b> Mas, ele não me batia. Ele continua gente boa, não procura briga</p>	<p><b>Retorno à relação</b></p> <p><b>Consequências da violência na gestação</b></p> <p><b>Prá-natal</b></p> <p><b>Denúncia</b></p>
--	---

comigo não. Ele parou de brigar. Eu dizia pra ele, que eu não ia aquietar o feijão dele. Ele se arrependia e dizia que era por causa da raiva. Eu aceitava. **Eu não ligava mais, eu não reagia. Eu deixava ele falar sozinho. Quando ele se cansava de falar, quando ele via que eu não estava dando bola pra ele, ou quando ele começava a falar e ficava calada assistindo. Ele via que eu não estava ligando, para não procurar brigar, ele saía.** Ia pra rua e eu ficava em casa com meu filho. **Essa gravidez foi boa, até para a pré-natal, todas as vezes que eu fui, ele me levou e foi comigo.** Se eu sentisse alguma coisa: Ah estou com dor nas costas. Ele: Quer ir pra maternidade? Ele ficava na agonia. Eu dizia: Não, não é pra ter o neném não. Ele: Quer que faça massagem? Deita aqui. Aí, fazia massagem nas minhas costas. Trazia meu café, arrumava até a casa. Ele tem melhorado. Eu fiquei pensando, se ele procurar briga comigo e eu reagir, vai ser pior porque além de eu me enraivar, meu filho vai ficar vendo isso. **Eu fiquei pensando que toda vez que ele me xingasse, procurasse alguma briga assim, eu ficasse calada. Se eu ficar calada, ele vai ver que eu não estou ligando e vai parar. Como ele faz, já pára e vai pra rua. Quando volta, ele pede desculpa. Eu resolvi fazer isso. Ele viu que eu não estava mais ligando, aí parou. Essa forma me ajudou.** Ele arruma até a casa. Eu ia dormir, quando acordava a casa estava toda arrumada, os pratos lavados. Ainda fazia comida pra eu comer. E me acordava pra almoçar. E me levava pra tomar banho, pra almoçar. Quando acordava a comida já estava na mesa, e meu filho tomado banho, sentado pra almoçar. Eu vi que o melhor mesmo era fazer isso. Até hoje, se ele procurar problema, eu fico calada. Do outro (outra gravidez) quando ele procurava o problema, eu ia

**Enfrentamento****Mudança**

<p>pra casa de minha mãe, deixava ele falando sozinho. Desse, eu ficava na minha cama. Ficava dentro de casa. Ele vem me visitar, se ele pudesse, ele ficava aí, mas ele tem que trabalhar. <b>Antes, eu trabalhava, mas eu parei porque eu não agüentava fazer unha porque tinha que se abaixar. Minha barriga foi muito grande, eu parei. Eu ficava em casa.</b> Ele ajuda, ajuda em tudo. Tudo que eu preciso ele compra, até na casa ele ajuda. Quando estava grávida desse mesmo, tinha vezes que ele não deixava eu fazer nada em casa, ele mesmo fazia. Mandava eu dormir, descansar. Levava meu filho pequeno pra casa de minha mãe. Eu achei que ele melhorou depois que eu me separei dele. Por isso que eu acho que ele parou mais. Ele tem medo de eu ir embora. Com um, ele ficava nessa agonia e agora que eu tenho dois, ele fica toda hora perguntando: Você nunca vai me deixar não né nega? Não vai embora com meus filhos não né? Eu digo: Não. Não vou não. Foi que eu vi que ele gostava de mim. <b>Hoje, eu me sinto bem. Eu acho até que ele mudou muito mesmo, porque ele era ignorante até com a mãe dele. A mãe dele perguntou o que eu fiz que ele mudou.</b> Eu disse: uma mágica. Não contei a ela não. Porque se eu contar a ela, ela pode comentar com ele e aí não venha mais funcionar. Eu peguei e não contei. Ela quer saber até hoje e eu não contei. Ela pega e dá risada. <b>Agora, eu vou colocar o DIU, não quero ter mais não. Vou trabalhar, vou dar um dinheiro a minha cunhada pra tomar conta dele e levar meu filho pra escola, e vou trabalhar. A gente quer trabalhar nós dois em uma empresa só. Quando passar meu resguardo, nós dois vamos procurar trabalho juntos, pra trabalhar em uma mesma empresa. Quando meu filho tiver dois, três meses, eu</b></p>	<p><b>Trabalho</b></p> <p><b>Mudança do companheiro</b></p> <p><b>Possibilidades</b></p>
---	--

**vou procurar trabalho.** Porque também, eu não gosto de ficar em casa, sem fazer nada não. E fazer unha, dói muito as costas. Eu quero procurar outra coisa. Quando a enfermeira foi colocar acesso nele (bebê), ele ficou chorando: está furando meu filho, chorando. Eu me sinto agora bem aliviada. Ele ainda disse que vai parar de fumar, ele está fumando pouco. Ele disse que é porque vício não larga assim tão fácil. Eu também acho que sim, porque se vício largasse fácil, não existia drogado na rua. Vontade eles tem, mas não larga. É a mesma coisa de cigarro. Ele está fumando pouco. Ele disse que quando eu for pra casa, ele não vai mais fumar por causa do bebê. Mas, ele não fuma dentro de casa, ele fuma a rua. Porque eu ficava falando com ele, por causa do meu filho pequeno e porque eu estava grávida. Ele fumava o cigarro ele na rua. Mas, mesmo assim, ele disse que ia parar de fumar. Eu disse: É, se você fumar, eu não deixo você nem tocar na unha do bebê. Ele ficou dando risada dizendo que não ia fumar mais não. Que quando eu fosse pra casa, ele ia parar de fumar. Ele disse que estava parando de fumar, estava fumando um por dia. Se vai mesmo, não sei. Depois que eu voltar a vestir as minhas roupas é que eu não sei. Porque ele parou, porque eu só vestia vestido, calça colada com aquelas batinhas folgadas. O vestido tinha que ser grande pra cobrir tudo. Não sei agora que eu voltar a vestir as minhas roupas. Eu acho que ele vai melhorar... Acho que sim...



**ENTREVISTA 13**

**Possui 41 anos, parda, Testemunha de Jeová, estudou o ensino fundamental completo. Em união estável. Dona de casa, dependente parcialmente financeiramente do companheiro e recebe pensão do ex-marido . Informa ter tido quatro companheiros. Companheiro atual tem 39 anos, é autônomo. A primeira relação teve com 17 anos, tendo engravidado doze vezes, teve dois abortos espontâneos e um aborto provocado, sendo o motivo pelo qual realizou: o relacionamento não estava dando certo. Realizou o pré-natal com início no segundo trimestre (c/ 5 meses), com uma consulta. Intercorrências obstétricas: síndromes hipertensivas, amniorrexe prematura e parto prematuro, DST: Sífilis. Informa uso de drogas lícitas (álcool), com frequência do uso de uma vez por semana e uso de drogas lícitas pelo companheiro, ex-companheiro, irmãos e familiares (álcool, cigarro); drogas ilícitas pelo ex-companheiro (maconha). Com frequência do uso de até três vezes por semana.**

Minha relação com meus pais era bom, eles me tratavam muito bem, compravam tudo que eu queria. Eu tinha uma infância muito boa, eles eram muito carinhosos, principalmente meu pai. Minha mãe também, mas meu pai fazia tudo que eu queria, fazia todas as minhas vontades. Levava para onde eu queria, comprava o que eu queria. No total eu tinha 15 irmãos, do mesmo pai e da mesma mãe. Também foi uma família religiosa, paiho levava a gente para salão, tinha Congresso, a gente ia, era muito bom. A gente podia ficar na porta brincando, mainha chamava pra almoçar ou tomar café. Eu amei a

minha infância. Eu estudei até em escola particular também, paiho pagava e para a minha irmã caçula também, quando melhorou de situação, aí a gente estudava, tinha banca, tinha curso. **A minha primeira relação eu não queria, com 17 anos eu ainda era uma garota mesmo. A gente namorava na porta, ia completar um ano, mas só nesse um ano, aí foi no final que aconteceu. Eu só fiz, por fazer. Mas, dizer que eu queria não. Eu não sei, sei lá, não achei bom não, porque eu gostava mais de ser menina, brincar de boneca, de casinha. Eu me senti um pouquinho de nojo e de vergonha.** Acho que eu não estava preparada. Também, depois, eu não quis mais. Depois, eu não fiquei mais com esse namorado, porque eu morava em Salvador e ele em Aracaju. Depois, eu conheci meu segundo companheiro. Eu gostei, não sei se foi pelo fato dele ser mais velho, eu só não gostava porque ele me tratava como se fosse meu pai. Ficava assim falando pra eu fazer as coisas e eu não achava isso certo. Eu conheci com 16 anos, que ele era o patrão do meu ex-namorado, o meu ex-namorado trabalhava em uma micro empresa, ele me levou lá e eu fiquei conhecendo o patrão dele. Eu ia lá na empresa e via ele. Eu nunca trabalhei. Depois, que meu ex-namorado foi embora, quando ele soube que foi embora, que ele ficou me cantando. Era tudo bem, mais fácil porque tudo que eu queria, só fazer assim tava na minha frente. Eu quis também por isso. Porque ele me bancava. Ele tinha um carinho, mas eu não gostava. Gostava mais das coisas que ele me dava. Depois, com um tempo que eu fiquei convivendo com ele, aí sim, que eu fiquei amando. Mas, antes não, era só grana mesmo. Não sei.. Mas, as coisas assim, fácil, eu acho que ajuda também a gente ficar com as pessoas. Assim tudo que eu

### Primeira relação

queria, ele me dava. Se eu queria uma roupa da vitrine ele me dava, sapato, bolsas, tudo do bom e do melhor. Ele me levava para os lugares chiques. Com 16 anos eu engravidei e com 17 anos eu tive a minha filha (não foi do primeiro namorado). Eu não estava gostando dele, amando, depois eu tive um filho com 17 anos. Eu tive meu primeiro filho com ele porque eu queria. **Eu tomava chá de Alomã. Eu não procurei unidade de saúde porque eu não quis. Eu tinha conhecimento, mas era coisas assim de mãe. Minha mãe tomava também folha de Alomã, e ela falava que era bom, aí eu tomei e não engravidava mesmo. Era o chá da folha. Ela dizia que era bom pra evitar a gravidez.**Na escola eu **aprendia, mas eu nunca quis.** Eu parei de tomar o chá, aí engravidei. Eu tive quatro relacionamentos. Esse foi meu segundo relacionamento. **Eu tinha 17 anos e ele tinha 33 anos.** Eu tive uma filha, e o segundo eu perdi, porque naquele momento eu não queria. Aí, só tive um filho com ele. Porque por ter dinheiro, ele queria ficar fazendo o que ele queria. Ele saía e me deixava em casa. Ele saía e trancava a porta. Eu não saía. E eu com 16 anos, 17 anos, eu era praticamente uma menina. Mas, eu dizia: Um dia eu vou ficar de maior. Quando eu cresci mais e fiz 18 anos, foi que eu saí. E fiquei revoltava, porque ele saía e me deixava em casa, nem sempre ele me levava. Eu traí meu marido (segundo companheiro) com o pai do meu segundo filho (terceiro companheiro), quando eu tinha 18 anos, mas foi um relacionamento rápido. Nós tivemos um filho, namoramos e eu engravidei. Eu tive um filho mais velho, que hoje tem 16 anos. Um dia, eu tava andando de bicicleta, aí eu conheci meu terceiro relacionamento (atual), e que tenho um filho de 16 anos com ele. Só, eu sei que estava errado, com a

Uso de métodos contraceptivos

<p>cabeça que eu tinha, eu achei que eu devia fazer isso porque ele (segundo companheiro) estava me maltratando. Me dava tudo, mas só que me deixava em casa, nem sempre saía comigo, saía com os amigos. Vinha de Aracaju, só chegava assim tarde e aquilo foi me revoltando. Mas, não agredia. Só essas coisas mesmo. Foi quando fiquei indignada, cresci, amadureci, fiquei com o pai deste filho (terceiro companheiro e atual). A gente namorou, depois terminei. Eu fiquei 13 anos com ele (segundo companheiro). Com trinta anos de idade, eu me separei. E hoje, o menino mora com meu segundo companheiro. Ele ama demais. Ele disse que foi o filho que ele perdeu. Se dão muito bem. Dá tudo ao menino. Ele (segundo companheiro) me deu a minha casa. Ele sempre me ajudou. Hoje, ele é como um pai pra mim. Ele já tem esposa. Depois, eu conheci meu quarto companheiro, o violento. Ele me tratava muito bem, era carinhoso. Muito carinhoso. Me levava pra todo lugar. Me dava rosas, flores. No início tudo são flores. Mas, era maravilhoso, de paparicar mesmo, fazer carinho. Ele era demais. Depois, ele começou a mudar devido ao ciúme. Era bom, mas depois ele ficava muito agressivo. Ficava me maltrando, essas coisas que faz com que a mulher desgoste. Ficava me xingando, dizendo que eu não ia sair, que eu não ia vestir aquela roupa, que eu não ia calçar aquele sapato. Eu só vivia de cabeça baixa, não podia sair de jeito nenhum. Ele não deixava. E se saísse com ele era olhando para o chão e ele me conduzindo. Eu ficava em depressão. Ficava muito triste pensava assim: poxa eu nunca passei isso com meu pai que me dava de tudo. Eu já queria deixar ele, mas não tinha como porque ele ameaçava. Ele me</p>	<p><b>Percepção de maus tratos pelo companheiro</b></p> <p><b>Separação</b></p> <p><b>Segundo companheiro/Apoio</b></p> <p><b>Quarto companheiro/o violento</b></p> <p><b>Ciúme</b></p> <p><b>Ameaça</b></p>
---	--

<p>ameaçava demais. Se eu fugisse dele, não ia adiantar, ele ia atrás de mim, me caçar. Ele me ameaçava me matar. Pra falar a verdade eu não tinha coragem de usar métodos pra não ter filho dele, porque eu amava ele, eu amo até hoje. O relacionamento foi bom e outras foram ruins. Ele, quando ia lá em casa, ficava bem, me tratava bem, ficava me acariciando barriga, me dando carinho, fazendo o desejos que eu queria, mas depois ele ficava de novo transtornado e aquilo me deixava péssima.</p> <p><b>Depois, do segundo filho que ele começou a ficar agressivo e ciumento.</b> Eu quis mais filhos, mas ele lá e eu cá, mas eu queria só os filhos. <b>Ele me forçava ter relação algumas vezes e eu fazia por medo. E querendo eu não, ele obrigava e acabou. Nós mulheres, somos mais vulneráveis. Nunca a gente consegue ser mais do que eles. Então ele fazia.</b> O outro aborto foi que meu filho teve um acidente de carro, eu estava de quatro meses aí eu perdi. Quando eu soube que meu filho teve o acidente, aí eu não suportei e perdi. E chegou uma época, que eu dormindo, ele deu um nó no meu cabelo. Eu tive que cortar meu cabelo. Menina eu fiquei mal. Quem me ajudou foi meu bom Deus e mainha. Mainha disse: Não se importe, que seu cabelo vai crescer rápido. Nem fique triste. E foi verdade, meu cabelo cresceu rápido (risos). Todos têm ciúmes do meu cabelo. Eles falam. <b>Um dia, ele tava no trabalho, eu atendi o telefone, aí ele pegou, quando ligou, falou: Ah eu vou te matar, eu sei que esse filho não é meu, aí pronto aquilo. Eu disse: Oh meu Deus do Céu. Eu comecei a chorar, eu desabei e aí eu desmaiei.</b> Os meus dois filhos me colocaram na cama, quando eu acordei parecia que eu estava tendo pesadelo, mas não foi. <b>Foi real e a minha barriga ficou muito dura mesmo. Ficou</b></p>	<p><b>Ciúme/Agressão</b></p> <p><b>Violência sexual</b></p> <p><b>Ameaça</b></p> <p><b>Consequência da violência na gestação</b></p>
---	--

<p>doendo demais. Eu senti muita dor, comecei a sangrar. Eu querendo focar só na minha barriga, na minha filha. Só que não tinha como. Minha filha foi e chamou um táxi. Quando eu cheguei na maternidade, que eu tive a minha filha, ela respirou um pouco e depois.. (silêncio). Eu morri. Eu perdi a menina, fiquei muito triste que com oito meses eu tive ela. Só que quando eu cheguei no hospital, ela sem vida. Quando as pessoas iam me levar presentes na maternidade, que eu sabia que eu perdi minha filha, eu me cobria no leito e começava a chorar, só chorar. <b>Eu fiquei magra, bem magrinha. Minha mãe teve que me levar para o médico, pra começar a comer, pra passar vitamina. Minha mãe ia me levar para no psicólogo, mas eu disse que não. Estava muito fraca. Eu fiz pré-natal de dois filhos, mas eu não falei nada não, porque na época ele não tinha me agredido fisicamente. E ele (ex-companheiro) ia para as consultas quando podia. Elas (profissionais) não perguntaram nada não, viam a cara dele de anjo. Eu não falei, nem elas perguntaram.</b> Na gestação atual só fiz uma consulta de pré-natal e só falei sobre a gravidez mesmo. Eu não fiz mais por causa da copa, estava focada na copa. Eu gosto da copa. <b>Depois, eu não queria mais ele. Ele não morava mais comigo, não quis mais mesmo. Mas, como sempre quando os meninos iam pra escola, ele aproveitava que os meninos teriam que entrar, pra entrar, sabia o horário e entrava. Um pesadelo. Mas, depois foi pior, bem pior porque a gente chegou até a passar privação.</b> Porque não teria como eu sair e comprar suprimentos, ele ia ficava vendo a hora que os meninos saíam pra comprar pão, fazia as compras. Que meu filho e minha filha faziam as compras e eu ficava em</p>	<p><b>Perda da filha</b></p> <p><b>Pré-natal</b></p> <p><b>Denúncia</b></p> <p><b>Separação/Ameaça</b></p>
---	--

<p>casa. Aí, ele via e aproveitava e entrava em casa. Não tinha como. <b>Era uma perturbação. Eu não trabalhava, nunca. Eu tinha seis filhos, já tinha tido quatro filhos dele. Eu me sustentava com a pensão da minha filha e com a pensão do meu filho. Meu ex me ajudava. Ninguém saía de casa. Às vezes, eu jogava a cesta, que eu moro no primeiro andar, pedia alguém pra comprar e jogava na cesta (risos). Eu tive que gradiar as minhas janelas todas, gradiar a minha porta.</b> Você vai na minha casa, até hoje é toda gradiada. Quando ele entrava, às vezes era violento, vinha logo me batendo dizendo que eu não deixei ele entrar, e chorando dizendo que me amava. <b>Mas, eu queria dizer que não dava mais, mas se eu falasse ele me agredia. Aí, eu ficava calada ou dizia que eu amava e que aceitava. Mas, por dentro ali o coração (silêncio).</b> Eu cheguei a sentir, ficar com dores no coração de tanta dor que eu não queria. Porque eu não queria mais aquela situação, que dói, dói de coração mesmo. <b>Eu senti muita dor de cabeça, dor nos olhos, depressão, dor coração, respiração, insônia, falta de apetite. Por causa das agressões tanto físicas quanto verbais. Eu não ia pra unidade de saúde por medo mesmo, eu ficava trancada em casa. Meus filhos quase perdem de ano por isso, não estavam freqüentando mais escola. A gente ficava enclausulado.</b> Meus filhos ficavam com pena de mim, chorando, a gente ficava ajoelhados no chão, sempre Jeová, pedindo a Jeová. Ele ia de madrugada, porque ele sabia que as viaturas demoravam de ir. Os meninos querendo dormir, ninguém dormia. Ele ficava querendo invadir, aí a gente só no telefone. <b>Eu dei umas duzentas queixas ou até mais. O atendimento foi muito bom, muito bem tratada, os policiais, delegada, delegados,</b></p>	<p><b>Cárcere privado</b></p> <p><b>O silêncio pelas ameaças e o medo de agressão</b></p> <p><b>Consequência da violência na gestação</b></p> <p><b>Atendimento na delegacia</b></p>
---	--

<p><b>assistente social, tudo gente fina. Ele ficou um mês preso pela delegacia da mulher. Proibiu ele cem metros de distância de não ir lá pra casa, mas não adiantava que depois ele ia. No outro dia, ainda ele estava lá 31 dias preso e não adiantou nada.</b> Eu sentia medo. <b>Eu não tinha muito assim medo porque eu tinha meu Jeová que sempre estava comigo. Ele (Jeová) sempre me livrou. Ele (Jeová) me livrou da morte.</b> Dois dias antes que ele foi assassinado, ele disse: Eu vou te matar, vou te esquartejar, vou te colocar no saco de lixo e vou jogar aqui na porta pra seus filhos verem. Porque ele sabe que eu amo muito, é a relíquia da minha vida, são meus filhos. E tinha ocasiões, que ele tava lá em casa, ele ia pegar a mala e colocar a menina, a filha dele, de dois anos para levar. Pra fazer chantagem. Ele disse que se eu não voltasse, ele ia levar ela pra sempre e eu não ia ver nunca mais. Eu sempre denunciava porque eu não queria ele lá em casa, eu o amava, queria demais, mas se eu continuasse eu ia morrer. Eu tinha medo de deixar meus filhos. <b>Eu dei queixa de novo, aí a delegada disse que ele ia ficar preso sem direito fiança, mas ele não foi preso porque foi assassinado.</b> A gente ia ter que morar no Rio de Janeiro. Todo mundo. Mainha ia levar a gente porque eu tenho irmã lá. Eu tive apoio de minha mãe, família, muito. Da Igreja não porque não estava freqüentando ainda o salão do reino. Eu sempre tive contato com meu Deus, que ia para o salão com pai e mainha. Mas, depois de pequena não, depois que cresci não tive muito acesso por causa dos meninos. Mas, depois que ele faleceu, eu peguei meus filhos e levei para o salão. Eu fiquei muito feliz em poder ir de novo e se associar com as testemunhas de Jeová. Mesmo, depois ele fazendo essas</p>	<p><b>Medida protetiva / Lei Maria da Penha</b></p> <p><b>Confiança em Jeová</b></p> <p><b>Queixa na delegacia novamente</b></p>
--	--



coisas, eu quase morro, porque quando o pai dele ligou pra mim dizendo que ele foi assassinado. Eu disse: Onde ele está seu Zé? Eu quero ir lá ver ele? Ele disse: No lugar que ele está, você não pode ir. Eu disse: Por que? Ele disse: Porque ele está no necrotério. Eu não acreditei. Eu disse: É o que seu Zé? Ele disse: É isso mesmo, ele foi assassinado. Aí pronto, eu caí, desmaiei. Só que nesse intervalo que eu desmaiei, Jeová falou comigo dizendo que não era para eu me aprofundar nas lembranças. Sabe aquele filme que passa na sua cabeça. Só que não passou nada ele fazendo coisas ruins, só coisas boas. Eu fiquei.. Meu Deus do Céu. Meu coração acelerou demais. Eu desmaiada. Minha sogra foi lá, me deu um remédio. Eu fiquei melhor. Depois, que caiu a ficha mesmo sabe, uma dor que eu nunca tinha sentido. Uma dor horrível, parecendo que o chão abriu. Eu amo muito ele. Eu nunca vou esquecer ele. Porque tinha coisas que ele fazia boas. Ele cozinhava de tudo pra mim. Perguntava: O que é que você quer comer hoje amor? Qual o suco que você quer? Ele saía comprava. A gente jantava a luz de velas, saía, jantava fora. Ele gostava de dançar. A gente ia pra o casamento dos amigos. Era maravilhoso. Eu achava que ele mudava de verdade. Mas, eu acho que era Satanás. Tem um trecho da bíblia dizendo que quando a gente se casa, a gente tem muita atribulação. Por isso que tem muito divórcio, muitas brigas nos relacionamentos. Você não vê tantos os casais querendo ficar, até se amam, mas não consegue porque Satanás não deixa. Quando a mulher e o homem se juntam, o amor fica forte demais. Mas, Satanás não gosta do amor, ele gosta do ódio e da tristeza, por isso que acontece. Os coitados dos filhos ficam tudo mal. Ele não gosta de ver ninguém bem. O mais que me marcou a minha vida foi esse homem. Eu

parecia que estava no inferno. Eu sentia tristeza. Várias vezes senti vontade de morrer, de desistir da vida. Mas, como eu tenho meu bom Deus, sempre pensando, conversando com ele. Ele: Não isso tudo vai passar. Um dia vai passar. Passou. **Eu não acreditava mudança com ele não. Eu sabia que com ele não. Jeová disse que um dia eu ia ser feliz, um dia eu ia ter paz na minha vida, e eu sempre acreditei. Eu dizia poxa, eu quero ter um marido que seja carinhoso comigo, não fique assim me maltrando, me xingando, me desmoralizando. Eu sei que um dia vou ter e lindo claro. Só gosto de homem lindo (risos). E Jeová me deu. Eu sempre orava. Se a gente não orar, nada acontece em nossa vida, pode ter certeza.** Quando fiquei viúva e que ele (companheiro atual) deixou a mulher, eles se separaram, a gente se encontrou, aí agora está voltando de novo. Ele não tinha namorada, depois ele conheceu a namorada, que foi mulher dele e teve um filho. Eu já tive duas filhas com ele, Lauriha e Melodi. Depois desse intervalo, eu tenho 4 anos com ele. Sempre foi carinhoso, foi o melhor. Esse (atual), ele sente ciúme, mas pra mim ele não demonstra no falar. Ele demonstra assim, quando eu quero sair com ele, ele diz: Ah hoje não. Aí, já está demonstrando que está com ciúme. **E hoje eu tenho essa paz, eu não tinha paz de chegar na minha casa, me deitar e sentir aquela paz interior. Eu ficava chorando, eu dizia, mas eu sei que um dia eu vou ter essa paz. E, hoje eu me deito. Quero assistir um DVD, eu coloco, não importa a hora. Eu fecho meus olhos, aquele silêncio que eu não tinha. E hoje eu tenho isso tudo. Tenho a minha liberdade, que eu amo dançar. Sei dançar muito bem. E aprendi sozinha. E nadar também (risos). Hoje eu estou no**

**Esperança em mudança**

**Hoje/A mudança**

<p>paraíso. Hoje, eu estou muito feliz. Meu relacionamento é muito bom. Coisas que eu não fazia com meu ex-companheiro, de vestir um vestido mais colado, um short jeans, uma calça jeans, minhas botas, porque eu amo andar de botas. Hoje, já eu posso sair, colocar os brincos que eu quero, me maquiar do jeito que eu quero. Soltar meus cabelos, que eu amo meu cabelo. Eu sou uma pessoa que respeito todo mundo, amo meu próximo. Não gosto de ver as pessoas sofrendo. Se as pessoas tiverem sofrendo, eu sofro. Não é nada de cinismo, mas eu sou muito humana, eu odeio falsidade, por isso que não tenho amizade nenhuma. Eu falo, oi, se tiver dançando, as pessoas vêm, faz questão de dançar comigo. As mulheres amam meus passos, pedem pra eu ensinar, a gente dança e depois tchau. Cada uma fica na sua. Não gosto de amizade pra ficar assim. Se uma pessoa tiver necessitando de alguma coisa, tiver a meu alcance, eu vou e ajudo, um conselho, tem como eu ajudar. Eu já passei por essas situações, mulheres que eu vejo que estão necessitando, dá pra ver a áurea. As pessoas que não gostam de ver a maldade em seu próximo, tem esse poder de detectar algumas coisas assim boas e ruins nas outras. E até adivinhar, acertar as coisas que está passando por elas, eu mesmo acerto, elas se abrem comigo. Eu já ajudei e ajudo várias pessoas, dou conselhos com marido, mãe, irmãs, amigas que querem inimizades. Elas: poxa obrigado.....</p>	<p>Possibilidade de mudança</p>
--	---------------------------------

**ENTREVISTA 14**

Possui 34 anos, parda, evangélica, estudou o ensino superior completo. Em união estável. Não trabalha fora de casa, está desempregada, dependente parcialmente financeiramente do companheiro. Teve dois companheiros. Companheiro atual tem 31 anos e possui emprego fixo. A primeira relação teve com 16 anos, tendo engravidado três vezes, teve um aborto espontâneo. Realizou o pré-natal com início no segundo trimestre (c/ 4 meses), com seis consultas. Intercorrências obstétricas: infecção urinária. Nega uso de drogas lícitas e ilícitas, refere uso de drogas lícitas (álcool) pelo companheiro, irmãos e familiares. Com freqüência do uso ocasionalmente.

A minha relação com meus pais foi tranqüila e foi difícil porque meus pais separam muito cedo, eu tinha 4 anos de idade. Minha mãe veio embora, veio pra Salvador, que eu sou de Santo Amaro. E eu fiquei sendo criada pelo meu pai porque meu pai ganhou a nossa guarda, minha e de minhas três irmãs, eu era a terceira. Então assim, eu fui criada com madrasta. A minha primeira madrasta não foi uma pessoa legal, maltratava muito a gente. Com nove anos de idade, meu pai arranhou uma outra pessoa e hoje eu considero como minha segunda mãe porque me ajuda muito. Assim, com meu pai, meu relacionamento é muito tranqüilo, gosto muito dele, ele me ajuda muito. Minha mãe também é supertranqüila, minha mãe é evangélica. Sempre que pode está me ajudando, orando por mim. Eu não tenho do que reclamar não. Minha primeira madrasta me maltratava, inclusive é minha própria tia. Batia na

**Relação familiar****Violência na infância**

gente, ela não foi muito gentil não. Minha mãe é de Pernambuco, veio embora pra aqui com meus tios e aí foi quando ela conheceu meu pai, e foi morar com meu pai. Nesse período, minha tia veio também, não tinha onde ficar, ela era mais nova que a minha mãe, minha mãe acolheu ela em casa. E quando a minha mãe se separou, ela ficou e assumiu a vaga como esposa de meu pai. Tanto que eu tenho uma irmã, que é minha irmã e minha prima. Então assim, pelo fato de ser tia ela maltratou muito a gente mesmo. **A gente passava hora de se alimentar por conta dela mesmo, porque ela não queria que a gente se alimentasse. Teve uma vez, que ela cortou meu cabelo e de minha irmã bem curtinho parecendo cabelo de homem.** Quando a minha mãe viu aquilo, minha mãe se chateou. Meu pai sabia, meu pai foi brigar com ela. Não lembro o que ela fez comigo, meu pai na hora se chateou, chegou até jogar uma farinha nela. Aí começaram a brigar, aí ela pegou e foi embora. Não sei quanto tempo ela ficou com meu, porque eu não lembro o período. Depois que se separam, eu passei um período sozinha com meu pai e a minha irmã caçula. Hoje ela mora no Rio, ela é evangélica também, ela veio aqui em Salvador, procurou os parentes pediu desculpas. Pediu perdão a minha mãe. Aí, meu pai arranjou essa madrasta (2ª madrasta) e está com ela há mais de 20 anos hoje, ela foi mais do que uma mãe, a gente sempre fala. Minha mãe morre de ciúmes dela por causa disso. Porque a gente tem um chamego muito grande com ela. Eu fiz faculdade, ela me ajudou muito. Meu filho agora, ela me ajudou muito. Se eu precisar de qualquer coisa, eu ligo, ela vem correndo. Nenhuma das minhas irmãs têm o que se queixar dela. Meu pai também é aquele que apóia, quando eu venho para o hospital, ele vem me pegar. Se

**Agressão na infância**

eu precisar, eu ligo pra ele. Meu pai ajudou a construir a minha casa. Eu não tenho o que reclamar dele e de minha mãe também. Com 12 anos de idade, eu vim pra Salvador morar com a minha mãe. O marido dela era fechado, chato, mas eu fui levando. Foi um dos fatos que me fez pensar em casar até cedo. Porque eu tinha um pensamento de não casar cedo, não ter filho, aí vim pra Salvador. Sempre falo, a gente vem morar com mãe e mãe que não tem muito contato e já grande, aí sempre tem conflito. O marido de minha mãe também era da igreja, não xingava nem nada, mas fazia questão de tudo. Se era comida, ele falava. Já tinha uma filha com minha mãe que era até a caçula, que eu vim ajudar pra olhar. Aí fazia vontade da menina, a gente falava uma coisa, ele não gostava. Era chato, chato. Tinha a neta dele que morava na mesma casa que a gente. Ele criava a neta dele na época. Hoje, ele é falecido. Já tem mais de 14 anos. Eu continuei estudando, em um colégio particular no mesmo bairro que morava. Minha mãe me matriculou na escola. Mas, às vezes, o padrasto que não era muito legal. Aí eu falei: oh não dá pra mim não. Foi aí que eu conheci o pai do meu filho. **Minha primeira relação, eu estava com 16 anos, ainda ia casar, faltava 3 meses para eu casar. Eu conheci ele com 13 anos e comecei a namorar com 14 anos de idade.** A gente começou a namorar, depois a gente casou. Mas, quando eu perdi a minha virgindade, eu ia fazer 3 meses antes de casar. Eu casei com 16 anos, com ele na Igreja e tudo, achando que ia melhorar. Piorou a minha situação. **Eu não usava método, eu não entendia nada. Na escola não tinha conhecimento, não lembro de ter tido palestra sobre isso não. Minha mãe é muito fechada, não ia conversar com agente sobre isso aí, meu pai piorou porque é homem não ia falar**

**Primeira relação**

**Uso de métodos contraceptivos**

<p><b>nunca né?</b> E até porque, quando eu morava com meu pai, meu pai nunca deixou a gente namorar. Quando eu vim namorar foi quando vim pra Salvador. <b>Assim, quem me ensinou, quem conversou muito comigo foi meu ex-marido, que me levou para o médico, a médica conversou comigo. Comecei a tomar anticoncepcional, que ele me ensinou, porque eu não sabia nem como é que eu tomava. Foi tranquilo. Ele começou a me levar para o médico porque eu não entendia das coisas.</b> A médica conversou comigo e conversou com ele. Foi aí que eu tentei usar o anticoncepcional, mas não me dei bem. Mesmo assim, eu continuei forçando, usando ainda por um ano o anticoncepcional. E muita coisa eu aprendi no pré-natal, que começavam a falar e eu ia tirando dúvida, perguntando. Aí foi que eu comecei a entender melhor as coisas. <b>Assim, a gente conviveu dois anos namorando, a relação era ótima.</b> As pessoas paravam na rua para elogiar a gente. Eu passei dois anos com ele sem briga nenhuma, a gente nunca brigou, nunca. Ele era novo, na época ele tinha 22 anos. Tanto que a escola que eu estudei, que era particular, <b>ele era professor da escola e eu fiquei até bolsista na escola por conta dele.</b> Ele se preocupava com farda, com caderno, com meu estudo. Ele era muito inteligente e ninguém tinha o que falar não. <b>Então, ele me incentivava a estudar. Quando a gente namorava, ele construiu logo a casa porque ele queria casar e morar comigo. Chegava 4 horas da tarde em casa e ele: Vamos para a praia. A gente saía. Minha mãe não teve mais despesa comigo. Roupa, sapato, tudo era ele que me dava na época de namoro. Tudo que eu precisava. A gente viaja, quando eu ia para Santo Amaro, para a casa de meu pai ele ia comigo. Não aparentava ser assim uma pessoa</b></p>	<p><b>Uso de métodos contraceptivos</b></p> <p><b>Relação com primeiro companheiro</b></p>
---	--

**agressiva.** Na época criei um grupo de dança, dancei muito aqui em Salvador. Fomos convidadas pra fazer uma apresentação de dança, eu fui com o grupo e ele foi também, e ele começou a tirar minhas fotos eu dançando, e aquilo ele enlouquecido. No mesmo dia que ele bateu as fotos, ele abriu a máquina tirou o filme e jogou no mar. Minha mãe não gostava, meu pai sempre me apoiou. Mas, eu não continuei mais a dançar porque minha mãe ficava me pressionando. Quando ele viu o tamanho da roupa, porque a gente não tirou a medida, então a saia ficou muito pequena, o tope ficou muito apertado. E aí, quando ele viu: Você vai dançar com essa roupa. Então você vai escolher ou o noivado ou a dança. Eu disse: A dança. Ele: Me dê a aliança aí. Ele pegou a aliança, mastigou e jogou fora. Ele estressado, o olho virado e ele respirando fundo de raiva. Eu falei: Eu vou dançar. Eu nunca fui apegada. Meu pai perguntou uma vez: O que você quer de aniversário? Eu disse: Ir pra São Paulo dançar. Meu pai foi e pegou o dinheiro. Minha mãe perguntou: E Marcos? Eu disse: Vai ficar aí. Eu já estava namorando com ele. Tanto que um amigo dela foi lá em casa conhecer minhas três irmãs, mas aí minha mãe pegou umas fotos minhas e mostrou a ele, ele disse: poxa sua filha ela é bonita. Minha mãe: É. Foi quando ela falou que se arrependeu muito, porque eu queria fazer muita coisa e por causa dela eu não fiz. Não fui por conta dela, que ela não deixou eu ir. **Quando eu casei, acho que uma semana depois ou duas semanas depois, acho que aí ele disse: Casei, agora não tem mais pra onde correr. Aí, começou a agressividade dele, ciúmes, era muito ciumento, muito ciumento, eu não podia olhar para o lado. Ele mesmo confessou pra mim na época, que a esposa que ele tinha na época traiu ele com os**

**Ciúme/Agressividade**



<p><b>próprios amigos dele.</b> Ele era gerente do posto de Gasolina de castelo Branco, e ele colocou esses colegas pra trabalhar com ele lá. E os colegas ficavam falando dela e ele não sabia que era ela. Comentando dela e ele ria junto, mas não sabia que era ela. Tanto que na época, ela pegou até uma doença sexualmente transmissível e passou pra ele. Na época que ela começou a pegar vários homens e depois ele ficou sabendo que eram os próprios amigos dele. <b>Então, eu creio que foi um dos fatos dele tem esse medo todo de traição, não sei. Dizem que quem gosta muito tem esse ciúme doente. Não sei. Ele gostava muito de mim. Se alguém da igreja passasse por mim, se fosse homem, chegava em casa ele quebrava tudo. Às vezes, o irmão dele ia lá em casa, eu gostava muito de tirar foto, eu gostava de dançar, queria ser dançarina, cantora, amava fazer isso aí. Igual a meu pai, meu pai tem esse lado artístico dele. É poeta, faz peças nas faculdades. Tem 65 anos meu pai. Eu tirava muita foto, tinha muita foto em casa porque eu amava fazer isso. Aí, o irmão dele elogiou algumas fotos minhas, ele gravou quais foram as fotos e rasgou todas as fotos que o irmão dele tinha elogiado, todas. Às vezes, eu estava na rua, aí ele falava: O que você está jogando o cabelo. Eu dizia: Eu não estou jogando o cabelo. Então, eu era assim, muito calada. Não era medo, mas não sei, eu me controlava mesmo, me controlava mesmo.</b> Pra sair no bairro, que eu morava no mesmo bairro que a minha mãe, <b>eu não ia ver a minha mãe porque ele não deixava. Não queria que fosse ver a minha mãe, teria que ser com ele.</b> Uma vez, minha irmã teve um problema com o bebê, não sei o que foi, eu tive que ficar com meu sobrinho na casa de minha mãe até ela voltar do hospital, foi motivo dele quebrar tudo dentro de casa. Inclusive o</p>	<p><b>Justificativa para o ciúme</b></p> <p><b>Violência patrimonial</b></p> <p><b>Silêncio</b></p> <p><b>Controle do companheiro</b></p>
--	---

<p>armário que era de vidro na cozinha, ele quebrou todo e colocou os estilhaços do vidro dentro da comida, e eu não vi. Quem viu foi minha mãe, minha mãe que viu. Cheguei em casa que vi o armário de vidro quebrado, minha viu logo, na época eu não maldava as coisas, quando minha mãe mexeu na comida, estava toda na comida os pedaços de vidro. Todo. Aí começou briga, briga. Eu não queria mais. <b>Depois de um ano que eu comecei a tomar anticoncepcional, a gente teve um probleminha, a gente começou a brigar, ele jogou meu anticoncepcional no vaso sanitário. Daí, ele forçou pra ter relação comigo, eu não queria, não queria. E acabei cedendo por causa da persistência dele. Eu até recordo que foi quando eu engravidei de meu filho, que hoje tem 16 anos de idade. Mas, mesmo assim, eu fiquei tranquila. Não fiquei querendo tirar. Não fiquei desesperada. Até porque eu não sabia nem o que era ter filho. Não tinha entendimento nenhum mesmo na época. Eu tinha 17 anos. Depois disso aí. Quando eu soube que estava grávida mesmo, ele tinha me agredido e chegou a dizer assim: Ah você não está grávida não, você está com mioma. Mas, ele sabia que eu estava grávida, ele fazia isso pra me pirraçar. Logo no começo da gravidez, ele me agrediu. Eu tive uma briga com ele no banheiro, que ele me agrediu, eu virei o rosto rápido. Eu acho que ele chegou a dar um murro no meu rosto, que eu fiquei com o olho roxo. Fiquei uns 15 dias em casa sem poder sair, com vergonha. Ele fazia e se arrependia.</b> No dia seguinte, ele queria porque queria que eu fosse pra praia com ele e eu dizia: Rapaz, eu não vou, não vou com esse olho assim. Ele dizia: Umbora, bote o óculos. Porque eu usava óculos na época. Ele me forçou ir pra praia com ele</p>	<p><b>Violência sexual</b></p> <p><b>Gravidez</b></p> <p><b>Violência na gestação</b></p> <p><b>Quotidiano de violência na gestação</b></p>
--	---

assim. Eu tive que ir. Na época, eu obedecia mesmo. Aí fui pra praia com ele assim, com o olho roxo, encontrei até o pai dele no caminho. Aí a gente ia pra Igreja depois de uns dias e minha colega disse: Foi ele que fez isso aí, não foi? Eu disse: Foi. Com o olho roxo. **Minha mãe ainda perguntou o que era. Eu com vergonha disse que tinha escorregado no banheiro e tinha batido na torneira do banheiro. Minha mãe sabia que tinha sido ele. Aí começou a agressividade, ele possessivo. Eu não podia olhar para o lado. Quando eu saía, quando voltasse ele tinha que ver como estava a minha calcinha para ver se eu tinha trocado, se estava suja pra ver se eu tinha pego outro homem na rua.** E aí, teve um dia que ele queria ter relação e eu não queria porque eu não gostava mais dele, não queria mais ficar com ele. Depois de muita coisa, ele pegou uma seringa, perguntando que cor eu queria que ele me furasse, se era azul, porque ele trabalhava em uma gráfica, como ele enchia os cartuchos colorido, ele pegou uma seringa com a agulha e perguntou: Que cor você quer que eu te fure. Ainda ficou derramando a coisa da seringa em mim. Eu sempre fiquei tranqüila com ele. Eu dizia: Não tenho medo de você não. Não tenho mesmo. **Eu engravidei com 17 e tive ele com 17 anos. Todos os pré-natais que eu fiz, ele me acompanhou direitinho. Não deixava faltar nada, alimentação, a veste, não deixava faltar nada. Tanto que o pessoal elogiava muito. Ele queria que eu andasse o tempo todo arrumada. Ele deixava de se vestir pra me vestir. Disso aí não tenho o que reclamar dele não. Não queria que eu trabalhasse, só queria que eu estudasse.** O sonho dele era abrir uma escola. A gente chegou a ter duas escolas juntos, uma em Valéria e outra perto de Castelo Branco. Ele queria que

Quotidiano de agressões

Pré-natal

Controle/Possessividade

<p>eu fosse professora, porque ele era professor na escola. E aí ele queria que eu estudasse, fizesse faculdade pra abrir uma escola junto com ele. <b>Mas, o ciúme era pior de tudo. Era terrível. Teve uma vez que eu liguei pra meu pai, que eu não estava mais agüentando.</b> Que ele jogou um copo de café no meu rosto. Que ele falou: Cadê o meu café? Eu dei a ele. Quando eu tava com raiva, aí eu falei: Cuidado que pode estar com veneno. Aí ele picou o copo de café no meu rosto. Aí, não agüentei e falei na época pra meu pai o que estava acontecendo. Falei por alto que ele estava me batendo. <b>Meu pai chegou com policial lá, o policial queria bater nele, eu que não deixei.</b> Ameaçou ele: Você gosta de bater em mulher né? Então vamos ver se você gosta de apanhar também. Aí eu não deixei na hora. <b>Meu pai me levou embora pra Santo Amaro. Ele foi atrás. Mandou o tio dele ir atrás. Como estava grávida, eu não queria falar pra ninguém. Aí, o tio dele falou: Ah estou sabendo que você está grávida, é verdade? Volte, volte pra casa. Eu moro perto e vou ficar sempre te visitando. Eu vou conversar direitinho com ele. Aí eu voltei e continuou as mesmas coisas. Durante a gravidez, eu não me alimentava mais, perdi muito peso, muito peso mesmo, tive uma tosse muito forte por conta disso, eu creio. Não me alimentava mais, chorava o tempo todo.</b> Durante a gravidez, ele ficou mais calmo, na verdade foi com oito meses que ele ficou discutindo e me agrediu. Ele diminuiu na gravidez, acho que ele pensou: ela está grávida, ninguém vai olhar, acho que ele se acalmou por conta disso. <b>Nunca fui para a Unidade de Saúde, eu não vi necessidade na época não e na verdade no pré-natal eu não queria me abrir com ninguém não. Eu nunca falei com ninguém, nunca</b></p>	<p><b>Ciúme</b></p> <p><b>Denúncia</b></p> <p><b>Apoio da família</b></p> <p><b>Retorno à relação/continuidade das agressões</b></p> <p><b>Consequências da violência para a saúde da mulher</b></p> <p><b>Serviço de Saúde</b></p>
--	---

**gostei de conversar, meu particular nunca gostei de falar não.** Muita coisa minha mãe não ficou sabendo não, também pra poupar, ela tinha pressão alta, pra não ficar aborrecendo ela. **Quando eu estava com uns 8 meses já. Ele me ameaçando, eu dizendo que eu ia embora de casa. Ele pegou uma bicicleta minha e trocou por um revólver que eu não sei lá onde ele achou. Eu tinha ido pra casa de minha mãe. Eu tinha ido buscar a minha farda, que eu ainda estudava, a minha camisa da escola. Isso, ele trancou a porta para eu não sair. Pegou o revólver, chegou a dedilhar umas duas ou três vezes na minha cabeça.** Eu disse: Pode matar. Eu ficava tranqüila com ele. Da outra vez, que eu consegui sair, já tinha terminado com ele, quando eu me separei dele, ele disse: Não eu vou mudar. Começou a ir pra Igreja. Ele saía pra campanha, saía meia-noite pra ir pra essa igreja, a Universal. Já tinha tido meu filho já. Como a gráfica que ele tinha, funcionava em casa, no outro vão, ele sempre saía e trancava o portão pra eu não sair. Nesse dia, ele deixou a chave onde ele trabalhava, e eu vi e fiquei calada. Quando ele saiu, eu peguei a chave. Segurei meu filho, abri o portão. Já era mais de meia-noite, eu saí com meu filho enrolado na rua, tomando susto porque como era um caminho só de ida e volta eu disse: Ele vai me achar. Foi a minha sorte que passou um ônibus, um pernoite, botei a mão, motorista parou, achando que eu estava levando o menino para o hospital. Eu não conseguia nem trancar o cadeado da porta. Tremia tanto, mais tanto. Eu larguei cadeado aberto, chave, tudo lá jogado. Aí, o motorista parou no módulo perto da casa de minha, eu descí pra ir pra casa dela, liguei do orelhão que estava chegando lá. Aí o policial me parou, que era amigo de minha mãe e me perguntou:

Agressão na gestação

Está acontecendo alguma coisa. Eu disse: Não, não. E eu nervosa. Aí, minha mãe abriu a porta, eu entrei. Aí, ele ficou me procurando, me procurando. Eu me escondi debaixo da cama no outro dia. Minha mãe disse que eu não estava lá. Quando voltei pra casa, eu cheguei em casa, tô vendo um tubo de água torto. Vi que tinha queimado todas as minhas roupas, queimou sapato, acabou com tudo meu. Não tinha nada, nada. **A gente ficou seis meses separados. E ele na cola, dormia na porta de minha casa. Não comia, minha mãe que tinha que dar comida pra ele, ele chorava o tempo todo pra eu voltar pra casa. Pra eu voltar que ele não ia fazer mais, não ia fazer mais. Algumas vezes o pastor conversou comigo que só podia se separar se fosse por morte ou por traição.** Aí depois de seis meses eu voltei pra casa. Teve uma agressão que eu estava dormindo. Ele tinha pego uma agenda minha e ele começou a ligar para as pessoas, pra saber quem eram as pessoas que eu estava falando. Uma dessa, ele ligou pra um colega meu, o cara não tinha nada a perder, começou os dois discutindo pelo orelhão. Eu estava dormindo, era de madrugada, ele foi ligar para o rapaz de madrugada, um dos meus colegas da escola. Eu estava dormindo com meu filho do meu lado. Eu lembro que a mãe dele tinha me dado uma corrente. Eu gostava dessa corrente pra caramba. **Ele pegou uma faca pra passar no meu pescoço, só que agarrou na corrente e a corrente partiu porque ele puxou com a faca, aí a corrente chegou a passar por debaixo da porta e caiu lá no quintal. Aí, ele começou a me engarguelar, me engarguelar. Meu filho ainda se assustou, caiu por cima de mim. Aí, eu comecei a orar, orar pedindo a Deus porque eu não tinha mais fôlego pra gritar. Aí,**

**Separação/perseguição**

**Agressão física**

foi que deram aquele baque na porta forte e ele foi ver o que foi. Aí, ele disse: Vá orar viu, vá orar porque não foi ninguém não viu, foi a sua oração, se não eu ia te matar hoje. O dente dele chegou a furar meu dedo, porque o susto que eu tomei, eu cheguei a empurrar ele com a mão. Aí, o pastor de manhã passou lá, eu disse assim para o pastor: Oh pra mim chega. Se eu morrer agora, eu vou para o inferno porque eu estou brigando com ele, se eu ficar eu vou morrer do mesmo jeito que ele vai me matar, eu prefiro ir embora de casa. Aí mostrei meu dedo pra ele, meu dedo inchadão, inflamado, que ele tinha furado até meu dedo. Eu falei: Se fosse sua irmã, você não ia deixar. Eu vou embora. Aí, foi quando eu saí de casa mesmo. Porque ele ficava me perseguindo, eu tinha que achar uma brechinha pra eu sair correndo. Aí, eu falei pra ele. Ele disse: Eu te dou uma semana pra você voltar. Desse dia cá eu não voltei não. Eu fui morar com minha mãe e ele ficou na casa. Ele passou três dias dormindo no portão lá de casa sem comer, chorando, minha mãe mandou ele ir pra casa, ele chorando, minha mãe dava comida a ele, ele chegou a dormir lá no sofá, minha mãe com pena dele. Eu dizia: Não volto mais não. Não quero mais, não quero mais. **E um dia, ele pediu pra ficar com meu filho no final de semana e eu deixei. Nessa, ele ficou três meses com o menino. E, eu sem poder ver. Eu fui conversar no módulo policial do bairro, o policial disse que não podia fazer nada porque só poderia até a criança se fosse por queixa de agressão, então não tinha, então não podiam ir lá. Aí foi que minha mãe perguntou a ele: Você quer o que? Ele disse que queria o documento da casa, porque ele estava morando na casa, mas o documento estava na minha mão. E aí, como tinha dado entrada no divórcio**

Atendimento  
delegacia

da

porque eu me casei com ele no papel, eu voltei no fórum com ele, só que eu não disse para o advogado porque eu pensei no meu filho, eu queria meu filho. Eu fui lá e disse a menina que estava querendo abrir mão da casa, que ele estava com meu filho e ele só ia abrir mão se eu passasse a casa para o nome dele. A própria escritã me instruiu pra passar a parte da casa para meu filho. Ele raspou a cabeça do menino todo, deixou o menino careca que eu nem reconheci. Eu até me aborreci com ele na época. **Mas aí, eu passei a casa, ele devolveu meu filho, que está comigo até hoje. É o meu braço direito. Fiquei seis meses na casa de minha mãe, desempregada. Eu tinha as duas escolas, mas na rua nunca tinha trabalhado de carteira assinada. A escola fechou. E aí depois de seis meses, eu fui para meu primeiro emprego. Na rede de supermercado. Eu fui trabalhar, comecei a comprar as minhas roupas. Ele ainda me agrediu depois disso, quando eu pedi pra ele olhar meu filho, que eu tinha que ir na rua comprar uma calça pra trabalhar. Porque ele queimou tudo meu e a empresa disse que só fornecia a camisa, a calça e o sapato, eu tinha que ter. Aí, minha mãe me deu dinheiro, eu fui comprar. Eu demorei, ele ainda chegou a abrir a sacola. Porque eu tinha comprado calcinha e sutiã, ele viu. Eu disse: Se eu não tinha nada, eu tinha que comprar. Ele começou a questionar. Aí disse que era pra eu ir pro motel com outro homem. Aí começou a agredir. Sempre que ele me agredia eu revidava, eu ia em cima dele também, não ficava parada, mas como ele era homem, era mais forte que eu, eu era magrinha. Pelo fato de ter demorado de comprar a calça, ele me agrediu de novo, minha irmã foi lá discutir, queria bater nele. Meu filho ainda deu uma mordida nele. Meu filho deu uma**

Trabalho



<p><b>mordida na batata da perna dele. Ia fazer dois anos. Quando ele ia bater no meu filho, eu fui em cima dele e disse:</b>Não bata em meu filho não. Aí minha irmã foi chegando na hora, se meteu pra bater nele também. <b>Aí, eu peguei meu filho e fui embora. Depois disso aí eu não voltei mais. Comecei a trabalhar, ele ainda foi atrás de mim no supermercado, pedindo pra voltar. Eu disse: Pra mim, acabou. Aí, mudei, fui morar em outro bairro. Saí de Valéria, fui morar com meu filho. Desse tempo pra cá, a gente se falava pouco. Logo depois, ele arranjou outra pessoa e casou. Tem outro filho que hoje deve estar com uns 14 anos de idade. Não voltei mais. Eu me sentia presa porque eu não podia fazer nada. Eu era muito calada na época. Ele me colocava coleira, eu não podia olhar para o lado. O que ele queria, eu fazia. Ele não queria que eu fosse pra casa de minha mãe, eu não ia, também eu não questionava nada. Se ele dissesse: Não vá. Eu não ia e ficava calada. Se ele dissesse: Não coma, eu não comia. Assim, ele me controlou muito.</b> Eu era nova, não tinha tido outro relacionamento, ele se aproveitou da relação, ele já foi casado, tinha até uma filha de quatro anos na época. Pelo fato de ser nova, não tinha entendimento. Hoje, eu já falo pelos cotovelos, tudo eu brigo, tudo eu falo. Quando eu procurei (delegacia), já estava até separada dele, foi o próprio pai dele que me levou, na época ele não concordou com aquilo, o pai dele pediu pra não falar. Eu registrei a queixa, e o pai dele pediu pra não falar pra ele que tinha me levado. <b>O pai dele me levou pra deixar queixa na Delegacia da Mulher. Eu não relatei tanta coisa, não relatei tudo. Só falei que ele tinha me agredido. Ela conversou comigo. Ela sempre dizia: Muitas mulheres voltam e tiram a queixa</b></p>	<p><b>Enfrentamento</b></p> <p><b>Sentimento de estar presa</b></p> <p><b>Silêncio pelo Medo</b></p> <p><b>Controle</b></p> <p><b>Denúncia</b></p>
--	--

porque o marido convence. Aí pediu para que eu não fizesse isso levasse pra frente. Mas, eu voltei lá pra retirar a queixa e disse que eu não estava mais com ele. Ela disse: Você tem certeza. Eu disse: Tenho. Nunca gostei de confusão. **Eu dei queixa, também, pra ele dar pensão de meu filho que ele não dava. Mas, pra ele não ser preso, que o filho dele da outra mulher tinha nascido algumas semanas, pela criança, eu disse: Se prender ele, meu filho já não comia do que ele dava, vai ficar mais um sem comida. Então pra ele não ser preso, eu disse que ele tinha dado a geladeira, o fogão para completar o valor, mas nunca existiu. Porque ele nunca deu. Ele foi dar agora, quando meu filho estava com 12 anos de idade. Porque eu coloquei na justiça e disse que não ia voltar atrás, foi descontado na folha de cheque dele. Abri a conta, dei a queixa dele e mandei descontar direto do contra-cheque dele. Até hoje, tenho tudo guardado, todas as queixas que eu dei nele. Tenho tudo autenticado. Elas notificaram, eu não sei se ele chegou a ir preso porque eu voltei pra tirar a queixa. Isso tudo prejudicou ele, porque ele passou no concurso da PM, mas quando foram tirar a ficha dele, aí ele perdeu por causa disso. Ele se chateou muito, entrou na justiça, mas mesmo assim ele não conseguiu não. Depois que meu filho estava maiorzinho, que eu comecei a trabalhar, aí sim eu comecei a ver as coisas com outros olhos, comecei a me desenvolver no trabalho. Fiquei dos 14 anos até os 21 anos com ele. Mas, ele sempre dizia que não esqueceu. Que se um dia eu quisesse voltar, ele largaria essa pessoa que ele está pra gente ficar junto. Meu filho sempre dizia que ele comentava também. Quatorze anos se passaram e não voltei. Na época peguei várias promoções no trabalho, passei sete anos no**

**Desistência da queixa**

**Pensão alimentícia**

<p><b>Bompreço. Eu almoçava correndo e me escondia em qualquer lugar pra estudar, pra passar no vestibular. Graças a Deus, eu passei no vestibular e me formei. No primeiro semestre, Deus abriu uma porta pra mim porque eu pagava escola, plano de saúde, plano odontológico. Eu saí de um emprego pra outro. Construí minha casa, paguei curso de informática pra meu filho, micro e segurança do trabalho.</b>No período que ele estava casado, eu fui até entregar o documento da casa que ele tinha ficado com meu filho de três meses escondido, que está até hoje na justiça hoje por causa disso aí. Porque ele morreu, a casa está lá alugada e a atual esposa dele está lá com casa e carro, tudo lá. Aí, meu filho recebe a pensão dele que ele era concursado.</p> <p><b>Eu tive depressão por tudo que aconteceu com meu primeiro marido. Procurei psicólogo, fiz alguns tratamentos e tudo por conta disso. Tomei medicação, mas minha mãe me incentivou a não tomar porque não era bom. Mas, cheguei a tomar. Eu sempre trabalhava, mas fiquei onze meses afastada da empresa por depressão, chorava muito. Cheguei a perder quatorze quilos em três meses. Aí, comecei a tomar medicamento.</b> Eu brigava com o pai do meu filho era por atenção, que ele não dava a meu menino. A parte de agressão eu esqueci, mas a parte maior era com meu filho. E aquilo me doía muito, ele morava no mesmo bairro e ele não procurava. Era festa na escola, mandava ele ir, ele nunca tinha tempo e eu senti que meu filho também sentia aquilo ali. Eu procurei um psicólogo para meu filho, conversei a situação. Ele ficava desenhando o pai no computador, ele sentado no sofá e o pai não aparecia. Aí, isso, mais que me fez procurar o psicólogo. Mas, a parte da agressão não me afetou tanto</p>	<p><b>Enfrentamento: a potência transgredindo os limites</b></p> <p><b>Dor psíquica /conseqüências da violência</b></p>
--	---

<p>assim. <b>Eu achei que ele ia mudar e não aconteceu ele dar atenção a meu filho, quando eu soube que ele morreu...(silêncio). Eu procurei um psicólogo e levei meu filho de novo. Mas, Deus sabe de todas as coisas. Hoje, eu estou curada em relação a isso. Ainda sinto mágoa em relação ao meu filho, ainda sinto.. (choro).Eu conheci meu companheiro atual, no dia que o pai do meu filho faleceu.</b> Eu recebi aquela notícia, tomei um susto do jeito que aconteceu. Foi no trabalho, ele viu o que tinha acontecido. Foi em uma sexta-feira, domingo ele me ligou. Eu passei mal, minha pressão baixou, aí começou a pegar amizade, aí começamos a namorar. Eu vou fazer três anos com ele. Ele é mais calado do que eu, eu me acho mais madura do que ele, mas a relação é tranqüila, Deus abençoou de termos esse filho juntos. A gente tinha terminado, quando vi que estava grávida, fui conversar com ele, se que ele não quisesse ficar, não tinha problema. Ele disse: Não eu vou ficar. Ele estava esses dias todos comigo, mas ontem ele foi pra casa ajeitar a farda que ele ia trabalhar hoje. Todo homem é igual, tem um lado bom e ruim. Mas, ele é muito calado, ele conversa muito comigo no telefone. Mas, de junto de mim ele não consegue falar nada, é muito fechado. Ele é brincalhão. Nesse instante, eu estava me acabando de rir com ele, falando um bocado de besteira. Hoje, eu vejo como se fosse timidez. Tanto que hoje eu chamo pra conversar, sair. A gente está morando junto há pouco tempo. A gente saia pouco, viajava, eu gosto de viajar, ele foi pra casa de minha família Santo Amaro, Candeias. <b>Ele é tranquilíssimo.</b> Eu sou mais briguenta que ele. Ele não gosta de briga. Ele me ligava dizendo que estava lavando o banheiro, a geladeira, fez a comida. Eu gosto de trabalhar e estudar. Não gosto de</p>	<p><b>Esperança de mudança</b></p> <p><b>Sentimento de mágoa</b></p> <p><b>Companheiro atual</b></p>
--	--

ficar dentro de casa. Já ele faz tudo, cozinha, passa, dá banho nos meninos, vai levar pra dar vacina nos meninos, ele faz tudo. **Eu vou tentar viver agora pra não acontecer a mesma coisa, criar filho sem pai. Porque briga sempre tem, a pessoa casa hoje e amanhã está separado. E eu não vejo desse jeito. Hoje, eu tento conversar mais. Se ele está chateado, eu tento soltar umas piadas pra relaxar. Pra não ter conflito, gerar uma separação. Pra que não aconteça a mesma coisa que aconteceu com o primeiro. Eu tento me controlar mais. Eu vou voltar a estudar, que eu ia fazer aula de estética.** Eu não fico parada não. Eu só não fiz agora, porque na minha gravidez eu passei muito mal. Minha mãe fala: Você não fica quieta. Eu gosto de estudar. Eu falei com minha madrastra: Vou fazer dança de salão. Gosto muito de dançar. Vou fazer a minha faculdade de estética. Minha madrastra é toda pra cima, ela falou: Vamos. Vou esperar o menino fazer cinco meses aí vou fazer com ela. Não quero trabalhar mais pra ninguém. Hoje, eu não estou realizada ainda, mas estou bem. Quando eu fiquei grávida, não gostei muito não porque eu queria fazer o curso.. **Fui pra Igreja, hoje eu sou evangélica, danço na igreja, criei um grupo lá também com as meninas. Canto na igreja porque eu gosto de cantar. Hoje, estou me sentindo melhor. Tudo é o tempo de Deus. Tudo é pela permissão de Deus. Graça a Deus eu realizei meu sonho de ter a minha casa, minha faculdade que tanto queria, os cursos que eu queria fazer, consegui incentivar meu filho a estudar, que ele ainda está estudando, consegui pagar os cursos que ele queria fazer. Pra mim falar foi bom, foi tipo até um desabafo, porque conversando a gente coloca pra fora. Conversando assim foi bom, foi um**

**Possibilidade de mudança**

**Apoio da Igreja**

<b>desabafo....</b>	
---------------------	--

<p><b>ENTREVISTA 15</b></p> <p><b>Possui 23 anos, preta, evangélica, estudou o ensino fundamental incompleto. Em união estável. Dona de casa, dependente parcialmente financeiramente do companheiro e recebe bolsa família. Teve um companheiro (atual), que tem 27 anos e possui emprego fixo. A primeira relação teve com 17 anos, tendo engravidado quatro vezes, não teve abortos. Realizou o pré-natal com início no segundo trimestre (c/ 4 meses), com quatro consultas. Intercorrências obstétricas: hemorragias, ameaça de aborto. Nega uso de drogas lícitas e ilícitas e informa uso de drogas lícitas (álcool e cigarro) pelo companheiro, irmãos e familiares. Com frequência do uso de álcool por até três vezes por semana e do cigarro diariamente.</b></p> <p>Minha infância foi bem, apesar de eu ter muitos irmãos, foi ótima. A minha mãe trabalhava, meu pai trabalhava, eu tinha as coisas direitinho. Mas, depois que a situação apertou um pouco, aí foi dificultando mais, mas Graças a Deus deu pra levar tudo bem. A relação com minha mãe e meu pai era boa, eles eram carinhosos, me apóiam, me ajudam, qualquer coisa que precisar, eles me ajudam. Eu</p>	
---	--

tenho 11 irmãos. Minha mãe, hoje, mora com dois irmãos e meu sobrinho pequeno. Os outros, cada um mora em sua casa. Eu tive boa relação com meus irmãos. Minha primeira relação foi normal, eu tinha uns 17 anos, ele era mais velho do que eu, no caso meu primeiro marido. Ele era muito carinhoso, atencioso, dá atenção quando precisa. Eu quis, eu namorava com ele, eu ia fazer 16 anos. Eu namorei com ele quase dois anos. Fui me entregar com 17 anos. **Antes de ficar com ele, eu parei de estudar porque eu tive problema na escola e não quis mais ir porque a diretora e o professor desfazia da minha cor, aí eu não quis mais ir pra escola. No caso, quando eu entrava na sala assim, toda vez que eu entrava na sala o professor me chamava de preta:** Lá vem a preta, só chega atrasada. Aí eu entrava e achava normal. Quando foi um dia, ele fez assim: Pô essa nega é ousada, só chega atrasada mesmo. Os alunos davam risada. Aí, fui e reclamei com ele porque eu não estava gostando. Eu fiquei meio acanhada e disse a ele que não estava gostando da brincadeira. Ele disse que o problema era meu. Porque ele era branco, mais claro do que. Eu fui na diretoria, a diretora disse que era brincadeira. Eu pedi a ela pra falar com ele pra parar porque eu não estava gostando, ela falou com ele, ele continuou. Ele pirraçava cada vez mais. Minha mãe foi lá, falou com ele, disse que ia dar uma queixa. Toda vez que eu chegava ele me chamava de preta. Eu disse: Preta é a cor de uma tinta, eu sou negra e tenho orgulho da minha cor. Agora se você está com seu racismo, que não gosta de preto eu não posso fazer nada, procure dar aula em escola particular porque só tem gente branca. **Depois, desse dia eu não fui mais. Eu procurei outra escola, mas tinha que pegar transferência da outra escola. Mas, a diretora não**

**Discriminação racial na escola**

**Limitação na formação escolar**

<p><b>quis dar porque eu não tinha terminado o ano todo, ficou uma discussão dela e de minha mãe. Aí fiquei com muita falta por causa disso. Eu não usava métodos, porque eu nunca tinha feito, não sabia como era nem nada. Aí, ele (companheiro) me explicou que tinha que ir no posto pra poder tomar injeção, tomar pílula ou pegar preservativo. Porque minha mãe não tinha conversado sobre isso comigo, e eu fiquei com medo de contar a ela. Aí, foi que eu passei a ir e fiquei tomando o Ciclo 21, depois da primeira relação. Lá no posto me explicaram. Eu comecei a tomar Ciclo 21 e usar camisinha junto porque eu não queria engravidar, estava muito nova e ele já queria um filho porque ele não tinha nenhum. Na época ele tinha 27 – 28 anos. Na escola, hoje em dia que está falando porque antes na minha sala não falava sobre anticoncepcional, só falava sobre maus tratos de mãe, de pai, estupro, mas dessas coisas de relação não explicava. A gente ficava até assustada mesmo, quando aparecia outra jovem grávida, menina de 15, de 14 anos. Que aparecia, eu achava até estranho, mas eles não explicavam nada. Ele era padrinho de meu irmão, ele chegou até a mim, falou que ia falar com meu pai pra namorar comigo. Foi que eu aceitei. No caso, eu já gostava dele, mas ficava com vergonha de falar. Ele falou com meu pai, mas meu pai não quis aceitar porque achava que eu estava muito nova. Depois, foi que ele aceitou. Minha mãe disse: É melhor aceitar do que escondido. Ele era muito carinhoso, a gente saía, a gente curtia. Antes de eu morar com ele era carinhoso, depois ficou mais carinhoso ainda porque ele queria um filho. Eu fui morar com ele, já com 17 anos, a gente morava em um barraco, eu fui morar com a mãe dele. A gente vivia que ele fazia bicos, que ele conserta luz, pintava.</b></p>	<p><b>Uso de métodos contraceptivos</b></p> <p><b>Informação sobre métodos contraceptivos na escola</b></p> <p><b>Conflitos familiares</b></p>
---	--



<p><b>O que ele ganhava, ele colocava dentro de casa. Lá dificultou um pouco porque tem sogra que se mete muito na vida dos outros.</b> Ele foi para Entre Rios firmou um trabalho, eu estava na casa de minha mãe e ele veio pra me buscar e morar com ele. Ele só mudou porque eu fui morar na casa da mãe dele, ele ia trabalhar e não via o que acontecia lá dentro. <b>A mãe dele fazia as coisas e depois dizia ele que eu estava maltratando ela, que ela tinha outra nora que morava com ela. Aí, ele começava a me tratar com ignorância dizendo que não era pra eu maltratar a mãe dele,</b> que ele não maltratava a minha. Que gostava muito de mim, mas se continuasse assim, a gente ia terminar. E eu já estava grávida da minha primeira filha e não sabia. Aí, eu começava a chorar e ficar triste com isso, porque por mais que a gente explique, tem gente que não entende, que acha que a mãe não está mentindo. Se eu tiver dormindo e a pessoa me acordar, eu fico com dor de cabeça, e piorou ligar o rádio alto. Ele saia 4h-5h da manhã pra trabalhar. Ele saia segunda e voltava sexta ou sábado. Aí a nora dela ligava o rádio muito alto, 6 h da manhã ou menos. Aí ficava aquele som alto mesmo e ela deixava. O outro filho dela caçula e ela faziam isso. Aí, eu acordava com estressada com dor de cabeça. Chegou um dia, eu disse a ele que eu ia embora porque eu não agüentava mais. Se o filho ou a nora fizesse alguma coisa e eu dissesse, ela dizia que era mentira. No início ela se mostrou uma pessoa, depois ela se mostrou outra. Aí, ele começou a me tratar com ignorância. Bater, ele não bateu. <b>Ela descobriu que eu estava grávida, aí perguntou a ele se tirava. Ela disse por telefone: Robson, sua mulher deve estar de barriga já, a barriga está crescendo e a menstruação está atrasada</b></p>	<p><b>Violência familiar</b></p> <p><b>Indicação de aborto por familiar</b></p>
---	---

e ela não quer dizer. Venha cá, dá alguma coisa pra ela tirar. Ele falou que não: Não, não vai dar nada. Quando ele chegou, eu disse que eu ia embora porque não estava agüentando ficar daquele jeito ali. Ele disse: Você não vai embora, você vai ficar aqui. Mas, eu vou trabalhar, vou alugar uma casa pra gente e a gente vai embora daqui. Pelo fato da forma de ser tratada lá dentro, quando meu marido saia, eu começava a chorar, vai começar tudo de novo. Antes das 6h da manhã, começava a bater as panelas perto de onde estava dormindo, ligava som, tudo pra me acordar. Eu lavava prato, ajeitava tudo lá, mas você sabe que mulher grávida tem que ter descanso. Ela mentia muito com meu nome. Uma vez, o sobrinho dele que faleceu gostava muito de mim e eu gostava muito dele, era uma amizade tipo de irmão. E meu esposo via. Ele deitava comigo na minha cama e brincava. Eu tinha 18 anos e ele tinha uns 13 a 14 anos. A gente brincava muito e ele parecia uma criança. Ele usava drogas e tudo e eu conversava com ele, pra ele parar. Pelo fato de dar conselhos ele gostava muito de mim. **Chegaram, ligaram para meu esposo dizendo que a criança que eu estava esperando não era dele, era do sobrinho dele. Aí, ele ficou revoltado, furioso. Bebeu, bebeu que ele não bebia assim, ligou pra mim e disse que ia me matar. Ele disse que ia me matar, que não ia deixar por isso mesmo. O xingamento começou quando a mãe e o pai dele mentiu dizendo que o filho não era dele. Ele começou a me xingar, me chamou de nomes feios. Começou a falar que ia me matar.** E eu tentando entender o que tinha acontecido, e aí ele me explicou que estava sabendo que o filho que eu estava esperando não era dele, era do sobrinho dele. Eu comecei a chorar, falei: É mentira, eu nunca tive nada

Uso de álcool  
/ameaça/agressão verbal

com seu sobrinho, meu primeiro marido é você, continua sendo e não tem porque eu mentir pra você. Se fosse de outro, eu não ia querer mais ficar com você. Quando ele veio me buscar, aí eu já fiquei com um pouco de medo, aí ele me pediu desculpas. Sabia que era mentira, sabia como era os parentes dele, que ele falou aquilo porque estava bebendo. As ignorâncias começou, também, por causa das amizades de lá. Que ele não queria que eu fizesse amizades lá. Ele me explicou como era as pessoas de lá. Que eram muito de fofoca, inventavam e corria risco de ocorrer brigas. Mas, eu não acreditei e fui fazer amizades. Teve uma briga e discussão comigo e com ele que eu fui parar no hospital. Ele dizia que não tinha ciúme de mim, mas muitas vezes, ele nem levava os amigos dele lá pra casa, ficavam na porta. Quando os amigos dele apareciam, ele tinha muito ciúmes. Queria saber pra onde eu ia. Foi a primeira vez que a gente discutiu, dessa vez que eu fui pra festa. O amigo dele e a mãe dele disseram que eu estava dando ousadia também, acho foi mais por isso que ele ficou enraivado. A mãe de uma conhecida dele me chamou pra ir pra festa de aniversário da neta dela, a conhecida dele veio e me chamou também, tinha quase a minha idade ela Midian. Eu falei com ele, ele disse: Eu não vou não. Eu falei: Oh filho. Ele disse: Eu vou pensar. Isso foi em uma sexta-feira. Sábado seria a festa. Aí, ele soltou e ficou lá no campinho, já pra gente não ir. Eu fiquei esperando ele e disse: E agora que Robson não chegou. Ela disse: umbora, quando você chegar você avisa ele. Quando eu estava lá na festa, veio um amigo dele e entrou e disse: Jeane, Robson está chamando. Aí, eu saí pra ver o que era. Ele começou a falar. A gente começou a discutir. Ele disse: umbora você vai pra casa de bicicleta. E era muito

<p>distante, tinha que ir de carro. Aí o rapaz perguntou: Ela vai na bicicleta? Ele disse: Ela vai sim, ela não vai ficar aqui. Ela vai mais eu, que eu expliquei pra ela como são essas pessoas. Nisso, essa conhecida dele tinha ligado e chamado a polícia, quando ele chegou, meu esposo correu porque ficou com medo. Ela disse que meu marido estava me batendo. Quando os policiais chegaram, viram que eu não estava marcada, <b>mas eu estava muito nervosa, tremendo, aí eles me levaram para o hospital. Eu tive que ficar internada. Estava com sete meses de barriga e tive que ficar internada pra tomar medicação. Eles não me explicaram para o que foi, só disseram que era para o bem do bebê. A assistente social e alguns policiais de lá, que eles são conselheiros, foram lá em casa, chamaram meu esposo, conversou dizendo que não podia está discutindo comigo, que por mais pequena que fosse a discussão, eu corria risco de perder a criança e agente ficar sem o nosso filho. Foi aí, que ele foi mudando mais. Graças a Deus mudou bastante a situação.</b> Quando eu estava sentindo dor, ele foi buscar a mãe dele em Salvador pra ficar comigo. Mas, a dor piorou, ele ligou para o irmão pra me levar pra maternidade e me acompanhar até ele chegar lá. Meu cunhado foi ficar comigo até ele chegar. Só que ela não quis ficar lá em casa, porque tinha espaço, mas não tinha colchão pra dormir. Aí, ela e o marido ficaram na casa do outro filho em Entre Rios. O marido dela começou a dizer que eu estava dando ousadia a um amigo dele lá. Porque esse amigo do meu esposo gostava de mim, tinha pedido pra assumir a minha filha e eu disse que não. Ele disse: Você mora aqui mais eu. Eu disse que não, cortei. Ele achava que eu ficava muito sozinha por não ter parente por perto.</p>	<p><b>Consequências da violência na gestação</b></p> <p><b>Denúncia/apoio</b></p>
---	---

Meu marido não queria que eu saísse sozinha. Eu pedi a meu esposo que parasse de deixar ele ir lá pra casa. Meu sogro começou a dizer a meu marido que eu estava dando frete para o amigo dele. Meu sogro começou a chegar cedo pra poder reparar. Depois eu passei a morar na casa da mãe dele de novo e ele viu que eu estava sofrendo de novo, aí fez um barraco pra gente morar atrás da casa dela. Mesmo assim ela interferia na nossa vida, que eu saia muito com minha filha porque eu ia pra casa de minha mãe. Quando ele fazia compras, biscoito, merenda a nora dela comia escondido e o outro filho. A comida, muitas vezes, ela colocava um pinguinho. **Muitas vezes eu dormia sem tomar café.** Ela não botava comida pra mim. Teve um dia que falei pra ele, ele disse: eu vou observar. **Ela não botou café pra mim, botou pra todo mundo, menos pra mim e não sobrou pão.** Eu não podia andar muito e a padaria era lá na frente, eu fiquei sem tomar café, e ele observando. **Meio dia, a mesma coisa, ele tinha comprado carne, essas coisas todas, ela botou comida de todo mundo menos a minha.** Aí, ele dividiu a comida comigo. Eu disse: Eu não quero não. Ele disse: Tome filha, você está de barriga e tudo. Aí quando foi no outro dia em diante, eu acordava 7h da manhã, subia de Periperi para Fazenda Coutos pra casa da minha mãe, tomava café, almoçava, quando era de noite jantava, ou então muitas vezes pra não ficar muito tarde subia sem jantar e dormia sem jantar. Ele chegou um dia e falou para a mãe dele: eu compro comida e porque ela não está comendo? Ela disse: Ela não está comendo porque ela não quer, eu não boto a comida dela porque eu não sei a quantidade que ela gosta. Ela ficou assim sem colocar. Aí ele falou: Já que você vai ficar indo pra casa de sua mãe, vou ficar lhe dando transporte.

**Maus tratos**

Mas, muitas vezes ele não tinha. Ele não tinha nem como se queixar porque a gente morava na casa dela. Depois que eu tive minha filha, a gente voltou pra casa dela, e voltou a mesma coisa. Muitas vezes eu dormia sem me alimentar direito. Teve uma vez que ele veio até a mim com fúria como se fosse pra me bater, mas foi pra discutir realmente comigo, mas não porque eu estava errada. Às vezes, eu me irritava porque eu queria sair, eu queria ir pra praça, ele não deixava, às vezes ele estava no dominó e não queria ir. Eu ficava irritada, nervosa. Ele dizia: As coisas aqui não estão fáceis, as pessoas não estão respeitando, está matando pais de crianças, ele ficou irritado. A polícia pegou um menino que usava drogas e bateram tanto que meus filhos ficaram com medo, eu também fiquei tremendo. Ele ficou nervoso entrou em casa. **Há dois anos, eu estava grávida de meu filho e a mãe dele disse que meu filho era do vizinho, um senhor de idade.** Ele bebeu, bebeu. Minha irmã falou com ele: Cadê Jeane? Ele respondeu: Não sei não, deve estar com os machos dela. Eu chamei ele pra conversar: Conte o que está acontecendo ou a gente vai se separar. Ele contou e eu disse: É mentira dela. Primeiro ela queria que eu tirasse meu filho, segundo está fazendo essas coisas, aí eu comecei a explicar. **Depois, que a criança nasceu ele disse que não ia registrar, não ia registrar. Depois, ele veio registrou. Devido ao ciúme, quando eu queria sair, ele ficava fazendo ignorância. Se você quiser sair, a gente sai junto mas não vá por causa da barriga também. Uma vez só que ele falou da roupa porque estava me apertando muito, eu tinha acabado de ter a neném, ele falou que não era para usar mais, que era pra guardar e dar pra minha irmã. Aí eu não usei. Ele também usava drogas, na**

**Conflitos familiares**

**Negação da paternidade**

**Uso de drogas pelo companheiro**

**época eu só tinha uma filha com ele, era maconha que ele usava. Vinha todo lerdo pra casa. Eu descobri. Ele já usava e eu não sabia. Eu disse: A partir de hoje você vai largar isso e de beber também. Muitas vezes ele ficava retado e saia, ia jogar com os amigos, bola, dominó. Mas, ele parou de usar. Eu ficava nervosa, estressada.** Muitas vezes falava que ia embora porque meu pai e minha mãe não me prendia. Ele dizia, explicando: Eu não estou te prendendo, é para o seu bem. Uma vez, eu me separei dele, tinha duas filhas e fui pra casa de minha mãe. Eu fiquei esperando ela dar alguma coisa, mas ela não deu nada, deu para a outra nora dela, deu ao filho, mas a mim e aos meus filhos, ela não deu nada. Então arrumei a minha sacola e fui pra casa de minha mãe para as minhas filhas não ficarem com fome. Eu não sabia que data ele ia chegar, falei: Eu vou pra casa hoje, eu não quero que ele tenha motivo pra ficar falando. Quando cheguei, ele já estava em casa, ficou discutindo porque ela já tinha falado meio mundo de coisa, que ela (mãe) estava me dando as coisas e eu não quis, fazendo ignorância. Ele tinha me mandado embora, ele chegou de cabeça quente, chegou de viagem tinha se estressado com o engenheiro no trabalho, quando ele chegou em casa, e a mãe dele falou meio mundo de coisa, mas não tinha o que comer. Eu fiquei triste, fiquei na rua, liguei para a minha irmã, ela veio me buscar. Depois, ele saiu na rua me procurando. Minha irmã ligou pra ele pra saber o que estava acontecendo, e ele falou pra ela para eu voltar, mandando eu voltar. Eu expliquei o que tinha acontecido e ele entendeu. Quer dizer eu fui pra casa de minha mãe com fome. Dessa gravidez mesmo, eu fiquei devendo para a minha vizinha, fiquei devendo 50 reais, porque o bolsa família deu problema. O dinheiro eu tinha

guardado, mas eu passei mal e fui para o posto. Quando cheguei em casa, ela e a filha dela veio a mim, me dizendo meio mundo de coisa.. Eu falei a ela: Calma seu dinheiro está aí. Ela começou a falar, me chamou de tudo quanto é nome. Eu comecei a me tremer. Eu falei: isso que você está falando é você, eu não. Eu nunca fiquei em bar, em beira de esquina com minha filha. Você gosta de ser respeitada, me respeite também. Ela pegou e me deu um tapa. Eu fui e dei dois murros nela. Minha sogra estava na hora. Ela veio de novo, eu empurrei. Eu peguei o dinheiro dela e dei. Ela achava que era mentira. Meu marido queria dar uma queixa dela. Daí que veio começar a quebrar água. Saiu um líquido primeiro. **Quando me estressava a barriga endurecia muito, eu ficava com dor de cabeça, eu ficava nervosa, ansiosa, com vontade de chorar, eu acho que foi desse tempo que começou essas dores.** Na semana que a gente discutiu que eu fui parar no hospital, tomando remédio. Depois, de meus filhos, ele foi parando mais. Como falei com ele: Se tiver alguma coisa eu sento e converso com você, mas você não conversa comigo. Ele disse: Ah mas você faz tudo errado. **Muitas das vezes eu chegava chorando pelo fato das ignorâncias, conversava com a minha vizinha, dizia o que estava acontecendo.** Ele prendeu dinheiro, porque a mãe dele disse que eu estava com dívidas e se ele me desse dinheiro eu não ia comprar comida, ia pagar as dívidas. Muitas vezes, era desodorante, perfume que eu comprava para os meninos e pra ele também, aí não tinha como pagava e vendiam pra outra pessoa. Aí, eu ficava triste com isso. Ele não me dava dinheiro, ele mesmo ia fazer as compras. Eu ficava muito triste por ficar dependendo e chegar a esse ponto. Uma vez ele perguntou porque eu estava daquele jeito e

**Consequências da  
violência na gravidez**

**Quotidiano de estresse**



eu conversei. Depois, ele passou a me dar dinheiro. Agora não porque ele me deu dinheiro, quando fui passei mal na rua, agarrei os três meninos, e minha pressão tinha baixado, não conseguia abrir a boca, parecia que tinha algo bloqueando. Eu fiquei com medo de contar a ele. Quando ele chegou, ele falou: O homem vai trabalhar, dar o dinheiro, chega com fome, dá o dinheiro pra fazer compra, chega e não tem merda de nada pronto. Eu falei: Eu ainda não comprei nada não. Ele falou: Porque? Meu filho correu e falou: Meu pai, minha mãe morreu (desmaiou) na rua.. Eu grávida desta. Aí, eu disse que eu estava como se tivesse dormindo acordada. Ele falou: a partir de hoje eu não vou dar dinheiro pra nada, se você tiver precisando de dinheiro pra comprar coisas da criança, eu ainda dou. Se tiver precisando de transporte eu dou. Mas, pra compras eu não dou mais, você faz a lista que eu vou e compro. Para não acontecer isso. Então, depois que eu tive meu filho, ele mudou muito mais. **Nunca dei queixa, porque eu gostava muito dele e eu sei que ele gostava muito de minhas filhas.** Meu pai e minha mãe falava: Se chegar algum momento ele bater em você, te xingar de nomes ruins, te esculhambar, te chamar de nomes baixo astral que você sabe que não é, te bater. Você vá diretamente na delegacia, dê uma queixa e venha ficar aqui mais eu. Não se preocupe que não nada pra elas vai faltar. Eu ficava assim..Nas outras gravidez a gente discutia porque ele não queria que eu saísse, e dessa então piorou. Não queria que saísse sozinha porque a minha pressão estava muito baixa, e a médica disse que eu podia desmaiar na rua. Que não era pra sair sozinha ou com meu filhos na rua. Ele queria pagar pra uma pessoa ficar indo comigo pra médico, pré-natal, mas a menina era muito nova e não queria

**Denúncia**

<p>trabalhar, aí eu não quis. No pré-natal ela não perguntava (situações de conflitos) e eu ficava desconfortável em estar falando. De ficar me desabafando com ela. Porque se não perguntava, a gente vai falar coisa sem perguntar no caso, aí eu ficava pra mim. A primeira filha eu não fiz o pré-natal, porque pelo fato de não morar lá e já estava com seis – sete meses, eles não quiseram me atender, porque eu passei a morar lá naquele momento, mas não tinha agente de saúde, nem o cartão de pré-natal que foi atendida em outro hospital. Então não me atendeu. Fiquei sem fazer o pré-natal. E também eu não sabia onde era hospital e posto pra poder ir, e ele também não podia ir porque estava trabalhando. As das outras, a maioria eu fiz. Eu fui no posto de saúde de Entre Rios, uma colega me levou. Esse pré-natal foi complicado pelo fato da médica me tratar mal. Eu fui em janeiro, descobri que estava grávida no dia 8 de janeiro, lá mesmo, fui tentar marcar o pré-natal, aí ela disse que não estava marcando que as enfermeiras estavam de férias, mandou eu voltar em fevereiro. Eu fui em fevereiro eles falaram a mesma coisa. Aí, ela mandou ir em março. Eu fui em março, ela não quis marcar. Eu disse: Não, estou aqui, então daqui eu não vou sair sem marcar consulta. Porque quando a gente vai em hospital com dor, eles ficam mandando a gente ir de hospital em hospital pelo fato de estar com pouca consulta no cartão. Março ela atendeu, abril ela atendeu, maio ela já não me atendeu. No dia 5 de maio, marcou para o dia 19, eu fui ela não me atendeu, remarcou. Ela mandou dar uma desculpa lá, dizendo que não podia atender porque ela estava em um curso, aí eu fui em junho, ela me atendeu, em</p>	<p><b>Pré-natal</b></p> <p><b>Dificuldade de atendimento no pré-natal</b></p> <p><b>Atendimento dos profissionais no pré-natal</b></p>
---	--

**julho ela não me atendeu. Então ficaram 4 atendidas e duas não atendidas.** Quando foi em agosto, agora, ela marcou dia quatro de agosto, porque ela disse que quando tivesse perto de nove meses, ela ia ficar atendendo de 15 em 15 dias, uma atrás da outra, só que ela não atendeu. Eu ia, mas ela ligou pra minha cunhada, que minha cunhada também estava fazendo o pré-natal, e ela não poder atender. Ela mandou eu ir no dia 7, eu fui no dia sete, ela atendeu minha cunhada e não me atendeu. Disse que ia sair de novo porque ia fazer o curso, que o rapaz estava esperando ela. Mandou eu voltar no dia 11, disse que ela estava com dente quebrado. Mandou ir no outro dia, na terça-feira, dia 12 pra tentar fazer uma consulta com ela. **Eu disse: Oh gente não estou conseguindo andar mais não. Eu venho de pé às vezes, porque às vezes não tem transporte, venho de pé cedo pra fazer a consulta pré-natal e não estou conseguindo fazer. Já cinco consultas sem fazer. A moça falou: Eu não posso fazer nada, se você quiser vir amanhã você venha, se não quiser vir, não venha.** Eu disse: Eu sinto muito, porque eu não vou vir, porque eu não estou me sentindo bem, e pra vir amanhã de pé não tem como, de Periperi para Paripe. **Quando foi no dia 18 que eu fui lá pra falar com ela, só pra ver meu exame de USG pra saber quantos meses eu estava.** Porque pra mim e pra ela (médica do posto), eu ia fazer 9 meses, Mas para os médicos (do hospital) eu ia fazer 9 meses em setembro. **Aí, ela falou que não ia olhar nada, que o dia da minha consulta tinha passado, que ela tinha marcado e eu não tinha ido. Eu disse: Eu vim sim, eu vim quinta você não atendeu, vim segunda você não atendeu. Ela: Eu não posso fazer nada por você, a sua consulta já passou, eu não vou lhe atender e licença,**

**Atendimento dos profissionais no pré-natal**

bateu a porta na minha cara. Eu estava sentindo dor, estava perdendo líquido. Teve uma enfermeira que me atendeu lá e disse: **Vá pra qualquer maternidade, pra não ficar assim dentro de casa. Porque não é prematuro, a criança não é prematura, você está com 38 semanas, não se preocupe.** Eu discuti com ela de novo e fui pra maternidade. Voltei pra casa na sexta e fui na segunda que eu estava sangrando de novo e perdendo líquido. Quando foi sábado, me deram soro. No Caribé, eles disseram que não era para ir pra casa, era para procurar uma maternidade com urgência porque meu bebê estava sentado. Por isso estava sentindo muita falta de ar, não podia nem sentar. Lá o Centro cirúrgico estava em reforma. **Fui para Sagrada Família, não quiseram me internar porque estava com 2 cm de dilatação, mandaram ir pra casa pra dor aumentar. Eu fiquei lá mesmo, quando deu 3h 15min da manhã, eu voltei de novo fiz a ficha, outro médico me atendeu, me internou, disse que eu ia demorar de ter a criança, que ia induzir o parto. Mas, ninguém induziu, passavam por mim e davam como caso perdido, iam atender outra pessoa, não me atendiam. Na quinta me deram alta e na sexta fui pra casa.** Voltei para o Caribé na segunda com 2 cm de dilatação, não puderam induzir o parto porque estava alto, deram uma injeção para dor. Fui pra casa. A mãe dele falou: Não leve ela pra maternidade não. Espere a dor aumentar. Eu disse: Não vou sair daqui com dor alta não. Porque quem vai agüentar sentindo dores fortes. Ele não pode ir, aí deu 20 reais pra minha vizinha ir comigo. Não era pra ter, mandaram eu ir pra casa. Ela disse: Está vendo que eu disse que era pra ela ficar em casa. Se acontecer isso de novo, você deixe ela aí, não leve não. Ele estava

**Atendimento dos profissionais no pré-natal**

**Atendimento na maternidade**

trabalhando, chegou segunda-feira começou a descer sangue forte e uma dorzinha. Fui de novo. Olha aqui, me deram uma coisa na veia, porque eu estava com 2 cm de dilatação. Ela (profissional) disse: Oh mãe isso também ocorre por causa do nervoso, do estresse, da ansiedade. Então você não pode ficar assim desse jeito porque a criança está muito alta, então não tem como ela nascer agora, não está encaixada. Quando foi na quarta-feira começou a sair água mais forte e no sábado aumentou. E fui com minha sogra para o Caribé, disse que a criança estava com peso baixo e disse que a quantidade de líquido enorme que estava saindo era o xixi da criança. Só que não era, era a bolsa mesmo. Chegou na outra sala, o médico disse que devido eu ter ido duas vezes lá, e que eu ia fazer 39 semanas, que não era para eu ficar em casa, que eu tinha que ir para uma maternidade próxima. Aí, eu fui explicar a ele (companheiro), antes de explicar pra ele, ela já tinha falado pra ele que o médico tinha dito que era pra eu ficar em casa, colocar um absorvente e ficar de repouso que aquilo não era o líquido da criança. Eu disse: ele não falou isso não. Se você não quiser me levar, eu vou sozinha. Ele arranhou um carro e me levou. Depois eu vim pra cá, Deus ajudou, eu tive a minha filha. Fui internada e tive a criança. Ela disse: era pra ela ter em casa mesmo, ninguém mandou ela ir para o hospital. Minha colega disse: É Jeane, ela queria que você tivesse em casa mesmo, pra acontecer qualquer coisa e seu marido lhe culpar. Na época que a gente começava a discutir, eu dizia que eu ia embora..Eu disse: Que assim não dá a gente tem que acreditar um no outro, mas pra ficar fazendo ignorância, eu não sou cachorro. **Aí, ele começou a mudar. Agora ele está vendo, está atencioso, está ligando, perguntando como está a**

<p>menina, mas com aquela família dele. Ele mudou muito se falarem alguma coisa, hoje ele já fica mais quieto e fala: eu fiquei sabendo disso e disso. <b>É verdade? Se for verdade eu digo: É. E explico o que aconteceu, aí ele me compreende.</b> Ele ficava nervoso, xingava. Graças a Deus só não fazia bater, mas xingava muito. Hoje, agente ainda tem discussão boba. A meninas estão indo pra escola, muito das vezes a professora maltrata, não batendo, mas quando o colega bate nela e ela vai falar com a professora, a professora fala que não gosta de fofoca. Se alguém bater nela e ela descontar, a professora manda o coleguinha descontar nela, bater nela. Eu estava falando, ele começa a discutir para tirar ela de lá. No caso eu tinha pensado em estudar, mas agora por causa das crianças, não tenho como voltar. Ele disse que fica para eu estudar, como ele falou, mas o perigo é eu sair de noite lá. . Hoje, depois dos filhos, ainda tentei, mas não quero deixar eles em casa de noite pra poder sair porque é arriscado pra mim mesmo lá no bairro. A gente não pode ficar saindo de noite. A igreja que eu freqüento é perto. Assim que termina, eu vou pra casa. Porque a escola muitas vezes solta 21:30h – 22h, e tem vezes que venho 23h pra casa, então não tem como eu ir porque lá é muito perigoso. Graças a Deus, hoje ele comprou uma casa, pequena, mas comprou. Depois, ele foi aumentando por causa das crianças que vinham chegando. <b>Minha vida está bem melhor do que estava. Eu sei que ele não está ainda transformado, do jeito que eu quero, mas nada é perfeito. Do que ele era para agora....</b></p>	<p><b>Mudança</b></p> <p><b>Possibilidade de mudança</b></p>
---	--

## **ANEXOS**

**ANEXO A - Parecer consubstanciado do Comitê de Ética em Pesquisa da UFBA/ Plataforma Brasil**

ESCOLA DE ENFERMAGEM DA  
UNIVERSIDADE FEDERAL DA  
BAHIA

**PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP****DADOS DO PROJETO DE PESQUISA**

**Título da Pesquisa:** O cotidiano de puérperas que vivenciam a violência doméstica na gestação

**Pesquisador:** Adriana Diniz Rodrigues

**Área Temática:**

**Versão:** 1

**CAAE:** 20732913.3.0000.5531

**Instituição Proponente:** Escola de Enfermagem da Universidade Federal da Bahia

**Patrocinador Principal:** Financiamento Próprio

**DADOS DO PARECER**

**Número do Parecer:** 384.219

**Data da Relatoria:** 04/09/2013

**Apresentação do Projeto:**

Trata-se de um projeto de Tese de Doutorado. Estudo descritivo com abordagem qualitativa, apoiado na proposta teórico, epistemológica e metodológica do sociólogo francês Michel Maffesoli. Será desenvolvido em uma Maternidade Pública, localizada no bairro de Cajazeiras, na cidade de Salvador-Ba; que pertence à Secretaria de Saúde do Estado da Bahia (BA). Os sujeitos da pesquisa serão puérperas que sofreram violência doméstica na gestação internadas no Alojamento Conjunto. Serão realizadas oficinas com temas sobre questões de gênero e violência, para uma aproximação com os sujeitos da pesquisa. Posteriormente, será feito um agendamento para a realização da entrevista individual, semiestruturada, com a questão norteadora, em uma sala reservada no ambulatório da instituição. No sentido de captar a compreensão do processo de viver no cotidiano das mulheres na gestação em um contexto da violência doméstica, optou-se por realizar entrevistas com a questão norteadora: fale do seu cotidiano na vivência da violência doméstica. Esta entrevista será gravada e transcrita. Será também utilizado um formulário semiestruturado, contemplando aspectos sociodemográficos. As entrevistas serão transcritas, sendo os dados classificados e organizados para a análise, seguindo o cruzamento de ideias, significados e imagens, a fim de codificar e construir as categorias que emergirem do encontro com as mulheres.

**Endereço:** Rua Augusto Viana S/N 3º Andar

**Bairro:** Canela

**CEP:** 41.110-060

**UF:** BA

**Município:** SALVADOR

**Telefone:** (71)3283-7615

**Fax:** (71)3283-7615

**E-mail:** cepee.ufba@ufba.br

*David J. Aze*



ESCOLA DE ENFERMAGEM DA  
UNIVERSIDADE FEDERAL DA  
BAHIA



Continuação do Parecer: 384.219

**Objetivo da Pesquisa:**

Objetivo Primário:

Compreender o cotidiano de puérperas que vivenciam a violência doméstica na gestação.

**Avaliação dos Riscos e Benefícios:**

Reconhece como Riscos: "Desconforto que poderá ser gerado durante a realização da entrevista. Neste caso a entrevista será interrompida e a pesquisadora/enfermeira oferecerá todo o apoio necessário."

E como benefícios: "Este estudo contribuirá para uma reflexão sobre as mulheres em situação de violência no seu cotidiano. A reflexão se estende às academias que se encarregam de formar profissionais de saúde, preparando-os para lidar com essa realidade, no sentido de nortear o olhar para a prática do cuidar, formando profissionais para o cuidado. Será uma experiência que trará benefícios para a assistência às mulheres vitimadas pela violência, contribuindo de forma singular para o saber dos profissionais de saúde nesse cuidar."

**Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:**

A pesquisa trata de tema relevante, será orientada por pesquisadora experiente no tema e está bem fundamentada pela literatura. Foram apresentados os instrumentos de coleta de dados que parecem adequados aos objetivos do estudo. No texto da brochura do pesquisador foi observado que as participantes estão sendo referidas como "atrizes", termo que denota interpretação dúbia e não condiz com os princípios da Resolução 466 de 12/12/12 do CNS/MS. O TCLE cumpre as exigências da referida Resolução e seu texto não apresenta a palavra "atriz".

**Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:**

Foram apresentados todos os termos de apresentação obrigatória.

**Recomendações:**

Considera-se como sugestão a revisão do uso do termo "atrizes" para referir-se às participantes do estudo.

**Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:**

não há.

**Situação do Parecer:**

Aprovado

**Necessita Apreciação da CONEP:**

Não

Endereço: Rua Augusto Viana S/N 3º Andar  
Bairro: Canela CEP: 41.110-060  
UF: BA Município: SALVADOR  
Telefone: (71)3283-7615 Fax: (71)3283-7615 E-mail: cepee.ufba@ufba.br

*Darci de Almeida Rose*

ESCOLA DE ENFERMAGEM DA  
UNIVERSIDADE FEDERAL DA  
BAHIA



Continuação do Parecer: 384.219

**Considerações Finais a critério do CEP:**

O Plenário homologa o PARECER DE APROVADO emitido pelo relator.

SALVADOR, 04 de Setembro de 2013

*Darci de Oliveira Santa Rosa*

Assinador por:

**DARCI DE OLIVEIRA SANTA ROSA**  
(Coordenador)

**Endereço:** Rua Augusto Viana S/N 3º Andar

**Bairro:** Canela

**CEP:** 41.110-060

**UF:** BA

**Município:** SALVADOR

**Telefone:** (71)3283-7615

**Fax:** (71)3283-7615

**E-mail:** cepee.ufba@ufba.br